BIBLIOTECA PLANETA



PARACELSO
A CHAVE DA ALQUIMIA

EDITORA TRÊS

PARACELSO

A CHAVE DA ALQUIMIA

TEXTO INÉDITO

Título original: OPERA OMNIA

Capa: Rogério Borges
Tradução: Antonio Carlos Braga

1983

Copyright © 1983, para a língua portuguesa,
Editora Três Ltda., São Paulo, Brasil.

Editores: Domingo Alzugaray e Cátia Alzugaray

Coordenação Editorial: Eduardo Araia
Coordenação de Arte: Marcos Antônio Galante

Composição, fotolitos e impressão:
Oficinas gráficas do Grupo de Comunicação Três

Distribuição exclusiva para todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora SA.
Rua Teodoro da Silva, 907, fone: 268-9112
Rio de Janeiro, RJ.

EDITORA
TRÊS

PARACELSO



BIBLIOTECA PLANETA

Livros já publicados:
Krishnamurti: Viagem por um Mar Desconhecido

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação Câmara Brasileira do Livro, SP

Paracelso, 1493-1541.

P237c A chave da alquimia/Paracelso;
(tradução Antonio Carlos Braga). São Paulo:
Ed. Três, 1983. (Biblioteca Planeta)

1. Alquimia I. Título.

83-1896 CDD-540.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Alquimia 540.1

PARACELSO

I. O AUTOR

Quando naquele plácido entardecer de novembro de 1493 voltava para casa, na pequena cidade suíça próxima a Zurique, o jovem e respeitado médico do lugar tinha uma ruga de preocupação marcando seu rosto com um fundo traço oblíquo. Apesar do cansaço, seus pés e o grande báculo de borlas que indicava sua profissão seguiam agilmente pelo caminho íngreme que conduzia à ermida de Einsiedeln, se desviando dos montes de neve e fazendo rolar encosta abaixo inúmeros cascalhos **e** pedrinhas da montanha**.**

No meio do caminho ele se encontrou com o vendedor de cerveja, antigo amigo e cliente, que parecia ter grandes novidades para contar. Aproximou-se com gestos largos e um sorriso no rosto.

— Doutor Hohenheim! Sabe da novidade? — O quê?

— Dizem que uns navios dos reis de Espanha voltaram das Índias por um novo caminho, trazendo um monte de coisas maravilhosas... ouro puro... especiarias raras, pássaros fantásticos, e até alguns infiéis — imagine doutor — inteiramente nus!

O vendedor de cerveja, puxando o médico pelo casaco, parecia cada vez mais excitado. Este, no entanto, passado o espanto das primeiras palavras, ficou estranhamente indiferente, e logo depois, dando mostras de grande impaciência, se despediu bruscamente resmungando como desculpa:

— Sim, é possível. Acontecem tantas coisas! Só Deus sabe.

O vendedor de cerveja, bastante surpreso, ficou vendo-o subir rapidamente, balançando a cabeça cabeluda, e disse para si mesmo: “Que tipos mais esquisitos são estes médicos!”

Sem dúvida nenhuma, se tivesse seguido o doutor e entrado com ele na confusa e alegre casa que o esperava, junto à ermida, teria compreendido e desculpado a falta de atenção do seu amigo.

Pouco depois todo mundo ficou sabendo que a mulher do doutor Hohenheim acabara de dar à luz um menino, que no dia seguinte era registrado no escritório do intendente de Canton com o nome de Philippus Teophrastus.

Havia nascido Paracelso.

Não existe nenhum dado de autenticidade suficiente que nos fale dos primeiros anos do jovem Philippus. Mas podemos pensar que o tipo de vida

familiar daquela época e as esperas pelo estranho e maravilhoso personagem que via em seu pai acabaram por atrair as atenções do menino pelas coisas da medicina. Sem dúvida deve ter sido mesmo assim, porque consta que seu pai foi seu primeiro professor, iniciando-o nos segredos da sagrada profissão.

Acompanhando-o por aqueles caminhos da montanha, pelos povoados, ele logo aprendeu a gostar das plantas e das ervas silvestres, iniciando-se no conhecimento e no amor pela natureza.

Sem dúvida seu espírito, seu sentido crítico, e sua tenaz curiosidade não tardariam em encher-lhe a alma de dúvidas e a mente de reservas. Vendo as coisas ao redor e por dentro, pôde dar-se conta com segurança dos inevitáveis truques e medicamentos que seu pai preparava entre bulas e solenes invocações para suas receitas do dia seguinte.

E um dia chegou à insólita decisão: revolucionaria e transformaria a medicina, levaria a terapêutica por caminhos mais naturais e declararia guerra sem tréguas ao trio intocável que seus contemporâneos veneravam: Celso, Galeno e Avicena.

O pai não deixou de achar graça na fantasia e na coragem do menino. Mas, pensando filosoficamente que apesar de todos os conselhos a experiência é que valeria mais, deixou-o partir.

Assim, Philippus Teophrastus, que como prova de sua oposição a Celso havia decidido chamar-se Paracelso, saiu do seu lugar e começou uma surpreendente e contínua peregrinação.

Frequentou as universidades da Alemanha, da França e da Itália, assistindo as aulas dos homens mais destacados da época: Scheit, Levantai e Nicolas de Ypon, doutorando-se com toda a segurança, ainda que tenha sido negado por alguns de seus examinadores. A época pensava e gravitava sem dúvida sobre as inteligências do século e Paracelso não pôde se furtar a ela. A magia mística, o ocultismo e a escolástica reinavam nas universidades. Por isso o jovem Teofrasto foi de grande perspicácia quando, logo depois de romper com todos os fariseus oficiais, absorveu a verdade nos frondosos conhecimentos médicos e principalmente em Tritêmio, célebre abade do Convento de São Jorge, em Wurzburg.

Este Tritêmio, cercado de mistério e de um certo temor supersticioso por seus contemporâneos, foi um criptógrafo e cabalista notável, grande conhecedor e comentarista das sagradas escrituras, e descobridor de importantes fenômenos psíquicos de magnetismo animal, de telepatia e transmissão de pensamento, além de um químico consumado.

Sua influência sobre Paracelso foi durável. Mas depois de certo tempo o discípulo resolveu se separar do mestre, não concordando com certas práticas de

magia e nigromancia, já tendo absorvido o que lhe interessava nessas fontes. Pode-se atribuir a Tritêmio grande parte da tendência que logo depois tomou conta de Paracelso de complicar e inverter os conceitos, ocultando as ideias debaixo de fantásticos neologismos.

Depois viajou pelo Tirol, Hungria, Polônia, Suíça, atravessou novamente a França, a Espanha e Portugal, indo por mar até ao reino do grande Kan, na Tartária, cujo filho ele teve a graça de curar, sendo agraciado com honrarias como se fosse um personagem divino.

Entretanto, algumas de suas receitas e teorias tinham começado a causar ciúmes na suscetível e presunçosa vaidade de alguns colegas. Por isso, logo que chegou novamente na Alemanha foi acusado de charlatanismo e encarcerado em Nordlingen.

Mas a liberdade não poderia escapar daquele que tanto a amava. E novamente Paracelso se viu em praça pública, estudando, curando, ensinando... e insultando cada vez mais os seus inimigos. Entretanto, a prudência o ensinou que deveria desaparecer por algum tempo.

Sua nova peregrinação foi pela Itália, Países-Baixos e Dinamarca, trabalhando como cirurgião militar em diversas campanhas e obtendo grandes êxitos por sua habilidade em curar as feridas. Logo depois fioou algum tempo na Suécia, em seguida na Boêmia e regressou ao Tirol. Nesses lugares ensinava sempre. E em todas as partes, com os alquimistas, com os quiromantes, viveu em grande simplicidade, falando uma linguagem rústica e atuando profissionalmente sem nenhuma arrogância.

As suas observações nesta época, sobre as enfermidades dos mineiros e sobre as virtudes de alguns minerais foram notáveis. As do mercúrio, por exemplo, para a cura de úlceras sifilíticas, estão entre as aquisições definitivas. E desta maneira muitas outras. Apesar disto a vida de Paracelso transcorria alternadamente entre a riqueza espetacular e a pobreza franciscana, sem que isso no entanto modificasse seu comportamento. Como consequência lógica, às vezes peregrinava sozinho e outras acompanhado e rodeado de exaltados discípulos. Um deles, o mais constante e preferido, o célebre Oporinus, foi mas tarde o seu pior inimigo.

Hoje, por cima das calúnias e impugnações, está fora de dúvida que Paracelso possuiu uma grande cultura, um grande amor pelo estudo, um rigoroso espírito crítico e costumes baseados na sobriedade e na castidade absoluta.

Sua fama e renome comoveram de tal maneira o público, que finalmente foi chamado para ocupar uma cadeira na Basiléia (1527), quando tinha somente 34 anos de idade. Posteriormente se dedicou ao ensino público em Colmar (1528), Nurember (1529), Saint-Gall (1531), Pfeffer (1535), Augsburgo (1536) e

Villach (1538), onde quatro anos antes havia morrido seu pai.

A estes dez anos de docência ininterrupta seguem-se outros dois que, retirado em. Mindelheim, ocupou-se em recopiar, ordenar e rever seus escritos e conferências, dispersas aqui e ali, entre as que ficaram para a posteridade nas poucas notas de seus discípulos.

Durante o inverno desse segundo ano em Mindelheim, Paracelso foi atacado por uma doença rara que o consumia pouco a pouco. Acreditando que uma mudança de ares seria benéfica, decidiu transferir-se para sua querida cidade de Salzburgo, tão formosa e de clima tão suave. Nela, desperto para seu agudo e perene misticismo, escreveu comentários sobre a Bíblia e a vida espiritual, cujos fragmentos foram publicados por Toxites em 1570. Mas a doença progredia e Paracelso teve a sensação que o fim estava perto.

Neste ponto os historiadores se contradizem consideravelmente. Para uns Paracelso, esquecido, abandonado e reduzido à maior indigência, morreu no Hospital de Santo Estevão. Coisa possível, mas bastante ilógica. Outros contam que ele, perseguido por matadores profissionais pagos pelos médicos de Salzburgo, foi assassinado ou envenenado traiçoeiramente.

Hoje, com efeito, parece perfeitamente estabelecido o interessante processo de sua vida, cheia de dignidade, reconstituída e desenterrada segundo testemunhos indiscutivelmente exatos, recopiados pelo doutor Aberle.

Parece certo que esteve internado no Hospital de Santo Estevão e ali sentiu um dia a morte chegar com rara corporiedade. Sua reação foi caracterizada pela suavidade dos eleitos. Depois alugou um grande cômodo na pousada do Cavalo Branco, em Kaygasse, que poderia usar como quarto e escritório. E para ali se mudou à espera da morte que, segundo dizia, “seria o fim de sua laboriosa jornada e verdadeira colheita de Deus”.

No último dia daquele verão ditou seu testamento, preparou seu funeral, repartiu seus bens, escolheu os salmos I, VII e XXX para serem cantados no momento da grande viagem de sua alma, e desejou que seu corpo fosse enterrado na Igreja de Santo Estevão. Três dias depois, em 24 de setembro de 1541, morreu, ao 48 anos de idade. Diante dos seus restos desfilou toda a cidade, e o príncipe eleito arcebispo ordenou que os funerais fossem com todas as honras, de acordo com o homem digno que acabava de desaparecer. Meio século depois seus ossos foram desenterrados do jardim da igreja e depositados em um nicho cavado no muro, fechado por uma placa de mármore. E lá ainda se vê, marcado pelo tempo, mas ainda bastante perceptível, o cândido elogio de um epitáfio; muito breve e simples para a vida de um homem como ele:

— Aqui jaz Felipe Teofrasto de Hohenheim. Famoso doutor em medicina, que curou toda espécie de feridas, a lepra, a gota, a hidropisia e outras

enfermidades do corpo com ciência maravilhosa. Morreu em 24 de setembro no ano da graça de 1541.

II. A OBRA

O perfil psicológico deste homem gigantesco é essencialmente o de um apaixonado, grande rebelde e grande curioso. “O saber não está armazenado em um só lugar, mas disperso por toda a superfície da terra”, dizia, fundando o sagrado e necessário universalismo da verdadeira ciência, pela qual, apesar de todas as vicissitudes passadas, atuais e futuras, o homem acaba sentindo que a vida não é uma viagem inútil e que ele pode verdadeiramente ter sido criado à imagem e semelhança do Criador.

A ânsia de conhecer de Paracelso, sua obsessão em combater a mentira, o empirismo, **e** charlatanismo, e a linguagem rígida de classe, aproximando-se dos doentes e dos pobres antes que eles batessem à sua porta, como era costume dos seus empoados colegas, o definem como um homem aferrado à razão justa das coisas. Por sua vez não esperava gratidão dos seus contemporâneos. E se voltou para o povo, ensinando-lhe a medicina em sua própria linguagem vulgar para grande escândalo “dos contempladores de urina e dos acadêmicos”, como costumava dizer. O apelido de “Lutero da medicina” que acabou ganhando, tem um fundo de verdade e o define com todo o direito e honra como o promotor da grande revolução científica do século 16.

Um viajante estudioso e atento, um fustigador sem medo das coisas erradas do seu tempo, um homem voltado de todo o coração para o povo a ponto de ter sido chamado “o médico dos pobres”, e sobretudo um revolucionário por uma exigência de consciência, em meio a um século eminentemente aristocrático: assim foi Paracelso.

Seu extraordinário grau de observação o levou a substituir os velhos princípios da terapêutica em uso por uma nova arte fundada num conhecimento mais exato do homem, considerado como uma parte do universo e cujas leis não poderia escapar. Assim criou seu princípio do homem como microcosmo, dentro da grande ordem superior, o macrocosmo.

O princípio vital foi chamado por cie de “elemento misterioso, ignoto ou arcano”, cuja ação, espontaneamente favorável, devia ser favorecida com a manutenção do doente em uma higiênica expectativa, desenterrando o velho aforismo de *primum non nócere* com calmantes — como o láudano —, dietas e cantáridas, e a proscrição de vomitórios, sangrias e demais medicações violentas tão estimadas pelos galenistas. E não há dúvida de que obtinha assim curas retumbantes.

Uma alquimia de uma dignidade toda especial, antecessora venerável e

honesta — ainda que um tanto pitoresca, como é natural — da atua] química biológica, foi outra arte sua que muitos aperfeiçoaram e racionalizaram depois, sem que pudessem suprimi-la da essência dos conhecimentos médicos.

Quando Claude Bernard disse, séculos depois, “que os venenos eram os melhores escalpelos para se aprofundar no estudo da fisiologia dos órgãos", não estava senão endossando para a posteridade um dos postulados de Paracelso. Além disso, sua obra vastíssima encerra todos os extremos da medicina conhecida naquela época. Entre eles contam-se numerosos tratados sobre a sífilis, a peste, a doença dos mineiros, as epidemias, as enfermidades produzidas pelo tártaro, os livros de prática, a arte de receitas, as análises químicas, influências dos astros, a cirurgia, o livro das ervas, dos minerais e das pedras, a matriz, as feridas abertas e as chagas, a preparação do eléboro, as úlceras dos olhos e o mal chamado glaucoma, os princípios ativos que se obtém para a trituração dos remédios, e, principalmente, seu “tratado contra as imposturas dos médicos", para não falar dos “dicionários" que a sua nomenclatura especial e diferente exigiu. Mas ainda serão precisos muitos anos de cuidadosos estudos para trazer à luz da verdade a grande quantidade de feitos justos, verdades irrefutáveis, e a diversidade de estupendos vislumbres que seu gênio precursor sentiu.

E tudo isso que ele escreveu pôde atravessar os séculos, quase intocável, apesar das cargas invejosas dos seus colegas, graças ao seu estilo quase incompreensível, cheio de mistérios e neologismos extravagantes. Mas isso também foi o culpado pelos apelidos que ganhou de mago, astrólogo e louco consumado, dos seus imediatos sucessores. Aquela época estranha do século 16 não podia ficar de todo alheia à sua personalidade. Neste ponto Paracelso sucumbiu ao peso da exaltação mística, escolástica e quiromântica do meio. Mas contra tudo isso ele se debateu da melhor maneira possível, usando seu juízo excepcional, sua indubitável veia poética e seu magnífico senso de humor. E por mais de uma vez recorreu a essas habilidades para não ser acusado de herege. Uma acusação das mais inquietantes que atingiu naquela época muitos homens que hoje chamaríamos de intelectuais liberais.

Mas Paracelso, apesar de todos os erros e aberrações da época, que como ramagens escondiam e empanavam seus esplêndidos frutos, deixou de ser o ocultista ilegível e tenebroso conforme o viam seus inimigos contemporâneos. E hoje, sem nenhuma dúvida, ele é considerado um clássico: fundador da terapêutica moderna e semeador da medicina experimental.

III. A ÉPOCA

Leonardo, Erasmo e Lutero foram contemporâneos de Paracelso. A máxima expressão da arte analisada como nunca havia sido analisada, científica e filosoficamente: Leonardo. O maior sentimento filosófico e satírico que os conhecimentos científicos e artísticos da época conseguiram realizar: Erasmo. E o mais alto e transcendental expoente da paixão religiosa, iconoclasta e construtiva por sua vez, cheio de misticismo e uma implacável perseguição à hierarquia temporal: Lutero.

Levados pela fantasia ou pela sugestão experimental, podemos estender um fio marcando um campo magnético entre Rotterdam, Milão e o burgo saxão de Eisleben, fazendo um triângulo de uns setecentos quilômetros de lado. Grande para o mundo daquela época e insignificante para o de hoje, mas muito carregado de induções espirituais que não poderia deixar de impregnar e dominar o temperamento de algum ser, sem dúvida predisposto pelo destino a aparecer no centro luminoso deste triângulo. E este centro corresponde com bastante exatidão a Einsiedeln, à ermida de Suábia, onde nasceu Paracelso.

Todas as paixões, forças e inquietações, todas as tremendas interrogações, as críticas e perseguições que tal clima acabaram por criar, pesaram e fermentaram na mente deste grande suíço.

Darember chegou a dizer que tudo isso formou o “Arcano da Alemanha”, protótipo da essência intelectual do século, cuja representação apareceu em Paracelso. Se for de outra maneira, uma impressão mais profunda provocou essa carga formidável de paixão em Paracelso, lançando-o para a incansável mobilidade de viajante, para a intensa sede de saber, explicar e compreender, e, principalmente, para a sua implacável polêmica contra os maus médicos, charlatães, incapazes e completamente nulos na arte de curar.

Em parte por sua proximidade ao medieval, ainda sensível, e em parte pela introversão que a meditação sobre os problemas causava, o certo é que as condições do ambiente foram especialmente favoráveis. Pode-se dizer, é claro com algum exagero, que aquele mundo estava habitado de um lado por uma turba de filósofos, sonhadores, alquimistas, humanistas, médicos, engenheiros incipientes, artistas, e religiosos a jogar atentamente o grande xadrez da Reforma e da Contra-Reforma. E do outro lado uma imensa e miserável classe popular, museu vivo de todas as desgraças e doenças, e um grande campo experimental para um olho ansioso em descobrir a verdade debaixo daquelas roupas estranhas, entre o borbulhar de ideias filosóficas, de panaceias intragáveis e de fantásticas

liturgias.

A atividade contemplativa estava especialmente favorecida pela tranquilidade que este quadro social oferecia, isento de homens de negócio e aventureiros, de indústrias e de guerras, sempre tão pertubadores para o equilíbrio e a criação dos espíritos. Com efeito essa corrente emigrava até as riquezas e maravilhas que Colombo expunha em Barcelona diante dos olhos atônitos dos reis de Espanha, Isabel e Fernando, como resultado de um sucesso sensacional acontecido um ano antes do nascimento de Paracelso: o descobrimento da América.

Entretanto uma outra emigração, mais sutil, e menos barulhenta, mas também de indiscutível importância, acabava de acontecer da Espanha para os países da Europa Central: a dos judeus, ordenaida pelos reis católicos. Uma emigração a mais no perpétuo nomadismo desta raça, e sem dúvida de um excepcional valor espiritual: eles levaram os tesouros do saber que o acervo da civilização árabe havia semeado na península ibérica, muito superior àquela que a Idade Média tinha alcançado na Europa, e que assim voltava madura e purificada ao triângulo formado pela Holanda, Saxônia e o norte da Itália. Um núcleo que haveria de influenciar — com a inclusão da França nos séculos seguintes — no que hoje chamamos de cultura ocidental.

IV. OS CONTEMPORÂNEOS

Já nos referimos como Paracelso se via de vez em quando às voltas com inúmeros discípulos e seguidores. Entre estes só restou um nome: Oporinus. Um secretário e discípulo predileto durante muitos anos que acabou voltando-se contra o mestre, tornando-se seu principal acusador, ao lado de Erasto, também inimigo jurado de Paracelso. Os dois formaram a base de uma série de informações inexatas e caluniosas, como, por exemplo, chamando-o de ébrio habitual, aproveitador e vagabundo. Ao lado dessas, algumas outras acusações certamente eram verdadeiras. A de que Paracelso escondia conceitos e medicamentos debaixo de um palavreado todo especial por ele inventado — geralmente deturpações latinas — cuja tradução devia ser feita com uma chave secreta que tornava invisível os princípios da medicina paracelsista. Isto lhe valeu a acusação de estar subtraindo o conhecimento da ciência aos demais. Digamos que isto era apenas um pecado menor, trazido do fundo hermético e ocultista que dominava aquela época. Séculos mais tarde ainda encontramos por exemplo o caso do fórceps: instrumento mágico cujo segredo foi zelosamente guardado durante muitos anos, de pai para filhos, no seio de uma mesma família.

Outro impugnador importante foi Lieber, que em 1572 escreveu uma *Disputado de Medicina Nova Paracelsi*, editada em Basiléia e impregnada do mesmo espírito de Oporinus e Erasto.

Um fato surpreendente é a atitude de Erasmo de Rotterdam, ardente defensor e amigo de Paracelso durante sua vida e voltado contra ele depois de morto. O único que, segundo parece, lhe tributou plena fé e consideração, apesar de não ter sido seu aluno, foi o cônsul de Saint-Gall, doutor Joaquim de Wardt, por quem Paracelso sempre demonstrou um grande afeto e gratidão, dedicando-lhe vários de seus escritos.

Entre os imediatos seguidores no tempo, merece destaque o grande Van Helmont, cuja afirmação de que a mulher “é inteiramente útero”, tão citada pelos sexólogos modernos, tem toda a característica da linha de pensamento paracelsista.

Entretanto, em pleno século 17, Guy Patin se escandalizou ao saber que em Genebra as obras de Paracelso estavam sendo reimpressas em quatro volumes, considerando uma vergonha que alguém ainda tivesse coragem de fazer tal trabalho. O certo é que, envolvido pela inveja e pelo despeito, a lembrança de Paracelso pareceu cair no esquecimento, com exceção feita a alguns eruditos, como Descartes e Montaigne, que se interessaram por ele.

V. A POSTERIDADE

No século 18 Paracelso desapareceu de cena. Mas depois do esquecimento injusto e do silêncio veio a tempestade entusiasta da reabilitação, principalmente por parte do erudito Cristobal Gottlib von Murr, que no fim deste mesmo século sacudiu a opinião da cultura europeia com uma campanha cheia de entusiasmo. (*Neues Journ Litterat und Kunstgeschichte,* Leipzig, 1798-99, II).

A partir dele e com as primeiras luzes do século romântico, todos os autores se rivalizaram no mesmo empenho.

Preu (*Das System der Medicin das Theophrastus Paracelsus,* Berlim, 1838); Lessing, com a sua magnífica biografia (*Paracelsus, sein Leben und Denken,* Berlim, 1839); Marx *(Zur Würdigung des Teophrastus von Hohenheim,* Goettingen, 1840-41); e Locher *(Teophrastus Paracelsus, eine kritische Studie,* Wurzburg, 1874); Schubert (*Paracelsus Forschungen*, Frankfurt am Main, 1887) e Sudhoff *(Versuch einer kritik der Echtheit der Para-celsischen Schriften,* Berlim, 1894, Reiner ed.), reclamam para a Alemanha as primeiras exegeses triunfais. Uma homenagem lógica ao primeiro homem que, apesar de suíço, consa-grou a intenção de fazer dò alemão um idioma de cultura.

Entretanto Stanelli publicava na Rússia um notável estudo critico sobre a filosofia de Paracelso *(Die Zukunft Philosophie des Paracelsus*, Moscou, 1884).

Na Suíça, sua terra natal, como geralmente acontece com todos os gênios, houve um atraso. Kahlbaum, professor de Basiléia, pronunciou uma conferência consagratória em 1894 **(***Ein Vortrag Kehalten Zu Ehren Theophrast's von Hohenheim***).** Este magnífico ato, cheio de uma profunda e razoável paixão alcançou uma ressonância extraordinária. O elo tinha sido rompido.

Em língua inglesa, à paciente série de trabalhos de Ferguson **(***Bibliographia Paracelsica,* Glasgow, 1877-1893) e de Weber *(Paracelsus—A portrait medal of Paracelsus — Additional Remarkes on Paracelsus,* London, 1893-1895), se acrescenta a biografia reunida por Hartmann (*Life of Paracelsus,* London, 1887), os estudos sobre sua alquimia por Waite *(The Hermetic and Alchemical Writings of Paracelsus,* London, 1894), uma nova biografia de Stoddart *(The Life of Paracelsus,* Glasgow 1915) e, mais recentemente, a primeira norte-americana, de Stillman *(Theophrastus Bombast von Hohenheim,* Chicago, 1920).

Von Petzinger *(lieber das reformatorisches Moment in den Anschaugen*

*des Theophrastus von Hohenheim***,** Greifswald, 1898) e Schneidt *(Die Augenheilkunde,* München, 1903) consagram suas teses inaugurais sobre Paracelso.

Magnus, de Breslau (1906) qualifica-o de “arquimédico" e finalmente, outro filho ilustre da mesma Einsiedeln, Raimundo Netzhammer, arcebispo de Bucareste, publicou em 1901 sua melhor biografia, esboçada poucos anos antes (1895) na Real Institution pelo arcebispo anglicano de Londres. **(***Neízhammer — Theophrastus Paracelsus, das Wissenswerkeste uber dessen; eben, Lehre und Schriffen,* Einsiedeln, 1901).

Na França o interesse e a exegese da obra de Paracelso cobre as mesmas etapas, aproximadamente no mesmo prazo, apesar de um pequeno atraso bastante compreensível em relação aos países germânicos. Apesar de tudo sua popularidade é muito menor e, salvo os eruditos, somente chega ao público em reduzidos núcleos devotos das ciências ocultas.

Bordes-Pagés **(***Philosophie medicale au XVI siècle. Paracelse, sa vie et ses doctrines, Revue Indépendante,* abril, 1847) é o primeiro que se ocupa em fazer um esboço de sua vida e sua obra, com palavras surpreendentes de elogio, que mais tarde também Bouchadat repete *(Nouveau Formulaire Magistral,* Paris, 1850) e principalmente Cruveilhier, com seus entusiasmados artigos (*Revue de Paris***,** 1857) Bouchut (*Histoire de la medicine et des doctrines médicales,* Paris, 1864) e Jobert (1866, Paris) e Durey (1869, Paris), também lhe dedicam suas teses.

Desta uniformidade de critérios, separa e se destaca um autor tão importante como Daremberg, que em sua *Histoire des Sciences Médicales***,** lança contra Paracelso uma encarniçada perseguição. Daremberg considera Paracelso como alemão e o trata mesmo como um inimigo. Ele é o criador da frase de que Paracelso personifica o arcano da Alemanha, e evidentemente se compraz em descarregar sobre ele todo o seu rancor de velho patriota. Às palavras generosas e entusiastas de Cruveilhier, que o considera como um desses “inovadores que apesar de todos os obstáculos se lançam por cima de mil quimeras e mil sonhos em busca de um novo ideal... ”, opõe-se afirmando que "nunca as quimeras e os sonhos levaram à alguma coisa”.

Mas este é um isolado e inoperante ponto negro que somente surpreende pela indiscutível erudição do seu autor. Depois dele tornam-se a se agrupar outros autores em torno dos elogios: Grasset *(La France Médicale,* outubro, 1911), Lalande e Gallavardin *(Le Propagateur de L’Homeopathie,* revista mensal, abril, 1912) e principalmente Grillot de Vivry, que em 1913 publicou a primeira e única tradução das obras completas de Paracelso em francês, muito

elogiada pela sua meticulosidade e competência acima de tudo. Não se trata pois de uma coincidência ou aventura: Paracelso alcançou os limbos da glória e ficou na História. Fora isso não temos outra coisa a fazer senão lhe render um testemunho que se chama: admiração e justiça.

(Os únicos manuscritos diretos que se conservam hoje, de reconhecida autenticidade, são os de Vosius e Huser, os da Biblioteca de Viena e os que Wegenstein encontrou entre os despojos do Monastério Del Escoriai, na Espanha.)

INDICE

Livro dos Prólogos

- Livro Primeiro
- Livro Segundo

Livro das Entidades

- Primeiro Livro Pagão
- Segundo Livro Pagão
- Terceiro Livro Pagão
- Quarto Livro Pagão
- Quinto Livro Não-Pagão

Livro dos Paradoxos

- Livro I
- Livro II
- Livro III
- Livro IV
- Livro V

DEDICATÓRIA AO SENHOR E DOUTOR JOAQUIM DE WADT[1]

Aqui está, excelentíssimo senhor de Wadt, como não me foi possível deixar de publicar, este primeiro livro de minhas obras paramíricas *(Liber Meorum Paraminorum Operum),* com o qual, depois de muitos estudos, pacientemente perseguidos dia e noite, pretendo instruir e informar meus ouvintes sobre os segredos da ciência médica. Creio que isso lhes será de maior proveito do que possam imaginar agora, ainda que existam aqueles que me acusem, por causa dele, do pecado da soberba.

Existem também aqueles que me acusam de apaixonado ou de ignorante e isso pouco me importa. Sei que a habilidade ou o grau de arte ou ciência que venha a possuir em medicina poderá ser medido pelo grau de estima e proveito que tenham tido minhas obras e ensinamentos. Saiba o corrompido pelos filósofos que ele já o incapacita para a minha "monarquia".

Tampouco espero o menor elogio dos humoristas, dos adivinhos, assim como dos aficcionados da astronomia. Bem sei que dirão que a minha física, a minha cosmologia, a minha teoria e minha prática são singulares, novas, surpreendentes e bem absurdas. Como poderia ser de outro modo se ninguém na face da terra se vestiu como eu!

Não me assustam, posso lhe dizer, as multidões de sectários, sejam eles de Aristóteles, de Ptolomeu ou de Avicena. Muito mais me preocupa a má vontade, o direito injusto, a rotina, a ordem preestabelecida e o chamado hábito da jurisprudência. Pois em verdade posso lhe dizer que ninguém possui outros dons além daqueles que soube ganhar ou adquirir. Além disso não serei eu que mencionarei aquele que não queira ser aludido.

Assim, esteja Deus conosco, protetor e nosso preservador para a eternidade. E que Ele esteja convosco também.[2]

Notas

1. Esta dedicatória aparece como epílogo de suas duas primeiras obras. Nós preferimos colocá-la no princípio por uma questão de harmonia do conjunto.
2. Esta dedicatória expressa melhor do que outra coisa, como disse muito bem o tradutor francês Grillot de Givry, a nobre finalidade que Paracelso procurou durante a sua vida. Ele sabia perfeitamente o efeito dos seus escritos nos críticos contemporâneos e conhecia muito bem a teoria do seu pretenso empirismo, não sendo nada ignorante conforme o acusavam. Se Paracelso os desprezava era porque simplesmente tinha fé numa ciência superior que soube defender com tenacidade durante toda a vida.

LIVRO DOS PRÓLOGOS
(Libellus Prologorum)

Livro Primeiro

PRÓLOGO PRIMEIRO
(Do conteúdo da medicina)

É conveniente que saiba previamente, amigo leitor, que todas as enfermidades têm universalmente cinco tipos de tratamentos diferentes e fundamentais. Começaremos então o estudo da nossa medicina pelo tratamento (*curatio*) e não pelas causas, já que a devida aplicação dos tratamentos nos conduzirá facilmente à descoberta da origem das doenças *(ex-juvantibus).* O ponto principal e o primeiro argumento do nosso livro será a afirmação desses cinco tratamentos *(curationes quinque),* o que deverá aceitar como se fossem cinco ciências da medicina, cinco artes ou cinco faculdades do entendimento.

Cada uma delas é capaz, por si mesma, de formar um meio terapêutico completo para a cura de todas as enfermidades *(facultas medicime)* nas mãos de um médico hábil, competente e esperto, que deverá escolher a melhor para cada caso. Dessa maneira será possível curar qualquer acidente, sofrimento ou doença, tanto numa como em outra medicina.[1]

Assim sendo, será bom que cada médico se esforce num estudo cotidiano e constante para alcançar a máxima ciência e experiência em qualquer um dos cinco métodos, sem esquecer que tem tanta ou maior importância o conhecimento da alma do paciente do que do seu corpo. Assim mesmo possuirá sólidos fundamentos em seus estudos e em outros, mas estritamente dentro da medicina. A base da sua ciência estará nela mesma e não nesta ou naquela estranha subjetividade. [2] Não deve aceitar ou desprezar uma causa por outra sem as devidas razões, nem discutir sem fundamento, e em qualquer caso deve mostrar uma perfeita confiança em si mesmo.

Com cada um desses métodos, suficientemente perfeitos *per se* e *in se*, pode alcançar uma compreensão completa, teórica e prática do conhecimento das causas e das curas de todas as doenças. Com isto damos por terminada a exortação do nosso primeiro livro médico.

PRÓLOGO SEGUNDO
(Sobre os dois grandes grupos de enfermidades e o modo de aplicar seus

remédios)

Quem quiser ser médico deve saber primeiramente que a medicina é dupla: clínica ou física e cirúrgica, o que não significa que tenha duas origens distintas mas apenas duas expressões; trata-se de uma divisão puramente específica que encerra em si mesma sua própria razão de ser. A febre e a peste, por exemplo, mesmo que provenham da mesma fonte têm, como se sabe, manifestações próprias e diferentes. Quando essa fonte, origem ou causa mórbida, expressa uma putrefação interna, aparece a febre que muitas vezes obriga a pessoa a ficar de cama (*clinice*) ou termina se transformando em peste, quer dizer, abandona o centro e se manifesta na superfície externa do corpo. [3]

Ter razão e bom juízo em uma ou outra medicina será o resultado de um estudo reiterado e atento de quando elas começaram.

Toda afecção que vai do centro até à periferia deve ser considerada como física (clínica), e toda aquela que ao contrário, ganha o centro partindo da periferia será tributária da cirurgia.[4] Tornando isso mais claro, deve considerar-se que tudo o que se resolve pelos emunctórios naturais do corpo, pela própria secreção da natureza, é inteiramente físico. E cirúrgico, ao contrário, tudo aquilo que aparece como erupção por emunctórios não-naturais.

Da mesma maneira, tudo o que pode ser visível na superfície do corpo deve ser considerado como ferida e caso de cirurgia. E de ordem física, ao contrário, se permanece oculto.

Na realidade estas são as razões e os motivos que dividem os médicos em duas grandes classes: a dos clínicos e a dos cirurgiões. No entanto cada um deles pode obter a cura de seus doentes pelos cinco métodos e as cinco causas já ditas, que cada um analisará à sua maneira.

Finalmente, como já foi dito, todos devem conhecer cada classe e cada uma dessas cinco origens — o que poderia, por sua vez, dar lugar a cinco classes distintas para cada um dos grandes grupos ou especialidades — e não é menos certo dizer que somente existe uma classe para o verdadeiro conhecimento e intelectualização das causas.

Desta maneira nós quisemos definir os graus e os estados que vamos encontrar entre os médicos.

PRÓLOGO TERCEIRO
(Sobre os modos e as maneiras de curar)

Passemos agora ao estudo das cinco origens, faculdades médicas ou modos de curar:

I. Medicina natural: concebe e trata as enfermidades como ensina a vida, a natureza das plantas, e conforme o que convém a cada caso por seus símbolos ou concordâncias. Assim curará o frio pelo calor, a umidade pela secação, a superabundância pelo jejum e o repouso, e a inanição pelo aumento das comidas. A natureza dessas afecções ensina que as mesmas devem ser tratadas pela aplicação de ações contrárias. Avicena, Galeno e Rosis foram alguns dos defensores e comentaristas desta teoria.

II. Medicina específica: os que defendem e pertencem a este grupo tratam as doenças pela forma específica ou entidade específica *(Ens specificum).* O ímã, por exemplo, atrai o ferro não por meio de qualidades elementares, mas através de forças e afinidades específicas. Os médicos deste grupo curam as enfermidades pela força específica dos medicamentos correspondentes. Também pertencem a este grupo aqueles que fazem experiências, chamados por alguns de empíricos com justa razão. Finalmente, também entre os naturalistas, aqueles que fazem uso e receitam purgantes, já que estes impõem forças estranhas que derivam do específico, completamente fora do natural, saindo de um grupo para entrar em outro.

III. Medicina caracterológica ou cabalística: aqueles que a exercem curam as doenças, pelo influxo de certos signos dotados de um estranho poder, capazes de fazer correr aqueles que se manda, e dar-lhes ou tirar-lhes determinados influxos ou malefícios. Isto também pode ser feito através da palavra, sendo em conjunto um método eminentemente subjetivo. Os mestres e autores mais destacados desse grupo foram: Alberto, o Grande, os astrólogos, os filósofos e todos aqueles dotados do poder de feitiçaria.

IV. Medicina dos espíritos: [5] seus médicos cuidam e curam as enfermidades mediante filtros e infusões que coagulam o espírito de determinadas ervas e raízes, cuja própria substância foi anteriormente responsável pela doença *(similia similibus curantur*). Acontece a mesma coisa quando um juiz, tendo condenado um réu, se transforma posteriormente na sua única salvação, já que só através de seu poder e de suas palavras poderá obter novamente a liberdade. Os enfermos que padecem dessas doenças podem se curar graças ao espírito dessas ervas, conforme está escrito nos livros desta seita e da qual fizeram parte grande quantidade de médicos famosos como Hipócrates e todo seguidores de sua escola.

V. Medicina da fé: aqui a fé é usada como arma de luta e de vitória contra as doenças. Fé do doente em si mesmo, no médico, na disposição favorável dos deuses e na piedade de Jesus Cristo. Acreditar na verdade é causa suficiente para muitas curas. Neste assunto temos a vida de Cristo e de seus

discípulos como melhor exemplo.[6]

Notas

1. Refere-se implicitamente aos dois grandes grupos de causas da patologia paracelsiana: as “causas visíveis“ (provenientes daquilo que cha¬mou de “as três primeiras substâncias”) e as “invisíveis", determinadas pelas impressões ocultas nos astros.
2. Ou seja, experiência pelo conhecimento próprio.
3. Paracelso traduz aqui os conceitos de medicina ou patologia interna e medicina ou patologia externa, que hoje são clássicos, orientando até a cirurgia sobre as doenças que produzem supurações, fístulas e abcessos.
4. Refere-se sem dúvida à traumatologia.
5. Espírito, não na acepção literária ou filosófica moderna, mas como essência de toda a vida ou impulso animado ou inanimado (spirito). Por isso não podemos chamar os médicos desta escola espiritual de espiritistas, nem de médicos do espírito, mas "pelo” espírito.
6. As cinco divisões de Paracelso têm sua projeção exata na atualidade, feitas as naturais desculpas pelo enfoque e a distância: assim, os naturalistas não passam de velhos médicos rurais sem livros, instrumentos, e tão cheios de prudência e indiferença, como de confiança na natureza e nos remédios ele¬mentares ou caseiros. Os especifistas são os farmocoterapeutas alopatas dos nossos dias. Nos caracterólogos da magia negra encontramos os neurologistas psiquiatras e psicanalistas. Os espiritualistas são os antepassados diretos dos especialistas em química biológica, dietólogos, vitaministas e, d« certo modo, também os homeopatas e os alergistas. Enquanto aqueles que curam pela fé, vemos bem que sua atualidade continua e continuará eternamente em seus diferentes rasgos científicos cujas classes não vamos enumerar aqui porque o leitor sabe perfeitamente quais são.

PRÓLOGO QUARTO
(Sobre os métodos de ensinamentos médicos)

Os livros que mostraremos em seguida estão divididos em duas partes: uma compreende a prática do corpo, enquanto que na outra — cirúrgica — nos ocuparemos das feridas, separadas uma da outra por parágrafos e capítulos especiais. Aplicaremos agora este preâmbulo ou prólogo (*proesagium*) à cada parte de maneira que convenha e corresponda a todas elas em todos os seus aspectos. Entretanto, antes de começarmos os cinco livros prometidos e este prólogo, temos que fazer — Oh! médicos de cada especialidade! — uma advertência nova e distinta, que chamaremos de “parêntesis médico”.

O motivo deste “parêntesis” prévio está dado pela natureza desses prólogos, assim como o do conteúdo dos livros seguintes, de tal forma que seja adequado para todos e para cada um dos nossos discursos, fazendo com que eles possam subsistir independentemente. Neste parêntesis conhecerão verdadeiramente as origens de todos os males, assim como seus mecanismos de produção, e de tudo o mais que os médicos precisam saber, de qualquer seita ou especialidade a que pertençam.

Porque se eles souberem isso poderão trabalhar perfeitamente e com toda

a liberdade em qualquer das escolas às quais pertençam seus conhecimentos, pois, acima de tudo, conhecerão a verdadeira origem de todas as enfermidades. É lógico que este parêntesis, no qual se expõem as causas de todos os males, anteceda os cinco livros de conclusões.[1] E ele é, assim, indispensável, já que toda cura deve ter por base uma causa concreta. A verdadeira causa será descoberta pelo homem hábil que possua o conhecimento das coisas necessárias para obter a cura.

Agora seguem-se cinco partes que chamaremos de “tratados”. E serão exatamente cinco, já que cinco são as ordens das coisas das quais procedem as enfermidades, divididos em capítulos para a sua melhor compreensão e todos eles orientados em duas ordens intelectuais da medicina — clínica e cirúrgica — que subsistem independentes nas diversas escolas e se distinguem por regras bem definidas.

Notas

1. Paracelso. apesar de ter dito no princípio que o tratamento tem mais importância que o estudo das causas, com referência à prática, antecipa o conhecimento destas fazendo com que seus escritos adquiram um verdadeiro valor cientifico de ensino.

Livro Segundo

PRÓLOGO PRIMEIRO
(Advertência sobre a ignorância dos médicos livrescos e sobre a conveniência da universidade dos conhecimentos médicos)

Aos médicos e cirurgiões que leem este parêntesis, com o proveito do qual lhes será possível alcançar a categoria de verdadeiros médicos, devo dizer, primeiramente, que não devem considerar-me inábil ou ignorante só porque andamos por caminhos diferentes. Aqueles que não os acompanham simplesmente não veem nada convincente em seus estilos, nem em suas práticas, nem no conhecimento que têm das causas — perfeitanente errôneo —, como vamos repetir mais adiante e demonstrar em seguida.

Não é a rareza de suas curas milagrosas, nem a abundância dos doentes que, tendo se submetido aos seus cuidados foram logo depois abandonados, o que mais nos assombra. Mas que apesar disso continuem glorificando além das medidas todos os seus mestres caldeus, gregos e árabes. Já que conforme o testemunho de seus escritos, os seus clientes de hoje terão a mesma sorte daqueles, acabando a maioria por morrer.

A verdade é que nem esses livros enfraquecem os nossos, nem seus métodos (dos quais na realidade não fazem a menor ideia) impugnam ou destroem os que nós praticamos. Deveriam pensar, pelo contrário, em não nos combater com tais armas, que no final das contas são as mesmas que nós usamos hoje a nosso favor. E cm verdade digo que não conseguiriam com isso senão favorecer-nos.

Se em nossos livros omitimos muitas coisas é porque as mesmas já se encontram de maneira correta nas obras mais antigas, o que não deixamos de reconhecer e assinalar sempre que preciso ou conveniente, sem negar a cada autor a originalidade correspondente. Sem dúvida alguma, nunca nos expressamos desta maneira, a não ser quando falamos dos métodos da medicina natural, na qual pretendem com notória insolência ser considerados como sábios eminentes. E digo, já que insistem em rechaçar com tanta arrogância os conhecimentos das outras quatro escolas, que fazem assim porque não as estudaram nem as compreenderam.

Direi também que Hipócrates esteve muito mais perto da escola espiritualista do que da medicina natural, mesmo sem ter feito menção de tais diferenças em seus escritos. Galeno também trabalhou muito mais de acordo com a medicina caracterológica e com os presságios do que com a medicina

natural. E igualmente podemos nos referir a muitos outros autores da mesma maneira.

Igualmente direi, que se é certo que os segredos, mistérios e forças sobrenaturais (*facultates*) podem ser considerados, a justo título, como *magnalia artis*, e que na maioria dos casos permanecem ocultos ou escondidos, seria conveniente ir em sua busca por caminhos mais lentos *(via longationis*), mais seguros, que nos permitam contemplar, pesquisar, repassar e comparar nossas observações com toda a atenção.

PRÓLOGO SEGUNDO
(Sobre as "formas clínicas")

Neste parêntesis vamos explicar os fundamentos universais da ciência médica, que poderão reconhecer como sendo os mesmos de Avicena, de Rasis, de Averróis, Hipócrates ou Galeno. Todas as coisas compreendidas aqui devem ser levadas em conta, já que são igualmente necessárias tanto na teoria como na prática para o conhecimento de todos os males e seus tratamentos correspondentes, igualmente para os médicos e cirurgiões.

Explicaremos agora rapidamente o conteúdo deste parêntesis. Vamos nos ocupar das entidades (*ens*) como origens causadoras de todas as enfermidades, separadas nos cinco grupos clássicos, começando por explicar como em cada um deles são produzidos todos os males presentes, passados e futuros.

Será muito conveniente para os médicos que me leem ou me escutam, prestar muita atenção a estas cinco entidades e não acreditar que todos os males provêm de uma só origem. Darei um exemplo para explicar melhor o que acabo de dizer: suponhamos o caso da peste, e perguntemo-nos de onde ela vem. Os adeptos da medicina natural me dirão que é da dissolução da natureza. Os filiados à astronomia preferirão considerá-la como consequência do movimento do céu e do curso dos astros. Qual deles tem razão? Eu digo no entanto que cada um deles, por sua vez, tem uma parte de razão, e que além dessas existem outras razões, já que a natureza é uma entidade e os astros uma outra entidade... *etc.* Sabe-se que existem cinco pestes, que não são distintas em seus gêneros, essências, formas ou espécies, mas pelas origens de onde elas provêm. Diremos mais ainda, para terminar, que nosso corpo está submetido (*subjectum)* a cinco entidades, cada uma delas possuindo em potencial todas as enfermidades. E que devemos considerar cinco hidropisias, cinco icterícias, cinco febres, cinco cancros, e assim sucessivamente.

PRÓLAGO TERCEIRO
(Natureza das entidades)

Definidos o nome e o número das entidades, segundo acabamos de expressar no prólogo anterior, vamos nos ocupar agora em conhecê-las devidamente. A entidade é a causa ou coisa que tem o poder de dirigir (*regendi)* o corpo.

Quando falam tendenciosamente contra nós, e afirmam que a peste vem de humores cuja malignidade está latente no interior do corpo, cometem um erro tremendo. Em vez de ficarem vendo *como* está o corpo quando se encontra atacado de infecção, deveriam averiguar *qual* é e o *que* é o veneno que o contamina. Todos os males possíveis aparecem do corpo num dado momento, quando o organismo fica inflamado e atacado de uma ou outra maneira, apesar de que não se possa, na maioria dos casos, precisar a causa determinante da doença.

Fora isso, lembrem-se também de que existem cinco coisas que ferem o corpo e o dispõe para a enfermidade. E que é necessário que o organismo se submeta a elas, porque só assim conseguirá o seu debilitamento. [1]

Desta maneira veremos como cinco fogos invadem e aparecem no organismo toda vez que cada uma das entidades o alcança com seu tremendo poder aflitivo (*afficere*).

Assim, quando estiver frente a um paralítico, sua primeira precaução será examinar cuidadosamente o fogo, ou seja, a entidade que produziu a paralisia. E direi que o médico que não consiga identificá-la ou possuí-la, está completamente cego e não conseguirá jamais a cura de nenhuma outra doença.

Notas

1. Conceito de imunidade e anafilaxias atuais.

PRÓLOGO QUARTO
(Ainda sobre a natureza das entidades)

Continuaremos aqui com o estudo sobre a natureza das entidades. Primeiro diremos que nos escritos de um grande número dos nossos antepassados e predecessores encontram-se alusões e ideias plenamente de acordo com o nosso conceito de medicina, cujo princípio quíntuplo era por eles condensado num só e chamado de "sopro vital". Da mesma maneira, e ainda que demos hoje preferência aos remédios feitos com nervos e medula, deixaremos de menosprezar suas receitas.

Como final do exórdio e deste parêntesis, definiremos as entidades como diretoras, moderadoras e reguladoras do nosso corpo.

No primeiro tratado examinaremos a essência e a força que os astros encerram. Esta força que atua e influi constantemente sobre o nosso ser, chama-se *entidade astral (ens astrorum)* e deve ser considerada como a primeira a que estamos submetidos.

A segunda força ou potência é a *entidade dos venenos (ens venerú),* cuja açào é sempre perturbadora e violenta. Neste sentido observem a diferença essencial que distingue essas duas entidades. Assim como a influência dos astros é intrinsicamente saudável e incapaz de nos causar prejuízos de qualquer espécie, a dos venenos será sempre nociva.

A terceira força é aquela que enfraquece e desgasta o nosso corpo pelo simples fato de existir, e pode coexistir ou não com as demais. Chamá-la-emos de *entidade natural.* Estamos expostos a esta entidade em todas as ocasiões nas quais exigimos esforços imoderados do nosso corpo, ou mesmo quando ele se encontra enfraquecido por uma compleição deficiente, do que podem resultar todas as enfermidades, sem exceção, mesmo que as outras entidades apareçam favoravelmente dispostas.

A quarta *entidade* emana do poder *dos espíritos,* que ferem e enfraquecem os corpos que caem debaixo de sua influência.

A quinta *entidade* que pode nos afetar, não obstante as quatro nos sejam favoráveis e esta esteja acima delas, é a *entidade de Deus (ens Dei).* Uma entidade que devemos considerar com a maior atenção e antes de todas as outras, porque nela está a razão de todas as enfermidades.

Observem que de acordo com isso e conforme temos explicado várias

vezes, todos os males provêm de cinco entidades ou princípios diferentes e não de uma só entidade, como costumam sustentar sem nenhum fundamento e completamente errados.

PRÓLOGO QUINTO
(Razão da especificidade dos remédios)

O assombro diante dos resultados é sempre causado pela ignorância ou a incapacidade. Por isso não há motivo para que fiquem assombrados com este prólogo. Se mesmo assim escandalizam-se facilmente, podem passar adiante e não ler este parêntesis. Não temos medo das suas penas por mais que tenham escrito contra nós em diversas ocasiões.

É certo que contem sempre com todas as espécies de medicamentos e receitas (*recepia*) contra febres, compostas com a maior habilidade, apesar do que não é menor o medo que nos dá só de pensar que elas não sirvam para nada ou causem efeitos contraproducentes. Isto porque, se considerarem seus fundamentos, poderão perceber suas ignorâncias. Realmente estiveram atentos a certas coisas quando deveriam verdadeiramente ter considerado outras.

Pensam que existem somente setenta espécies de febre quando em verdade existem cinco vezes este número. Isso acontece porque somente dirigem seus espíritos e inteligências para a entidade natural, a única que adotaram. Se existisse somente esta entidade, as atitudes e as suas afirmações seriam lógicas. Isso acontece porque somente se ocupam da enfermidade, o que os leva frequentemente ao erro. Da mesma maneira, se fossem mais honestos consigo mesmos, reconheceriam que mais de uma vez ficaram sem saber se os seus doentes febris se curaram por meio dos medicamentos administrados ou simplesmente sem eles. E quanto a mim, afirmo que se o doente febril foi abrasado pelo astro, somente ele e ninguém mais além dele será capaz de matá-lo ou devolver-lhe a saúde (restituir).

Não é correto que receitem os medicamentos de um modo fantástico, fazendo com que o doente beba uma farmácia inteira, porque de acordo com o tratado da entidade astral ela será de uma eficácia duvidosa para o enfermo, podendo causar sérios prejuízos para vocês mesmos.

Que as entidades não lhes sejam desconhecidas ou estranhas, para que possam compreender tudo o que fazem e para que sejam úteis e não prejudiciais para os seus doentes.

Acabo de expor esta teoria dentro de limites estritamente físicos para que possam compreendê-la já que unicamente são capazes de alcançar os significados da entidade natural, apesar das suspeitas que tenho, achando que

neste ponto vocês misturam e confundem tudo lamentavelmente. Isto explicaria a incapacidade que têm para distinguir os diversos medicamentos que precisam ser escolhidos, assim como o *quando* e o *como* de sua aplicação.

PRÓLOGO SEXTO
(Onde Paracelso se previne contra a possibilidade de ser considerado herege)

Prestem-nos pois, daqui para frente, toda a atenção. Agora que já estabelecemos as cinco dominações (*principatus*) às quais o corpo se encontra submetido e através das quais experimenta o estado de enfermidade, seguiremos adiante com cinco tratados, todos referentes à entidade astral, à entidade venenosa, à natural, à dos espíritos e à de Deus.

Previamente devo declarar: ainda que reconhecendo-nos como filhos do cristianismo, utilizamos em nossos escritos a linguagem dos gentios e dos pagãos. Principalmente a fé, acima de tudo, é que nos tem permitido não esquecer em nossos estudos a consideração das quatro entidades: astral, natural, do veneno e a dos espíritos, que na verdade são entidades de estilo pagão, já que somente a entidade divina é de estilo cristão.

O estilo dos gentios que nós vamos empregar na descrição das quatro entidades, não só não manchará nossa fé como também contribuirá para aguçar nosso espírito. Se decidimos chamá-lo estilo dos gentios foi porque sabemos que seu conteúdo foge da fé de Cristo, apesar de termos feito uma profissão pública de fé com os que são cristãos de nascimento e de raça. G continuamos o estudo da natureza das quatro entidades profanas e da quinta entidade divina, conforme já dissemos durante este tratado. Por isso vamos dedicar este último livro à entidade divina e às conclusões que podemos chegar através da fé.

Neste livro no qual renunciaremos ao estilo profano, compreenderemos o verdadeiro fundamento da verdade e perseveraremos na fé. Seremos então verdadeiros “fiéis”, de tal maneira que, abandonando todo o paganismo, os veremos chegar junto a nós como cristãos, com o que finalmente poderão nos julgar segundo os livros escritos no estilo dos fiéis.

LIVRO DAS ENTIDADES

(Textus parenthesis super Entia quinque)

PRIMEIRO LIVRO PAGÃO SOBRE AS ENTIDADES MÓRBIDAS TRATADO DA ENTIDADE DOS ASTROS SOBRE OS CORPOS INFERIORES (DE ENTE ASTRORUM)

CAPITULO I

(A origem do corpo pela entidade do Sêmen)

A primeira coisa a fazer para se descrever a entidade astral é considerar com a máxima exatidão a essência, a forma e as propriedades dos astros e imediatamente em seguida averiguar os caminhos e o mecanismo pelo qual se produz a atração (*eliciatur*) de tal entidade sobre os nossos corpos.

Vocês deram à entidade astral uma interpretação purameme astronômica sem outra atenção ou estudo, quando na verdade deveriam ter feito muito mais. Desta maneira, quando ensinam abertamente que o corpo foi formado diretamente (*constituere)* do céu e dos astros, estão cometendo uma falsidade, já que o homem, ao se constituir, o fez partindo exclusivamente do espírito do sêmen *(ens seminis*) sem a menor participação dos astros.

Vamos provar a nulidade dos seus conceitos e de suas ideias sobre o assunto. E para começar vamos declarar o seguinte: Adão e Eva foram certamente o resultado da criação, mas continuaram e continuarão até o fim do mundo graças à *entidadè do sêmen.* De tal maneira que se não tivessem existido, ou não existissem na natureza estrelas ou planetas, as crianças continuariam nascendo com feições diferentes, sem relação alguma com os astros, e sim pelo contrário, com os temperamentos ou aparências físicas dos pais, tanto hoje como nas mais remotas eras. Assim existirão os melancólicos, os coléricos, estes fiéis, outros infiéis, aqueles sóbrios e aqueles outros não, já que a natureza humana, caracterizada por uma *entidade de propriedade e especificidade*, deriva e resulta da entidade do sêmen e nada tem a ver com os astros. Os astros com efeito não ocupam nenhuma parte do corpo e nem lhe infundem temperamentos, calor, natureza ou substância.

CAPÍTULO II

(Onde se discute a influência dos astros na natureza humana)

Devemos advertir a todo médico que as entidades do homem são duas: a entidade do sêmen e a entidade da potência *(ens seminis* e *ens virtutis),* que devem reter cuidadosamente e se lembrar no momento oportuno.

Neste texto iniciatório do "Tratado da Entidade Astral" enunciaremos um axioma que consideramos perfeitamente adequado. É o seguinte: "Nenhum astro do firmamento, seja planeta ou estrela, é capaz de formar ou provocar alguma coisa em nosso corpo, seja a beleza, a cor, força ou temperamento".

Sem dúvida, como foi dito que a entidade astral pode nos prejudicar de diversas maneiras, devo dizer que isso é falso e que já é hora de tirarem dos espíritos esses juízos absurdos baseados na natureza ou na posição das estrelas, que somente podem nos fazer sorrir.

Neste ponto vamos nos deter sem levar adiante este discurso contra nossos adversários: primeiro porque a finalidade deste parêntesis não é responder a cada instante a todas as questões que nos apresentam, para o que seria necessário uma grande quantidade de tinta e papel, tão grande como a nossa capacidade de contestar, por mais ajudados que estivéssemos pela inspiração e a proteção divina. E em segundo lugar porque, apesar de terem compreendido que os astros não conferem nenhuma propriedade nem natureza individual, continuarão adotando a opinião contrária, baseados no fato de que às vezes são capazes de nos atacar e nos causar a morte.

A verdade é que por não ter nascido sob a influência de Saturno podemos ter uma vida mais ou menos longa; isto é completamente falso. O movimento de Saturno não afeta a vida de nenhum homem e muito menos a prolonga ou abrevia. Fora isso, ainda que este planeta não tivesse feito sua ascensão na esfera celeste, teriam existido e existiriam homens dotados do caráter desse astro. E igualmente existiriam lunáticos se nunca houvesse existido nenhuma Lua na natureza do firmamento.

Também não devem acreditar na ferocidade e na crueldade de Marte como responsáveis pela existência e a descendência de Nero, pois uma coisa é que ambas as naturezas tenham coincidido nesse ponto e outra coisa é que tenham se misturado ou tomado entre si.

Como exemplo do que acabamos de dizer, podemos recordar entre outros o caso de Helena e Vénus. Ambas foram indiscutivelmente da mesma natureza, e sem dúvida Helena teria sido adúltera mesmo que Vénus nunca tivesse existido. A isto ainda acrescentaremos que, mesmo Vénus sendo na História muito mais antiga do que Helena, as cortesãs existiram muito antes que uma e outra.

CAPÍTULO III

(Dissertação sobre a semente e o germe)

Apesar do que acabamos de dizer, devem pensar que o firmamento e os astros foram criados de tal modo que nem os homens e as criaturas animais poderiam viver sem eles, não obstante a incapacidade (dos astros) que têm para fazer alguma coisa por si mesmos. A semente que se deposita na terra, por exemplo, produz o fruto por ela mesma, isto é, porque carrega em si a entidade do sêmen (ou da semente). É verdade que se o sol não tivesse esquentado a terra durante algum tempo a semente não teria germinado, porque isso acontece justamente graças à ação do calor e da digestão que tal estímulo provoca. Sabe-se muito bem o que é a digestão e nós a consideramos como o resultado de um cozinhamento lento (*digerere*) que reduz as coisas a seus princípios constitutivos essenciais. A digestão é somente a operação estimulada pela temperatura, mas cuja ação está e já existe na coisa mesma que se digere. Sem digestão não poderia prosperar o desenvolvimento dos fetos que se realiza dentro da matriz justamente às custas de sua própria digestão.

Na comparação e exemplo que demos, a digestão da semente se realiza na terra e precisa do sol para isso, enquanto que na matriz a digestão não precisa de nenhum astro, seja o Sol, Mercúrio ou qualquer outro, gerando, crescendo e desenvolvendo-se em feto sem que nada lhe falte.

Os astros precisam efetivamente de poder para mudar a natureza dos homens, que por sua vez não possuem nenhuma disposição para receber sua influência. Consideremos ainda outros exemplos: entre dois soldados ferozes e combativos da mesma maneira, poderão dizer qual dos dois engendra, provoca ou estimula (*inegniat*) o natural do outro (*natural*)? Nenhum dos dois! E entre dois gêmeos exatamente iguais, podem saber qual foi o que cedeu sua semelhança para o outro? Nenhum deles também!

Por que então chamar a estes ou àqueles que jupiterinos ou lunáticos quando, como no exemplo dos gêmeos, todos e cada um de nós levamos nossa própria razão de ser em nós mesmos?

Eu digo que o feto vem a ser como a semente de sua própria substância; por isso o gêmeo é segundo a semente que o produz e não uma causa do Sol como se tem sustentado até agora.

CAPÍTULO IV
(Da supremacia do sangue sobre os astros)

Apesar de tudo o que temos dito até aqui, e sem que isto implique em concessão ou redundância, é certo que os astros podem nos ferir ou nos matar. Até agora

tem sido ensinado por aí que estamos dirigidos pelos astros e que, por conseguinte, encaminhamos esta inclinação até à natureza particular do planeta que nos domina. E ainda sobre o caso, incluindo a maneira de resistir e combater as influências astrais, escreveu-se bastante. Isso tudo para mim não passa de uma simples perda de tempo.

Pouco importa o sentido que tenham deste provérbio: “O homem sábio tem maior poder que os astros, dispõe, e manda neles”, pois nós também achamos assim como acabamos de enunciar.

Com efeito os astros não coagulam, não adaptam, não formam nem dirigem nada em nós, assim também como não nos fazem conforme sua semelhança. São absolutamente livres por si mesmos, tanto quanto nós também possamos ser em nossa própria e íntima determinação e arbítrio.

Nota-se que a vida não é possível sem os astros: com efeito, o frio, o calor e a digestão das coisas que constituem nosso sustento provém justamente deles.

Por que ficar então remoendo essas minúcias e intermináveis disputas sobre se são eles que parecem conosco ou nós que parecemos com eles?

As coisas são assim por desígnio do Criador e não é possível pretender saber o que está oculto no firmamento, já que ignoramos inclusive a utilidade que possam ter as próprias qualidades dos astros. A glória do Sol, a arte de Mercúrio ou a beleza de Vénus, para dizer a verdade, não nos servem para grande coisa (*commodare*). Unicamente aproveitamos a luz do Sol e o seu calor, já que sem essas coisas não teríamos as frutas e as formosas estações que as produzem, e as outras muitas coisas que precisamos para viver.

Para terminar esta dissertação e para que aproveitem o máximo o significado deste parêntesis, peço que prestem uma atenção toda especial ao que se segue.

Quando o feto concebido e nascido sob a influência favorável e generosa dos astros assume uma natureza diferente e absolutamente contrária ao que deveria ser, obedece indiscutivelmente a alguma razão. Pois bem; eu direi qual é. Essa razão vem (*defluxit)* do sangue de seus ascendentes, e isto está plenamente de acordo com tudo quanto sabemos sobre a geração.

Se a hora prescrita para a ação de cada um coincide com a dos planetas, isso se deve ao sangue e nada mais. O que não invalida a lógica de que as boas influências caminhem de acordo com os bons resultados, assim como as más influências com os maus resultados. Sem dúvida insistimos em dizer que entre as duas influências que acabamos de estudar — a astral e a geradora — somente uma possui a potência necessária para atuar como causa determinante. E essa é a segunda, quer dizer, a entidade do sêmen.

CAPITULO V
(Razão da diversidade das formas)

Faremos agora alguns comentários sobre a habilidade ou aptidão com que são distinguidos os corpos. Até hoje, segundo os estudos daqueles que foram seus professores, chegaram à conclusão 'de que todas as propriedades e virtudes nos vêm dos astros: fortuna e indústria, arte e erudição, força e riqueza..., por mais que umas e outras cheguem até nós de maneira desigual. Vamos destruir estes postulados dando a seguinte interpretação: a sorte provém do trabalho[1] e da qualidade do espírito. Isto quer dizer que cada homem se tornará hábil e afortunado para essa ou aquela coisa na medida do seu gênio e do seu espírito, com o que também poderá finalmente alcançar a riqueza *(fortunatus).*

Assim mesmo vocês dão numerosas razões para explicar as dessemelhanças das formas humanas, quando é notório que desde Adão e durante todos os séculos passados, entre tantas miríades de homens, nunca um rosto foi absolutamente semelhante a outro, exceção feita aos admiráveis e milagrosos parecidos que têm os gêmeos entre si. Bem sei que atribuem a origem dessas diferenças ao influxo dos movimentos dos astros, mas para nós isso não parece suficientemente claro.

Sabe-se melhor que a mesma entidade do sêmen foi criada por Deus de tal maneira que todas as infinitas formas, cores e espécies de homens foram geradas nela e que cada forma não voltará a se repetir até que todos os tipos tenham sido produzidos. Neste momento então os novos homens voltarão ao seu ponto de partida apresentando as mesmas caras que tiveram antes de morrer, há vários séculos atrás. Quando chegar o dia do juízo final todas as cores e variedades de homens já terão sido esgotadas e produzidas. E da mesma forma tudo já terá acontecido, de uma ou outra maneira, o que não permitirá que nasça um homem parecido com um outro nascido anteriormente. Nesse instante terá soado a última hora da primeira grande rotação do primeiro ciclo (*circuitus*) do mundo.

Este fato não deve nos levar a especulações inadequadas, pelas quais poderão pensar em dividir o mundo em partes ou em épocas, já que se todas as cores e variedades humanas foram manifestadas, é lógico que não possa haver lugar para novas formas. Nesse momento terá terminado o período da verdade *(vera oetas*) e começarão as novas semelhanças.

Notas

1. A tradução francesa emprega fortuna em vez de sorte, e indústria em vez de trabalho.

CAPÍTULO VI
(Sobre o princípio M)

Essas reflexões têm como objetivo fazer com que compreendam com maior clareza as nossas proposições e ensinamentos. Devem então admitir a entidade astral como aquela coisa indefinida e invisível que mantém e conserva nossa vida, assim como a de todas as coisas no universo dotadas de sentimento e que provém (*profluit*) dos astros.

Explicaremos isso com um exemplo: o fogo precisa de um combustível para arder, como a madeira, sem a qual ele não existiria. Considerem então que o fogo é a vida e que igualmente precisa de alguma madeira para existir. E lembrem-se disto, por mais grosseiro que seja o exemplo, porque acho que será suficiente e muito bom: o corpo é a madeira e a vida é o fogo. Por assim dizer, a vida "vive" do corpo.

Em compensação é preciso que o corpo tenha algo que impeça sua consumação pela vida e que o faça perdurar (*perduret*) em sua própria substância. Este "algo" de que estamos falando é o mesmo que emana dos astros ou do firmamento: justamente a entidade astral.

Dirão com muita verdade que se não existisse o ar todas as coisas cairiam tio chão e que morreriam por asfixia todas as que tivessem vida própria. Devo dizer sobre isto que ainda existe algo que sustenta o corpo e que o mesmo corpo alimenta, que se acabasse seria tão insuportável como a perda do ar.

Este "princípio" que faz viver o firmamento, que conserva e acalenta o ar e sem o qual se dissolveria a atmosfera e morreriam os astros, chamamos de M.[1]

Com efeito, nada existe de mais importante e mais digno para ser levado em consideração pelo médico. Por outro lado, este "princípio" não está no firmamento, nem emana dos corpos celestes, nem é projetado por eles até nós — pobres mortais! — sendo muito mais importante que tudo isso junto.

Seja como for, tenham como certo que este princípio conserva todas as criaturas do céu e da terra, vivendo nele e dele todos os elmentos; e aceitem tudo o que acabo de dizer como sendo uma opinião justa que podem incluir em tudo o que diz respeito ao primeiro ser da criação, e a tudo que explicamos sobre M nesta dissertação.

Notas

1. É muito difícil dizer a que se refere Paracelso com esta letra-símbolo. Os latinos opinam que representa o "mercúrio filosófico": um dos grandes medicamentos da trilogia paracelsiana. Os astrólogos acreditam que

representa o hieróglifo maternal, a chave da Cabala ou a inicial de “Maria", que foi o primeiro ser da criação. O tradutor francês concorda mais com está última opinião, considerando-a como expressão da água primordial, ou menstruação original do mundo. Nós acreditamos que, levando em conta o espírito geral da obra de Paracelso, este misterioso M é a inicial de “múmia”, ou seja, o grande princípio de conservação e perdurução do universo.

CAPÍTULO VII
(Sobre a bondade suprema do ar livre)

Depois de terem seguido com toda atenção o que dissemos sobre M, peço que considerem atentamente o seguinte exemplo: suponhamos um forno fechado e obstruído. Imediatamente, por uma viciosa combustão sentimos nele um cheiro desagradável. Mas, na realidade, o mal cheiro não nasce do forno e sim de nós mesmos. E todos que cheguem perto também sentirão o *vosso cheiro.* [1]

Da mesma forma compreendemos que podem, num recinto fechado, provocar doenças ou curas em todos os que estiverem presentes, porque se o ar não vem de vós, o cheiro pelo contrário sim. E mais ainda: quando falamos da entidade astral nos referimos precisamente ao ar.

Vocês acreditam que o ar nasce do movimento dos astros, o que é errado, pois acontece que confundem o ar com o vento e a atmosfera com o sopro, o que, por sua vez, a meteorologia explica perfeitamente.

O ar provém (*defluit*) do bem soberano e existiu anteriormente à todas as criaturas; só depois foi criado o resto. O mesmo firmamento vive do ar e se conserva no ar como os demais seres, mas não é um produto deste. Pode-se afirmar que se todos os firmamentos deixassem de existir o ar continuaria existindo, pois somente por falta de ar poderia perecei o mundo e o firmamento inteiro, incluindo o homem e todos os elementos.

Concluímos assim que a universalidade das coisas se sustenta no ar e pelo ar.

Isto é o que chamamos de princípio M. Princípio incorruptível e inalterável, refratário à toda espécie de veneno. Os venenos estão no homem e somente passam para o ar extrassubstancialmente, da mesma maneira como na comparação com o forno, que cheira mal porque queima mal o seu combustível. Definitivamente, o que M corrompe (*inquinat*) existe no corpo e sai precisamente dele.

Notas

1. Paracelso se expressa aqui um pouco confusamente. Mas a confusão desaparece se interpretarmos o que sai do forno como um gás e não um cheiro: o gás se transforma em cheiro quando é sentido pelo órgão olfativo da pessoa, razão pela qual pode-se afirmar que se não existisse o cheirador, o cheiro não existiria. Goethe, trezentos anos mais tarde interpretaria do mesmo jeito o fenômeno da visão das cores pelos olhos

humanos.

CAPÍTULO VIII
(De como a entidade astral serve de veículo para o contágio das doenças)

A entidade dos astros é compreendida da seguinte maneira: todos os astros, da mesma forma que os homens, possuem uma série de propriedades e de naturezas e contêm em si mesmos a possibilidade de se tornarem melhores, piores, mais doces, mais ácidos ou mais amargos. Quando estão em estado de equilíbrio não emanam nenhuma espécie de maldade ou prejuízo. Mas quando caem em depravação se transformam imediatamente, dando sequência às suas propriedades malignas.

Recordemos que a entidade astral envolve verdadeiramente (*ambire*) a ordem universal da mesma forma que a casca envolve o ovo. O ar penetra primeiro através da casca chegando logo até ao centro do mundo. Devem considerar então que certos astros são venenosos e que envenenam o ar pelo contágio, o que significa que os mesmos males aparecerão e se propagarão até o último lugar que tenha alcançado o ar livre venenoso, ou melhor, o malefício do astro. Sem dúvida, esse poder maléfico não alcança a totalidade do ar do mundo, mas somente uma parte, maior ou menor, segundo o poder de sua força. O mesmo acontece com as influências favoráveis.

Resumiremos então dizendo que a natureza da entidade astral (*ens astrale*) se compõe do cheiro, da respiração, ou vapor, e do suor das estrelas misturado com o ar. Daí origina-se o frio, o calor, a seca e as demais propriedades desse tipo. Deduz-se desta maneira que os astros não podem exercer nenhuma influência por si mesmos (*nihil inclinare*), se bem que sua emanação (*halitus*) possa contaminar o princípio M e em seguida, por seu intermédio, nos alcançar e afligir. Nossos corpos podem estar expostos ao bem e ao mal conforme o comportamento que nos ofereça a entidade astral. Quando o temperamento do homem, segundo seu sangue natural, seja oposto (*adversatur*) ao hábito astral, acontecerá a doença. Em caso contrário não sofrerá nenhum inconveniente. E também quando possuir um temperamento forte e nobre, cujo sangue generoso basta para protegê-lo e vencer todos os malefícios, ou ainda quando tenha sido tratado por alguma medicina que o capacite para resistir aos vapores venenosos dos seres superiores. Disto concluímos que todas as coisas da criação são contrárias ao homem e vice-versa.

CAPÍTULO IX
(Sobre a influência astral dos venenos)

Depois das observações que acabamos de fazer a respeito de M, vamos demonstrar, por meio de um exemplo, como as exalações dos planetas podem prejudicar o nosso corpo.

Temos aqui um lago cheio de peixes por causa do influxo benéfico (*probum*) do seu M: se por causa de um frio excessivo e persistente este lago gelar, todos os peixes morrerão. E isto porque M, devido à natureza da água, terá também se esfriado em demasia. O frio neste caso não provém de M, mas da natureza do astro que age assim. Se, pelo contrário, as águas se esquentarem excessivamente pelo calor do Sol, os peixes podem morrer da mesma maneira, ainda que neste caso por um mecanismo oposto.

Estes dois fatos emanam simplesmente das propriedades de certos astros. Por sua vez, outros também podem amargar, tornar doce, azedo, arsenificar e impregnar o princípio M com uma infinidade de qualidades e gostos, significando que toda alteração importante pode produzir transtornos no corpo.

Julga-se, depois desta explicação, que se o astro pode chegar a corromper o princípio M, com maior força seremos presas das enfermidades e mesmo da morte se ele estiver na natureza do influxo astral. Conforme acabamos de expor, nenhum médico se assustará ao encontrar escondidos nos astros muito mais venenos que aqueles conhecidos na terra.

Todo médico deve saber que nenhuma enfermidade se manifestará em nenhuma parte sem a presença evidente de algum veneno, sendo ele o principio e a origem de todas as enfermidades sem exceção, sejam elas internas ou externas.

Mais de cem doenças específicas são provocadas pelo arsênico ainda que todas elas provenham do único arsênico do universo. Da mesma maneira devemos considerar as que são originadas pelo sal, pelo mercúrio, pelo enxofre e pelo realgar. [1]

Indicamos todas essas coisas para que saibam e compreendam que não é possível alcançar habilidade sobre as enfermidades sem um perfeito conhecimento das origens, ou a origem, já que somente uma pode ser a causa do mal. Quando perceberem bem isto, será fácil conhecer todas as causas. Neste ponto, a observação diária e a prática serão de grande utilidade.

Notas

1. Miguel Toxites, era *Onomasticon Paracelsi*, disse: "*Realgar est jumus mineralium, quidquid arsenicale esl, aut operimenti natural habet*". Em geral este termo expressa o fumo dos minerais e não à natureza corruptora do corpo humano que produz as úlceras e as chagas. Conforme o elemento em questão, se dirá realgar da terra, da água, ou do fogo. Gerardo Dorn, em seu *Dicionarium Paracelsi* define as espécies de realgar: "o realgar da água é a espuma (*spuma*) que fica em sua superfície. O da terra é o arsénico, e o do

fogo a conjunção de Saturno; e ainda o realgar do ar que se chama maná". A ciência moderna conservou o nome de realgar para designar o sulfureto vermelho de arsénico, ou arsénico sulfúrico(AsS).

CAPÍTULO X
(Sobre a contaminação da água pelo arsênico dos astros)

Para que alcancem o conhecimento mais profundo sobre essas coisas, é conveniente dizer que não acreditamos que o verão ou o inverno em si sejam prejudiciais aos corpos. O prejuízo ou os danos provém dos planetas ou estrelas, cujas emanações produzidas e acumuladas diariamente, chegam a penetrar no princípio M, temperando-o segundo suas respectivas naturezas. Através das emanações o princípio M se impregna de sal, de arsênico, de mercúrio ou de enxofre, e com ele nossos organismos se tornam enfermos ou sadios, salvo nos casos em que as emanações ou o poder de penetração astral se perdem, como acontece algumas vezes quando os astros se encontram à longa distância. A seguinte observação confirma o que acabamos de afirmar: quando a exaltação das estrelas alcança o centro da terra ou da água, a terra ou a água ficam contaminadas pela potência do arsênico. Quando a água se contamina desta forma, os peixes que nela vivem migram para outras águas, ou se salvam nadando da profundidade para a superfície em busca de água doce ou zonas não contaminadas. Essa é a razão que os faz aparecer às vezes em grandes quantidades nas imediações das praias. Quando em qualquer lugar se reúne uma quantidade de peixes como nunca foi visto em muitos anos, seguramente acontecerá uma epidemia, pois o arsênico que provocou o envenenamento dos peixes acabará por contaminar também os homens, que demorarão mais tempo para adoecerem devido à sua constituição mais forte. O mesmo podemos dizer a respeito das outras espécies de venenos emanadas dos astros, que depois de alterarem o princípio M, não só debilitam os homens e os peixes, mas também envenenam os frutos do campo e todos os seres vivos da terra.

CAPÍTULO XI
(Afinidade dos venenos com suas entidades correspondentes)

Adaptando ao corpo humano o exemplo que acabamos de dar, vemos que é possível comparar o tronco a um lago, e os membros a outros tantos peixes. Quando a vida que existe em todo o nosso ser se corrompe pela-influência do veneno emanado dos astros, a maior debilidade aparece nas pernas, por ser precisamente ali onde se acumula a maior quantidade de veneno. Todas as outras entidades astrais possuem por sua vez o seu próprio veneno. Assim, umas

visitam somente o sangue, como o realgar'; outras, os ossos e as articulações como as derivadas do sal; outras somente a cabeça, como o mercúrio, que geram tumores e hidropisias, como as auripigmentadas, e outras ainda que geram a febre, como os amargos. [1]

Para que assimilem melhor tudo o que foi dito, vamos simplificar as coisas com toda prodigalidade, inclusive no que se refere à própria entidade astral. Desta maneira podem ver como algumas dessas coisas penetram profundamente em nosso corpo, afetando até mesmo o *licor* vital, e produzindo as enfermidades clínicas, enquanto outras que provocam as feridas põem em atividade as potências expulsivas (supuração). Toda a teoria encontra-se universalmente nestas duas coisas.

Fora isso, saber a que estrela corresponde cada veneno, é coisa mais própria da astronomia do que da medicina. De qualquer modo não se esqueçam de que os venenos que geram a hidropisia, por exemplo, são quíntuplos, reunidos num só gênero, mas diferenciando-se em cinco naturezas distintas. Uma delas provém dos astros, as outras quatro das entidades, todas, no entanto, provocando uma só hidropisia. Isso se repete da mesma maneira para os cinco enxofres e para todas as outras coisas dentro desta mesma ordem.

Conhecer a entidade à qual corresponde uma hidropisia determinada, ou saber quais são os melhores remédios que podemos usar na sua cura é um assunto a ser tratado no livro da terapêutica geral das enfermidades.

Neste ponto vamos terminar o estudo da entidade astral acrescentando o seguinte: pretender curar as doenças astrais enquanto a estrela específica da doença permanecer dominante no céu é uma tarefa vã, um trabalho inútil e um tempo perdido, pois o poder astral é sempre superior ao poder do médico.

Com isso podem deduzir como ensinamento e prudência elementar, como convém a um médico de consciência, que observem detidamente o tempo do tratamento e da cura. Pois, por maior que seja o esforço do médico, ele não conseguirá nada nem antes nem depois do tempo verdadeiramente propício para tal fim.

Notas

1. Paracelso chamava de realgar (vide nota anterior) a espuma que aparecia na infecção da pele sob a forma de bolhas, eczemas, chagas, úlceras, erupções e urticárias. Sua atribuição relativa às doenças do sangue é perfeitamente lógica. Atribuir o mercúrio à cabeça também é compreensível, não só pelas cefaleias e eslomatites que causa, mas pelos espetaculares resultados que consegue na cura das úlceras gomosas sifilíticas do rosto e do nariz, tão comuns naquele tempo. O sal corresponderia aos ossos pela natural conjunção telúrica ou afini¬dade geológica. A icterícia — que sem dúvida era a doença “auripigmentada" — encaixa perfeitamente no quadro da cirrose (ascitis, hepatomegalia e icterícia, correspondendo a

hidropisia, tumefação e pela amarelada, ou “auripigmentada".) Atribuir a febre aos amargos é simplesmente inverter os termos de causa com sintoma, pois é comum na febre o mau gosto da boca, a língua suja e o gosto amargo, que mais impressionou o espírito dedutivo de Paracelso.

SEGUNDO LIVRO PAGÃO
(Pagoyum)
SOBRE AS ENTIDADES MÓRBIDAS

(Tratado da Entidade do Veneno)
(De Ente Veneni)

CAPITULO I
(Como e quando os alimentos devem ser considerados venenosos)

Terminada a dissertação sobre a entidade astral vamos tratar agora, seguindo uma ordem lógica, da entidade do veneno *(ens veneni)*, que é a segunda causa dos distúrbios aflitivos do nosso corpo.

Recordaremos primeiramente que o organismo pode ser afligido por cinco entidades (*violari*), às quais fica submetido em todas as doenças *(ut patiantur).*

Neste discurso vamos nos ocupar da entidade do veneno. Sabe-se que todos os corpos precisam viver e para isso usam determinados veículos que os nutrem e os conservam, sendo impossível a vida onde tais recursos não existam. Da mesma forma convém recordar que quem formou nossos corpos criou também os alimentos, embora sua obra não tenha sido tão perfeita neste ponto.

Uma coisa é certa: o nosso corpo foi criado isento de venenos, que por sua vez se encontram exatamente nos alimentos que ingerimos. Isto significa que o corpo foi criado perfeito. As imperfeições, ou melhor, os venenos, estão nos frutos e nos outros animais que nos servem de alimento, ainda que eles também sejam perfeitos em si mesmos, como acontece com todas as obras perfeitas do Criador.

Deste modo, só quando uma coisa é tomada do exterior como alimento adquire a propriedade de veneno, que antes era em si e para si mesmo uma coisa natural.

CAPÍTULO II
(De onde vem a perfeição das criaturas da natureza)

Vamos nos deter ainda um pouco nessas considerações: quero dizer que não existe nada que não seja perfeito dentro de cada ser, pela própria razão pela qual foi criado. Somente se torna mau quando é usado para finalidades diferentes desta sua razão de ser. Por exemplo: o boi quando se alimenta de ervas daninhas

recebe ao mesmo tempo saúde e veneno, enquanto que a seiva e os sucos da erva não são venenos para ela mesma. Isso também acontece com o homem tudo que come ou bebe. Compreendam essas duas situações ou circunstâncias: uma, a natureza intrínseca do homem; outra, a absorção do que vem do exterior.

Em outras palavras, para tornar mais claro, diremos que o homem é a "grande natureza" *(magna natura*) e que o resto é venenoso acrescentado, misturado ou injetado na natureza.

O fundamento da nossa segunda entidade, ou entidade do veneno, está baseado no fato da perfeição de todas as coisas da natureza enquanto manifestações da obra de Deus. E em sua imperfeição enquanto saem para se misturar com as outras coisas.

Deus também não criou nenhum alquimista entre os homens ou as demais criaturas de um modo absoluto. Mas podemos afirmar o contrário se nos referirmos ao conhecimento, ainda que imperfeito, que tenhamos para discernir o veneno de aparência inofensiva e saudável, do maléfico, para que possamos saber o que comer com segurança.

Prestem bem atenção a tudo que vamos dizer sobre este alquimista.

CAPÍTULO III
(Sobre a sabedoria divina dos médicos alquimistas)

Tendo como certo que, por mais perfeita que seja, a coisa pode se tornar venenosa ou continuar com seu caráter saudável e benéfico sob a influência das demais do seu meio ambiente, temos que convir que Deus criou e permitiu a existência de um alquimista tão hábil que pode discernir perfeitamente o veneno *contido nas coisas estranhas* [1] do alimento adequado para o corpo humano.

Um exemplo tornará mais fácil a compreensão do assunto: imaginem um príncipe ou senhor que tenha uma natureza perfeita, como fica bem em tais personagens. Ele não pode ser realmente um príncipe se não tiver uma corte de servidores e vassalos que lhe rendam homenagens, pois apesar de tal coisa ser um veneno e um prejuízo, torna-se ao mesmo tempo uma necessidade.

Conforme lhes disse sobre o alquimista da natureza, podem ter certeza que Deus mesmo lhe deu a ciência que precisava, exatamente como se fosse um príncipe. E da mesma maneira que ele saberá separar o veneno que exista entre os seus servidores, tomando deles apenas o bem que possa lhe proporcionar. Se este exemplo não satisfaz, podem encontrar a base deste ensinamento na doutrina do "sapiente", onde ela está perfeitamente explicada.

Eis aqui o seu conteúdo: o homem tem necessidade de comer e de beber

porque seu corpo, que é a morada de sua vida *(hospitium jus vitae)*, precisa indiscutivelmente de bebidas e de comidas. Isto significa que o homem é obrigado a absorver veneno, doenças e a própria morte.

É claro que de acordo com isto poderíamos pensar que o Criador deu a vida e o sustento para nos tornar seus escravos. Mas a verdade é que as criaturas conservam sempre seu livre arbítrio e que Deus deixou cada uma delas livre e entregue à sua própria capacidade de perfeição. Se certas coisas se tornam veneno para outras, não devemos culpar o Criador por causa disto.

Notas

1. O tradutor francês disse: contido "*duns son etui*" (em seu estojo); o latim emprega "*vidulum*"; e o alemão, "*in seirt Saci*". A nossa tradução está bem de acordo com o pensamento expresso.

CAPÍTULO IV
(Onde se descobre que um alimento e um veneno podem ser a mesma coisa)

Veremos agora como seguir melhor a obra do Senhor.

Se todas as coisas são perfeitas em si mesmas e estão compostas por ordem do Criador de tal maneira que uma realize a conservação da outra, como por exemplo a erva alimenta a vaca, que por sua vez alimenta o homem...; se por isso a perfeição de uma coisa pode ser um bem ou um mal para outra coisa que a consome, fazendo-se imperfeita, é preciso reconhecer que o Criador permitiu que fosse assim para que desta maneira o criado se torne mais rico e em maior quantidade que a criação mesma.

Essa é a razão pela qual criou as coisas, de tal maneira que, em tudo o que seja necessário, a outra coisa tenha em si (*lateat*) uma virtude, arte ou eficácia capaz de separar o veneno do que não é, e que o equilíbrio entre a saúde do corpo e a necessidade de alimentos se mantenha mutuamente.

Exemplo: o pavão devora as serpentes, os lagartos e as aranhas, que apesar de serem animais sadios, perfeitos e saudáveis para eles mesmos, não o são para os outros animais, com exceção do pavão. A razão deste fenômeno se baseia no fato de que o alquimista do pavão é mais particular e sutil do que o de qualquer outro animal, já que pode separar o que é veneno do que não é, e conseguir que esse alimento seja perfeitamente bom para ele.

Sobre isto devo dizer que cada animal tem um alimento especial preestabelecido, e um alquimista próprio que o prepara. O alquimista do avestruz, por exemplo, tem o poder de separar o ferro, ou melhor, o excremento do alimento: uma habilidade que lhe é exclusiva e peculiar. O da salamandra permite que ela possa alimentar-se do próprio corpo do fogo. O do porco fez com que o excremento lhe sirva de comida em vez de veneno, razão pela qual o alquimista da natureza tirou este animal do corpo do homem, mostrando assim que o alquimista do porco é muito mais sutil que o alquimista do homem.

Esta é a razão pela qual o excremento do porco não serve de alimento para nenhum outro animal. Isto significa que nenhum alquimista é capaz de fazer o que faz o alquimista do porco, cuja habilidade em separar e selecionar os alimentos é muito superior a tudo o que se possa imaginar. E assim muitos outros casos que deixaremos de citar por falta de tempo.

CAPÍTULO V
(Plano de estudo para a entidade dos venenos)

Além do que já disse a respeito do alquimista, devo informar ainda que ele foi criado por Deus para que separasse tudo o que é bom do que é mal em nossos alimentos. Contudo, isso não deve fazer com que esqueçamos que as coisas capazes de causar mal ao homem, e às quais está submetido, são cinco.

Já tratamos da entidade astral, cuja influência direta sobre nós é nula, conforme vimos. Com a entidade dos venenos a questão muda fundamentalmente e o homem mostrará ser prudente aprendendo a temê-la e a se defender contra ela. Porque se estiver desprovido de defesa ou proteção ficará sempre em permanente estado de contaminação.

A primeira coisa que devemos determinar é a razão pela qual o veneno nos é prejudicial. Continuando, levaremos em conta a existência do alquimista que Deus colocou em nós para separar o bom do ruim em nossos alimentos, evitando assim qualquer prejuízo. Detendo-nos nesta pesquisa será conveniente que falemos nele com toda a atenção, que averiguemos sua razão de ser e seu modo de existir. E finalmente, que investiguemos por que todas as doenças humanas provêm igualmente da entidade do veneno % das outras entidades. Para maior clareza também suprimiremos desta dissertação tudo aquilo que possa procurar a saúde, o benefício ou a comodidade.

CAPÍTULO VI
(Alegação contra os que se especializam precocemente)

Quando os astrônomos se referem às doenças e afirmam a existência de um corpo feliz (*fortunatum*) e saudável em nosso organismo, divagam e fantasiam muito. Isto não é possível pela simples razão de que as outras quatro entidades têm a propriedade de poder afligir nosso corpo, o que ao contrário os astros não possuem. Por isso os livros desses autores nos fazem rir quando prometem a saúde com tanta liberalidade, sem levar em conta as outras quatro entidades, que têm tanto poder quanto a entidade astral. Por isso rejeitamos firmemente esta doutrina.

Podemos nos divertir um pouco às custas desses médicos: como se compreenderia o gato se não fossem os ratos, ou um príncipe sem bufões? Em verdade lhes digo que muito menos o fisiomântico conseguirá merecer nossa seriedade com as suas historias. Pois é notório que quando ele promete a saúde não está pensando nas outras quatro entidades, fazendo seus augúrios apenas

baseado na entidade natural, enquanto guarda um zeloso silêncio sobre as outras.

Pelo contrário, cabe ao homem verdadeiramente instruído prever e predizer as coisas que dependem do curso dos acontecimentos *(ex cursu)*, pois na verdade existem cinco espécies de movimentos ou cursos contra uma só espécie de homens. Por isso aquele que omite um movimento e segue seu caminho pelos outros é um falso profeta.

Dividir e falar de acordo com esta divisão, especializando-se segundo o que cada um tenha aprendido, é perfeitamente lícito para esses médicos incompletos e imperfeitos. O entista[1] quiromântico baseia seus princípios e suas teses no estudo do espírito. O fisiomântico o faz segundo a natureza do homem. O teólogo o considera segundo o impulso de Deus *(ex cursu Dei*) e o astrônomo pelas emanações dos astros. Eu digo que, considerando isoladamente, todos eles são uns farsantes e que somente são justos e verdadeiros quando reunidos num só.

Quisemos com tudo isso alertá-los para essa cômica ignorância que pretende conhecer as cinco entidades através de uma só.

Notas

1. Entistas: os entendidos em uma entidade só. Seriam os especialistas de hoje.

CAPITULO VII
(Sobre a natureza e função do alquimista)

Deus, ao formar as substâncias de cada criatura, dotou-as de tudo quanto fosse necessário *(et quae ad hauc requiruntur*), não para que fosse usado sem discernimento, mas para atender devidamente às suas necessidades: todas essas coisas estão unidas ao veneno e ao conhecimento do que acabamos de expressar. E serão de grande utilidade no estudo do alquimista, que no interior de cada criatura, dotado de suas artes químicas, separa os venenos das substâncias não venenosas que formam a sua matéria.

O alquimista se ocupa em separar o mau do bom, colorindo-os para serem melhor identificados. Assim ele tinge o corpo dotado de vida, ordenando, dispondo e submetendo tudo à natureza, inclusive o que tinge e transforma em sangue e em carne.

O alquimista mora no ventrículo [1], onde atua discretamente *(in instrumento suo)* e faz os seus cozimentos (onde cozinha).

Quando *o homem* come carne, ingere nela mesma uma parte nutritiva e saudável, e outra venenosa. A confusão e o perigo está no momento de comê-la, quando todas duas parecem boas e puras. Sem dúvida, enquanto por baixo da parte boa se esconde o veneno, por baixo da má nunca existe nada de bom. Por isso, antes que a carne passe para o ventre, o alquimista avança sobre ela e faz a separação. O que não serve para a saúde do corpo ele deposita em lugares especiais esperando o momento de devolvê-lo ao exterior. Enquanto isso a parte boa fica guardada justamente onde convém, de acordo como foi ordenado por Deus.

Assim o corpo evita a morte que poderia acontecer com a absorção do veneno. E isso tudo é feito pelo alquimista sem a intervenção da pessoa. Depois desta explicação podemos dizer que a virtude e o poder do alquimista se encontram dentro do homem.

Notas

1. O ventrículo refere-se genericamente ao epigastro, e ao estômago numa forma mais precisa, segundo a opinião de Paracelso e dos anatômicos da época: Fernel, Teófilo e Rufa de Éfeso.
Paracelso sustenta a teoria de que existem vários ventrículos. O primeiro é a boca, onde se produz a primeira digestão; outro ventrículo está no esôfago; depois vem o grande ventrículo ou estômago propriamente dito, e finalmente um especial para cada órgão, com sua digestão particular. Essa teoria, que nenhum terapeuta conservou, existiu na mais remota antiguidade. A prova disto está no fenômeno linguístico onde a palavra estômago aparece com uma única etimologia.
A palavra estômago vem de “sto”, “stat”: lugar ou região, ou, mais desenvolvido ainda, “stare” e “stehen", grego e alemão respectivamente. Seguindo a comparação, vemos o grego “mag” e o alemão “machen” e “macht", e o inglês “make”, todos eles expressando o poder, a ação, a elaboração etc., e inclusive mais distante, o hebreu “mage”, que designa o sábio e as mesmas ideias de ação, mando, construção e potência.
Os alemães quebraram o termo estômago, empregando somente a partícula final: “ein Magen”. Os gregos, ao conservar e usar a palavra “stoma" para a boca (veja *estomatite*, termo médico atual de etimologia grega que significa inflamação das gengivas), mostram claramente a semelhança da função dos dois órgãos. O primeiro preparando a digestão a ser completada pelo segundo. Esta também é a teoria de Paracelso, exposta no primeiro livro do tratado do tártaro.

CAPÍTULO VII
(Mecanismo da produção das doenças devidas aos venenos)

Compreendam agora que cada coisa que o homem toma para seu sustento contém constantemente escondido o veneno por baixo da substância boa. A substância é então o alimento que dá a vida, enquanto o veneno a destrói e arrasa por meio das doenças, sendo que ambos os princípios se encontram universalmente em todos os alimentos e em todos os animais, sem nenhuma exceção.

E agora, médicos, escutem-me com atenção:

O corpo se mantém dos alimentos e depende inteiramente deles. Mas deles também recebe o bom e o mau, cujo trabalho de separação está a cargo do alquimista. Quando este é muito fraco (*infirmus*) e não consegue efetuar a sua sutil atividade de separar o veneno das substâncias boas, a putrefação se produz em todo ele seguida de uma digestão especial, cujos sinais exteriores são precisamente aqueles que nos servirão para indicar e individualizar as doenças dos homens. As doenças geradas pela entidade dos venenos são o resultado de uma digestão alterada pela putrefação, cujas combustões são tão moderadas que o alquimista não chega a percebê-las. E neste ponto, ao se interromper a digestão normal com todos esses excessos, o alquimista fica inutilizado para prosseguir o seu trabalho (*in suo instrumento).*

A putrefação ou corrupção é necessária, constituindo-se assim, uma vez surgida, em mãe de todas as enfermidades. Portanto é conveniente que os médicos me escutem e retenham bem essas coisas no espírito, livrando-o de vãs considerações.

A corrupção suja o corpo. Mais adiante compreenderão melhor, com exemplos vivos, o que é esta corrupção e o que ela pode se tornar.

Para terminar direi que assim como as ondas (de água?) são claras, translúcidas e aptas para serem coloridas com qual quer cor, também o corpo humano pode adquirir todas as cores, ou melhor, todas as corrupções. E que todas as cores vêm de algum veneno determinado, facilitando assim a sua identificação.

CAPÍTULO IX
(Sobre os métodos pelos quais a putrefação pode se manifestar)

Para um entendimento melhor direi que a corrupção acontece sempre por duas vias: a local e a dos emunctórios *(localiter et emuctorialiter).* A corrupção local é a que se produz no estômago por causa de uma digestão perturbada, capaz de vencer e descontrolar o alquimista durante seu trabalho de separação das matérias sadias e venenosas, fazendo com que estas últimas fiquem livres para causar a putrefação. Então ela corrompe tudo o que é bom, substituindo-o pelo veneno, que neste caso é ainda mais perigoso por conservar as aparências de inócuo ou salutar.

No entanto, quando o alquimista chega a dominar a putrefação, toda espécie de veneno é repelida e expulsa até ao emuctório natural correspondente: desta maneira o enxofre branco é expelido pelas narinas, o arsênico pelos ouvidos, o excremento pelo intestino seco, e assim sucessivamente. Quando nesta situação a eliminação é retardada ou retida pela debilidade natural dos emunctórios, ou pela potência putrescente do veneno, podem se desenvolver todas as doenças que dependem do mesmo. Isto significa à primeira vista uma certa aberração da natureza e se constitui no segundo mecanismo da corrupção: o da corrupção dos emunctórios.

Assim conclui-se que duas causas se manifestam universalmente em todas as doenças. Depois nos ocuparemos mais detidamente deste assunto.

CAPÍTULO X
(Sobre as condições da saúde)

Tendo exposto nos capítulos anteriores tudo o que diz respeito à alquimia natural, à sua existência em todo animal e à sua capacidade química discriminadora desenvolvida no ventrículo, vamos agora tratar da boa doutrina cuja aplicação permite procurar e reconhecer todas as outras doenças.

Para que o homem se conserve sadio necessita primeiramente de um

alquimista hábil que possa fazer com perfeição a sua obra separadora dos princípios bons e maus. Além disso essa obra deve ser realizada em instrumentos, reservatórios e emunctórios cômodos e eficientes, contando também com o favor dos astros e com a benevolência das outras quatro entidades.

Ainda que todas as circunstâncias citadas sejam favoráveis, podem acontecer diversos acidentes que firam, manchem, apodreçam ou obstruam os instrumentos (órgãos), emunctórios e os citados reservatórios.

O fogo, a água e o ar, são, por exemplo, tão necessários em suas diversas combinações como prejudiciais em estado de pureza. O mesmo acontece com todos os acidentes externos de grande potência que possam romper ou alterar os instrumentos e emunctórios, tornando-os inaptos para as funções que estão destinados. A presença desses elementos pode colocar fora de uso os delicados meios do alquimista provocando a sua doença ou a sua morte.

CAPÍTULO XI
(Sobre a essência do grande veneno da digestão)

A boca também pode ser a porta de entrada para a corrupção por meio do ar, dos alimentos, das bebidas ou de outras coisas semelhantes. O mecanismo pelo qual isto acontece é simples, ainda mais que no ar se encontram normalmente grandes quantidades de venenos aos quais estamos permanentemente expostos. Quanto aos alimentos e bebidas, é conveniente afirmar que não só sua qualidade pode ser daninha, como também a sua quantidade, que pode igualmente discordar com a capacidade dos órgãos do corpo, causando lesões, e por conseguinte perturbando o alquimista e suas funções. O resultado de tudo isto é a corrupção e a putrefação da digestão.

Quando a corrupção ocupa o corpo do homem, o ventrículo e todos os outros órgãos aparecem revestidos (*induit*) de veneno, que adquire neste momento a qualidade de “mãe” das doenças deste corpo, pois devem saber que existe somente um veneno, e não vários, que tem a categoria de “mãe” das doenças.

Quando comemos carne, por exemplo, ou mesmo legumes, massas, temperos (*aromata*) etc... e aparece a corrupção do ventre, saibam que a causa desta corrupção não está em cada um desses alimentos, mas em todos, pois eles correspondem a um só veneno. Ou melhor: basta que um só alimento esteja alterado para que sua corrupção contamine igualmente todos os outros que antes eram saudáveis. Saber o que é, e qual é este veneno único trata-se de um dos maiores mistérios (arcanos). Por isso, se conhecessem verdadeiramente este

veneno, origem das doenças, seria lamentável continuar chamando-os de médicos, porque então não haveria uma profissão mais simples.

E ainda que conhecessem o remédio correspondente a cada caso seria mais provável que cometessem numerosos erros. Sejam então esses conceitos o fundamento da essência de todas as seiscentas enfermidades.

CAPÍTULO XII
(Resumo da doutrina fisiopatológica da digestão)

Vamos fazer agora um breve ensinamento sobre os venenos para que saibam o que se deve entender por veneno e em que consiste a sua própria natureza.

Já dissemos que em todos os alimentos existe um veneno. E também que dos alimentos extraímos uma certa “entidade de potência” superior aos nossos próprios corpos. Da mesma maneira já explicamos a natureza do alquimista que existe em cada um de nós e por meio do qual são separados os venenos dos alimentos em benefício do corpo. O que depois de feito transforma a essência nutritiva em forma de tintura e cor enquanto expulsa o veneno pelos emunctórios naturais. Todas as coisas assim administradas sob o poder desta “entidade de potência” transformam logo o homem em são e forte.

Sem dúvida, quando esta entidade se torna fraca ou é destruída por algum acidente, a “mãe das enfermidades” se desenvolve, tomando-se apta para todas as espécies de venenos.

Já sabemos quantos emunctórios existem e quais são eles, estudem-nos agora que chegarão assim ao conhecimento dos venenos: tudo o que sai substancialmente pelos poros da pele vem do mercúrio. Pelas narinas é destilado o enxofre branco. As orelhas, por sua vez, expelem o arsênico, os olhos o enxofre, a bexiga a urina, o sal, e o ânus expulsa o enxofre em estado de decomposição.

Agora vamos nos adiantar em outros conhecimentos, por mais curiosos que estejam sobre este assunto. No livro *De humana constructione* darei os fundamentos da filosofia que o médico precisa conhecer. Ali encontrarão amplamente expostos os remédios exigidos pelas numerosas causas de onde vem a putrefação, as formas e as maneiras pelas quais o veneno se oculta nos alimentos.

CAPÍTULO XIII
(Conclusão sobre a entidade dos venenos)

Vamos dar um exemplo para demonstrar em poucas palavras como se encontra o

veneno nos alimentos, e de que maneira se transforma em veneno a natureza das coisas originalmente puras e perfeitas que existem nos homens e nos animais.

O boi, com a sua aparência (*ornatus*), basta-se perfeitamente a si mesmo: a pele o defende contra todos os acidentes e seus emunctórios servem perfeitamente para o trabalho do seu alquimista. Este animal foi criado com a forma que lhe é peculiar de acordo com a sua atividade e as suas necessidades, que em suma é a de servir de sustento para o homem. E se transforma em parte num veneno para o homem, porque se tivesse sido criado pelo homem, somente para o seu proveito, não precisaria ter chifres, cascos e ossos, já que nenhuma dessas coisas servem para nada. Então nós vemos que o boi é um animal muito bem criado, pois nada lhe falta e nem é supérfluo nele.

Quando o homem o emprega como alimento, absorve tudo o que lhe convém e o que não lhe convém, apesar de que nada disso seja contrário ou venenoso para o próprio boi. E conforme temos repetido diversas vezes, chega o momento em que a presença do alquimista se faz necessária a fim de separar o veneno e expulsá-lo através dos emunctórios.

Com este exemplo podemos compreender que somente aquele que é alquimista entre os homens pode executar o que o alquimista da natureza realiza em nossos corpos.

Pensem nisto e se esforcem para trabalhar como o alquimista da natureza. Não levar em consideração o muco produzido pelas narinas, como se tem feito até agora, é um grande erro, pois na verdade trata-se de um dos venenos mais malignos, do qual nacem todas as doenças catarrais *(morbi destillationum*), conforme se vê perfeitamente nos quadros clínicos destas doenças.

Com o que foi dito consideramos ter explicado suficientemente tudo o que se refere à entidade do veneno. Uma vez mais, todos devem saber que o veneno provém somente da perturbação digestiva, deixando em nós essa parte nociva que constantemente ingerimos mas que normalmente eliminamos. E que todo o veneno é gerado sempre no mesmo lugar, de onde, passado algum tempo, aparecem as doenças ou a própria morte.

Finalmente, se neste estudo sobre a segunda entidade não ensinamos como os venenos dos alimentos produzem as doenças, foi em benefício da clareza de nossa exposição. Mais adiante encontrarão de novo este parêntesis no livro das origens das enfermidades.

Então conhecerão num só estudo as doenças do arsênico, do sal, do enxofre, e do mercúrio, conforme a distribuição de cada forma e espécie.

Concluímos assim o estudo desta entidade que servirá como base para o conhecimento dos outros livros.

TERCEIRO LIVRO PAGÃO
(Pagoyum)
SOBRE AS ENTIDADES MÓRBIDAS

TRATADO DA ENTIDADE NATURAL
Tratado da Entidade Natural
(De Ente Naturali)

CAPÍTULO I
(Conceito da natureza do homem)

Como não tenho a menor dúvida de que a ideia tida por vocês sobre a entidade natural, segundo o juízo contido nos seus livros é muito diferente da minha, vamos apresentá-la em sua categoria corespondente, muito superior àquela em que vocês creem. Na realidade trata-se da terceira das entidades criadoras de todas as doenças que se manifestam em qualquer situação toda vez que a entidade natural passa por uma mutação, conforme ensinaremos nos capítulos seguintes.

Na definição que vamos dar, não usaremos os termos da língua materna como foi dito por Heinrichmann[1], apesar do que seria bom recordar que nada disso é muito novo e que, não obstante sua simplicidade, grande parte desses conhecimentos estiveram presentes nos velhos autores, injustamente esquecidos hoje em dia.

Eis aqui o que é entidade natural.

Sabemos através da ciência astronômica as influências das estrelas e dos planetas do firmamento e de todos os astros, ou melhor, do gênio do céu que já foi objeto do mais detalhado estudo e que vai nos servir perfeitamente de introdução ao tema. Porque da mesma forma como os elementos celestes, o homem também tem uma constelação e um firmamento.

Essa doutrina pela qual chamam o homem de “microcosmo”, tem de exato o nome mas não a interpretação, que é demasiado carregada de confusão e obscuridade. Assim então será necessário que expliquemos claramente o que é microcosmo.

Assim como o céu existe de acordo com suas qualidades, por ele e para ele mesmo, assim também o homem aparece em seu interior constelado de astros. E da mesma forma que o firmamento está no céu em seu próprio poder *(pro se)*, livre de toda dependência, o firmamento do homem está nele também

livre de toda obediência, poderoso e independente das influências de todas as criaturas.

Daí concluímos que em verdade existem duas classes de seres: uma, o céu e a terra (macrocosmo) e outra, o homem (microcosmo)

Notas

1. Deve ser referência a algum mestre célebre esquecido pelos comentaristas, já que seu nome não parece nem no *Allgemeine Deutsche Biographie*.

CAPÍTULO II
(Esquema do homem natural)

Ao continuar esta exposição queremos manifestar que não ignoramos seus conhecimentos sobre os movimentos do firmamento, estudados em seus menores detalhes, assim como aqueles que sabem sobre a terra, os seres que a povoam, os "elementos" e as "substâncias".

A única coisa que nos estranha é que não reconheçam este mesmo universo no homem, ao considerar os admiráveis movimentos dos corpos, dos planetas e das estrelas com suas exaltações, conjunções e oposições, e tudo aquilo que ensina a profunda e confusa doutrina astronômica. E tudo o mais sobre a astronomia que ninguém pode ignorar para alcançar uma verdadeira sabedoria médica.

Além disso será bom que não se esqueçam de que a terra produz seus frutos justamente para que o homem viva, use e se alimente deles. Suponho que estão de acordo com isso, tanto no que se refere à natureza do homem como no que se refere ao seu próprio corpo do qual saem *(emergunt)* todos os alimentos que precisa. Em outras palavras, direi que os órgãos são os alimentos do corpo, cujo desenvolvimento segue as mesmas leis que regem também o crescimento dos frutos da terra. Assim como os frutos da terra destinados ao corpo, os alimentos que o corpo produz também chegam aos membros, que por sua vez são produtos do homem. Dissemos isso para que compreendam que os membros do corpo não precisam de nenhum alimento estranho e que é o próprio corpo quem os transforma pela sua própria elaboração. Observem que o corpo se nutre exclusivamente através desses quatro membros e que todo o resto são planetas que não precisam se alimentar, da mesma maneira que o resto do firmamento. O corpo do homem é, desta forma, duplo: planetário e terrestre. O homem se compõe dessas duas criaturas: o conjunto das coisas nutritivas e o conjunto das coisas que precisam de alimento.

Notas

1. Estes parágrafos meio estranhos têm sem dúvida uma explicação: querem dizer que os alimentos elaborados na terra sofrem uma nova elaboração dentro do microcosmo (homem), transformando-se num alimento muito puro, o quimo ou linfa concentrada, que é o único alimento especial dos órgãos. Assim o estômago realiza uma operação parecida com aquela que a terra faz com as sementes.

CAPÍTULO III
(Sobre o elemento proliferador)

Há alguma coisa em nosso organismo que não precisa dos alimentos exteriores e que chamamos de firmamento do corpo. O céu vive em seu firmamento sem necessitar de alimento algum, assim como o firmamento corporal se nutre por si mesmo *(se habet)*.

O corpo, semelhante em tudo à terra, fornece alimentação aos seus quatro membros, que não precisam de mais nada, já que seus quatro espíritos se fortificam e se nutrem do próprio corpo.

Contudo existe algo mais que se acrescenta ao anterior para de certo modo protegê-lo, da mesma maneira como acontece no firmamento. O encontrar ou não a forma ou a aparência desta coisa não aumentará em nada a nossa glória. Uma coisa é certa: o homem não tem outro remédio senão aceitar o alimento exterior que o destino lhe proporciona, alimento destinado exclusivamente ao corpo, da mesma forma como o húmus está para a terra.

Este fruto não é do homem nem nasce dele, nem se desenvolve por meio dele e sua única missão é fortificar a substância do corpo, fazê-la proliferadora, da mesma forma que o húmus faz com a terra dos campos. Esse fruto ou alimento nutre o homem como se fosse seu próprio húmus, pois, em verdade afirmo que nem a vida, nem a inteligência, nem o espírito, nem nenhuma outra coisa desse gênero tem seu princípio na comida ou na bebida, e não podem nem melhorar ou piorar com elas.

O alimento se comporta em relação ao corpo como o húmus se comporta com a terra. Assim como o húmus esquenta e “engorda'' misteriosamente a terra, assim o alimento faz com o corpo, ainda que sem exercer influência alguma sobre as coisas que existem nele. Sirva isto de introdução para a compreensão dos capítulos seguintes, e para saber que colocamos o homem no firmamento do seu corpo, na sua própria terra *(et suoeipsius terrae)* e em todos os seus elementos. Com isso queremos predispô-los para um melhor aproveitamento dos capítulos seguintes.

CAPITULO IV

(Sobre a influência específica dos planetas)

Abordaremos agora o estudo do firmamento levando em conta seus dois princípios: a criação e o destino, no intervalo dos quais, desde o princípio encarnado pela criação, até ao fim representado pelo destino, quando tudo será consumado. Notemos que os sete membros do corpo, como se fossem outros tantos planetas, bastam-se a si mesmos sem precisar de alimento algum. Vamos dar agora um exemplo: o planeta Júpiter é de tal natureza que não precisa de adubos para prover a sustentação do seu corpo porque desde o momento da criação recebeu provisões suficientes exatamente como acontece com o fígado. Por isso, quando fazem objeção e falam da digestão do fígado, não podemos deixar de cair na gargalhada *(id nos in risum detor-quebimus)* e a mesma coisa acontece quando ouvimos as besteiras líricas de algum poeta alemão falando da cor azul das montanhas em locais completamente planos.

Quanto à descrição da realização da digestão, preferimos que seja feita por um camponês, ao qual corresponde de direito, por ser o alquimista do campo: por meio do seu trabalho aduba e faz frutificar as plantas. Com respeito ao corpo, nenhum dos seus sete membros precisam da menor quantidade de adubo.

Assim como no exemplo dado sobre Júpiter e o fígado, agora entendam que a Lua é o cérebro, o Sol o coração, Saturno

o baço, Mercúrio os pulmões, Vénus os rins...etc. De maneira semelhante entendam o curso dos firmamentos inferiores.

Assim, pois, se querem diagnosticar uma doença e conhecer seu ponto crítico, *(si cognituri crisiu estis*) é preciso que saibam antes de tudo qual o curso ou movimento natural que está acontecendo no corpo, sem o que não será possível tratar nenhuma crise das doenças naturais. Pois assim como as crises das enfermidades resultantes da entidade astral, elas estão muito distantes entre si.

CAPÍTULO V
(Doutrina da predestinação)

Vamos informar agora a respeito da doutrina das crises: quando nasce um menino nasce ao mesmo tempo com ele seu firmamento e seus sete membros, que, como nos planetas, conforme já foi dito, bastam-se a si mesmos. Quando

falamos em firmamento queremos dizer firmamento “cheio”, ou seja, ocupado, precisamente como o firmamento do menino. O firmamento de cada menino já tem ao nascer a sua predestinação marcada, que é o tempo que a entidade natural deve seguir conforme a ordem (organização) dos planetas. Neste espaço de tempo cumpre-se seguramente uma criação cujo fim acontece ao mesmo tempo em que a predestinação. Digamos por exemplo, dentro de trinta anos. A característica desta criação é justamente pressentir até que ponto e durante quantos anos deve a entidade natural organizar o curso da vida. Darei o seguinte exemplo: quando um relógio de areia se põe em movimento, pode-se saber exatamente quanto tempo levará a areia para se escoar de um globo para o outro. Assim a natureza opera, da mesma maneira com os seres da criação, pois sabe perfeitamente quanto tempo durará o curso de sua entidade, dispondo com maior ou menor amplitude a distância percorrida ou por percorrer, adaptando os movimentos dos astros de modo que todas as suas influências se cumpram no tempo que vai desde a criação até a predestinação.

Um outro exemplo: suponham um menino que nasça neste momento cuja entidade natural o dispôs para viver dez horas. Acontecerá que todos os planetas corporais realizarão o seu curso neste prazo, da mesma maneira como se ele tivesse vivido dez anos. Aqueles que vivem cem anos não têm curso vital diferente do menino que vive uma hora, pois ambos são de natureza igual e somente se diferenciam pela longitude ou dimensão do seu desenvolvimento.

Com isso quisemos fazer notar e compreender o que na entidade natural significa criação e predestinação, sendo justamente esta última a que se quebra ou se perturba frequentemente por outras entidades.

CAPÍTULO VI
(Ainda sobre a predestinação)

No capítulo anterior ensinamos que o homem assim como seu firmamento aparecem ao mesmo tempo e têm a mesma duração. Diremos agora que, se tanto um como o outro geram e influenciam mutuamente seu curso vital e sua predestinação, nada podem, em compensação, sobre a sua descendência.

Além disso também vimos que o curso da vida do homem se prolonga sempre de acordo para poder completar o ciclo de sua predestinação, ou se encurta quando lhe corresponde uma entidade natural reduzida.

Essa é a razão pela qual as fases da Lua não influenciam o cérebro, pois assim como o cérebro se renova (*innovatur)* milhares de vezes pelo coração, a Lua só recebe do Sol uma única e mesma luz.

A crítica ou explicação astronômica para o final da entidade natural é

completamente arbitrária. Com efeito, tudo o que enfraquece o corpo através da entidade natural provoca a crise segundo seu próprio movimento e não segundo o firmamento do céu. Considerada desta maneira, compreende-se que a entidade natural não tenha, por exemplo, relação entre Saturno e o baço, e vice-versa.

Observem agora o tempo que existe entre o instante da criação e o da predestinação de um ser humano qualquer com o firmamento do seu céu: acontecerá que, assim como o instante criação-predestinação é o mesmo, o céu do nascimento — ou seja, o firmamento astrológico do ser — varia infinitamente a cada momento.

É evidente que o pai não pode ter mais relação com o filho do que o filho com o pai e que, abstração feita à compleição e ao temperamento, nenhuma criança pode receber alguma influência exterior uma vez que alcance e viva a sua própria vida.

Ninguém recebe nada de ninguém por afinidade nem por influência da entidade, pois se alguém conhecesse ou chegasse a conhecer a predestinação do céu, conheceria também a dos homens. E isto é um atributo que só a Deus pertence, único conhecedor da predestinação e da crise.

Para que não esqueçam isto vamos considerar as exaltações, conjunções e oposições de cada caso em relação a seus respectivos firmamentos. Mas lembrem-se de que essas relações são de natureza espiritual e não-material, pois assim como os astros realizam seus cursos, a substância permanece inanimada, já que a rapidez do curso, ou sejam as mutações do firmamento corporal, não podem ser concebidas na natureza da substância.

Somente o espírito e os planetas determinam os movimentos pelos quais se cresce ou se decresce. Por isso chamamos o planeta de “entidade durável” *(ens longum*) e o homem de “entidade breve” *(ens breve).*

CAPÍTULO VII
(Correlação dos planetas com as partes da entidade natural)

O coração é o Sol do corpo. E como o Sol atua sobre a Terra por si mesmo, assim o coração o faz sobre o corpo. Por isso, ainda que o Sol não se manifeste com todo o esplendor, o corpo pode parecer assim justamente por causa do coração. Da mesma forma são equivalentes a Lua e o cérebro, ainda que neste caso as semelhanças e influências correspondam à esfera espiritual e não à substância, o que explica o grande número de acidentes que afligem o cérebro. O baço realiza o seu movimento de uma maneira semelhante a Saturno e cumpre seu curso tantas vezes como o planeta vai da sua criação à sua predestinação. A bílis por sua vez corresponde a Marte, ainda que não seja de uma maneira

absolutamente substancial. Vimos que todo o firmamento possui o seu modo e a sua própria substância em perfeita relação com o sujeito corporal ao que se acha destinado.

Disto resulta que a bílis é tão independente (.ve *habet)* em sua substância como Marte em seu espírito.

A natureza e a exaltação de Vénus se encontram nos rins, no grau e predestinação correspondentes ao planeta ou às entranhas. Assim como Vénus é responsável pelos frutos que a terra deve gerar, também os rins se concentram no fruto humano, [:i] sendo por isso que Vénus nunca chegará a consumir o corpo

É natural que os rins realizem esta função que nenhum outro órgão conseguiria fazer melhor. Quando Vénus por exemplo recebe da Grande Entidade a potência da concepção, os rins tiram sua força do sentimento (*sensus*) e da vontade do homem.

Mercúrio é o planeta relativo aos pulmões. Todos dois são muito poderosos em seus respectivos firmamentos, mas conservam entre si uma grande independência.

Júpiter corresponde ao fígado com grande semelhança. E da mesma maneira que nada pode subsistir no corpo quando falta o fígado, nenhuma tempestade pode se desencadear na presença de Júpiter. Desta maneira todos os dois estão animados pelo mesmo movimento, produzindo igual efeito e existindo cada um em seu firmamento próprio, com pleno domínio e entidade. [1]

Notas

1. Refere-se aos órgãos sexuais.

CAPÍTULO VIII
(Sobre a circulação dos espíritos corporais)

Tudo quanto acabamos de dizer sobre a entidade natural, a propósito de como ela mora (*abeaî*) em suas constelações, pode ser agora projetado sobre os astros do corpo *(de sideribus cor por um*).

Para o resultado de uma indução mais perfeita afirmaremos ainda alguns outros princípios que não deixarão de ser úteis para o nosso parêntesis e que desenvolveremos nos próximos capítulos. É preciso que conheçam isto: o movimento dos espíritos dos astros corporais vai desde a sua origem ou princípio dos membros até a extremidade de tais membros, voltando logo à sua origem, como um reflexo ao centro de onde partiu. Eis aqui um exemplo: o coração envia o seu espírito *(diffundit)* para todo o corpo, exatamente como faz o Sol

sobre a Terra e os outros astros. Tal espírito (do coração) serve para o sustento do corpo, mas não para o dos outros sete membros. Vai do cérebro ao coração e deste para o seu centro através do espírito, sem passar outros limites. O fígado circula seu espírito no sangue sem misturá-lo em nenhuma outra parte. O baço dirige sua corrente pelos flancos (*laíera*) e pelos intestinos. Os rins abrem caminho através do lombo, das vias urinárias e partes vizinhas. A via dos pulmões se faz no perímetro do peito c da garganta. E a bílis faz seu movimento desde o ventrículo até os intestinos.

Estando estabelecido que cada uma dessas partes tem um destino perfeitamente determinado, ninguém pode ignorar que se alguma delas se extraviar e entrar nas vias que não lhes correspondem — quando o baço, por exemplo, toma o caminho da bílis — se produzirão diversos transtornos. Isto será explicado com maior clareza e amplitude no "Livro das Origens das Doenças". Por enquanto ficamos nisto.

Vamos fazer o mesmo raciocínio sobre as outras estrelas que segundo as normas do firmamento se encontram em nosso corpo. Isto é igualmente verdadeiro para os astros do corpo e para os erros que podem causar pelos reflexos e rebotes dos seus movimentos.

Como introdução diremos que existem sete vidas. Mas nenhuma delas pode se identificar exclusivamente com aquela na qual reside a alma ou a mente *(anima seu mens),* que é a autêntica e verdadeira vida *(genuína e vera).*

Entendemos então que os outros membros tomam a vida dessas sete espécies de vidas, as quais por sua vez a tomam de seu planeta correspondente, no movimento que lhe foi dado.

CAPÍTULO IX
(Sobre a disposição dos quatro elementos)

Ao terminar o capítulo anterior mostramos como cada membro assegura a sua nutrição e conservação por meio de sete vidas sob a proteção de um planeta particular em cada caso. Isto quer dizer que tudo aquilo que toma sua vida do fígado, por exemplo, fica submetido ao fígado, assim como ao coração o que se origina desta víscera, e sucessivamente a mesma coisa para todos os outros.

Observem agora os elementos do corpo e notem que não há nada para ser mudado, mesmo sendo o nosso estilo e doutrina diferente daquela que preferem e que estão copiadas nos seus escritos.

Todos os elementos do corpo estão contidos na entidade natural: assim, certas doenças nascem das estrelas, outras vêm das qualidades, estas se originam nos humores, aquelas são o resultado das compleições ou temperamentos etc...

Sem dúvida, para que compreendam bem isso, vamos examinar profundamente a natureza dos elementos do corpo.

O fogo nasce no sétimo movimento, já que o movimento dos elementos expulsa deles o calor. O fogo dos elementos é invisível no corpo e só se revela através das feridas ou contusões *(ictus*). Em tais casos as labaredas saem pelas lesões (*doctus patent),* especialmente quando se encontram perto dos olhos, pois sabe-se que ali as chamas se dissimulam com muita dificuldade.

O fogo está escondido no corpo, acontecendo o mesmo com o do mundo em geral. Nós não temos capacidade para possuí-lo, a menos que o façamos surgir à força *(excutiatur).* A água no entanto inunda o corpo inteiro: veias, partes nervosas, ossos, carne e membros. Os membros principalmente estão rodeados e submersos (*perjusu*), exatamente como as árvores na terra.

Quanto ao ar, sua presença no corpo obedece aos ventos que criam o movimento contínuo dos membros. E esses ventos, da mesma maneira que surgem no mundo *{exoriuntur*), existem em número de quatro. Finalmente, a terra é aquilo para que foram criados os alimentos.

Desta forma encontramos os quatro elementos no homem com os mesmos papéis que fazem no mundo.

Sobre este assunto achamos que o Criador deve ter formado a criatura inicialmente livre dos quatro elementos porque eles não se originaram (*oriuntur*) também nos outros membros. Isto está demonstrado nos livros que tratam da primeira criatura *(de creato primo).*

CAPÍTULO X
(Estudo das quatro compleições)

Vamos acrescentar alguns conceitos ao que foi exposto sobre o movimento das estrelas, do firmamento e dos elementos, sobre a forma como vivem no corpo e como subsistem em si mesmos com suas próprias potências para completar a nossa doutrina.

Para que conheçam fundamentalmente a entidade natural, repetiremos o enunciado das quatro compleições. Existe uma compleição colérica, outra sanguínea, outra melancólica e uma outra fleumática. Nenhuma delas existe por causa dos astros nem por seus elementos, como insistem em afirmar algumas opiniões errôneas contemporâneas.

Em troca, estamos dispostos a ceder num ponto: naquele em que afirmam que todas elas (compleições) foram dadas ao corpo de todas e de cada criatura em particular.

Sabemos que no corpo encontram-se os quatro sabores da terra: o ácido, o amargo, o doce e o salgado. E ainda que perfeitos em todos os sujeitos, não podem ser reconhecidos (*pervestigabiles)* melhor do que no homem.

A cólera tira seu princípio da amargura, que é sempre quente e seca como o fogo, ainda que não apareça em nenhum caso afetada por ele. A acidez produz melancolia, que por sua vez é sempre fria e seca como a terra, sem que nenhuma delas nada tenha a ver com a terra. A calma provém da doçura, que, como a água, é fria e úmida, apesar do que aconteçam diferenças notáveis entre a água e a calma. Finalmente, o sangue provém do sal, e tudo o que é salgado pode-se dizer que é sangue, sempre quente e úmido.

Assim podemos concluir que se foi dado à entidade da compleição do homem um caráter salgado, o homem será sanguíneo. Será colérico se prevalecer a amargura, melancólico quando prevalecer a acidez, e calmo quando a doçura for a nota temperamental dominante.

As quatro compleições estão no corpo do homem como num jardim onde crescem as amansas [1], o feto, o vitríolo, e o sal de nitrato, que sempre podem subsistir em conjunto, ainda que sob o constante predomínio de uma delas.

Notas

1. Nenhum tradutor pôde esclarecer o significado destas "amansas", desconhecidas por Roch, Dorn e mesmo por Toxitcs, não aparecendo no *Lexicon Medicum*.

CAPÍTULO XI
(Sobre o humor e as cores do corpo)

Além do que acabamos de dizer sobre as compleições devemos saber que nada do que convém à essência do homem pode ser considerado fixo ou definitivo. Nem sempre o sanguíneo será alegre ou o melancólico triste. E diremos ainda que este conceito é falso, porque estamos certos de que a alegria, a tristeza, a ciência, e outras coisas assim não são frutos da natureza. Por isso chamamos suas propriedades naturais de propriedades do espírito.

Somente os espíritos são capazes de gerar tais propriedades, que provêm, não da natureza, mas de certos seres incorpóreos que se encontram no corpo. Aprendam isto como se fosse um provérbio. E nunca façam uso dele nas ocupações relativas à natureza, mesmo porque os sábios ainda não divulgaram nada sobre isto.

Entre as coisas que definem a entidade natural, devem prestar muita atenção no humor, pois ele é o verdadeiro *licor* da vida do corpo. Saibam que

existe um certo humor que aquece e sustenta o corpo, sendo também a vida dos membros. Este humor é por si mesmo uma verdadeira entidade, geradora dos metais da terra, da bondade ou da malícia dos homens. Veremos como se explica isso.

O homem foi criado de tal maneira que pode ter mil virtudes e outro tanto de malícia. Isto não vem dos astros *(defluxit*) nem das estrelas do firmamento, mas nasce (*emersit)* precisamente do humor. Tornemos essa ideia mais clara com um exemplo.

O mundo possui em suas entranhas diversos metais, ou melhor, diversas virtudes, melhores em certos lugares e piores em outros. Da mesma forma acontece com o homem. Isto porque o humor é a mina do bem da natureza. No homem os vícios são o resultado dos maus metais que a natureza gera nele, sendo que as virtudes não são valorizadas nem correspondentes aos costumes ou ao natural dos homens, mas às suas cores e compleições (*habitus*). De tal maneira que todos aqueles que têm boas cores possuem também boas minas e bons metais. O contrário acontece com os que são mal coloridos.

Mas nem *por* isso podemos afirmar que um homem rosado seja sanguíneo só por este motivo, assim como os esverdeados ou amarelos devam ser coléricos. Aqui está a maneira como devem julgar: quem é rosado está sob a influência do Sol, já que essa cor nobre corresponde à rosa e ao ouro. E da mesma forma para as outras cores.

Por isso dissemos que as cores revelam o humor, o que pode ser muito útil porque muitas doenças estão submetidas ao seu influxo (do humor) de uma maneira muito superior a de qualquer outra causa.

APÊNDICE
(Semiologia geral da entidade natural)

No que se refere ao movimento do corpo devemos acrescentar que existem nele quatro movimentos: o firmamento, os elementos, as compleições e os humores, dos quais se originam todas as doenças. Segundo a entidade natural, todas as doenças estão distribuídas em quatro gêneros: o gênero das estrelas, de onde emanam as enfermidades crônicas; o dos elementos, que provocam as afecções agudas; o das compleições, de onde vêm as doenças naturais, e o dos humores, de onde nascem as erupções e as manchas. Assim devem considerar as doenças provocadas pela entidade natural.

Quanto aos nomes que devem designar os diversos tipos de doenças não vamos nos ocupar com eles agora, deixando o assunto para o livro no qual

trataremos das origens das enfermidades.

Para terminar diremos que, apesar de termos dedicado onze capítulos à entidade natural, não devem se esquecer de que o corpo nunca chega a ser atacado por ela senão quando as outras entidades o permitam.

Os fundamentos mais sólidos para o tratamento de um grande número de doenças serão melhor adquiridos com a prática. E tenham uma coisa como certa: o que lhes faltar poderá ser perfeitamente interpretada pela experiência.

QUARTO LIVRO PAGÃO (Pagoyum)

SOBRE AS ENTIDADES MÓRBIDAS
Tratado da Entidade Espiritual (De Enti Spirituali)

CAPITULO I

(Conceito sobre a entidade espiritual)

Definiremos a entidade espiritual dizendo que ela é uma potência perfeita cujo fim consiste em maltratar o corpo inteiro *(ad corpus universum violandum)* com todas as espécies de doenças.

Já sei que não faltarão aqueles que vão fazer objeções a este critério tão absoluto nos insultando por causa dele. Mas serei um surdo para todos eles. Essas objeções não me impressionarão e certamente serão diluídas e aniquiladas por si mesmas. No entanto sei que os argumentos desta polêmica devem ser suficientemente sólidos, de maneira bem diferente daquela usada pelos que nos fazem objeções.

Ao explicar o que é a entidade espiritual será bom que antes de mais nada eliminem o chamado estilo teológico, pois nem todo aquele que se intitula teólogo é santo, nem piedosos os seus argumentos, nem verdadeiras as deduções tiradas da teologia por aqueles que não a entendem.

É certo que esta entidade foi descrita pelos teólogos com maior cuidado e atenção do que as outras entidades. Mas de qualquer forma todos os seus nomes e textos são completamente diferentes do nosso Quarto Livro Pagão, cujas demonstrações são sistematicamente negadas por eles.

Podemos dizer que nenhuma palavra será capaz de resolver nada onde faltem os nervos ou a medula. Com efeito, essas palavras sempre saem de bocas ignorantes. Certamente, se fosse Deus o autor de tais escritos, nada mais poderíamos fazer senão segui-los ao pé da letra, abandonando todo outro trabalho.

Sem dúvida coincidimos num ponto: ao afirmar que o conhecimento desta entidade não vem absolutamente da fé cristã. Sustentamos que tal entidade é de natureza pagã e que, além disso, não vai *contra* a fé cristã, na qual todos temos que morrer.

Por isso digo que não devem considerar esta entidade como uma entidade qualquer entre os espíritos, pois isso seria como aceitar a ideia de que os maus demônios (*cacodoemones*) pudessem se constituir em entidade. Quando falam assim é porque lhes falta a razão e como se suas palavras estivessem inspiradas pelo diabo. Observem assim que o diabo não se encontra na entidade espiritual, nem nenhuma de suas obras, efeitos ou conspirações. E isto é assim porque nem o diabo nem o anjo são espíritos.

O espírito é aquilo que geramos em nossas sensações e meditações, sem matéria dentro do corpo vivo, sendo também diferente da alma que nasce em nós no momento de morrer *(Quod ab obitu nostro nascitur id anima est).*

CAPÍTULO II
(Anatomia dos espíritos)

Depois de termos dado no capítulo anterior os conselhos necessários para que não levem em conta as fantasias e as desprezáveis opiniões dos que se dizem teólogos, vamos ensinar agora o modo como devem compreender o espírito. Inicialmente não faremos menção aos anjos nem aos demônios porque o conhecimento dele pertence à filosofia e não à nossa entidade. Devemos entender o que seja espírito da seguinte maneira:

O espírito é o que provoca as doenças sem nenhum empecilho, em grau e forma semelhantes como agem as entidades. Recordemos que existem duas classes de “terrenos” capazes de abrigar as doenças e de conservar nelas marcas profundas e duradouras. Um desses terrenos é a matéria, ou melhor, corpo. O outro, imaterial, é o espírito do corpo, de natureza invisível e impalpável.

O espírito pode sofrer, tolerar e suportar por si mesmo as mesmas doenças que o corpo. Esta é a razão pela qual foi denominado entidade espiritual *(ens spirituale).*

As três entidades que estudamos até agora — astral, natural c a dos venenos — pertencem fundamentalmente ao corpo. Ao espírito correspondem as outras duas restantes: a do espírito, que estudamos agora, e a de Deus, que trataremos em seguida.

Apesar desta divisão aparente, devem pensar que ali onde o espírito sofre o corpo também sofre e pode mostrar as mesmas perturbações do espírito. Isto se explica pela existência no universo de duas classes de enfermidades: as materiais, que se caracterizam pela posse ou modificação da cor (*tinguntur*), se nutrindo das três primeiras entidades, e as espirituais, emanadas da entidade espiritual e da entidade divina, não possuindo cor material. Continuaremos então

falando sobre as doenças espirituais e a sua razão de ser.

CAPÍTULO III
(Fisiologia dos espíritos)

Tendo feito referência à dualidade dos “terrenos” do ser vivo, vamos estudar agora alguma coisa sobre isto.

Partindo do princípio de que o espírito existe positivamente em cada corpo, pensem em que ou corno a sua função pode se manifestar utilmente.

A sua finalidade é conservar o corpo da mesma maneira como o ar protege as criaturas contra a sufocação. Além disso o espírito de cada corpo é substancial, visível, tangível e sensível para os outros espíritos. E em sua mútua aproximação, podem inclusive se tornar parentes assim como fazem os corpos.

Nosso próprio espírito, por exemplo, pode estabelecer conhecimento com o espírito de um outro homem qualquer da mesma forma como fazemos corporalmente. Os espíritos utilizam entre si uma linguagem especial com a qual conversam livremente, sem nenhuma relação com os discursos humanos.

Compreendam assim que dois espíritos podem manter entre si afinidades, inimizades ou ódios, e que um consiga até ferir o outro como acontece com os homens. Com isto queremos dizer que podem existir lesões espirituais, já que o espírito mora no corpo e se manifesta através dele. Por isso o corpo pode sofrer e ficar doente, não em sua matéria, porque não se trata de uma entidade material, mas em seu espírito.

Quando dois seres se buscam e se unem num amor ardente e aparentemente insólito, temos que pensar o seguinte: seu afeto não nasce nem reside no corpo, mas provém dos espíritos de ambos os corpos, unidos por laços e afinidades superiores, ou então por tremendos ódios recíprocos que também podem mantê-los estranhamente unidos. Estes são aqueles que nós chamamos de espíritos gêmeos.

Para esclarecer ainda mais essa dissertação devo dizer que os espíritos não são gerados pela razão, mas pela vontade. Todos os que vivem de acordo com-a sua vontade vivem no espírito, assim como todos os que vivem de acordo com a razão o fazem contra o espírito.

Da razão nasce a alma e não o espírito, que é uma obra exclusiva da vontade, ou melhor, do “querer”. Vamos então continuar falando sobre o espírito deixando a alma para depois.[1]

Notas

1. Nota global pra o Capítulo III.

O tradutor francês Grillot de Givry inclui neste ponto uma nota do maior interesse e importância, cujas linhas gerais vamos transcrever e comentar. Ele faz alusão a dificuldades interpretativas dos termos — anima, mens, spiritus etc....— que são frutos da pobreza do vocabulário psicológico das línguas modernas.

É claro que esses idiomas, por mais ricos que sejam de senso imaginativo (e o francês o é em grande escala), é preciso não esquecer que quando este tradutor fez seu trabalho sobre Paracelso (1910 a 1912), a psicologia e psiquiatria modernas, assim como a psicanálise, ainda não tinham saído da fase de grande investigação especulativa, muito fechada dentro das fronteiras alemãs e por isso mesmo pouco divulgada, tanto pelas dificuldades da língua como pelo ambiente restrito.

Hoje em dia, ao mudar esta situação pela popularização de tais conhecimentos, encontramo-nos diante do fato de diversos idiomas terem assimilado uma série de termos e conceitos do alemão, o que não melhorou nem contribuiu para o esclarecimento desses conceitos.

Esta múltipla terminologia era a expressão clara da anatomia dos princípios superiores e invisíveis do homem. Assim, os latinos colocavam diante de um só elemento material até seis elementos invisíveis, que eram os seguintes: *animus*, *anima*, *mens*, *spiritus*, *intellectus* e *ratio*.

Em vez desta sutil diversidade e essas complexas diferenças, a bárbara formação dos idiomas dos francos e dos saxões somente soube conservar o simplismo teológico dos dois princípios imanentes. Quando aprendemos, desde os tempos de colégio, que o homem possui “um corpo e uma alma", ouvimos apenas o eco do que os antigos ensinaram e que ainda vemos incluído na epístola aos tesalossenses, de São Paulo.

Do mesmo modo quando falamos do termo “alma", costumamos aplicá-lo as mais diversas situações. O espírito, por exemplo, numa mesma entidade idiomática nos serve para falar do Espírito Santo, ao espírito de determinado autor, ao espírito do vinho, ou ao espírito de uma conversa.

A nuança que o idioma alemão chega a dar para essas modalidades manifesta-se quando se diz: *Ghost* ou *Geist*, para o Espirito Santo: *Soul* ou *Seele,* no sentido da alma; *Mind* ou *Kopj,* para o espírito do entendimento; *Sense* ou *Sinn*, para o de uma pessoa ou autor; *Wit* e *Witz,* para as engenhosidades ou ocorrências (*sprit* francês) e *Spirit* para o produto da destilação.

Segundo os autores clássicos latinos, o “*animus*” seria um princípio localizado no coração e no peito que produziría a coragem no homem, o valor, o heroísmo, o arrojo e a impetuosidade nos grandes empreendimentos, e que corresponde exatamente ao “Lebab” das Sagradas Escrituras.

O termo *“anima"* aplica-se à porção de fluido universal que cada homem possui dentro do circula da vida, correspondente à palavra “*Nephesh"* dos hebreus. Fora isso, *“anima"* não tem tradução atualmente em nenhuma língua culta moderna. Com bases na interpretação do povo, poderíamos dizer, por exemplo, que na Espanha os camponeses de diversas regiões falam frequentemente sobre a “*animas"* dos mortos, dotando-as de condições e propriedades precisas, como a de não estarem purificadas totalmente (almas penitentes, almas do purgatório, almas penadas, etc.) e que ainda andam pela terra podendo até serem vistas em determinadas ocasiões, especialmente em forma de línguas de fogo (fogos fátuos), de fumaças, o que identifica um pouco este conceito com o do “fluido vital”. Estes camponeses espanhóis não confundem “*animas"* com *“almas",* dando a estas últimas um sentido mais elevado, puro e extraterreno, e às primeiras uma certa ideia de estado intermediário ou de subproduto.

Em todo caso, nem “*animus*” e *“anima”* correspondem à “*alma”*, o que significa totalidade de faculdades imateriais. Nesse sentido, os enganos atribuídos aos autores antigos, quando faziam referência ao que os modernos chamam de “alma do mundo”, não tem justificativa, pois eles nunca escreveram *“intellectus mundí”* nem *“mens mundí”*, mas “*anima mundí”*, que tinha um sentido de coeficiente de vitalidade e não uma alma pensante.

Mens é o princípio que corresponde, ainda que imperfeitamente, à “alma” da teologia católica, porque nela se encontra o discernimento entre o bem e o mal, mesmo que signifique também um certo elemento de inércia dirigido pela *“ratio”* e o “*intellectus".* O princípio *“mens"* só pode perceber a luz pela

intuição ou a contemplação, mas nunca pelo estudo. Também não se concebe unido ao corpo sistematicamente, e é curioso este fato: quando os hierólogos concedem uma alma a Deus sempre dizem *"mens divina*" e não *"anima divina"* nem *"animus divinus"*. Os hebreus expressaram este princípio com a palavra "*Neshamah*".

Nós costumamos confundi-la frequentemente por causa das derivações modernas "mental" e "mentalidade", quando na realidade somente expressa a parte inconsciente do mesmo.

Quando dizemos, por exemplo, que "tal homem não é inteligente", conservamos intuitivamente a diferença com o conceito que nos fez definir genericamente o homem como uma "criatura inteligente", que é uma notória contradição causada pela limitação idiomática.

Spiritus é o sopro que os hebreus chamam de "*Ronah*", corpo astral dos hermetistas e laço que mantém o equilíbrio dos outros princípios. *Intellectus* é exatamente o que nós chamamos de entendimento, para o qual os hebreus têm várias expressões, como "*ahetsah",* "*Zimmah*", e "*Binah*", que também pode se aplicar à divindade.

Finalmente a "*ratio*", que é a mais formosa e superior propriedade do ser pensante, não é o que os modernos chamam de *razão.* Esta apenas serve para proferirmos afirmações e negações mais ou menos dedutivas, para negar e rir das lendas populares. Mas é o verdadeiro princípio iluminador do entendimento que busca a verdade e que percebe a sutileza dos conceitos, e que os hebreus chamaram de "*Hhaschbôn"*

Fora isto, os livros do Talmude contêm até 72 expressões para designar os princípios imateriais ou sombras astrais do homem, que genericamente chamam *"Zelem".* Assim, por exemplo, dizem *"Hhaiiah"* para a vida superior; "*Iehhidah"* para a unidade contemplativa do transe ou êxtase anagógico; "*Hebel Garmin*" para o sopro que os ossos emitem depois da morte *etc.*

CAPÍTULO IV
(Sobre a aparição dos espíritos no corpo, e a maneira pela qual se manifestam)

A propósito do nascimento dos espíritos observem que estes não existem nas crianças porque elas não possuem ainda uma vontade perfeita.

Somente aqueles que têm uma vontade perfeita e ágem de acordo com ela são capazes de gerar um espírito substancial e construtivo que nunca é um enviado ou uma graça do céu. Mas um produto que o homem tira de si mesmo *(fabricat).*

Da mesma forma como a pedra (*padernal*) produz o fogo o espírito é gerado pela vontade, podendo-se ainda afirmar que ele será do mesmo grau que a vontade tenha alcançado.

Tenham isto como certo: todos os que viverem na vontade possuirão um espírito que poderá registrar (examinar) todas as doenças que atormentem o corpo onde ele mora.

Conhecendo este mecanismo do nascimento dos espíritos devemos ainda levar em conta que existem dois mundos substanciais: um para os corpos e outro para os espíritos, apesar de se encontrarem unidos na vida.

No mundo onde esses espíritos residem, perpétua e substancialmente, assim como nós sobre a terra, também existem os desejos, os ódios, as discórdias e toda uma série de sentimentos semelhantes que atuam e se manifestam sem o

consentimento ou conhecimento do corpo.

Se nós concluímos que o homem pode viver segundo seu livre arbítrio, devemos pensar da mesma maneira sobre os espíritos, pois, quando os corpos se ferem mutuamente, nada acontece oom eles (espíritos). Mas o mesmo não acontece quando os espíritos brigam entre si. Neste caso os corpos ficam afetados, aparentemente por sua própria culpa, ainda que não possam traduzir (perceber) a injúria íntima que seus espíritos sofreram.

CAPÍTULO V
(Sobre os meios empregados pelos espíritos para influenciar)

Os espíritos podem infligir enfermidades aos corpos por dois caminhos ou mecanismos diferentes. Um deles acontece quando dois espíritos lutam e se ferem reciprocamente sem a vontade ou o conhecimento dos homens, estimulados por sua inimizade mútua ou pela influência de outras doenças. E isto deve ser levado a sério pelos médicos.

O outro mecanismo acontece quando, como consequência de nossos pensamentos e meditações obrigamos a nossa vontade a consentir, desejar e querer um transtorno ou uma pena qualquer para um outro indivíduo. Neste caso, essa vontade fixa, firme e intensa é que é a “mãe” geradora do espírito.

Como a coisa pensada (*sententia*) produz a palavra e se torna mãe do discurso, da mesma forma, onde não há pensamento, nem a palavra nem o discurso podem ser produzidos. E este conceito é aplicado exatamente aos espíritos. Por isso o espírito estará em nós à medida que a nossa vontade seja plena e perfeita.

CAPÍTULO VI
(Sobre a ação da “má vontade")

Vamos conhecer agora a maneira como os espíritos podem nos prejudicar. Se desejamos com toda a nossa vontade *(plena voluntas)* o mal de outra pessoa, esta vontade que está em nós acaba conseguindo uma verdadeira criação no espírito, impelindo-o a lutar contra o da pessoa que queremos ferir. Então, se este espírito é perverso — mesmo que o corpo correspondente não o seja — acaba deixando nele (no corpo) uma marca de pena ou sofrimento, de natureza espiritual em sua origem, ainda que seja corporal em algumas de suas manifestações.

Quando os espíritos travam essas lutas, acaba vencendo aquele que pôs mais ardor e veemência no combate. Segundo esta teoria, devem compreender que em tais contendas se produzirão feridas e outras doenças não-corporais. Por

conseguinte, toda uma série de padecimentos do coipo pode começar desta maneira, desenvolvendo-se em seguida conforme a substância espiritual. Estudaremos isto no livro da “Origem das Enfermidades”.

CAPÍTULO VII
(Sobre os poderes da nigromancia)

Vamos neste parêntesis dar alguns exemplos para a melhor compreensão do que seja a entidade espiritual.

Quando modelamos uma imagem de cera, a enterramos e a cobrimos de pedras, projetando' sobre ela a vontade do espírito contra a pessoa representada (pela tal imagem), essa pessoa será atacada pela ansiedade, principalmente no local onde foram acumuladas as pedras. E só se livrará da angústia quando sua imagem for desenterrada. Da mesma forma, quando durante essas provas uma das pernas da imagem se quebra, a pessoa representada sofrerá a mesma lesão. Assim também acontecerá se quisermos provocar feridas, picadas, e outras coisas semelhantes.

£ preciso procurar a razão disto no poder da nigromancia, da qual provém todas as coisas em força e origem. A nigromancia pode criar figuras e imagens inexistentes, ainda que dotadas de todos os atributos da realidade. Mas, ao contrário, não é capaz de ferir o corpo de um homem a não ser que o espírito desse homem tenha causado algum dano em um outro espírito qualquer. Quando um nigromante planta uma árvore, consegue o poder de castigar e ferir todo aquele que castigue ou ofenda essa árvore. A causa disto está no fato de que a pessoa *é* atacada pelo espírito superior da árvore. Quando isto acontece, e ainda que o dano seja perceptível no corpo dessa pessoa, na verdade o seu espírito é que foi atacado.

Em tais casos não adianta empregar a medicina, mas sim o medicamento do espírito. Aí sim, verão como o corpo será curado imediatamente. Porque conforme já dissemos, o espírito é que está ferido e não o corpo.

CAPÍTULO VIII
(Teoria do malefício)

Se minha vontade se encher de ódio contra alguém, precisará expressar este sentimento de alguma maneira. E isto será feito justamente através do corpo. Sem dúvida, se minha vontade for demasiadamente violenta ou ardente, pode acontecer que meu desejo chegue a perfurar e ferir o espírito da pessoa odiada. E também posso encerrá-lo à força (*compellam*) numa imagem que eu consiga

fazer dele, deformando-a e distorcendo-a a meu gosto, atingindo assim também a intenção de atormentar meu inimigo.

É certo que possam alegar muitas outras razões ou causas para estes resultados e que nem sempre a entidade intervém neles, segundo demonstram os estudos filosóficos. Mas seja de uma maneira ou de outra, devemos entender e observar sempre uma verdade: a ação da vontade e a sua enorme força tem grande importância para a medicina.

Por outro lado, todo aquele que permanece impregnado de ódio, nunca querendo o bem, pode atrair para si todo o mal desejado aos outros. Porque existindo o feitiço maléfico somente com a permissão do espírito, pode acontecer que as imagens do malefício se transformem em doenças, tais como as febres, epilepsias, apoplexias e outras. Por isso é bom não zombar dessas coisas.

Não se esqueçam da força da vontade, que é capaz de gerar semelhantes espíritos malignos com os quais o espírito da razão *(mens)* nada tem em comum.

Esse é o motivo pelo qual essas ações se realizam com muito mais facilidade nas bestas do que nos homens, já que o espírito dos humanos vale muito mais que o dos animais. Sobre este assunto encontrarão referências mais claras no ‘"Livro dos Espíritos e da Geração dos Espíritos”.

CAPÍTULO IX
(Como agir sobre os espíritos culpados)

Uma coisa semelhante acontece com os caracteres. Assim, quando a imagem de um ladrão for golpeada, este será forçado a voltar ao lugar onde roubou por mais longe que tenha ido. O fundamento da entidade espiritual está encerrado na causa deste fato.

Quando alguém modela uma figura parecida com a do homem que se quer castigar, ou a desenha numa parede, golpeando-a com picadas ou pancadas, tudo isso acontece na realidade. A vontade do espírito transfere assim o sofrimento simbólico da figura para a pessoa real que ela representa. Por isso concluímos que os espíritos combatem entre si da mesma forma que os homens

Isto não pode acontecer aos homens justos e honestos pelo simples motivo de que seus espíritos se defendem e se protegem energicamente. O mesmo não acontece com o espírito do ladrão, que é completamente perturbado e agitado pelo medo. Finalmente, no caso de não se saber qual é a imagem do ladrão, pode-se todavia conseguir alguma influência sobre ele através de outro espírito intermediário: o médium.

Quando todo este trabalho da vontade estiver consumado pelo espírito influenciador sobre o sujeito onde mora o espírito influenciado, ou em sua figura

ou imagem, o segundo terá se tornado prisioneiro do primeiro, sendo obrigado a executar o que lhe seja ordenado.

CAPÍTULO X
(Como os espíritos atuam nos sonhos)

Depois de tudo o que acabamos de explicar, deduz-se que os espíritos dominam os criminosos e são capazes de expressar e influenciar os sentimentos do desejo e do ódio.

Isso forçosamente nos faz compreender que a entidade espiritual é capaz de manifestar sua força. Supostamente isto também pode aplicar-se a todas as doenças que afligem o homem.

Em tais casos não devemos administrar medicamentos exigidos pelas doenças naturais, mas os que correspondem ao espírito, que na verdade é o verdadeiro doente.

Devemos saber que existem algumas pessoas que sofrem do espírito pela simples ação de uma vontade mais forte, sem que sirvam para nada os maus tratos infligidos às suas imagens, o que pode acontecer a pessoas que ignoram esses meios. Em tais casos a influência da vontade pode ser transmitida através dos sonhos, de acordo com o seguinte mecanismo: enquanto duas pessoas dormem, os sonhos de uma completam os da outra, sendo assim possível ao espírito de uma conduzir os sonhos da outra, causando-lhe ferimentos ainda que ambas estejam inconscientes.

Os sonhos de dois homens de vontade forte podem se complementar se for possível colocá-los em contato enquanto dormem, seja pela imposição das mãos do médium ou através da palavra. Pois, na verdade, o que o espírito produz em tais circunstâncias não é sonho.

Assim, a mão consegue ferir o homem mesmo sem tocá-lo, e a boca realiza o que quer por meio da palavra. Tudo isso só pode ser feito através de um intermediário que não é outra coisa senão o poder do espírito.

E justamente pela ação da vontade e não da fé, que nada tem a ver com o caso. Seria uma grande besteira (*stultitia*) fazer qualquer alusão a isto.

Vimos então que dois homens só podem se matar pela ação e não pela fé ou crença.

Os espíritos de grande vontade nascem da incandescência de suas forças e não da credulidade, sendo capazes de lutar e de se consumirem, conforme foi dito repetidas vezes nos nossos “Livros da Fé e da Vontade”, e como antes de nós foi demonstrado pelas pitonisas com os seus encantamentos.

QUINTO LIVRO NÃO-PAGÃO
SOBRE AS ENTIDADES MÓRBIDAS

Tratado da Entidade de Deus (De Ente Dei)

CAPITULO I

(A razão deste capítulo)

Tudo o que um homem cristão pode escrever que não seja relativo à propagação e consolidação da fé corresponde ao estilo pagão *(gentiliter).* Neste parêntesis vamos abandonar este estilo, empregando para o que vamos dizer um estilo cristão. Com isso evitaremos ser acusados de paganismo.

Depois de recordarmos os nossos cinco livros de práticas voltaremos a empregar o estilo pagão. Achamos que isso nos será permitido sem que signifique o menor ultraje à fé cristã, já que definitivamente o rito pagão também se origina dela, conforme foi predestinado por Deus.

Fora isso, e apesar das doenças nascerem da natureza, de acordo com as quatro entidades já citadas, será bom que também procuremos a cura pela fé, à qual dedicamos este parêntesis, pois certamente Deus é o fundamento integral e verdadeiro de todas as curas.

Os nossos livros de prática serão redigidos em estilo pagão para que sejam melhor compreendidos dentro da medicina natural *(genuina)*, e também porque não serão dedicados apenas aos cristãos, mas também aos turcos sarracenos, judeus c a todos os homens em geral.

CAPÍTULO II
(Teoria do castigo divino como causa das doenças)

Falando desta maneira aos cristãos, queremos adverti-los que considerem este quinto parêntesis com a maior atenção, para que aprendam o modo como devem pesquisar e curar as doenças segundo a entidade divina.

A saúde e as doenças vêm de Deus e não dos homens. Por isso é preciso dividir as enfermidades em dois grupos: as que têm suas causas na natureza e as que representam um castigo *(flagellum)* pelas nossas faltas e pecados.

Os quatro tratados precedentes das entidades foram dedicados ao estudo das doenças pertencentes ao primeiro desses grupos. Neste parêntesis vamos estudar as do segundo grupo.

Deus colocou cm nós como exemplo um castigo e uma consciência das doenças. Quando estamos padecendo com elas não podemos deixar de reconhecer a nossa pequenez, a nossa impotência, o pouco que somos e possuímos, e a limitação da nossa ciência. E em qualquer outra situação percebemos a nossa ignorância e a nossa fraqueza. Diante disso c preciso dizer que somente Deus dá a saúde e as doenças, assim como os remédios correspondentes a elas.

De como e quando o medico pode estar informado sobre essas coisas, direi que elas foram criadas c predestinadas sobre um ponto. E que este ponto é o tempo. Isso significa que todas as doenças têm que ser curadas num determinado momento e não quando nós queremos. Resumindo: “nenhum médico pode conhecer o fim da saúde", que somente Deus pode saber.

Assim mesmo devemos reconhecer que toda doença é um purgatório *(Morbus quilibet purgatorium est)* e que nenhum médico pode curar se Deus, com a sua divina graça, não determinar que este purgatório termine.

O médico deve então operar e trabalhar de acordo com a predestinação de cada purgatório.

CAPÍTULO III
(Onde se adverte sobre a condição dos médicos diante dos desígnios divinos)

Já dissemos que toda doença é um purgatório. Assim, todo médico deve ser suficientemente prudente e não cair na temeridade de acreditar que conhece qual é a hora da saúde e prever o efeito dos seus medicamentos. Porque tudo isso está nas mãos de Deus.

Se a predestinação não é de tal iminência que possamos reconhecê-la antecipadamente, certamente não curaremos a doença com nenhuma medicina. Pelo contrário, conseguiremos êxitos surpreendentes naqueles doentes cuja hora da predestinação está próxima.

Observem bem isto e não se esqueçam: quando lhes trouxerem um doente ao qual possam devolver a saúde com os seus cuidados, saibam que isso aconteceu porque Deus o enviou, e que nunca teriam conseguido curá-lo se não fosse assim. Somente quando a hora da redenção está próxima, e nunca antes, é que Deus confia o doente ao médico.

Todo aquele que chega antes da hora desobedece a este princípio. Por isso os médicos incompetentes (*imperiti)* são demônios do purgatório enviados

por Deus a cada doente.

O médico esclarecido é o dos doentes aos quais Deus adiantou a hora da saúde.

E preciso então compcnetrar-se deste princípio: a predestinação não pode ser ignorada pelo médico, por mais hábil c famoso que ele seja.

O importante então e procurar saber qual é a hora que deve terminar esse purgatório. E todo aquele que não recebeu o médico do bem-estar e da cura, saiba que foi porque Deus ainda não lhe deu a hora da saúde.

Quando Deus envia um médico em semelhantes condições, devem se certificar se a arte dele procurou ou não algum benefício. Porque Deus não só criou as doenças como também os médicos, cuja chegada ao lado dos doentes pode ser atrasada durante todo o tempo necessário até que cheguem a hora e o tempo da predestinação. Neste instante coincidirão as soluções da arte e da natureza, mas nunca antes.

CAPÍTULO VI
(Sobre o poder da fé)

É preciso, cristãos, que se declarem constituídos com antecedência e superioridade à natureza *(super et supra),* pois certamente lhes será proibida a arte de curar mesmo que tenham avançado notavelmente em seus conhecimentos, quando a hora do tempo estiver próxima. Na verdade, a hora do tempo será aquela da sua atuação propícia, e não antes, por melhor que tenham trabalhado.

Deus, criador de todas as doenças, criou não só aquilo que nos é útil e cômodo, como também as coisas que nos são adversas: o nosso purgatório. Se bem que seja certo que o poderíamos evitar se quiséssemos, sem o uso de nenhuma medicina. E também é certo que se não existissem os homens Ele não poderia fazer nenhuma das obras que lhe foram confiadas. Assim, quando realiza algum milagre, o faz humanamente, por meio dos homens e para eles, usando os médicos precisamente cm tais casos.

Devemos dividir os médicos em duas classes: a dos que curam milagrosamente c a dos que curam por meio de diversas medicinas. Somente os que acreditam e têm fe podem ser in cluídos entre os do primeiro grupo. Sem dúvida, já que a fe não c igualmente forte em todos, pode acontecer que a hora do purgatório tenha acontecido para alguns sem que tenham possuído fé. Neste caso o médico pode realizar o milagre que Deus teria feito por seus meios sobrenaturais se o doente tivesse tido uma fé intensa, segundo explicaremos no nosso quinto livro, sobre a cura divina dos fiéis *(de curae Deifica vel fidelium*).

Para que esta questão não fique pendente, vamos explicá-la com mais perfeição e detidamente no capítulo seguinte, para o qual pedimos toda a sua atenção.

CAPÍTULO V
(Meios que a divindade pode usar para o tratamento das enfermidades)

Algumas curas perfeitas e felizes que aconteceram nos tempos de Hipocrates, de Rasis, e de Galeno, se devem ao fato de que naquela época os purgatórios eram muito pequenos. Depois, com o aumento das doenças, as curas foram se tornando cada vez mais ineficazes, até aos nossos dias, quando o grau e o número das dificuldades é extraordinário para que possamos recuperar a saúde. Isso porque o purgatório atual é muito grande para que algum médico possa aliviá-lo. Tanto é assim que, se os médicos antigos pudessem se levantar de seus túmulos e voltar para o nosso meio, suas artes seriam cegas e nulas.

O castigo divino que pesa hoje em dia sobre tudo o que acabamos de referir faz com que empreguemos um estilo cristão em nosso livro, com o qual esperamos fazer chegar até a suas inteligências a consciência de que todas as doenças são verdadeiros sinais e penitências, razão pela qual Deus pode nos curar delas através da fé, cristãmente, e não do modo pagão usado pelos médicos.

Agora lhes direi que não é verdadeiramente cristão o doente que põe toda a sua esperança na medicina. Pelo contrário, aquele que crê em Deus e confia nele para encontrar o caminho da cura de suas doenças é verdadeiramente cristão. E nele a cura poderá se realizar milagrosamente, seja pelos santos, pela natureza, pelos médicos ou pelas curandeiras.

Aprendam pois, cristãos, que Deus é o supremo médico. Ele é o altíssimo e não o ínfimo, e todo-poderoso ainda que nada exista. Os pagãos e os infiéis pedem socorro aos homens. Os cristãos clamam por Deus *(ad Deum vociferamini).*

Ele e somente Ele enviará a cura imediatamente da melhor maneira. Seja por intermédio de um santo, como milagre, por um médico ou por qualquer outro processo.

CAPÍTULO VI
(Como Deus protege seus fiéis com a saúde)

Tendo demonstrado de que modo Deus tem em suas mãos a saúde e a enfermidade, não vamos nos demorar agora considerando como a saúde é

recuperada logo que passa a enfermidade, pois isto é assunto a ser tratado no quinto livro de prática.

Vamos explicar aqui, em breves palavras, o modo como Deus aflige os homens com doenças, exceto aquelas que provêm do movimento e da ordem da natureza.

Uma vez que o homem e todas as criaturas do mundo estão submetidas à vontade divina, compete a Deus fazê-las felizes ou desgraçadas.

Observem a seguir que, das duas penas gêmeas que podem alcançar-nos, uma diz respeito à vida e a outra à morte. Deixando de lado a primeira, estudaremos agora aquela que nos aflige em vida, a propósito da qual diremos o seguinte: a morte, como todos sabem, provém do pecado do primeiro homem, pecado contudo que não foi cometido por ele. Mas por causa dele o grande juízo celestial nos condenou com essa penalidade que mais adiante estudaremos detalhadamente no “Livro da Morte" *(de morte).*

Notem agora que esta causa que pronunciou para todos os homens a sentença de morte não atua diretamente contra nós, sendo só e exclusivamente o Criador quem atua, castigando todo aquele que toma o partido do lado adversário, e não precisamente por seus pecados, mas por seu sinal, ou seja, sua ideia pecaminosa. Deste medo pode-se discernir sempre todos aqueles que com Ele estão, daqueles que estão com o adversário. Estes últimos são os que não se submetem a nenhum médico, enquanto que os primeiros podem por sua própria vontade e como conse-qiiência da sua grande fé alcançar o tratamento médico devido, com permissão prévia do Criador.

CAPÍTULO VII
(Universalidade da ordem divina)

Aprenderão aqui que não existe nenhuma medicina eficaz contra a morte e que elas atuam somente contra a enfermidade. Isso sempre deve ser conhecido e estar presente no espírito do médico, e não será nenhum teólogo que virá lembrá-lo disso. O fato de as doenças serem produzidas pelas quatro entidades não é razão para que se proceda contra a vontade de Deus. Convém considerar a hora propícia, o tempo exato, e ninguém deve tentar nenhum medicamento quando se aproxima a hora da colheita *(hora messis)* na qual, qualquer um de nós. Deus ou nós mesmos, vamos colher o que nos corresponde, como exporemos mais adiante no “Livro da Morte”

Convém notar também o modo como se comportam entre si, medico e enfermo, já que as enfermidades, assim como os médicos naturalistas, somente surgem por ordem divina.

Como estará a medicina de acordo com tudo isso, para que o médico possa declarar-sc legitimamente médico? Vamos ver como: compreendo que o médico é o servidor e o ministro da natureza. Isso quer dizer que o médico não poderá curar ninguém se Deus não o envia ao lugar propício.

O eléboro, por exemplo, provoca o vômito. Nem todos os médicos contudo podem se servir dele para o mesmo fim porque não está predestinado para todos igualmente.

Digo que a arte de médico, assim como a dosagem do remédio, a prática e o princípio, emanam de Deus, que envia o médico ao enfermo e vice-versa. Por isso, toda cidade que possui um bom médico pode se sentir feliz e orgulhosa, muito mais do que aquela outra que abriga um mau médico. O mesmo diremos dos médicos santos *(de medicis sanctis),* os quais não podemos excluir.

CAPÍTULO VII
(Do modo como Deus exerce seu poder através dos médicos)

Se querem saber por que Deus criou a medicina e os médicos, sendo Ele mesmo capaz de curar, devemos declarar que a vontade do Criador é fazer com que o doente não saiba que Deus é o médico. Para que a arte e a prática progridam e o homem perceba sua ajuda além dos simples milagres, Ele permitiu que a sua influência fosse reconhecida em todos os artifícios da medicina.

Mesmo assim é impossível investigar de que maneira, por quem e como são inflingidas as doenças de origem divina, o que não acontece quando elas são originárias das outras quatro entidades.

Vamos dar um exemplo.

Da mesma forma como alguém pode fazer um vestido com uma peca de tecido, como bem entender, assim Deus age conosco, complctamente em segredo. Nenhum médico pode perceber à primeira vista se um doente está de cama por sua própria vontade ou pelo poder de Deus, que mistura seu castigo tão íntima c secretamente com as outras entidades que quase todos acabam acreditando que a divindade é uma das quatro entidades, quando, na verdade, essa causa superior é a responsável por algumas doenças sem ajuda de nenhuma espécie *(nulla ope).* Isso simplesmente significa que a hora do fim ainda não chegou para esse enfermo.

Somente na tremenda mutação da hora da morte é que todas as doenças terminam. E podemos afirmar que enquanto a doença esteja atuante a morte não poderá acontecer.

Que essas palavras sejam para os cristãos uma afirmação da existência do purgatório e uma advertência para a hora final.

APÊNDICE
(Diferença entre os médicos cristãos e pagãos)

Será um grande erro misturar a fé com qualquer das artes pagãs, por mais habilidosos que consigam ser nelas, por que isso seria agir como pagãos. Ao contrário, devemos sempre nos dirigir até à entidade de Deus que em todo caso nos garantirá um resultado favorável. Pois o médico que não é cristão desacata a vontade de Deus, como demonstrará o "Archiodoxo" (?).

Quando os médicos pagãos, sejam eles infiéis ou cristãos não praticantes da fé, afirmam que são capazes de curar os doentes tão bem como nós, dizemos que isto não destrói nem afeta em nada a nossa entidade, porque quando é preciso que uma coisa se crie ou seja destruída, terá que recorrer aos que tenham poder para isso.

A diferença entre o médico cristão e o pagão está precisamente no fato de o primeiro não agir contra a natureza, e c segundo sim, querendo a todo custo que a medicina dê resultados, forçando-a como se ele fosse Deus. O médico cristão, ao contrário, depois de esgotados seus remédios, espera confiante a hora e o tempo em que a vontade de Deus se manifestará.

De qualquer maneira a medicina é a desgraça do médico, permitida por Deus justamente devido à utilidade privada que proporciona, e à pouca ajuda que a República dá aos médicos. Além disso, *se* Deus tornou difícil a vida dos homens piedosos foi justamente para que suas virtudes brilhem com todo esplendor e para que sua causa seja a preferida entre todas as outras que enumeramos, segundo mostra o "Musalogium" (?).

CONCLUSÃO DO PARÊNTESIS SOBRE AS CINCO ENTIDADES

Chegamos assim ao final deste parêntesis colocado entre os prólogos e os livros de prática.

Descobrimos nele as cinco entidades de onde vêm todas as doenças. E agora vamos começar verdadeiramente a nossa obra.

Ela será constituída de cinco partes. Os médicos naturalistas e os astrólogos sentirão necessidade de nos criticar ou menosprezar. Mas eu digo que nada — nem os escritos dos teólogos — conseguirá perturbar o nosso espírito nem tirá-lo do caminho que tomamos, já que até agora (se vamos falar dos fundamentos e dos verdadeiros princípios) não encontramos grandes coisas nas doutrinas defendidas por eles.

Se querem ser verdadeiramente bons médicos não devem deixar se perturbar com o estilo pagão ou cristão, conforme ensinei, e muito menos com as

críticas e contradições lançadas por esses médicos ignorantes que só sabem se vestir pomposamente de vermelho e preto. Eles são uns fantasiadores que só sabem dizer coisas absurdas e arbitrárias nas quais nunca devem confiar.

Observem o que vou dizer sobre as duas partes ou coisas que o homem utiliza em seu trabalho: a arte e a fantasia. A arte, seja pela reunião da sabedoria, da razão e da inteligência, atua pela verdade e se baseia na experiência. Falta base àqueles que lidam com a fantasia, porque a opinião preconcebida *(praesunta sententia)* não passa de uma forma de ambição. O que eles querem é a fama e a popularidade à custa de afirmações insólitas.

Convém pois que o homem verdadeiramente sábio tenha a melhor instrução e a maior habilidade em sua arte (*artifex*). Assim evitará ser confundido com um desses charlatães que andam por aí vestidos de vermelho *(purpuratus phantasta).*

LIVRO DOS PARADOXOS

LIVRO PARAMÍRICO (Liber Paramirum)

Livros de Prática — Livro dos Paradoxos
Introdução e Nota prévia geral

O *Liber Paramirum* não parece ser o verdadeiro, ou pelo menos o verdadeiro completo. Com efeito, o Livro das Entidades anuncia cinco Livros de Prática e tratamento das doenças, seguindo a mesma ordem, o que não acontece absolutamente nesta obra.

Na edição alemã de Basiléia (1589), Huser colocou um prólogo antes do *Liber Paramirum*, reproduzido nas cinco edições latinas de Frankfurt e Genebra, no qual explica que os cinco Livros de Prática anunciados por Paracelso se perderam, não sendo possível encontrá-los entre os papéis do autor. Apesar disto sua obra inclui um segundo Paramirum *(Paramirum Aliud)* composto dos cinco capítulos seguintes.

Dois livros sobre as causas e origens das doenças que provém das três primeiras substâncias; um sobre as causas e origens das doenças da matriz. E um último onde se estudam as causas e origens das doenças invisíveis. Este é o conjunto que forma o *Liber Paramirum* que chegou até nós. Hoeser e Marx o consideram absolutamente autêntico. Por causa do personagem ao qual foi dedicado não pode se duvidar que ele tenha mesmo vindo diretamente de Paracelso.

A primeira edição conhecida do *Liber Paramirum* é a de 1562, em alemão, sob o título: *Das Buch Paramirum, Dess Ehrwirdigen Hocherfarnen Aureoli Theophrasti von Hohenheym. Inn Druck verfertiget durch Adamen von Bondenstein. Gedruckt* ***Zu*** *Mulhausen durch Peter Schid*, 1562, 4º.

A segunda edição de 1565, também alemã, tinha o seguinte título: *Das Buch Paramirum item von Fundament der Kusten, der Seelen und Leibes Krankheiten...* Frankfurt, Egenalffs Erben 1565, 8º. Ela tem como continuação alguns outros tratados e seu texto é inteiramente semelhante ao da primeira edição, com apenas algumas correções.

Essas duas edições não têm o “Livro dos Prólogos” nem o das Entidades, mas somente os dois primeiros livros do Paramirum, tendo sido reimpressas em Frankfurt em 1565 e em 1566 no *Opus Chyrurgicum* (págs. 573 a 626).

A primeira tradução latina é de 1570 e tem este título: *Liber Paramirum*, Basiléia, por Petrum Pemam, 1570, 8º. Mas não se sabe se foi seu tradutor. O subtítulo acrescenta: "*a quo-dam docto et Theophrasticoe studioso nue primum et Germânico in Latinum sermonem conversi"*. Sudhoff acha que o tradutor pode ser Forberger. Em todo o caso o estilo é notoriamente melhor e mais claro que os escritos primitivos de Paracelso, o que não impede que às vezes ele seja confuso por excesso de resumo.

O *Liber Paramirum* ainda foi reproduzido das seguintes maneiras:

Em alemão, sob o título: *Volumen Medieinoe Paramirum*, Strasburgo, Muller 1575, 8º. Edição na qual aparecem juntos pela primeira vez os livros dos Prólogos e o das Entidades.

Em latim: *Aureoli Theophrasti Paracelsi Eremitoe Philosophi summi Operum Latinae redditorum tomi duo*, Basiléia, *ex officina Petro Pernoec*, 1575. 8º, *scripta Forbergio* intérprete, na qual se declara o nome do tradutor e que na realidade difere muito pouco da de 1570. Nesta não constam os prólogos nem as entidades, mas em compensação aparecem os livros paramíricos reunidos pela primeira vez.

Na Hofbibliothek de Viena também existe um manuscrito da segunda metade do século 16, em alemão, cujo primeiro volume contém o *Opus Parantirum*, segundo o texto das edições de Bodenstein. Mas sem os livros dos Prólogos e da Entidades.

Posteriormente o Paramirum aparece no texto alemão de Huser, publicado em Basiléia em 1570: *Bucher und Schriften corrigiert auss dem Autographo Theophrasti Paracelsi*, na edição latina de Dom e Palthenius (Strasburgo, 1603) e na de Dorn e Bistikius (Genebra, 1658), também latina.

O Paramirum também foi conhecido numa outra edição alemã (reimpressão) feita por Strunz, em Viena (1904), e na única edição francesa, de Grillot de Givry (Paris, 1912), impressa pela Biblioteca Chacornac.

A edição castelhana segue aquelas documentadas e corretas interpretações da edição francesa, com as notas das edições latinas de Palthenius, e com as atribuídas a Forberger.

OPUS PARAMIRUM

DE TEOFRASTO AUREOLUS BOMBASTO DE HOHENHEIM, nascido em Einsiedeln (ermida de Suábia), chamado de PARACELSO, O GRANDE.

Em honra do excelentíssimo e ilustre Joaquin de Wadt, Doutor e Cônsul Eleito

de Saint-Gall.

Sobre as doenças e o tratamento do corpo do esperma *(corpus spermatis)* e do corpo da misericórdia.

2º livro Paramirum (*Paramirum Aliud*)

NOVA DEDICATÓRIA AO SENHOR JOAQUIN DE WADT

Já que nada pode ser compreendido solidamente sem o conhecimento dos princípios e dos preceitos, é justo que esta obra paramírica seja dedicada a vós, senhor Joaquin de Wadt, homem eminente e único entre todos, que abris e estimulais todos os caminhos e todas as obras que cultivam e buscam a verdade.

É justo pois que eu vos consagre esta obra que tem como fim esclarecer os assombrosos erros cometidos na arte da medicina. E nessa arte ninguém mostrou maior interesse e conhecimento dc que vós, merecendo por isso, mais do que ninguém, a palma do meu elogio. Entre todos os cidadãos da nossa pátria helvécia ninguém melhor para julgar esta obra.

E ainda sei que sereis um censor benevolente, que não vos envergonhareis em repelir os erros cometidos e que sabereis assimilar e afirmar a verdade onde quer que ela se encontre.

A fim de que o tempo passado na vida de Saint-Gall não tenha sido em vão, quis promover o juízo de vossa sabedoria nas coisas naturais para que, de um modo ou de outro, nossa lembrança possa se perpetuar entre aqueles que admiram a medicina.

Com efeito, sois conhecido como um dos principais defensores da verdade sobre a eternidade, assim como sobre as coisas do corpo, nas quais igualmente habita o princípio eterno.

Por tudo isso, com méritos de excelência e justiça, vos dedico esta obra paramírica que aqui começa.

OPUS PARAMIRUM

LIVRO I
Causas e Origens das Três Primeiras Substâncias

CAPÍTULO I
(Onde se explica o princípio do fogo e da metodologia médica)

A primeira coisa que todo médico deve saber é que o homem pode se compor de três substâncias. E ainda que venha do nada, ele sempre foi feito com alguma coisa, justamente esta que vamos dividir em três. Enquanto entidade física o homem possui nelas todo o bem e todo o mal. Por isso interessa ao médico conhecê-las intimamente, tanto em sua divisão e composição como em sua conservação e dissolução. A saúde ou a doença, em suas três divisões (mínima, média e total) são consequências disso, assim como seu peso e sua quantidade.

Mas o número e a medida *(in pondere, in numero, in mensura*) são propriedades específicas do estado doentio, cujo fundamento deve ser estabelecido sem equívocos. Vamos examinar este caso detidamente nesta introdução.

Do mesmo modo c conforme essas três coisas, analisaremos o problema da morte. Tais coisas mantêm a vida dentro dos seus próprios limites assim como a mais íntima relação (*colligatio*) diante da vida e do homem. Dessas três substâncias vêm todas as causas, origens e conhecimentos das doenças, assim como os sinais e propriedades de tudo aquilo que o médico deve saber. Elas constituem a ciência que lhes dará o conhecimento de como o homem pede ficar doente ou curar-se, devendo saber que não só a enfermidade nasce da saúde, como também a saúde da enfermidade. Não basta conhecer as origens das doenças, mas também os modos como a saúde pode ser perturbada.

Acontece que os médicos incompetentes acabaram fazendo sombra na luz da natureza, ignorando suas três substâncias e construindo sua ciência unicamente sobre a base das fantasias produzidas por seus pobres cérebros. Eles não pensaram que nenhuma verdade fundamental nas doenças ou no homem não pode existir sem que tenha recebido sua luz na natureza, segundo podemos provar através de inúmeros testemunhos.

Com efeito esta é a grande luz do mundo. E digo que assim como o ouro pode ser avaliado até sete vezes pelo fogo, também o médico deve se provar sete ou mais vezes pelo fogo, já que este provará por sua vez as três substâncias,

revelando-as nuas, puras, limpas e simples. Por isso não se pode dizer que alguma coisa tenha sido provada devidamente antes de submetida à prova do fogo.

O fogo prova todas as coisas. E ao separar as impurezas sempre acaba fazendo aparecer as três substâncias puras. Assim o médico será provado. Não pela própria natureza mas segundo a arte teórica e prática que tenha aprendido sob o batismo do fogo. Porque essas três coisas, esses três princípios, não são perceptíveis acs olhos dos rústicos e nem se deixam captar facilmente. Justamente o fogo é que acaba com a obscuridade que os envolve, expondo-os nitidamente aos nossos sentidos.

Esta há de ser a forma como a ciência da medicina deve se explicar. Assim pois, como obras de Deus, os médicos e a medicina foram criados do fogo e no fogo.

Por outro lado o médico não existe por si mesmo, mas pela medicina: razão pela qual ele deve se submeter ao exame da natureza, do mundo e de todas as coisas que ela contém.

Em semelhantes condições tudo o que aprender da natureza deve ser confiado à sua sabedoria sem pretender interpretar a natureza a partir das especulações de sua inteligência. Finalmente, uma vez recebido os bons conhecimentos, deverá depositar a doutrina e a experiência que eles lhes proporcionaram no fichário da memória. Exibindo a natureza e não ocultando-a, os médicos e as suas obras serão dignos de serem vistos como merecem.

É preciso que as causas da saúde e da doença sejam claramente visíveis e que nenhuma obscuridade seja projetada sobre elas. Por esta razão nos referimos antes ao fogo, em cujo seio todas as coisas estão escondidas e só aparecem sob a sua ação. Desta visibilidade (*aspectu*) nascem os testemunhos da ciência médica. Por isso o médico é médico pela medicina e não sem a medicina, porque esta é anterior a ele e existe por si mesma. De onde se deduz que o seu estudo está na observação dos fatos e não na imaginação dos médicos.

Na natureza da medicina será preciso contar com a sabedoria, com a arte teórica e prática do médico. Somente ele poderá refutar e declarar como erro tudo o que não se encontre na natureza e seja somente resultado de uma opinião preconcebida. Pois é verdade que o fogo foi conferido aos mestres e não aos discípulos.

Tornarei isto mais claro: digo que não existe nada no interior do homem que possa fazer dele um médico por mais brilhante que seja o seu gênio. Nada nele pertence à arte da medicina, pois seu espírito está tão vazio como uma cesta, apesar dele estar sempre disposto a receber e guardar as coisas que lhe sejam entregues e que são um verdadeiro tesouro. Falta entretanto a esse gênio

brilhante a experiência da arte médica, pois na verdade tudo o que apreendemos e experimentamos deve ficar guardado por um certo tempo, e somente aplicado no momento oportuno.

Considerem agora estes exemplos.

Perguntem ao fabricante de vidros de onde ou de quem ele recebeu a sua arte. Certamente não foi dele mesmo, porque a sua razão sozinha não poderia apreender os fundamentos desta arte, apesar de que basta apenas que ele pegue a matéria e lance-a no fogo para que a luz da natureza faça aparecer o cristal diante dos seus olhos.

Vejam agora o carpinteiro. Pelo simples impulso de sua iniciativa ele pode adquirir esta arte e construir uma casa precisando apenas possuir um machado e uma bca madeira para este trabalho.

O médico é como o fabricante de vidros. Ainda que tenha diante de si um doente e diversos medicamentos à disposição, falta-lhe a ciência e o conhecimento das causas. Pele contrário, se possuir um machado e a madeira do carpinteiro, pode chegar a ser verdadeiramente um médico. Tanto de uma maneira como de outra, por mais que como um bom artesão ele se arme de um machado e coloque todo o seu talento pessoal para aprender a usá-lo, precisará do fogo para que o tesouro escondido apareça. Isto é, para que a farmacopeia e a ciência contida em sua inteligência alcancem a finalidade de sua medicina: comprovação que só corresponde ao médico.

Os ignorantes da ciência médica, ou melhor, os que não nasceram da natureza e que, presos à sua própria razão se satisfazem com ela sem querer reconhecer nenhum crutro preceptor, são simplesmente amassadores de areia. Pois digo que tudo aquilo que o fogo ensina não pode ser provado nem compreendido sem o fogo.

Falarei agora sobre a sabedoria que se divide em duas classes: uma vem da experiência e a outra do nosso trabalho. Por sua vez, a sabedoria e experiência são duplas: de um lado está a verdadeira base da medicina, e do outro encontramos o erro misturado com a sedução.

No primeiro desses grupos estão todas as verdades que o fogo proporciona quando por meio da arte de Vulcano realiza a transmutação, fixação, exaltação, redução, transposição e outras operações conexas. Nesta experiência as três substâncias da natureza chegam a aparecer, seja qual for a natureza, propriedade ou composição com que apareceram contidas nas coisas de todo o universo do mundo.

No segundo grupo estão todas aquelas coisas que se descobrem fortuitamente, sem nenhuma experiência anterior. Em tais casos, quando se encontra uma coisa verdadeira apenas uma vez, não se pode afirmar que ela se

repita sempre com igual exatidão, sem o que nãc se pode usá-la como base firme cm nossos estudos ulteriores. O edifício que se constrói sem esses requisitos não tem fundamento e está sustentado apenas pelos erros, sofismas c ficções.

Que experiências pode ter aquele que só tenha pensado desta maneira? Eu digo que absolutamente nenhuma. Pelo contrário, retrocedendo de uma coisa para as outras, chegaremos à primeira, origem das demais, possuindo assim a arte de Vulcano.

Saibam que nunca serão doutores em medicina se desprezarem semelhantes lições e conferências. Mas devem perguntar qual foi o primitivo método de ensinamento e então comprovar que esse é o nosso método.

Reconheçamos então o nosso primeiro mestre na natureza de Vulcano, pois se alguém diz: “faz isso ou aquilo que se curará”, é preciso sabermos exatamente o que é que foi dito.

O mérito de tudo isso recai sobre aquilo que é a saúde mesma. Por isso devemos ir até ao fundo dos conhecimentos médicos, ou seja, da natureza, pois de outro modo não poderíamos nos considerar verdadeiros médicos.

Por isso, quando quiserem conseguir uma base correta, é conveniente que não pensem nem tratem de coisas invisíveis, mas das perfeitamente visíveis e palpáveis, porque não existe melhor motivo de reflexão para o médico do que contemplar o que Deus põe diante dos nossos olhos e nos leva assim, diretamente por nesso Salvador, ao fundamento de toda a verdade.

É preciso que a medicina esteja presente e seja tangível com a máxima evidência, de tal sorte que possamos tocá-la visivelmente e não como em uma sombra.

Acontece que todos os que não sabem ver com essa visão do fogo acreditaram que a medicina era algo invisível, donde resultou esse desvio sobre o qual assentaram o edifício de sua medicina incerta e movediça.

As explicações que acabamos de dar não bastam para compreender como existem quatro humores distintos no homem. Digo que isso corresponde à fé. apesar da insistência que faço afirmando que a medicina deve ser construída diante dos olhos **e** não da fé, exceto quando se trata de doenças da alma **e** da salvação eterna.

A medicina do corpo é visível sem nenhuma fé. Fora isso, certamente existem coisas erradas como existem religiões erradas. Nem todos os que dizem “Senhor, Senhor!” se veem curados pelo exorcismo. O mesmo acontece quando um falso médico aplica uma medicina c diz ao seu doente: “faz isso ou aquilo", e não obtém nenhum resultado.

A medicina não faz caso de tais médicos, que também não podem ser bons pastores dos seus doentes porque estes os desconheceram. O conhecimento

do doente por parte do médico faz parte de sua medicina. Por isso, somente aquele cuja presença é reclamada é o verdadeiro médico capaz dc dar toda a medicina da terra.

Em resumo, o fato de que devemos conhecer e explorar as três substâncias subsiste fundamentalmente, náo pela simples inteligência mas pela experiência da dissolução da natureza e a pesquisa dc suas propriedades.

Da mesma forma o homem deve aprender toda sua sabedoria do grande mundo ou macrocosmo, e não de um só organismo ou microcosmo.

Todo médico se faz nesta concordância *(quoe medicum integrat)* -, o conhecimento do mundo e, nele c por ele, o conhecimento do homem. Isto não quer dizer que sejam duas coisas, mas uma só, que finalmente será completada pela experiência.

CAPITULO II
(Sobre as três primeiras substâncias)

Entre todas as substâncias do mundo existem três cujos corpos sempre vemos reunidos em cada um dos seres. Estas três substâncias — enxofre, mercúrio e sal — ao se unirem (*com-ponuntur),* compõem os corpos, aos quais nada poderá ser acrescentado, exceto o sopro da vida e o que com ele se relacione. Quero dizer que sempre que tenham um corpo qualquer em suas mãos, estão também tomando as três substâncias sob uma só forma ou espécie. Falaremos então dessas três coisas, porque na forma sob a qual existem se encontra toda a saúde.

Assim, quando pegam com as mãos um pedaço de madeira, *o* testemunho do que estão vendo dirá que se trata apenas de um só corpo. Sem dúvida isto não pode ser de nenhuma utilidade ou benefício, já que o mais ignorante dos homens pode ver a mesma coisa. Vocês, ao contrário, devem saber que têm nas mãos o enxofre, o mercúrio e o sal. Se realmente chegarem a percebê-los separadamente, seja por seu aspecto ou contato, digo que terão adquirido finalmente os olhos e a visão de um verdadeiro médico, já que o médico deve perceber estas três substâncias com a mesma precisão com que o camponês vê a simples madeira.

Este exemplo deve nos fazer pensar que as três substâncias se encontram igualmente no corpo do homem.

Ainda que nos ossos humanos estejam juntos o enxofre, o mercúrio e o sal_v somente podem dizer o que é um osso e que conhecem a razão e o mecanismo de suas enfermidades depois de tê-los examinado separadamente. Porque por mais que as aparências exteriores estejam ao alcance da percepção de todos, os médicos é que têm a obrigação de possuir essa visão especial do interior (*contuitio*) através da qual o segredo das coisas nos é dado.

E necessário então que as tornemci visíveis. Ainda que a medicina seja relativamente defeituosa nesta maneira de ver, temos que ir levantando os véus que as cobrem com toda a paciência e acabar mostrando a natureza em suas menores substâncias.

Se meditarem sobre isto, e chegarem até que ponto e em quantas classes a última matéria das coisas pode ser reduzida, verão que as três substâncias estão em todas elas perfeitamente independentes entre si. Com isso o médico consegue o que o impostor ou o profano não podem conseguir.

É preciso portanto conhecer primeiro estas três substâncias e suas propriedades no macrocosmo *(in magno mundo)* para poder se referir a elas e depois encontrá-las com facilidade no corpo humano (microcosmo),

tempreendendo assim o que ele é e o que nele existe.

Para um melhor entendimento voltaremos ao exemplo da madeira: se queimarem o corpo da madeira e observarem o que acontece, verão que existe uma coisa que arde — o enxofre — outra que faz fumaça — o mercúrio — uma outra que se transforma em cinzas — o sal. Este fenômeno de queimar a madeira confunde o homem rústico, mas dá ao médico um principio inicial da maior importância e o prepara para possuir o olho clínico.

Fiquemos pois com essa ideia de que as três substâncias são encontradas separadamente em todas as coisas e que existem iguaimente em todas elas. E que se tais substâncias não são perceptíveis à primeira vista, podem se revelar e se tornarem visíveis sob a influência da arte.

Somente o enxofre arde, e nada pode se transformar em fumaça além do mercúrio, assim como nada pode virar cinzas sem que seja sal.

A cinza é a substância, ou melhor, a parte da matéria que compõe a madeira. E ainda que ela seja a última e não a primeira substância, serve para testemunhar (*testatur)* a existência da primeira matéria, ao lado da qual — e também da segunda — encontra-se unida no corpo vivo. Pois se é certo que tudo o que se encontra no corpo vivo está ao alcance do povo, não c da mesma forma quando se trata das substâncias para as quais, segundo explicamos, é preciso um trabalho prévio de separação.

Não falarei aqui sobre a primeira substância porque não estou tratando agora de filosofia, mas somente de medicina.

Mas direi que onde existe fumaça, lá estará a segunda substância, volatilizada e sublimada pelo fogo. Porque ainda que o mercúrio não seja visível separadamente em seu primeiro estado, o é pelo contrário no momento de sua fuga, quando se transforma em fumo, último estado sob o qual não pode se fixar, permanecendo assim incapturável.

Da mesma forma, tudo aquilo que arde, aparecendo aos nossos olhos em esplêndidas brasas, é o enxofre. Pois assim como o mercúrio se sublima pela virtude de sua volatibilidade, o enxofre, que é fogo, representa a terceira substância das que formam a constituição do corpo.

Depois do que foi exposto devemos deduzir a teoria que nos permita estabelecer claramente a natureza do mercúrio, do enxofre e do sal que encontramos na madeira e em todas as outras matérias, e em que grau e forma entram na composição do microcosmo (do homem). Pois já sabemos que o corpo do homem não é outra coisa senão que enxofre, mercúrio e sal: substâncias onde se alojam a saúde e as doenças, e tudo o que se relacione com elas.

Insisto neste ponto porque verdadeiramente é nestas três substâncias que encontramos a razão das doenças e não nos quatro elementos ou qualidades.

Assim, por exemplo, ainda que as pedras, os metais e muitas outras substâncias não possam arder, faltando-lhes propriedades combustíveis, chegam a se tornar incandescentes *(flagrabilia)*, como demonstra a ciência da alquimia. O mesmo pode se dizer com relação à sublimação de diversas substâncias, inclusive o sal.

Assim, a arte pode colocar em evidência o que os olhos dos leigos não podem ver, ou melhor, o processo de separação pelo qual todas as substâncias aparecem diante dos nossos olhos.

Se agora quisermos falar das propriedades e da natureza destes três princípios devemos considerar a questão da seguinte maneira: a natureza onde se encontra o mercúrio, o enxofre e o sal, sendo ela boa ou má, cura ou faz adoecer. E toda a substância, por assim dizer, cada uma dessas substâncias possui sua natureza característica.

Se estes três princípios se misturarem no mesmo corpo, suas três naturezas se manifestarão sob uma só forma, que se expressará apesar da predominância de cada natureza individual e não a da substância comum resultante.

Em princípio todas as naturezas são boas, apesar do que podem não ser favoráveis, provocando o aparecimento da doença. Isto nos permitirá saber que parte da natureza se separa, porque somente quando uma delas se separa é possível se ver as outras claramente. O que significa que existirá tantas doenças^ quanto naturezas, e que, em qualquer caso, para falar das naturezas é preciso conhecer a primeira matéria. E a esta primeira matéria vamos dar o nome de “Fiat”.

Entretanto o fogo de Vulcano nos ensinou alguma coisa sobre isto ao nos dar o conhecimento das três primeiras substâncias que se identificam com o enxofre, pelo enxofre, pelo mercúrio por suas semelhanças com o sal já que se originam de uma só e semelhante operação.

Ainda que todas elas pertençam essencialmente ao grande mundo — ou macrocosmo — devem também ser interpretadas e referidas ao pequeno mundo — ou microcosmo — que é a natureza do homem, cuja primeira matéria resulta da coagulação das três substâncias e dos quatro elementos no limbo.[1]

O médico então deve saber que as doenças nascem da perturbação das três substâncias e não dos quatro elementos, pois nem a sua natureza e nem sua força têm relação com a medicina. Isso porque os humores não são mais que verdadeiras matrizes, como teremos oportunidade de explicar no parêntesis relativo a esse assunto.

Essa é a razão fundamental pela qual somente ao médico cabe o conhecimento e a exploração destes três princípios em cuja substância existem

as causas de todas as doenças em estado latente.

Isto tem ainda maior interesse porque o homem não pode durante a sua vida ver nele estes três princípios que somente são perceptíveis depois da destruição. Por isso farão bem se aplicarem seus espíritos no conhecimento dessas coisas que moram tão esplendidamente no homem são, justamente antes que a morte as dissolvam.

Enquanto o enxofre, o mercúrio e o sal estiverem vivos, os homens não ficarão doentes, caindo em tal estado no entanto se tais elementos se dissolverem. Por isso é da maior importância para nós médicos colocar toda a atenção no estudo do processo dessa separação, pois na verdade somente a vida — como um pano cobrindo todas as coisas — nos oculta os princípios das substâncias.

Vejam por exemplo como é formoso o homem enquanto está vivo, e a extraordinária destruição que se produz nele com a morte. Inclusive quando morre apenas um dos seus membros se dissolvendo nas três substâncias.

Sem dúvida não devem se esquecer de que tudo o que está na morte também está na vida, só que com menos brilho e enfeites.

Igualmente quando um cedro é lançado ao fogo, tão formoso em vida, veremos aparecer imediata e espontaneamente nele todo tudo o que a vida mantinha oculto. E assim acontece com todas as outras coisas.

Quero que todas as coisas que possam ser demonstradas de diversas maneiras sejam apresentadas de acordo com os seus princípios, de onde devem derivar as suas doenças.

Repetimos então: todo o corpo que conserva unidas suas três substâncias se encontra em boa saúde. Pelo contrário, quando elas se dissolvem ou desagregam, acontecerá que uma apodrecerá, outra se inflamará, e a última se dissipará de um modo ou de outro, aparecendo assim verdadeiras enfermidades. Enquanto o corpo se mantiver unido estará isento de doenças. Mas logo que se dissolva *(dissipetu)* manifestará tudo o que interessa ao médico saber.

Darei um outro exemplo: quando conhecemos vinte homens distintos unidos por um pacto ou uma crença, e depois de certo tempo os encontramos novamente, mas separados, podemos reconhecê-los perfeitamente um por um e inclusive saber qual foi o motivo da dissolução de sua sociedade.

É na separação que podemos conhecer todas as coisas, pois somente deste modo saberemos o que se separou, remediando justamente o princípio correspondente a cada caso.

Caso não trabalhem desta forma somente restará o princípio da morte, ou melhor, a destruição de toda a soberania.

Resumindo: o enxofre, o mercúrio e o sal são as três primeiras

substâncias que durante a vida permanecem ocultas e que com a separação da vida se revelam e se manifestam,

É preciso que o médico conheça todos os nomes, gêneros e espécies dessas substâncias de tal maneira que na presença de qualquer doença possa dizer: “esta é uma doença provocada por tal causa". E da mesma forma como no exemplo da sociedade dos vinte homens quando esta terminou, possa dizer: “isto ou aquilo foi a causa da ruptura, e esta se produziu de tal maneira”. Nunca digam: “ela foi provocada pela cólera, a melancolia ou a fleuma", mas afirmem que “o homem **é** quem **a** provocou". Significando que **é** mais justo atribuir a causa ao homem mesmo do que à cólera. Os médicos que me escutam devem reter isto como um verdadeiro axioma.

Saibam então que todas as doenças devem ser referidas ao homem, motivo pelo qual devemos lhe atribuir os três elementos, as três substâncias, os quatro astros, as quatro terras, as quatro águas, os quatro fogos, os quatro ares, c todas as condições, costumes, propriedades e naturezas, sem o que nenhuma doença poderá existir; coisa que de fato se esqueceram ao escrever que as doenças nascem dos quatro humores, que nunca tiveram a menor afinidade com os elementos e nem com as substâncias.

Alegro-me de ter falado assim, pois na verdade todas as naturezas relativas ao homem se encontram na doença, e umas c outras no seio do limbo perfeito.[2]

Notas

1. Elementos da alquimia.
2. Paracelso repele terminantemente a teoria dos quatro humores, assim como a dos quatro temperamentos (compleições), o que ainda não foi devidamente levado em conta por aqueles que se referem modernamente à arte “spagírica" ou dos humores. Paracelso se exclui neste ponto não só dos galenistas oficiais, mas também dos hermetistas, entre os quais por exemplo Arnaldo dc Villanueva, em seus comentários sobre a escola de Salerno. consagra um longo capítulo ao estudo dos quatro temperamentos, chegando a admitir até oito compleições resultantes da mistura dos quatro humores (cap. III e LXXXVII do *Speculum introductionum medicinatium*).
Fernel, que provavelmente não conheceu os escritos de Paracelso, já mantém certas reservas a propósito dos temperamentos, e, mesmo sendo oficialista, não gosta de fazer os temperamentos dependerem unicamente dos humores, o que lhe inspirou conceitos notáveis como este: "*non ex humoribus. sed ex constitutione propria, definienduni est curpori temperamenthum, quae humorum sunt nomina periti artilicis non est corpori accomodare*". ou seja: “Não são os humores, mas a própria constituição, o que define o temperamento do corpo, já que os humores não passam de nomes convencionais que alguns práticos empregam c não o que forma o corpo".

CAPÍTULO III
(Sobre o modo de ação das três primeiras substâncias, o sujeito intermediário e sobre a alquimia)

As doenças foram criadas e devem ser conhecidas segundo a natureza viril. Explicaremos isto com mais detalhes: o enxofre, o mercúrio e o sal são três humores, entendendo que humor quer dizer corpo. Por isso, quando falamos de um corpo, estamos nos referindo concretamente a um humor e não a uma coisa desconhecida e rara.

O corpo e, por outro lado, o que o médico deve tratar.

Quanto ao humor, não é certo, como querem, que a doença se assente nele, pois não é baseada nele e nem produzida por ele.

O que gera a doença é a entidade substancial *(ens substanciale)* que precisa além disso, sejam quais forem as doenças, de uma natureza masculina ou viril na totalidade do limbo astral. Com isto fica definitivamente eliminada a influência dos humores, que, como se sabe, não possuem nada que venha dos astros.

Essa é a razão pela qual todas as doenças devem ser do gênero masculino.[1]

Observem agora quais são as três coisas que chamamos de geradoras do estado doentio.

O súlfur, ou enxofre, não estimula ou incrementa o dano que pode produzir, a menos que seja de natureza astral, ou melhor, a menos que uma faísca de fogo se una a ele. Neste caso ele se desenvolverá de um modo masculino (*virescit*) sob a excitação da faísca, pois não há nada mais viril do que

se consumir no fogo. Por isso, quando uma doença surge com essa origem, será preciso antes de mais nada chamar o enxofre pelo próprio nome, e depois determinar qual é a operação masculina na qual se desenvolve.

Existem muitos enxofres: assim a resina, a goma, a terebintina, a gordura, a manteiga, o azeite, a aguardente, a axonga(?)... etc., são outros tantos enxofres. Alguns vêm da madeira, outros dos animais, outros do homem e alguns, finalmente, dos metais, como o azeite do ouro, da prata, do ferro, ou das pedras como o licor do mármore, do alabastro etc.. . Da mesma forma se produz em algumas sementes, como também em muitas outras coisas designadas por seus nomes particulares.

Quando o fogo cai sobre qualquer uma dessas coisas, único astro verdadeiro como seu nome indica, se realiza a primeira parte de uma operação que chamaremos de matéria pecante.

A propósito do sal devem saber que ele existe como humor material, mas que não conduz à doença nem se une ao astro, sendo o seu astro a decisão que o toma viril (*masculta*). Pois o sal, da mesma forma que o espírito do vitríolo, do alúmen, do tártaro, e do nitro, se manifesta desordenadamente ao ser dissolvido *(resolvitur)*. Como poderia ser enviada aos humores uma natureza semelhante a não ser pela influência do astro? Sem dúvida todos os médicos guardaram o mais absoluto silêncio sobre isto.

E ainda digo que se não tivessem cometido outro erro que o de omitir sistematicamente a influência do astro em todas as causas e tratamentos das doenças, bastaria isso para afirmar que eles construíram seu edifício sobre a areia ou sobre o barro.

Saibam também que existem muitos sais: como a cal e as cinzas. Assim como existem os arsénicos, os de antimônio, a marcassita e outras que provocam e geram doenças especiais que imediatamente tomam nomes e naturezas próprias.

Quanto ao mercúrio, cuja natureza não é viril por si mesma, precisa da influência do sol para sublimar-se, deixando diversas combinações mas conservando sempre a sua essência em um só corpo.

A diferença dele para o sal e o enxofre está precisamente neste fato, pois enquanto esses corpos podem se manifestar sob múltiplas formas, o mercúrio é sempre único, dependendo sua natureza e as diversas doenças que provoca das distintas variações do astro. Isto é o que lhe confere, repetimos, um caráter masculino.

Todas as doenças, com seus nomes e títulos especiais, estão contidas nestas três substâncias. Entre elas, convém atribuir ao enxofre tudo o que seja sulfuroso c capaz de queimar por si mesmo; ao mercúrio o que suporte a

sublimação, c ao sal tudo o que possa se reduzir novamente em sal.

Devem saber que o homem foi colocado entre essas três substâncias e um corpo intermediário que é o “corpo vivo“, “entidade vivente“, “sopro vital“ ou “anima“, razão da existência dos médicos e das doenças, sendo primeira matéria tudo o que está antes desta vida, e última matéria tudo o que está depois.

O que chamaremos de “sujeito“ do corpo intermediário não é somente o princípio que enunciamos, mas o que está constituído pelas três substâncias, a saber: a vida em separado (*seposita*), a essência e a natureza, à qual nada podemos acrescentar ou subtrair.

Agora que sabem como existe o nosso “sujeito”, direi que ele pode ser ferido ou rompido de três maneiras: a primeira acontece por si mesma, é o que acontece quando a vida o destrói, pois é preciso saber que a vida e a paz têm a mesma razão de ser. E que a concórdia existe onde há paz, acabando esta e a própria vida tão logo a concórdia se dissolva. Por isso, quando estas três coisas não querem continuar unidas (*indivisa*) entre si, a vida termina e o corpo se desintegra. A segunda acontece pela dissolução violenta que se produz no nascimento, durante a educação, ou em qualquer momento pelo arbítrio da nossa vontade, através da qual induzimos e excitamos os astros contra nós. Enquanto a terceira vem espontaneamente, ainda que o corpo permaneça unido e sem se dissolver, sem que possamos atribuí-la a nenhuma força exterior, representando simplesmente o fim. Isto acontece fatalmente com todas as coisas, por melhores, fortes ou magníficas que sejam, já que o tempo há de levá-las fatalmente a este ponto. Fim para onde também o homem será conduzido, pois sempre serão poucos os anos de sua vida.

Estudaremos agora a razão pela qual estas três coisas foram criadas com todas as suas infinitas espécies e variedades. Pois é notório que a resina de Retia é diferente da de Nórica,[2] que o azeite de amêndoas feito em Nápoles é diferente do que se colhe no lago de Como, e que em geral as plantas nascidas nas montanhas são diferentes daquelas que brotam nas planícies. Saibam que a razão dessa diversidade está nas palavras de Cristo: “todo o reino que se divide contra si mesmo, perecerá”, e que se as coisas devem morrer é preciso que se produzam guerras internas nos diversos membros, e que o corpo, assim dissolvido, morra de uma ou outra maneira, já que não será possível investigar somente as aparências.

Isto e os humores constituem o verdadeiro fundamento das doenças e a razão da abundância dos médicos. Além disso, a medicina em si é uma coisa caduca, que nasce e morre com cada homem, podendo ser comparada com os círculos de Platão (anni), nos quais todas as coisas se renovam continuamente, segundo explica Arnaldo de Villanueva.

Voltando ao assunto, direi que somente aquele que conheceu a fundo os capítulos da destruição do reino pode ser considerado sábio e admitido na ciência que demonstra ter mais bases.

Como conclusão, c para que todas as doenças sejam conhecidas devidamente, faremos três livros em seguida, nos quais será explicada a produção c o desenvolvimento de tudo aquilo que pode vir das doenças, de nós mesmos e do curso do tempo.

Com isso fica estabelecido que se o médico quiser conhecer o homem e suas doenças deve começar descobrindo as doenças de todas as coisas universais que a natureza sofre no grande mundo ou macrocosmo, que por sua vez são as mesmas que causam os sofrimentos humanos. Assim, tal coisa sofre desta maneira e uma outra de modo diferente, mas tudo sofre no homem. Pois se o homem vem da totalidade do limbo, é lógico que carregue em si todos os bens e todos os males. A partir do que Deus estabeleceu um intermediário (médium) para que através dele continuemos sem nos desviar da medida e da ordem preestabelecidas (*proefiguratus*) desde o começo das coisas.

As doenças estranhas devem ser estudadas pelos médicos por métodos estranhos, aplicando as concordâncias *(sumere concordantias*) correspondentes, preparando e separando as coisas visíveis, e reduzindo seus corpos à última matéria com a ajuda da arte spagírica ou da alquimia.[3]

Então, encontrada a substância que gera a doença, teremos conseguido o conhecimento de todas as doenças, sempre que esta substância seja capaz de reduzir todas as coisas, pois se não devemos nos limitar ao tratamento das doenças desta ou daquela região, sem que possamos fazer nada contra as que sejam de uma natureza mais estranha.

O médico, com efeito, somente deve ser médico das doenças que conheça, mas não daquelas que ignora. Por isso não deve se preocupar como nós de serem influenciados pelos árabes, bárbaros ou caldeus. E não acreditar em nada daqueles que não passaram pela prova do fogo, pois isso não é verdadeira medicina, já que, como temos repetido, o fogo é que cria o médico.

Aprendam pois a alquimia, também chamada de spagíria, porque ela lhes ensinará a distinguir o falso do verdadeiro. Com ela possuirão a luz da natureza e poderão provar todas as coisas claramente, dissertando sobre elas de acordo com a lógica e não pela fantasia, de onde nada de bom pode sair. A não ser coisas assim como essas histórias infundadas e artificiais sobre os quatro humores, impróprias de um gênio rico e brilhante.

Notas

1. Esta observação não se justifica além do latim, onde doenças (morbus) é masculino, mas não em alemão, francês, espanhol e português. Sem dúvida a observação foi feita para desmascarar os inimigos de Paracelso quando diziam que ele não sabia latim.

2. Distritos vizinhos de Panonia.

3. *Spagyria*, das raízes gregas “tirar, extrair, separar" e “reunir”, é um termo moderno que parece ter sido empregado pela primeira vez por Paracelso, e que todos os autores tomam como sinônimo de alquimia. Em suas duas raízes etimológicas estão os dois conceitos ou operações fundamentais da química: a análise e a síntese. No pensamento de Paracelso a ideia primária tinha um sentido mais elevado ainda, pois significa a arte de separar nos corpos os fermentos puríssimos de sua essência, únicos que deviam ser empregados na medicina, excluindo portanto a massa envolvente, inativa e inclusive prejudicial. Alguns outros alquimistas usaram para isto os termos “solve" e "coagula". Mas seja de uma ou de outra maneira, corresponde mais uma vez a Paracelso o título de precursor ao fazer o conceito do “princípio ativo” que hoje domina toda a farmacologia e toda a quimioterapia. Além disso, historicamente a seita dos spagiristas se desenvolveu a partir do século 16. Os médicos que faziam parte dela foram censurados muitas vezes pela Faculdade de Paris, mas em compensação todos os reis de França lhes prestaram ajuda e apoio sob a forma de pensões e prêmios, especialmente a partir de Henrique VI até Luís XVI. Sua base era a medicina química mineral ou yatro-química, opondo-se assim à medicina vegetal que tinha dominado nos séculos precedentes.

CAPÍTULO IV
(Sobre as compleições e os "arcanos”)

Vamos falar agora sobre as compleições. Quando se diz que tal pessoa é sanguínea, colérica, fleumática ou melancólica, afirma-se uma coisa completamente sem razão. E isto pode ser provado facilmente de muitas maneiras. Uma delas, talvez a melhor e mais importante, é justamente a de que as compleições são produtos que a vida concede com toda liberalidade. Pois bem. Se a vida confere as compleições, estas não tem nada a ver com as trés substâncias. Por isso elas não são de muito interesse para os médicos, já que a vida em si, o que dela emana ou se relacione, foge de toda a influência. O médico não deve se esquecer de que tudo que passa (*transit*) com a vida não tem relação com a teoria médica, e que se trata de um grave erro referir ao corpo doente aquilo que só corresponde na realidade ao corpo são.

No corpo, isto é, na natureza, não se encontram as compleições mas as substâncias, porque quando dizemos “isto está quente ou tem tal calor" não indicamos a compleição da coisa mas da natureza da substância, que não gera por si a saúde nem a doença e que não corresponde ao corpo vivo.

Igual falsidade se comete quando se diz que os costumes, os hábitos ou as maneiras provém da compleição, porque na verdade eles vém dos astros. Não é a bílis que provoca a cólera, mas Marte. Assim, quando a bílis se acumula c derrama como uma bebida que tivesse enchido o estômago excessivamente, é Marte que está determinando.

Qual é então a natureza dessas coisas? A verdade é que este assunto diz

mais respeito ao astrônomo que ao médico. Por isso dizemos que as compleições não pertencem ao campo da medicina, nem são matéria ou causas de doenças, correspondendo à vida e ao corpo físico.

O fato da doença ser quente ou fria, úmida ou seca, não quer dizer que tenha alguma relação com as compleições.

A compleição é algo duplo e simultâneo: quente e seco, ou quente e úmido, ou bem frio e seco, ou frio e úmido, que se converge até à natureza elementar, sobre a qual nos absteremos de falar aqui.

As condições das doenças podem ser quentes ou frias, mas não úmidas ou secas ao mesmo tempo, ou bem úmidas ou secas, mas não quentes ou frias, pois sua constituição só permite que sejam de uma única maneira: quentes, frias, secas ou úmidas.

Esta condição resulta de uma só qualidade e não de duas. As manias são uma coisa quente, sem secura nem umidade alguma, e a hidropisia uma umidade sem calor nem frio de espécie alguma.

Assim estão constituídas as enfermidades. Em medicina não se considera mais do que um só grau e uma única condição, sem compleições duplas ou bigeminadas. As dualidades não podem subsistir no estado doentio, já que assim se subordinam à vida e não ao médico. Por exemplo: o que diz respeito ao médico uma coisa que seja bela, brilhante e colorida?

Ao contrário, se querem saber o que é o calor somente, o frio, a secura, ou a umidade, é preciso representá-las em algo que esteja só. O que nunca é uma coisa com vida. Então, somente assim, ou pelo acréscimo de influência dos astros a doença se faz presente.

Quando o corpo se abrasa é sinal de que alguma coisa, mas uma só, o invadiu (*invadit*). Essa coisa é que o leva para o calor, o frio, a secura ou a umidade, e que o médico deve investigar. Daremos um novo exemplo: quando alguém faz uma ferida, ou provoca uma deformação em outra pessoa, ou corta o próprio pé, não provoca com isso o calor, o frio, a secura ou a umidade, mas uma agressão, um golpe (*ictus*), e nada mais.

O começo das doenças é mais ou menos assim, pois mesmo as de natureza interna não passam de feridas ocultas que nada têm a ver com o calor, o frio, secura, ou a umidade. Por isso podemos concluir que a arte verdadeira e natural *(genuina)* consiste precisamente em “encarnar”. Não importa que as coisas produzidas no íntimo sejam quentes, frias, secas ou úmidas. Apenas é preciso que saibam que elas estão efetivamente na carne. Por mais que as feridas queimem, inflamem e provoquem febres, não pode se dizer que elas sejam verdadeiras doenças.

Combatam diretamente a doença e verão como não precisam se deter

nem se refrescar no seu esforço. O que acrescentamos foi para mostrar o erro e os defeitos de sua arte, já que não sabem tudo o que se refere à encarnação como deveriam saber por obrigação.

Na hidropisia essas coisas da encarnação são também as que expulsam os sais dissolvidos, e não o que é frio ou quente, já que a medicina não foi constituída assim.

A mesma razão explica a virtude purgativa da *coloquíntida* e do *turbito*[1], que também nada têm a ver com a compleição, e que tiram tal virtude, não da compleição mas da natureza masculina. Razão pela qual todas as virtudes das coisas são verdadeiros "arcanos" enquanto curam as doenças que lhes correspondem, sem nenhuma intervenção de compleição. Recordem tudo o que acabo de dizer porque isso encerra uma grande verdade.

Saibam agora que tudo o que vem com a natureza, com a natureza se vai. Assim, quando a água apaga o fogo, o responsável por isso não é o frio, mas a umidade. E quando o fogo esquenta, a causa está no calor e não na secura. Logo, o que governa a doença é algo de semelhança perdurável e não os acidentes transitórios da matéria *(sed non quod matéria peccans sit*) (como por exemplo a cor) que não acrescentam nem tiram nada. Assim a doença, como uma espada incandescente, está incidindo sobre a compleição.

E quando o enxofre do corpo se inflama e explode como o fogo persa[2], a medicação não poderá ser outra senão apagar a citada combustão. Razão pela qual os resultados terapêuticos que se obtém por meio do frio são sempre duvidosos, porque o importante é apagar esse fogo invisível.

Apagar é uma boa finalidade. Esfriar, ao contrário, é envenenar *(refrigerare venenun est*), chamar e provocar outras doenças.

Queremos dizer com isso que Deus não pede que façamos isso ou aquilo conforme a nossa habitual determinação, mas de acordo com a medicina perfeita que está baseada na boa ordem, como vimos no exemplo da água e do fogo.

Por isso é preciso que abramos bem os olhos para esta arte a fim de que possamos distinguir as coisas não só medicinalmente, mas com a verdadeira visão do fogo, e não com a simples contemplação dos rústicos e dos leigos.

Isto há de ser o fundamento do qual partiremos para o estudo do tratamento médico, logo que nos separemos definitivamente das compleições e dos quatro humores, responsáveis por tantas obscuridades nos conceitos da medicina.

A verdade é que toda doença tem que ser quente ou fria. Qual poderia dispensar estas "cores"? Diremos que nenhuma. Sem dúvida elas não passam de simples sinais e não doenças propriamente ditas. E quem tomá-las como matéria

se enganará fatalmente.

Quando a testa arde, a cabeça inflama, o corpo fica dolorido, a urina avermelhada, o pulso rápido, e o fígado ressecado, o que isto significa? Quer dizer certamente que existe uma doença, sem que estes sinais sejam a enfermidade. São apenas a sua imitação ou expressão.

Igualmente na cólica provocada pela retenção ou estreitamento encontramos sinais semelhantes aos das cólicas violentas que produzem inflamação, paralisia, sede, vômitos e outras coisas.

Entretanto podemos afirmar que não são essas impressões que nos fazem sofrer, pois se conseguimos libertar o doente da constipação, todos os outros acidentes desaparecerão imediatamente.

Considerem os cálculos e os males que eles trazem: para fazê-los desaparecer será necessário apenas eliminar a pedra. E ela não será eliminada com o calor nem com o frio, e muito menos pela inflamação das compleições ou dos humores, sendo preciso no entanto que usemos a faca (bisturi?). Com isso dizemos que a faca será o “arcano” da pedra.

É importante que saibam quais são os "arcanos” e suas doenças correspondentes.

Isso quer dizer que todo aquele que pense em usar as coisas frias para combater as quentes, e as secas com as úmidas, não compreendem a natureza da doença.

Consideremos por exemplo a mania ou loucura. Nada alivia mais esta doença do que a ruptura de uma veia, único meio nestes casos para atrair a saúde. O “arcano” desta doença será então a sangria (*phlebotomia*), e não a cânfora, o nenúfar, o sândalo, a manjerona, os clisteres, nem o banho frio.

E o que é certo para a loucura também o é para outras doenças, porque todas se submetem à mesma lei.

Se agora alguém quiser dizer que tal homem são é muito melancólico, estará usando um termo inexato, pois a luz da natureza ignora o que é melancolia. O correto seria dizer que este ou aquele é lunático, ou saturnino, de acordo com os seus costumes. Porque é certo que os nossos costumes e as propriedades da nossa natureza foram feitos sob o influxo dos astros, sendo que a melancolia não tem nada a ver com isto. Motivo[3] pelo qual não deve ser admitida em medicina nem adotada como coluna fundamental em nossa ciência.

A melancolia se localiza no baço, cujo astro é Saturno, o que não significa que sempre quando o baço estiver doente Saturno esteja em jogo, pois a melancolia pode se manifestar perfeitamente sozinha. A febre quarta também corresponde a Saturno, e ela não produz melancolia. Por isso concluímos afirmando a falsidade do humor melancólico.

Outras fantasias são ditas sobre a fleuma do cérebro e a cólera do sangue, assim como dos rins, dos pulmões, do estômago, e do coração. Se todos produzissem seu humor correspondente existiriam outros além dos quatro aqui referidos cada um de acordo com a sua natureza sem que nenhum suplante o lugar dos outros.

Assim o baço, os rins, os pulmões, a região que guarda a cólera, o lugar da fleuma e da melancolia etc... todos conservam o lugar que lhes corresponde. Deixemos longe de nós o pensamento de que o corpo possa se escravizar a quatro simples colunas de humores ou de elementos. Mas conservemos a ideia de que esses quatro elementos existem realmente.

Se me perguntarem o que é o elemento, responderei que é a matriz do seu fruto *(matrix sui fructus*) do mesmo modo que, segundo toda evidência, a terra também é a matriz do seu fruto. Isso não tem nada a ver com a secura ou o frio da terra, e que nada representa por si mesmo, mas que precisa da união dos quatro elementos para se desenvolver.

A mesma coisa podemos dizer da água, do ar, e do fogo, pois se fôssemos confiar nas descrições que fazem deles, poderíamos convir que vocês jamais os conheceram. Porjue se isto tivesse acontecido, ao menos um pouco, não teriam explicado tão grosseiramente a natureza do homem (microcosmo) c teriam deixado observações mais inteligentes sobre isso.

Notas

1. Exitem duas espécies de turbitos, o mineral e a vegetal, ambas purgativas. A primeira é a raiz de uma planta da família das convolvuláceas (*Ipomea Turpethum*) de propriedades semelhantes à jalapa, que provavelmente Paraceiso não conheceu, já que foi importada das Índias, ignorando-se ainda suas relações e origens no Lexictm de Castelli, de 1746. O turbito mineral é um precipitado doce de mercúrio, sem nenhum corrosivo (sulfato trimcrcúrico), insolúvel e ruim como preparação farmacológica, ao que Paracelso devia estar referindo.
2. Em diversos manuscritos de Leonardo da Vinci encontram-se fórmulas dos fogos que os antigos empregavam, aos quais Paracelso faz alusão.
3. Eram remédios clássicos do empirismo medieval contra a loucura. ‘'Arcano" é assim o ‘‘remédio especifico".

CAPITULO V
(Razão e superioridade da anatomia)

Acabamos de demonstrar que o verdadeiro “sujeito” da medicina são as “três substâncias”, ao lado das quais o “corpo intermediário” se diferencia nitidamente graças as suas admiráveis construções e perversões. Essa mutação ou perversão é a mesma coisa que faz o pintor ou o escultor ao realizar uma estátua de madeira, ou ao pintar uma imagem na parede quando ninguém chega a ver a madeira, e ao contrário, todos percebem a imagem desenhada.

Sem dúvida, basta que esfreguemos um lenço ligeiramente molhado para que desapareça tudo o que o pintor acrescentou ali com a sua arte.

O mesmo acontece com a vida. Assim, uma vez que Deus nos esculpiu ajuntando as três substâncias, a vida nos anima permitindo-nos andar, deter e mover-nos. Apesar disto, qualquer "esponja” pode fazer desaparecer todas essas coisas. Isso quer dizer que não devemos nos deixar seduzir pela vida nem por tudo o que ela encerra.

Além disso, esse pintor[1] é tão hábil que pintou as três substâncias com as cores do Sol, da Lua, de Vénus etc..., brancas, pretas, ou de outras cores distintas, obtendo com isso o mais alto grau de maestria, inalcançável para nós, já que suas cores e pigmentos não estão diluídos na cola, no azeite, como as nossas, mas são ligeiras como o ar ou as sombras, apesar do que chegam a ter no homem vivo a propriedade exata de sua cor.

Somente a morte pode apagar tais cores dando em troca o seu pigmento especial, já que quando ela toma o corpo impõe sua própria cor, desprezando as cores da vida. Disto se deduz que a aparição da cor da morte significa justamente a morte da doença.

É preciso que conheçam bem estas duas espécie de cores — as da vida e a da morte. Sua comprovação não significa por si mesma o menor conhecimento da doença, mas seus simples sinais exteriores. A natureza dos sinais é tão incerta e falsa como uma palavra que escapa da boca, seja ela uma expressão séria ou uma brincadeira.

Também não devem acreditar que pelo fato de conhecerem suas cores terão as coisa da natureza sob controle. A verdade é que o céu e a terra estão por cima de tudo isto e não podem limitar-se com vocês mesmos.

Devem pensar e saber que todas as coisas têm uma imagem ou figura *(suní effigiatae)*, que nós chamamos de sua anatomia. Assim o homem está revestido de uma forma *(fictus est*), e daí o interesse do médico em conhecer a anatomia antes de mais nada. Não só a do homem normal como também a do homem doente, pois todas as doenças têm sua anatomia própria. A hidropisia,

por exemplo, tem uma figura característica, e assim todas as outras. Devemos estudá-las e conhecê-las, porque sem isso a natureza nunca nos reconhecerá como médicos.

Ouçam este exemplo sobre as rosas e os lírios: Deus deu às rosas e aos lírios a forma e figura que têm pelo motivo de serem produtos da terra e para que o médico e a sua medicina conheçam o que a terra produz. E assim, conhecendo a anatomia das ervas chegar também a conhecer a anatomia das doenças. Somente desta maneira poderá estabelecer as concordâncias, semelhanças, e relações de umas com as outras, pois *só por meio do estudo das anatomias comparadas poderá fazer progredir a sua ciência*. Venturosa hora em que um médico pode trabalhar assim, sem que nenhuma miséria o impeça! [2]

Tudo o que é benéfico ou prejudicial para a matriz tem a anatomia da matriz. Isso vem reforçar a necessidade do estudo da anatomia de todas as coisas naturais. Dizemos que, assim como Deus é conhecido pela grandeza de suas obras, pela multiplicidade das imagens que existem dentro de nós, também o é pelas admiráveis figuras das doenças.

Aquele que tenha a sorte de conhecer a anatomia das doenças das rosas deve ficar feliz por Deus ter colocado diante dos seus olhos essa medicina, assim como a benevolência, a eficácia e a prontidão de sua ajuda. Isso se refere também, por suposição, aos lírios, à lavanda, e a todas as outras plantas.

As cores devem ser consideradas apenas como um motivo ou estímulo *(pabulum)* para os olhos exteriores, diante dos quais a doença só pode se manifestar quando reduzida (*abeant)* à sua última matéria.

Igualmente podemos falar sobre o gosto, que também é parte da anatomia das semelhanças e das concordâncias. A distribuição do gosto pelos órgãos do corpo está feita de tal maneira que o doce está unido ao doce, o amargo ao amargo, assim como o ácido ao ácido em seus diversos graus. Qual médico encontraria o medicamento para o fígado na *graciana*, no *agárico* ou na *coloquíntida?* E que outro trataria a bílis com maná, mel, açúcar ou com o feto? Nenhum, sem dúvida, porque só o que é semelhante pode combinar.

Na ordem anatômica o frio não pode atuar contra o calor, sendo em geral uma grave confusão buscar nossa saúde na linha das coisas contrárias. Tão absurdo como se, por exemplo, um pai desse ao seu filho uma serpente em vez de um pedaço de pão. Isto seria a mesma coisa no que se refere às doenças, se o nosso Pai comum que está no céu nos enviasse serpentes em vez do necessário para nossa sobrevivência. Conforme este exemplo, digo que é má medicina dar absinto em vez de açúcar.

Dar ao menino o que ele pede e não outra coisa, ao crente o que espera,

ao coração o que lhe convém e ao fígado o que lhe é próprio, constitui a verdadeira coluna da medicina, que em resumo pode ser assim enunciada: dar a todas as anatomias suas próprias semelhanças. Porque está claro que o pão comido por um menino tem sua mesma anatomia, e que todas as medicinas devem conter a anatomia da doença para a qual estão destinadas.

Neste sentido se compreende que todo aquele que não seja suficientemente hábil e conhecedor da anatomia terá grandes dificuldades para se manter, ainda que para isto baste uma probidade elementar e estar isento de toda emoção maligna ou de toda a infâmia. Asseguro-lhes que quem não age assim é um verdadeiro inimigo da luz da natureza.

Considerem por exemplo o olho, e vejam a arte admirável com a qual foi construído, assim como a maneira maravilhosa como o corpo médio (*médium corpus*) recebeu a anatomia e o gosto em sua imagem. E verão que o conhecimento da medicina do olho resulta precisamente do estudo do seu gosto e de sua imagem.

Se agora recordarem a anatomia de suas doenças, como a catarata, a úlcera, a mancha branca (leucoma, albugo), a cintilação *(scotomia)* etc... verão, por menos que conheçam a terapêutica oculista *(ocularia simplicia)*, como encontrarão a aparência desses males na anatomia.

As doenças vêm *(descendunt)* da transmutação das imagens ou do gosto do estado são.

Se adquiriram a concordância de todas essas coisas conjuntamente, respondam: qual o cego que depois de ter elevado suas preces a Deus receberá veneno cm vez da ajuda que tão ardentemente solicita? Sejam pois hábeis conhecedores da anatomia para não confundir as pedras com o pão, para que sejam pais dos seus doentes dando-lhes o sustento que precisam como se fossem seus filhos, não sendo apenas doutores de sua medicina.

Da mesma forma como um pai é afetuoso com o filho, assim também o médico deve ser com seus pacientes.

Transmutem tudo o que apareça transmutado. E cuidem para que as anatomias conservadas concordem reciprocamente, assim como todas as doenças que aconteçam.

As receitas devem ser estabelecidas e compostas de acordo com estes princípios, e não em intermináveis fórmulas de xaropes, triacas[3] outras incongruências sem a menor razão anatômica e somente presididas pelas mais exaltadas fantasias.

Digo então que existem razões de sobra para relegar definitivamente ao esquecimento essas velhas “Recipes" (receitas), por mais que esses

medicamentos tenham indiscutíveis virtudes. A ação deles se deve à fortuita coincidência com alguma anatomia, ou então à mistura de algum princípio fundamental tomado de algum médico verdadeiro e sincero por charlatães que com isso pretendem dissimular e esconder a sua teoria. Em tais casos esse princípio fundamental aparece desprovido de toda hierarquia, que se atribui pelo contrário a outras substâncias reconhecidamente supérfluas e inúteis.

O ensino desses homens está cheio dos mais baixos erros. Por isso não é de se estranhar que os alicerces de seu edifício estejam sobre o barro, o qual devemos limpar constantemente desmascarando seus sofismas, e fantasias, fazendo ver que suas simulações não passam de gessos de bufões, desprovidos de qualquer medida.

Vejam agora outra questão: o vinho e o azeite são verdadeiramente bons para as feridas, conforme disse o Cristo a respeito do ferido de Jerico?[4]. Eu digo que não. E além disso digo também que é da maior importância que não vejam nisto uma simples frase, um jogo ou um engodo, pois se o tomarem ao pé da letra podem simplesmente se declararem loucos. Ainda que não exista sobre isto uma absoluta evidência, o que Cristo (que é a verdade) quis indicar não foi uma medicina inadequada mas a existência do “arcano" de uma anatomia. Não se trata pois de que Cristo não tenha enunciado corretamente os elementos da natureza. Mas que isto é um “arcano” para as feridas, com o que poderão ver em cada caso tudo o que lhes falta.

A questão pode ser resumida da seguinte maneira: é preciso que o vinho e o azeite existam em quantidades suficientes. Sobre isto tenham a maior atenção quanto à preparação, à propriedade, ao tempo, à hora e em tudo que com isso se relacione. Pois assim como o grão não pode frutificar a cada ano, a menos que tenha sido semeado e apodrecido em seguida na terra, também é preciso saber que o campo é uma ferida, e o azeite e o vinho as suas sementes. A partir disto não será difícil adivinhar a natureza do fruto que será produzido.

Notas

1. Deus.
2. Nesta exclamação está um protesto de Paracelso contra as disposições da época, que impediam ou limitavam o estudo da anatomia, enunciada depois da notável afirmação que faz em defesa do estudo da anatomia comparada.
3. Triaca Magna: medicamento medieval, útil para tudo, de composição copiosa.
4. Parábola do bom samaritano

CAPÍTULO VI
(Discurso sobre as anatomias)

Com o que ucabamos de dizei ficam à vista todas as artes que dividem e separam do corpo vivo tudo aquilo que não faz parte do microcosmo. E acrescentamos o seguinte conceito: é preciso introduzir na vida o estudo experimental.

É indispensável então que seja submetido a experiências tudo o que compõe o corpo médio *(in medio corpore),* dissolvendo umas coisas cm outras, c vice-versa, fazendo com que aquele que ocupa o primeiro lugar seja também procurado no último. A vida, com efeito, nasce para as artes c não para o benefício da alma. Por isso dizemos que a vida não pode scr uma simples hospedaria para a alma.

A vida descobre as artes c os seus fundamentos a tal ponto que, quando a debilidade da primeira vida chega adiante das operações dos “arcanos", essa primeira vida morre, já que nela nada pode ser úul ao homem. [1,1]

A rosa, magnífica em sua primeira vida. quando o esplendor do seu perfume a anima, não tem nenhuma utilidade médica, sendo preciso que apodreça, morra e torne u nascer para que[1] adquira tal virtude. Somente então podemos falar de suas propriedades medicinais e administrá-las em nossas receitas.

Pois assim como tudo o que passa pelo ventrículo experimenta a putrefação, cujo resultado é a construção do corpo humano, assim nada o que a medicina há de formar pode permanecer imputrefato.

O motivo pelo qual não existem remédios para a primeira vida está no fato de que não há nada nela para ser examinado, já que toda a sua compleição e todo o seu ser estão destinados a morrer sem deixar nenhum rastro. Então, nada que não perdure ou não se dissolva novamente num novo nascimento está submetido à medicina. O resultado disto é que todo o trabalho do médico consiste em conseguir um novo nascimento. Aí estão e daí vem o verdadeiro enxofre, o mercúrio, e o sal autêntico, nos quais estão contidos (*extent*) todos os “arcanos”, obras, curas e fundamento.

Somente quando a segunda vida foi introduzida e quando a primeira se retirou do corpo é que podemos usar e aproveitar a primeira matéria, encontrando nela mesma a última.

Desta vida intermediária há de sair a nova vida, já livre de toda outra enfermidade ou morte que não seja o grande final onde todas as coisas vão perecer.

A razão pela qual nenhuma nova vida pode perdurar está justamente em sua fragilidade, que por sua vez é o motivo e o fundamento da morte.

Todo o fundamento disto está por conseguinte no fato de o homem só considerar que as coisas primeiras se manifestarão quando o corpo médio se expor e se separar. Somente aquele que as reconheça para a vida nova *(ex nova vita*) conhecerá verdadeiramente o objeto desta vida.

Sobre isto existem duas partes (*subjecta*): uma constituída pelo doente, a sós com sua vida média vegetativa que lhe escapou transitoriamente, e outra na qual está a medicina, que trata de proteger a vida média através da nova vida. Por isso os "arcanos" estão na nova vida, e não na primeira nem na média.

Procuremos agora a dupla anatomia do microcosmo, local e material. Chamamos de anatomia local aquela que o homem apresenta em si mesmo, quando por meio da dissecação podemos examinar os ossos, a carne, as veias, em seus lugares correspondentes [2]. A anatomia material, muito mais importante, estuda as transmutações pelas quais a vida nova entra no homem logo depois da primeira e da média, assim como a natureza do seu sangue, dos elementos (enxofre, mercúrio, sal) e do funcionamento do coração, do cérebro, e de todos os órgãos do corpo [3]. Esta é a verdadeira anatomia, origem de tudo e na qual todo médico deve se formar.

Também compreendo que o nascimento desta verdade permaneça sólido e que esta dissertação pareça difícil para muitos. Esses são justamente os que não querem dar descanso à sua fantasia e que têm maior confiança em sua imaginação do que na luz da verdade. Por isso é absolutamente necessário que vivamos e nos eduquemos nas artes. Só assim, como verdadeiros homens, poderemos oferecer a fé e a confiança aos que as pedem.

Conhecendo isto a fundo descobriremos como a primeira matéria pode nos indicar o estado de enfermidade, ou melhor, a transmutação da anatomia. De onde se deduz que ainda existe outra anatomia, ainda que não nos ocupemos dela agora, que é a anatomia da doença.[4]

Reconhecemos então três anatomias: a local, que indica a imagem do homem, sua proporção, natureza e tudo que com isso se relacione; a material, que se ocupa do enxofre vivo, do mercúrio volátil, e do sal amargo em cada órgão, e a que mostra a nova anatomia que dá a morte, assim como a natureza e

imagem do que sobrevive. Esta anatomia da morte chega e se apresenta sob formas tão variadas como podem ser as espécies que vêm dos elementos. Existirá então tantas classes de mortes como de corrupções, e digo que cada vez que uma corrupção gera algo diferente, aí mesmo já existe uma anatomia, que irá mudando sucessivamente até que a totalidade do ser se tenha consumido na corrupção.

Antes de tudo isso a ciência da anatomia da medicina obedecia à mesma lei, pois o céu, a terra, o ar e a água já se comportavam da mesma maneira. A perfeição atual reside precisamente no fato de o firmamento dos astros ter aparecido na vida nova, onde Saturno reproduz Saturno e Marte a Marte.

Pois da mesma maneira que a árvore e a erva saem da semente, na nova vida é preciso que descubramos tudo aquilo que normalmente permanece oculto, reduzindo-o ao extremo, até que possamos percebê-lo com os nossos olhos. Já que dizemos que a luz da natureza é uma verdadeira luz, afirmamos implicitamente que ela deve ser visível e não obscura ou tenebrosa.

Tal luz será de tal forma que nos permita ver tudo diretamente, ainda mais que a nossa contemplação é e deva ser diferente daquela que veem os olhos profanos. Nossos olhos, com efeito, devem estar iluminados pela luz da natureza, em cuja virtude se fundamenta o conhecimento da anatomia. Como consequência, é justo e equitativo que as doenças sejam denominadas segundo a luz e não conforme as trevas. Desta maneira, cada enfermidade receberá o nome que inteligente e rigorosamente lhe corresponda segundo a arte.

Só por erro contrário a toda razão, chamamos a febre de febre. Com efeito, febre vem de fervor, que quer dizer calor, que somente é um sinal da doença mas não a sua matéria nem a sua causa, de onde justamente deveria ser tomado o nome. O nome deve proceder da matéria, da propriedade ou da natureza das substâncias.

A urtiga (*urtica*) é verdadeiramente urtiga porque produz ardor e queimação, assim como o sal da urina, que possui a mesma anatomia.

O nome da febre traduz a besteira de quem o inventou. Na realidade a febre é a doença do nitrato de enxofre fumegante *(morbus nitri sulfuris incensi)* que agita o corpo provocando calafrios e intermitências.

O nome “apoplexia" por sua vez dá a medida da pobre sapiência de quem o criou; na boa razão médica a apoplexia deveria ser chamada de mercúrio caquímico (?) sublimado, pois é a natureza da matéria pecante que lhe deu origem.

Assim pois os sinais servem somente para exteriorizar os corpos e as substâncias, e digo que todo aquele que misturar os sinais c as causas errará e fracassará na prática.

Sendo tão numerosos os corpos e as espécies que provocam frio ou calor, explica-se ainda mais a incorreção do nome da febre. Nitro, ao contrário, é o nome correto desse estado no princípio dos humores.

Deveria existir um maior cuidado na escolha dos nomes, mais de acordo com o método curativo. Desta forma, o “mal caduco“ que foi curado por Viridellus[5] deveria se chamar “viridella morbus“.

Se isto não for feito com o devido discernimento o erro será inevitável c como consequência a anatomia sofrerá. De fato não devemos nos surpreender com isso, já que, quando os olhos não estão educados não podem mesmo ver muitas dessas coisas, pois o corpo médio *(médium corpus)* obscurece os olhos, mas ao contrário, possui a ciência onde todo médico deve se apoiar. Essa ciência revela mais coisas ao médico do que ao leigo. Mas isso não é completamente normal, pois se o leigo não vê e nem entende muitas dessas coisas é porque não foi criado para a medicina e nem chamado para esse caminho.

A ciência é verdadeiramente a origem da força do médico. Somente através dele os milagres de Deus podem ser revelados publicamente. Se Deus está presente, o médico poderá fazer uso dos milagres sempre que os empregue com retidão para uma boa finalidade.

Assim, nenhuma coisa que esteja escondida deixará de scr revelada ao médico. E sua luz poderá ser projetada sobre a terra, a água, o firmamento, o fogo e sobre todas as coisas que queiram contemplar as maravilhas do Deus que as criou, e em cuja mente vivem antes de tudo.

Se ainda existem coisas sem explicação isto se deve somente ao fato de o trabalho intelectual ainda não ter sido completamente explorado.

Podemos dizer que a cegueira dos olhos, ou glaucoma, a catarata e a mancha branca invadem também as outras profissões. E assim como nós não conhecemos esse monstro marinho que é a baleia, tampouco as outras profissões conhecem a besta do Apocalipse ou da Babilônia. Estas cegueiras todas se parecem entre si e é muito importante que sejam corrigidas. Porque assim como a cegueira do médico é a morte do doente, assim a outra cegueira é a morte da alma.

Depois que Cristo disse toda essa série de coisas surpreendentes que constituem a teologia, de uma maneira tão maravilhosa, e sendo a medicina tão admirável, é preciso considerá-las inseparáveis, aplicar-se ao seu estudo com todo afinco, e pesquisá-las profundamente. Porque assim como o corpo é o domicílio da alma, a teologia e a medicina devem caminhar juntas, iluminando-se mutuamente.

Notas

1. Este parágrafo, por mais que se queira interpretá-lo, permanece como um modelo da obscura dialética paracelsiana. Tanto na tradução latina de Pallenius, como na francesa de Grillot de Givry, o texto é incompreensível. Em nossa tradução pelo menos procuramos fazer uma frase correta sintaticamente.

2. Conceito anatômico atual.

3. Conceito fisiológico atual.

4. Ou melhor, a anatomia patológica de hoje.

5. O nome dc Viridellus só aparece desta vez na obra de Paracelso e não foi explicado nem por Dorn e nem por Toxitcs. Roch de Baillif, em seu Demosterion (1578) também não esclarece nada a respeito. Em seu Lexicon Medicum Castelli dá dois significados: segundo Paracelso, aplica-o à epilepsia; e segundo Hartman, ao vitríolo. Grillot de Givry e Gallavardin acham que o termo refere-se ao vitríolo verde (sulfato de ferro). Finalmente dizemos que dois paracelcistas, David de Planis-Campy e Du Chesme preconizaram o uso do agárico na epilepsia, que como sabe-se tem a propriedade de ficar sempre verde.

CAPITULO VII
(Sobre a dualidade das formas e dos corpos)

Até agora aconselhamos que busquem e considerem conjuntamente a anatomia e a nova vida na ciência de todas as substâncias, que não foi criada em vão pois se constitui em base e fundamento da medicina.

É preciso que todas as nossas doenças, internas ou externas, sejam examinadas pelos mais diversos meios, já que não há nada invisível em nós que não tenha algum sinal exterior, ainda que em muitos casos não chegue a possuir uma verdadeira forma *(effigiatum)*. Basta que o gérmen esteja presente em nós *(intra nós*) representando todo o corpo, da mesma forma que a semente representa toda a árvore dentro da terra. O ventrículo, segundo isto, é o verdadeiro escultor do corpo, e apesar de permanecer invisível cumpre a sua função.

Todas as doenças têm suas imagens próprias, assim como cada imagem possui a medicina e a anatomia que Deus lhe deu. Peço que pensem sobre isso detidamente.

Todos os nossos alimentos possuem algo do nosso próprio ser porque ao nos alimentar comemos sempre alguma coisa de nós mesmos, o que também acontece com cada medicina, com respeito à consideração específica da doença para a qual está destinada.

Assim, tudo o que tenha se separado de algum órgão pode voltar a ele pela saúde, o que não é tão extraordinário como parece, conforme verão neste exemplo: a árvore que cresce no meio do campo não chegaria a ser uma árvore se não tivesse se alimentado devidamente; alimento que não consiste apenas em se encher ou aumentar de volume, mas em adquirir uma forma. Ao que podemos acrescentar que a fome é simplesmente a indicação da proximidade da morte na destruição dos órgãos.

Deus é o criador da forma que foi esculpida primeiramente no útero materno, e cuja permanência determina a imagem. Essa forma interna acaba morrendo se não recebe a oposição da forma exterior, pois aquele que não come não pode crescer nem viver. De onde se deduz que o alimento é o artesão da forma, que já contém em si a forma da imagem esculpida por Deus, com a qual se funde ao aumentá-la e amplificá-la. Porque tudo o que cresce, cresce pelo alimento.

Assim a chuva e os sucos da terra já possuem a árvore em si mesmos. E ela cresce justamente por causa desses alimentos: o suco da terra representa a comida e a chuva a bebida.

Na árvore nada cresce verdadeiramente se a chuva ou o licor da terra não

se acrescentarem a ela na forma de madeira e cortiça, porque o formador e modelador dessa árvore está nela mesma, quer dizer, em sua semente.

A mesma coisa acontece com as ervas: a semente também não representa mais que o princípio da forma, para cujo conhecimento é preciso, além da chuva, o licor da terra e outras coisas que estão representadas nos ramos, nos talos, nas folhas e nas flores.

Assim, todas as formas já estão contidas no exterior das coisas capazes de crescer. Por isso, quando essas formas nos abandonam ficamos incapacitados para crescer, morrendo em seguida num estado precário e sob uma forma elementar (deserta). Ao contrário, quando estamos em pleno crescimento precisamos armazenar essas formas ou alimentos para que em nenhum momento cheguem a nos faltar, já que somente a sua essência, semelhante ao fogo, pode incrementar nossa forma e imagem, sem o que morreríamos de inanição.

Essia é a razão pela qual devemos nos conhecer a nós mesmos, se não quisermos morrer por falta de forma. Deste modo comemos nossos dedos, nosso corpo, nosso sangue, nossa carne, nossos pés, nosso cérebro, nosso coração, de tal forma que cada bocado ou porção de alimentos que ingerimos contém todos os nossos órgãos e tudo o que homem tem em si mesmo.

Sobre este ponto algumas pessoas podem duvidar que os órgãos e o corpo necessitem se alimentar, inclusive sem saber explicar se os alimentos são necessários e a que finalidade estão destinados. E eu digo que não compreenderam o que é o alimento, o que ele representa, e nem para que serve. A mesma coisa acontece com o artesão quando quer talhar uma estátua. Ele só usa aquilo que o conduzirá ao fim desejado, ou melhor, só aproveita a madeira necessária, rejeitando a restante como se fosse excremento, e deixando subsistir somente a imagem terminada.

Isto deve ser ainda explicado melhor: assim, dizemos que a nutrição foi instituída em todas as coisas somente em detrimento da forma. Quando chega o verão, por exemplo, acontece uma época de fome para as árvores, graças à qual as folhas, as flores e os frutos se desenvolvem, cujas formas ainda diferentes não têm nada de estranho em relação à árvore, porque, se assim fosse, os ramos arrancados da terra poderiam florescer. E eles estão justamente plantados na terra para que a forma penetre e os componha, o que certamente é o dom e o exercício das árvores.

O homem não precisa de nada disto, já que seus frutos não são produzidos da mesma maneira que os das árvores, sendo, na verdade, em relação ao fruto, uma criatura completamente diferente.

Saibam que todas as coisas vivem pela conservação da forma, e que a fome e a sede não passam de manifestações da destruição dessa forma cuja

satisfação provoca novamente a sua restauração e renovação. Vejam como o jejum causa a magreza e o aniquilamento, estando perfeitamente estabelecido que quando falta a nutrição nas partes principais do corpo se produz a morte repentina, já que a vida não pode durar quando faltam a imagem e a forma interior do corpo.

Os homens então aumentam e crescem pelos homens. Isto significa que seus alimentos são o homem mesmo. Assim comemos literalmente a nossa própria substância; tão necessária para nós que se não a comêssemos o nosso corpo desmaiaria, assim como a vida média *(vita media*) e tudo que existe em nós.

Com isto quero dizer que existem dois homens: um visível e outro invisível. O visível é duplo, composto de corpo e alma, e o invisível, único, se refere somente ao corpo.[1]

Vejam este exeipplo: quando temos diante de nós um pedaço de madeira, não vemos mais do que isso. Sem dúvida um escultor pode fazer dele uma imagem, cortando e tirando o que está sobrando. Isto quer dizer que a madeira possuía oculta uma estátua que nós não víamos.

Deste modo o alimento contém o homem em si mesmo, se repartindo por todos os seus órgãos sem subsistir como uma porção à parte, mas se elaborando com uma grande complexidade (artificiosíssima). Pois o grande cinzelador, que é Deus, foi quem dispôs assim os órgãos e as últimas extremidades do homem.

É preciso que saibamos extrair as devidas conclusões médicas do fato de, tanto os homens como as árvores e todos os seres vivos se comerem e se beberem a si mesmos.

Ainda que nos alimentemos diretamente de ossos, veias, ligamentos, cérebros, corações, pâncreas, ou intestinos, todas essas coisas se encontram reunidas de uma vez no bolo alimentício, pois saibam que o osso não gera osso nem cérebro. Mesmo que a forma se encontre invisível no bolo alimentar, o osso existe positivamente nele.

O pão, por exemplo, já é sangue, manteiga e gordura *(lardum*) e ninguém pode ver nem tocar essas coisas, ainda que tudo isso seja gerado nele e por ele através do laborioso artesão que trabalha no ventrículo.

Ele, que pode fabricar o ferro a partir do enxofre, também pode fazer o homem por este artifício. E pode fazê-lo com tanta ou maior facilidade como transforma o sal em diamantes ou o mercúrio em ouro. E que tem mais cuidado em fazer o homem do que qualquer outra coisa. Por isso prepara a cada momento o que melhor lhe convém.

Sejam pois médicos, operadores e intermediários dessas coisas submetendo a matéria a Deus sem pôr nem tirar nada, da maneira que Ele quer.

Somente Ele conhece o modo, número, peso, proporção e tempo de todas as coisas.

Observem que todas as criaturas são duplas, sejam quais forem: uma constituída pelo esperma e outra pelo alimento.

O esperma é uma semente. Por isso, logo depois de semeado ele deseja e busca o alimento. E como contém em si a forma do homem em liberdade, quando se alimenta tudo o que come se transforma em homem e em membros humanos.

Isto quer dizer que o corpo do homem é composto da semente inicial e do que adquire com os alimentos, sendo esta última parte a que morre, enquanto a semente se conserva transmitindo-se interiormente de um indivíduo para outro.

Não basta que o homem nasça das entranhas maternas, mas também das substâncias com as quais se alimenta. Nada que pertença à alma dentro da natureza da vida humana tem relação com o alimento. Já os costumes e as qualidades intelectuais (*ingenia*) que vêm com o corpo (*accedit*) se originam no homem segundo a sua sabedoria.

Resumindo: tudo o que é do corpo e o que o médico possa conhecer dele é um resultado do alimento e não da virtude, da cólera, da probidade ou da malícia.

Além disso, aquele (Deus) que formou o corpo no útero materno é também quem o forma no ventrículo (estômago).

Assim como o arquiteto trabalha em sua obra, corrigindo-a e reparando-a, mesmo que apesar disso ela desmorone um dia pelo efeito da deterioração natural, assim todas essas coisas se manifestam de diversos modos no corpo por meio das doenças. E na mesma medida a saúde precisa conservar sua perfeição e integridade, como a doença precisa da cura.

Tudo isso prova completamente que nossos dois corpos na realidade são um só: acontece que foi criado de uma maneira dupla, pelo esperma e pelo alimento, e que sob estes dois aspectos continua conservando igual semelhança.

E conveniente que saibam o seguinte: desde o momento em que saímos do útero materno — e inclusive antes — vivemos somente pela graça e misericórdia de Deus, que nos permite manter e alimentar o nosso corpo.

Quando recebemos o corpo que nosso pai e nossa mãe nos dão igualmente, temos que conservá-lo. Para isso usamos a graça que pedimos por meio de oração. Assim, quando rezamos: “o pão nosso de cada dia nos dai hoje" estamos dizendo, “dai-nos hoje Senhor o nosso corpo de cada dia”, porque é certo que o corpo saído do claustro materno deve continuar se alimentando até a hora da sua morte. Isto explica o motivo da oração cotidiana.

Nossos dois corpos podem por isso serem atribuídos à justiça e à

misericórdia, às quais justamente correspondem às duas classes de medicinas que podemos prescrever: uma para o corpo que nossos pais nos deram, e outra para aquele que busca nossos alimentos.

Essa é a razão pela qual Cristo nos ensinou que, ao pedir o pão cotidiano, pensemos que o corpo recebido dos pais é bem pouca coisa, podendo morrer hoje mesmo, ter morrido ontem ou há muito tempo. Que o pão só será nosso corpo no futuro, e que tratemos de não viver da justiça que nossos pais nos deixaram, mas do corpo da misericórdia. Também para que não deixemos de pedir ao nosso Pai celeste que nos dê a substância do nosso corpo no pão de cada dia, e com ele o corpo de sua misericórdia, do que viveremos em seguida, sem conservar o corpo de justiça a não ser no princípio (*initium*) da nossa atividade.

O homem deve pensar nisto de tal maneira que não duvide de que, mesmo tendo saído do útero materno, já não será depois o filho de seu pai e de sua mãe, mas daquele que o alimenta: o nosso Pai celestial, que continua sendo-o mesmo depois da nossa morte. Já que pertencemos a Deus e não ao corpo da justiça, a Ele é que devemos dirigir as nossas preces, pois digo que se o corpo de sua graça não existisse, o da justiça poderia morrer a qualquer momento.

Assim, quando comemos a nós mesmos, temos que fazê-lo segundo a graça, a oração, e não segundo a justiça, na qual devemos nos acostumar a não confiar em demasia.

Notas

1. É notável esta concepção de Paracelso ao considerar a alma "visível" através do corpo, e invisível uma parte do corpo, justamente a que se encontra sob o domínio da vida vegetativa, conforme o conceito atual.

CAPÍTULO VIII
(Onde são explicadas as diferenças entre o pão da justiça e o da misericórdia, e onde se fala sobre a extensão e complexidade da medicina)

Tudo o que acabamos de dizer deve servir de meditação sobre o que somos na realidade. Se vivemos pela graça, quer dizer, pelo pão, ou pela justiça, segundo o corpo que nossa mãe nos deu. São João Batista fez uma alusão a isto quando disse aos judeus que Deus tinha tirado das pedras os filhos de Abraão. [1] Pois, o que pode ser feito com a terra e as pedras senão o pão? E com que outro alimento faria crescer os corpos dos filhos de Abraão? Certamente reconheceram que viviam segundo o corpo da graça.

Exponho isto desta maneira para confirmar minha teoria de que todo homem tem exteriormente (*foris*) uma anatomia que deve ser conhecida pelo médico, que por sua vez deve ter formado sua consciência de tal maneira que possa penetrar com ela até ao conhecimento das três substâncias.

Daí podemos deduzir imediatamente o estudo do regime e da dieta, encontrando assim a oportunidade de descrever as doenças causadas pelo excesso de comida, também conhecidas como saciedade ou imoderação, assim como as que são provocadas pela má qualidade e inconveniência de alguns alimentos.

Ainda que o ventrículo transmude tudo o que chega em seu seio pela ingestão em nossa própria substância, o pedido de oração do Padre-Nosso só se refere ao pão. De outro modo, o certo é que os alimentos são mais saudáveis na medida em que se assemelham ao pão, e que sirvam para o nosso rejuvenescimento e renovação. Ao contrário, decaímos e nos aniquilamos à medida que rejeitamos a sua semente.

O corpo da justiça só nos deu uma doença, apesar dele não gerar propriamente as enfermidades, da mesma maneira que o pão pelo qual rezamos. Por esta razão São João Batista e alguns outros puderam viver livres de todas as doenças.

As doenças e outras coisas parecidas se produzem quando cometemos excessos, seja com o pão ou com a justiça. E digo que nada disso nos afligiria se vivêssemos na oração e dentro da lei.

As doenças do útero materno têm a mesma explicação, pois, já que

devemos nascer novamente, elas acontecem justamente por causa do pão cotidiano.

Por isso, por mais que falemos e escrevamos sobre os diversos regimes, não é possível determinar nenhuma dieta que não obedeça a lei da justiça e dos alimentos que pedimos a Deus todos os dias, com os quais se preserva a saúde e evita-se todas as doenças. Só observando pontualmente esse regime conservaremos a saúde do nosso corpo.

Os delitos deste gênero e o desprezo pelos regimes dados por Deus não chegam a atrair sua vingança sobre nós, mas estimula mais ainda a sua bondade, graças a qual os médicos foram criados à sua imagem e semelhança. Por isso Cristo disse ao seus discípulos: “Somente depois de pecar muitas vezes é que o pecador se envergonhará dos seus pecados”. Razão pela qual o médico deve estar preparado para curar as doenças, por mais numerosas que sejam. Só o grande poder que se desprende desta missão permite aos médicos curarem todas as classes de doenças, inclusive a lepra.

A medicina e os médicos atuam de tal modo que, conservando a potência do corpo, chegam a conservar nele a própria alma.

O exercício da medicina se torna assim algo mais árduo e excelente do que alguns querem admitir com notória leviandade. Pois quando Cristo disse: “ide e purificai os leprosos, devolvei a agilidade e a capacidade de andar aos coxos, dai a vista aos cegos”... se dirigiu tanto aos médicos como aos apóstolos. Por isso digo que aquele que não possui habilidade para curar a lepra, não compreende o poder da medicina.

Deus criou os médicos não só para que curasse o catarro, a dor de cabeça, os abcessos, e as dores de dente, mas também a lepra, a apoplexia, a epilepsia, e todas as doenças sem exceção.

Se somos incapazes de curar estas doenças podemos dizer que nos falta a arte ou a sabedoria. Ou então que esquecemos de pedir a bênção de Deus, pois tudo o que existe sobre a terra pode ser curado pela medicina, com exceção daquilo que chega a penetrar e lesar os nervos, cuja colheita não nos foi concedida.

E aqueles que recolhem os frutos da verdadeira medicina sabem ficar acima dos sofismas e das falsidades, podendo curar os leprosos e devolver a visão aos cegos, já que a virtude de tudo está na terra em quantidades cada vez maiores. Ao contrário, a jactância dos sofistas impede que os mistérios da natureza e a magnificência de Deus se manifestem, já que não podem considerar as coisas da medicina além dos seus próprios estilos de sofistas, cuja ciência e probidade não vale mais que uma dracma. [2]

Toda a insuficiência deles aparece quando dizem: “essa doença é

incurável", manifestando assim uma estupidez e supostamente uma mentira, porque Deus nunca criou uma doença sem ao mesmo tempo criar para ela uma medicina apropriada e um médico adequado.

Acontece que estamos tão familiarizados com a nossa ignorância, que chegamos ao extremo de esquecer que foi Deus que criou o nosso corpo e o renova diariamente. Por que então não nos daria o remédio para socorrer as doenças que aparecem no momento em que Ele mesmo prescreveu? E quem poderia ignorar tal medicina? Aqui está uma coisa que tortura os nossos adversários.

Mas ainda podemos investigar muitas coisas sobre este assunto: uma delas consiste em saber se Deus quer verdadeiramente que os homens vivam meia vida sadios e meia vida doentes. E outra, o motivo pelo qual um só homem pode transmitir frequentemente a doença para uma legião inteira. De um modo ou de outro, o fato é que Sua misericórdia (de Deus) concede sempre a cada doente a medicina mais apropriada (idônea), fazendo-o sentir a necessidade da presença de um médico, já que essa necessidade quer dizer justamente que esse médico é quem lhe devolverá a saúde. Pois isso é o que ele quer do médico, e não que o deixe perdido na doença sob um palavreado tão cheio de agrados como vazio de eficácia. O que nos convence ainda mais da absoluta necessidade que temos de chegar a curar todas as doenças, mesmo a lepra, a cegueira e o aleijão, assim como todos os doentes que precisam de um médico ao seu lado.

Aquele que gasta os seus olhos no jogo ou fazendo trapaças e velhacarias não precisa deles. Também não precisa da língua aquele que a usa para as coisas malditas. Se Deus tivesse cegado um desses, e ele chegasse diante de um verdadeiro médico dizendo: "estou doente e preciso de assistência para os meus olhos", deveria receber a seguinte resposta: "você precisa tanto dos seus olhos assim como o corrompido ou o perverso precisa dos pés".

Por que essas coisas são do domínio de Deus e não do domínio dos homens. Isso desculpa o médico não somente em uma, mas em todas as doenças que sirvam para impedir um mal pior, já que, todos os que padecem desta maneira, são muito mais felizes do que os malvados que gozam de boa saúde. Pois quando Deus castiga aqueles que ama, faz isso de uma maneira tão sutil e secreta que nenhum médico pode e nem deve se aventurar explorando essas doenças.

Compreendam como é ilustre a medicina criada por Deus. Com a sua virtude é possível curar não só as doenças que até agora citamos mas também as que já acontecem com o nascimento, como a cegueira e a paralisia (*resolutio*) dos recém-nascidos.

Devemos reconhecer que essa medicina ainda tem diante de si um longo

caminho e que ao lado de numerosas páginas ainda em branco existem também muitas outras cheias de frivolidades e coisas absurdas.

Quando observamos alguns dos surpreendentes milagres da natureza, chegamos a convir que não existe nada tão admirável como o fato de nascer e de morrer. Quando o leão nasce morto, por exemplo, e a vida lhe chega de improviso com um grande rugido[3], compreendemos que estamos diante de um fenômeno muito mais importante do que a recuperação da vista de um cego.

Não só o leão possui esse privilégio mas muitos outros que nós ignoramos ou ainda não descobrimos, pois a única coisa que a natureza nos demonstra com isso é a grande guantidade de coisas que faltam ao nosso conhecimento.

Por isso é completamente injusto que somente nos orgulhemos de simples aparência porque nunca alcançaremos esses limites que tempos atrás acreditávamos em vão ter descoberto. Por isso o dia da nossa alegria se transforma no dia de grande miséria e amargura *(Dies miseriae et amara valde*) no qual reconheceremos que apenas atingimos o começo das coisas.

Ocorre contudo que quem fala dessas coisas somente recebe vaias. E isto não os impede de escrever e publicar besteiras carentes de qualquer doutrina.

Aconselho-os, ao contrário, que se façam donos da chave da sabedoria através da ciência e saibam que sempre existem mistérios escondidos no mais profundo das coisas *(penetralia*), cujo conhecimento nunca nos será permitido.

Este é o modo como devem compreender as coisas necessárias aos médicos conforme temos anunciado em todos os capítulos e conforme se deduz de sua própria natureza, mas não até ao ponto de manifestar o que deve ser mantido em segredo, ou o que muito dificilmente pode ser escondido.

Podemos saber a causa da maravilhosa variação e degeneração da espécie humana? Se todos os homens vêm de um único Adão, como podemos ser tão diferentes?

Tudo isso está nos segredos da natureza, que em outros tempos chegou a produzir homens de grande porte que atingiram idades até noventa anos. É natural que com uma vida tão dilatada esses homens chegassem a possuir um grande número dessas coisas que hoje estão escondidas e ignoradas, beneficiando-se delas com um conhecimento verdadeiramente familiar. Não foi em vão que o bem e o mal foram colocados na maçã que Adão comeu aconselhado pela serpente. Isso nos ensina e nos explica que hoje em dia existem na natureza muito mais coisas escondidas do que conhecidas, assim como grandes ciências, sabedorias e prudências. Nem tudo está na maçã original. Hoje mesmo existe um grande número de coisas maravilhosas cujo conhecimento não seria prudente revelar já que Deus o proibiu expressamente.

O certo é que no mesmo lugar da terra onde existe um veneno mortal também existe um contraveneno exato e que do mesmo modo que as doenças são geradas, a saúde também é produzida.

Lamentável é que existam poucos médicos que se interessem por essas questões e as estudem devidamente. E que a maioria fique apenas com a profissão de simples examinadores de urina.

Suas ganâncias sórdidas e gulosas bastam para enchê-los de satisfação e persuadi-los a viver em suas casas contentes, sem fazer nada, porque somente exercem a medicina para ajuntar o dinheiro que com tanta liberalidade lhes proporcionam os exames de urina. Por que então complicar suas vidas com trabalhos mais penosos?

Notas

1. São Mateus, III.9.
2. A dracma, mais tarde chamada de “gros" na Alemanha, valia 72 grãos (1/4 de quilate) e três escrúpulos (medida antiga de peso equivalente a 1.198 miligramas), ou 1/8 de onça.
3. Esta história está em numerosos escritos da Idade Média, como no *Etymologicon* (livro XII, Cap. II) de São Isidoro de Sevilha. Na *Physica* de Santa Hedelgarda (livro VII, Cap. III) e no suplemento de Hugo de Folieto, *De Bestiis et aliis rebus* (Livro II, cap. 1).

OPUS PARAMIRUM

LIVRO II
CAUSAS E ORIGENS DAS DOENÇAS QUE PROVÊM DAS TRÊS PRIMEIRAS SUBSTANCIAS

CAPÍTULO I
(Natureza das três substâncias e influências das estações e da putrefação)

É preciso compreender agora como essas três substâncias estão unidas em um só corpo. Para isso vamos dar o seguinte exemplo:

Toda semente é tríplice, ou melhor, contém três substâncias misturadas, já que tudo o que existe na semente está junto e não dividido. Por isso a semente representa a própria junção da unidade. Assim, quando encontramos madeira, cortiça e raízes em uma noz, compreendemos que apesar dessas três coisas estarem efetivamente presentes, a realidade da semente faz com que essas três coisas apareçam unidas.

No homem acontece o mesmo: ele também é uma semente cuja cortiça está representada pelo esperma. Nunca ninguém pôde ver essa semente por causa da sua sutileza e pequenez. Mas é certo que os homens são gerados nela. Quando a geração começa, estas três coisas se entrecruzam misturando-se (*per—mixta*) e unindo-se cada uma delas com sua própria natureza em um só corpo e não em três.

Também o homem cresce ou se transforma em osso, carne e sangue como um ser único, dentro do qual os três componentes permanecem visíveis durante todo o tempo de sua vida *(ad suum usque tempus)* como uma árvore que crescesse dentro da mesma medula.

A medula é uma substância tríplice feita de uma só madeira, cujas três substâncias aparecem perfeitamente tanto na arte como na natureza, e na morte.

Saibam que o princípio dessas coisas está em sua união num só todo,

dentro do qual cada parte cumpre a sua função contribuindo assim para completar a totalidade do corpo *(ad corpus complendum*).

Vejamos qual é a função de cada uma dessas três substâncias.

O enxofre coordena o crescimento do corpo. Na realidade todo o corpo é enxofre de tal sutileza que constantemente está se consumindo por um fogo invisível. Existem numerosos enxofres *(plura sunt*); o sangue, a carne, as partes nobres *(partes príncipes*), a medula... etc., são chamados enxofres voláteis. Os ossos ao contrário são formados por enxofres fixos. Cada um deles é encontrado em seu estado original quando a ciência realiza sua separação.

O sal está encarregado de conseguir a aglutinação do corpo. Sem ele nada parece tangível. A dureza do diamante e do ferro, a brandura do chumbo e a suavidade do alabastro são devidas ao sal assim como todas as congelações e coagulações.

Existe um sal nos ossos, outro no sangue, outro na carne, outro no cérebro, etc., em igual número e proporção com o enxofre.

O terceiro princípio é o mercúrio, que chamamos de “licor”. Ele se encontra em todas as partes nas mesmas proporções que o enxofre e o sal.

A congelação e a propriedade compacta correspondem ao licor, o que o torna absolutamente necessário à constituição do corpo, mostrando-nos que o homem se compõe de três coisas em um só corpo.

O enxofre queima por causa da sua pureza; a firmeza do sal o transforma em álcali e a força do fogo provoca a subida do mercúrio em forma de fumaça (*effumat*) apesar do que nunca chega a se queimar verdadeiramente.

Da mesma maneira que uma árvore seca quando tiramos a seiva dela, assim nenhuma forma pode subsistir sem o enxofre. Na verdade, todas as dissoluções nascem das três substâncias.

Da mesma forma nenhuma aglutinação poderá ser feita na ausência do sal, pois nesse caso o tronco da árvore cairia como uma ramagem despregada de sua estaca.

Com o crescimento o corpo se incrementa em uma só direção; quer dizer, em uma só natureza como se fosse uma pereira. E como a pereira, somente produzirá uma espécie constante de peras. Claro que tudo isso deve ser admitido para as demais árvores, pois no microcosmo existem verdadeiramente tantas espécies como os frutos na natureza.

De onde se deduz que todo aquele que conheça a pera conhecerá também a árvore que a produz, assim como as três substâncias que pertencem a ela. Isso também é válido no que diz respeito às doenças.

Isto deve ficar estabelecido de tal forma que quando virem um doente

possam dizer: isso é uma pera ou uma maça. E que as três substâncias lhe sejam tão familiares na doença como o são na árvore.

Essa é a razão pela qual essas três coisas produzem peras de uma só classe e não de três. Ao contrário, pelo mesmo motivo voltarão a ser três em sua "ÜLTIMA MATÉRIA". Assim as doenças devem ser conhecidas de maneira tríplice: seu corpo sulfuroso, seu licor mercurial e pela consistência que o sal lhes proporciona.

A medicina conveniente para estas enfermidades será, segundo o que acabamos de expressar, um fogo que as consuma, isto é, o fogo da essência *(ignis es sentiae),* já que sem ele não existe nenhuma medicina.

A medicina é toda ela uma consumação de uma combustão, a mesma que deixa a árvore reduzida a cinzas e livre de todo enxofre. Não só pelo enxofre (*in sulfure*) mas também pelo licor e o sal, já que todos eles são voláteis na doença e somente fixos na aparência.

Já que falamos da natureza das coisas e das doenças, é preciso que saibam que cada fruto se designa com um só nome genérico. Assim, quando dizemos, isto é uma "pera", ou isto é uma "maçã", incluímos nisto todas as classes de peras ou todas as classes de maçãs. O mesmo se refere às doenças. Por isso, quando vemos um caso de lepra e dizemos isto é "lepra", é o suficiente. Não importa sua frieza, seu calor, sua umidade ou sua secura, pois nenhuma dessas doenças têm o menor interesse em ser conhecidas, já que não nascem nem são geradas nos corpos ou nas substâncias. Assim, quando quiserem plantar uma árvore, considerem antes de tudo a sua semente e não a sua cor, sua forma nem nenhuma de suas outras propriedades. Todas elas aparecerão por si próprias, porque não são outra coisa que as últimas matérias das substâncias, carentes por isso mesmo de toda importância.

O mesmo acontece com a icterícia, que não pode ser julgada quanto à sua frieza ou umidade se somente a chamamos por seu nome. Sem dúvida, o tratamento da icterícia existe, como existe o machado que abate a árvore e o fogo que consome as substâncias voláteis.

A medicina deve se constituir da mesma forma que o fogo. E como nele, não é preciso analisar suas propriedades de frio ou calor. A grande virtude se localiza no alheamento, o que constitui a verdadeira natureza dos arcanos. Pois do mesmo modo que existem coisas ou causas que tiram a vida, existem outras que tiram as doenças.

Quando tiramos as peras da árvore a pereira fica vazia. Desta mesma forma e com iguais nomes, devemos separar e cortar as doenças, sem nos distrairmos ao redor do corpo e da substância das peras, mas indo diretamente ao peudículo que as sustenta. Com isto terão uma ideia mais exata sobre o

conhecimento da medicina.

Pensem nos seguintes exemplos: quando vemos as vicissitudes e transformações do inverno e do verão em suas imediatas sucessões de frio e de calor, deveríamos pensar da mesma forma em relação ao corpo. Ninguém dirá que as vicissitudes naturais que cada estação experimenta ao suceder a precedente sejam verdadeiras doenças, pois o homem está submetido sucessivamente ao verão e ao inverno.

Durante o inverno o homem se cerca de fogo para se proteger contra o frio. Apesar disto o inverno atua sobre ele submetendo-o à sua influência sem que nenhuma coisa artificial modifique seu curso.

Outro tanto ocorre com o verão, sendo surpreendente que o médico estude o fato de modo tão pouco satisfatório e resista em aceitar e conhecer nestas coisas as influências dos movimentos celestes, como se a natureza pudesse cometer erro.

Por conseguinte, o frio do inverno e o calor do verão podem chegar a produzir enfermidades, ainda que, em si mesmos, não sejam doenças.

Também o nascimento das estrelas e a interpolação de seus dias *(interpolatis diebus*) suscitam o frio e o calor, e também provocam febres.

Só a causa celeste pode determinar esses movimentos. É por mera fantasia que tais médicos não levam o céu em consideração, atribuindo tudo ao microcosmo, envolvendo-se cada vez mais no erro.

Fora isso, certamente, acontece que o homem pode ser tomado de ardores criados nele mesmo, sem que nada tenha sido acrescentado, tornando-se nesse caso um sol ardente. Isso acontece sempre de um modo acidental e não desde o nascimento.

Quem consegue iludir o Sol evitará também as doenças. Quando o homem é tomado por esse calor celeste, significa que o sopro *(aura)* boreal foi fechado, já que, quando está aberto, a temperatura acaba voltando ao normal.

Saibam que a origem do calor do homem provém da união das coisas celestes, terrestres, aquáticas e aéreas que existem nele em uma temperatura conveniente, quer dizer, numa temperatura onde nem o calor nem o frio predominam. Apesar de ainda existir o calor interior que nasce do estômago e que dá ao corpo a sua temperatura.

Este calor do ventrículo é particularmente eficaz pois serve para cozinhar e digerir os alimentos, sendo assim semelhante ao calor exterior, que não se comporta somente desta maneira. Essa é a razão pela qual todo órgão possui um fogo perpétuo, já que todos têm um ventrículo e uma digestão. Assim, o calor ou o frio do homem acontecem conforme a violência ou a suavidade da digestão.

O calor das digestões provoca a exteriorização de diversas cores, até

então latentes, assim como o florescimento do mercúrio.

Diante desse florescimento, quem ousaria dizer que essas flores saíram somente do fogo da digestão? E quem poderia afirmar que “isto” é sanguíneo?

O certo é que isto e todas as outras coisas, diferentes na idade adulta e na velhice, são produto e resultado do calor cotidiano. Sem dúvida, não faltarão os que afirmem que isto não passa de temperamentos e insistam que “a juventude é sanguínea e a idade adulta colérica, fleumática ou melancólica”. Mas os que assim dizem esqueceram-se das excelências do calor da digestão e da natureza da matéria que forma as três primeiras substâncias, já que o homem assim como a árvore têm suas próprias flores. Por isso, chamar essas flores de temperamentos é um grande erro.

O mesmo acontece com todas as coisas que crescem neste mundo, nas quais as espécies devem ser consideradas mais que os gêneros, pois todas agem especificamente (*specietemus*) e não de uma maneira gradual, como Platearius[1] e outros botânicos provaram quando qualquer coisa estranha penetrai no ventrículo. Neste caso, se ali entra sem ter sido previamente preparada, vê-se que tanto o calor como o frio se refreiam, enquanto a coisa se encaminha espontaneamente até o arcano.

Tudo pois morre no ventrículo e por isso podemos saber de sua má qualidade e fraqueza, conforme a quantidade de coisas que deixe de atacar, desmanchar e destruir. Já os ventrículos que provocam a morte das substâncias que caem neles são sadios e por isso desprovidos de qualquer interesse médico.

Não convém então aplicar as medicinas, porque nesse momento não vão causar as transformações que levariam à putrefação.

Às vezes acontece que alguns medicamentos se misturam com coisas de natureza quente, como as especiarias, por exemplo, nas épocas de peste. Então acontece que, não entrando em putrefação, ficam inativos, já que nenhum medicamento pode curar-nos daqueles venenos que o ventrículo não consegue destruir.

Daí se deduz que a rapidez da putrefação é proporcional à rapidez da cura e que tudo que impede a putrefação se opõe igualmente à saúde.

O suor que os medicamentos imputrescíveis às vezes provocam é mau e contribui muito pouco para a sustentação da vida.

Então podemos deduzir: nada que se estabelece gradualmente ou segundo os temperamentos é de utilidade para o corpo, pois neste as doenças não são, segundo as suas raízes, quentes ou frias. E os remédios não poderão agir sobre das se não tiverem outra virtude além de suas diferenças de temperatura.

Recordem que é preciso arrancar as peras pelo talo e assim fazê-las cair da árvore.

É um erro dizer que tal coisa tem maior quantidade de frio do que outra, pois não existe mais do que um só grau na frieza. O correto seria dizer: esta erva possui meia onça de frio e outra duas onças, considerando para as duas a mesma unidade de peso.

Por isso concluímos: receitem uma dracma de frio onde a encontrem e deem de beber em caso de ardor o calor interno. E usem ervas especiais como nenúfar e macela, mas não pimenta ou misturas. Assim encontrarão, não o frio ou o calor mas os arcanos desses mesmos graus.

Aqueles que nós combatem teriam abandonado suas teses se soubessem que na realidade não existe mais do que um frio, um calor, uma umidade e uma secura. Se tivéssemos estabelecido com a devida precisão a existência de duas ou três classes de frio, de calor, de umidade ou de secura, não teríamos dúvida em aceitar de bom grado a opinião deles. Mas isso não é o caso.

Tudo o que dissemos não tem outra finalidade senão fazer conhecer o grande erro que se tem cometido até agora na observação dos graus, assim como sobre os temperamentos das coisas, que na realidade são quatro, mas fundidas em uma só.

Até agora tinham sido estabelecidos quatro humores, coisa falsa, pois só existe um licor de mercúrio no qual existem muito mais de quatro substâncias, gêneros e propriedades, das quais a única causa não é o resultado, porque nele também estão incluídas as outras duas substâncias.

Cada doença, segundo a sua composição, existe por causa dessas três coisas.

As causas do enxofre e do sal serão estudadas e expostas em capítulos sucessivos.

Voltando ao mercúrio, vemos que suas doenças se produzem quando o seu licor, verdadeiramente grande e admirável, criado por Deus acima de todas as maravilhas, eleva-se até o céu. Da mesma forma que espírito de Lúcifer excita todas as guerras internas quando se eleva ao céu por seu próprio orgulho.

Quando o mercúrio ascende sem se manter (*persistit)* em sua hierarquia (*gradus*), transforma-se no princípio da discórdia.

Outro tanto pode-se dizer sobre o enxofre e o sal. Quando o sal se sapara e se apresenta deste modo, aparece como uma coisa que nos devora. Com o seu orgulho (*fastus*) estará onde possa manifestar sua corrosão, provocando as úlceras, o câncer **e** a gangrena.

Notas

1. Platearius: naturalista originário de Brabante que viveu na Alemanha nos princípios do século 16, tendo sido reitor da escola de Zwikau (1535-1546).

CAPÍTULO II
(Sobre as transformações das substâncias e da necessidade da obediência aos desígnios de Deus. Sobre a múmia. Sobre a divisão da medicina. Sobre a morte)

Os arcanos não são antiguidades nem foram criados há muito tempo; pelo contrário, foram concebidos recentemente.

Antigamente, as coisas eram citadas em razão da substância e da forma, tal qual existem no mundo, o que hoje é de nenhuma valia. Para a sua utilização é preciso que essas substâncias se dissolvam, se renovem e se libertem de todas as suas antigas propriedades, como são o frio e o calor.

Assim, vemos que somente abandonando a sua frieza, o solatrum[1] poderá ser utilizado como medicina, da mesma forma que os anacárdios[2], que só podem ser usados como remédios quando libertos do calor.

Somente quando as antigas naturezas morrem ou se rebaixam (*deponantur*) ao ponto de chegar até a um novo nascimento podem adquirir o caráter de verdadeiras medicinas. A separação do bem e do mal está precisamente nesta anulação.

A medicina contemporânea é para nós como um arcano puro e absoluto, desprovida de todo temperamento e de todas as outras coisas desse tipo.

Então, por que os observadores equivocados opinam que nós, que podemos realizar o primeiro grau, não podemos igualmente alcançar o terceiro e o quarto?

A causa seria que o estômago não suportaria as coisas dos graus superiores, quer dizer, não conseguiria a putrefação devido a sua própria fraqueza, significando assim que a sua qualidade e eficácia seriam proporcionais à sua frieza e que sua dosagem poderia ser proporcionalmente diminuída.

Do que se deduz o seguinte: se o sal tivesse permanecido quieto em sua residência normal, o homem jamais teria tido úlceras no corpo.

Quando o enxofre se enche de ambição, o corpo se desmancha como a neve ao Sol.

Quando a sutileza de mercúrio é tanta que chega a separar-se e acender-se, indo além dos seus graus normais, pode provocar uma morte imprevista e repentina.

Por isso a razão e a natureza devem conservar-se sem orgulho,

cumprindo sua função dentro de suas próprias hierarquias.

Cada cabeça deve ter um sentido próprio e diferente das outras, e deve poder romper seus limites quando uma força determinada a obrigue. De todo modo convém saber que é sempre funesto contrariar os princípios do corpo.

Como nada deve ser eterno para as criaturas carnais, é necessário que possam separar-se e isolar-se por diversas operações em suas distintas maneiras, qualidade e virtudes.

A saúde, assim como a firmeza do melhor do reinos, pode enfraquecer-se. Por isso devemos saber que todas as coisas podem alcançar igualmente a bondade a perfeição.

A natureza deu as mesmas propriedades e virtudes ao ouro e à prata. Deve-se simplesmente à avareza humana o fato de o primeiro ser considerado mais valioso do que a segunda. Além disso, nem o *escarbucle* (rubi) é melhor do que a pedra-pome, nem o cipreste melhor do que o pinho, pois isto seria repudiado pela luz da natureza. Somente a fantasia dos homens é capaz de interpretar estas coisas de maneira diferente do modo como a sabedoria da natureza humana ordenou.

Quando a morte percebe que o reino do nosso corpo está próximo de sua dissolução, invade-o, assim como o fazem os exércitos estrangeiros com uma nação derrotada.

A morte se aproxima justamente quando as três substâncias rompem a sua união e concórdia. Então, com toda sua habilidade, começa a atacá-la durante todas as horas do dia, até dominá-las e triunfar sucessivamente sobre cada uma delas. Depois que a morte ocupou tudo não há nada que possa expulsá-la. Mas se entrou ou dominou apenas numa parte, então a medicina pode cooperar e auxiliar a natureza restituindo a sua integridade. A soda cura o que o sal corroeu; o açafrão restabelece e restaura o que o enxofre dissolveu e o ouro devolve a consistência àquilo que o mercúrio tomou demasiado sutil, vindo tudo isso em ajuda da natureza.

Assim como nenhum reino pode ser invadido e conquistado sem que sejam provocados nele danos e prejuízos irreparáveis, também a carne que foi atacada e corroída pelo sal só pode ser restaurada imperfeitamente depois de ferida uma vez e não pode mais apresentar-se tão bem quanto antes. Isso é extensivo a todas as coisas.

É preciso cuidar muito bem do corpo e procurar mantê-lo sempre íntegro, pois, caso contrário, até mesmo a aspereza do ar pode ofendê-lo ou corrompê-lo.

Foi para isso e por isso que Deus criou uma medicina desde o começo do mundo até hoje e ainda nos dará uma outra que sirva até a consumação dos séculos. Ela será igual em força, virtude e poder àquela conferida aos apóstolos

para a cura das doenças, cuja eficácia emana da vontade divina.

Os médicos receberam assim o mesmo mandato dos apóstolos. Os que vivem sob esta ordem deverão necessariamente atuar de acordo com ela, aprendendo e conhecendo o verdadeiro e autêntico (*genuinum*) fundamento de todas as coisas.

Acontece que muitos desses médicos preferem conservar-se infiéis (*adulteri*), cometendo uma série de transgressões a esse mandato ou sendo indiferentes. Eles constituem o que Cristo chamou de "nação depravada e adúltera", pois mesmo vendo os sinais não querem agir de acordo.

Nenhum sinal maior do que o de Jonas dentro da baleia será dado a esses médicos. Isto quer dizer que terão de buscar por si mesmos a medicina sobre a face da terra, assim como os judeus deverão esperar a sua ressurreição no ventre da baleia.

Por outro lado, esta arte é tão complexa (*multiplex*) e as três substâncias tão certas, que tanto o enxofre como o sal e o mercúrio podem surgir nas quatro gerações que se encontram repartidas na natureza das quatro matérias ou elementos.

Todas as coisas nascem dos quatro elementos: da terra saem as ervas, a madeira e seus derivados; da água, os metais, as pedras e os minerais em geral; do ar, o orvalho e a terebiana ou maná; e do fogo, o trovão, o relâmpago, o raio, a neve e a chuva.

Deixemos esta parte para a meteorologia, constituída pela luz da natureza, e continuemos nosso assunto.

Quando o microcosmo (o corpo humano) desaparece e se reintegra na terra, ela o reverte com o seu admirável poder gerando novamente os frutos correspondentes às sementes que com ele foram semeadas. Esta operação deve ser perfeitamente conhecida pelo médico.

Assim nasce o segundo elemento, a água, por meio da qual a espagírica ou yatro-química constrói o rubi, já que ela é à matriz dos minerais. Esta operação produz o terceiro elemento, isto é, o fogo. Este gera o granizo e o quarto elemento aéreo que se destila a si mesmo como em um vaso de vidro fechado *(in concluso vitro)* dando lugar ao orvalho pela ascensão do seu espírito.

Muitos tentaram descrever esta geração, mas é preciso convir que perderam todas as esperanças de realizá-lo, o que não é para se lamentar, porque não é prudente deixar um porco solto no jardim.

Ainda existe outra transmutação: aquela que deu liberalmente todos os gêneros sulfurosos, mercuriais e salinos, tal como convém lhes mostrar neste mundo microcósmico.

É verdade que muito se tem feito para o encontro da saúde do homem. Uns falaram da água da vida, outros da pedra filosofal, dos arcanos, do bálsamo, do ouro potável e de muitas outras coisas. Todos tiveram razão porque de fato todas elas existem no mundo exterior e outras semelhantes no mundo interior.

Nada é tão negro que não tenha algo de brancura, assim como tudo o que é branco também tem alguma sombra. Esta ideia se aplica a todas as cores.

Assim vemos que o sal (que é branco) contém todas as cores. Que o enxofre arde porque possui todos os azeites e que o mercúrio flui porque encerra todos os humores. E assim todas as outras coisas que atribuiremos à filosofia.

Fica então estabelecido que o homem é o seu próprio médico, pois por menos que ele ajude, (*opitulatur*) a natureza transformará sua anatomia em um jardim, com a melhor assistência imaginável.

Se estudamos se analisamos bem as causas de todas as coisas veremos que a nossa natureza é o melhor médico porque possui em si mesmo tudo o que precisamos. Consideremos rapidamente as feridas: elas são apenas perdas de carne, e a sua cura deve vir da própria carne interior, sem nenhum acréscimo exterior. Desta forma, a cura das feridas não é mais que uma proteção *(defensio)* para evitar que a natureza seja impedida por algum obstáculo externo, podendo agir livre de inconveniências. Com isso a ferida se regenera, conforme ensina a cirurgia dos mestres mais hábeis.

O que cura verdadeiramente as feridas é a múmia: a própria essência do homem[3]. O mástique (resina da aroeira), as substâncias gomosas (*gummata*), e o litargírio não têm a menor influência na geração da carne, atuando unicamente no sentido de proteger a natureza para que nada possa perturbá-la em seu trabalho regenerativo.[4]

Os gregos também conheceram um filtro preparado com sangue, mas não lhe deram esse nome, como o dos corpos embalsamados, segundo Heródoto e Plutarco. Tal termo também é desconhecido na língua copta, mas existe em árabe se referindo corretamente às múmias egípcias.[5]

A mesma regra vale para as doenças internas. Assim, se a natureza se defende, poderá curá-las sozinha. A natureza possui uma função exata para as suas curas, que o médico ignora, tornando-o assim um mero protetor ou defensor da natureza.[6]

Existem tantas propriedades interiores na natureza como manifestações exteriores na ciência. Estas últimas são deduzidas das primeiras e são frutos do estudo, com o qual chegamos a fazer as mesmas coisas que a nossa natureza realiza em nós.

Esta questão sobre a potência da medicina deve ser compreendida de duas maneiras: a que se refere ao grande mundo (macrocosmo), e a do homem

(microcosmo). Uma é composta de métodos e procedimentos defensivos (*in defensivis)* e outra de ações curativas *(in curativis*).

Quando por exemplo defendemos a natureza, nos servimos de sua própria ciência para a cura. Ao contrário, fora esta ação defensiva, empregamos a nossa ciência atuando como verdadeiros médicos curadores (*curatores*).[7]

Sobre isto diremos que muitos médicos acabam desviando sua atenção por causa da rotina, o que nos permite dividi-los em duas classes: os que dão (*addicunt*) a sua ciência pessoal à natureza, empregando apenas processos defensivos ativos (e que frequentemente acabam não se entendendo entre si) e os que somente se servem da ciência da natureza, que são os verdadeiros curadores.

Quando alguém fica ferido pode se tratar, segundo isso, de duas maneiras (mais acima falamos do método defensivo). O método curativo é feito quando a ferida está inchada (*ventricosum*), colocando-se nela (*indautur*) os remédios que fazem crescer a carne, com o que a ferida se recheia elevando o seu nível (*insurgit*), e digerindo os medicamentos em seu interior. Assim a carne se regenera, tendo a ferida se comportado como um verdadeiro ventrículo.

Podemos ver, segundo este princípio, que no médico e em todas as doenças existe uma ciência, e na natureza do microcosmo uma outra.[8]

Isto quer dizer que entre o homem e as coisas externas há sempre um certo acordo ou semelhança fazendo com que concordem e se ajudem mutuamente *(afficiunt ac admittunt).* E somente quando o homem percebe, admite, e conhece a natureza das coisas, chega a possuir verdadeiramente o conhecimento da anatomia. Pois, sendo o limbo a totalidade do mundo (*universus mundus)* e estando o homem formado nele, pode-se estabelecer que tudo deve concordar com o que é semelhante.

Se o homem não tivesse sido feito dentro do orbe e de todas as suas partes, o pequeno mundo do microcosmo não existiria e nem seria capaz de receber tudo o que o grande mundo produz. Daí concluímos o seguinte: tudo que o homem come ou consome é na verdade uma parte de si mesmo, e que, tendo nascido do macrocosmo, sendo de um certo modo semelhante a ele, também faz parte do grande mundo. Não é certo que o homem tenha sido feito do nada. Pelo contrário, foi fabricado (*fabrefactus*) do grande mundo, e por esta razão também se acha nele. Assim, existindo entre ambos um nexo (*nexus*) de dependência tal como o de um filho para o pai, é natural que ninguém possa socorrer mais rapidamente o corpo humano do que aquele que é como o seu próprio pai.

Essa ajuda ou assistência faz com que cada membro externo seja a melhor medicina para o seu correlativo órgão interno, e assim sucessivamente uns para os outros na mesma ordem. Pois não há dúvida de que todas as

proporções humanas, divisões, partes e órgãos estão no grande mundo assim como o homem em sua totalidade.

O homem come e consome tudo isto, tanto nos remédios como nos alimentos, que só se diferenciam entre si pelo corpo médio, isto é, pela figura e pela forma. De acordo com a ciência o corpo físico só possui uma forma, uma imagem e um corpo médio. Deste modo o corpo do homem absorve (*assumit*) o corpo do mundo da mesma forma que um filho recebe o sangue do pai. Eles não são mais do que duas almas com um mesmo corpo e um mesmo sangue. Deduzimos então que o céu, a terra, o ar e a água estão, segundo a ciência, no corpo do homem, pois ele constitui por si mesmo um verdadeiro mundo.

Por isso o Saturno e o Júpiter do microcosmo atraem *(asciscit*) o Saturno e o Júpiter celestes.

Essa conjunção entre os dois céus faz com que também existam afinidades entre os elementos da terra. Assim, a erva-cidreira da terra se relaciona com a erva-cidreira do microcosmo, e o goivo do microcosmo assume *(assumit)* pela mesma razão o goivo da terra.

A caquimia[9] da água adota a caquimia do microcosmo, assim como o talco[10],o orvalho e a terebiana de um e outro elemento.

Tudo isso pode ser explicado levando-se em conta que tanto o céu como a terra, o ar e a água, não são quatro coisas, nem três, nem ao menos duas, mas uma única, na qual as quatro se conjugam *(conjugantur)* podendo se dividir e separar-se.

A adaptação desses conhecimentos à conveniência da medicina nos ensina qüe quando administramos os medicamentos devemos dar com eles o número total, quer dizer, que contenham todas as virtudes do céu, da terra, do ar e da água.

Nós vemos isto muito bem quando qualquer doença penetra no corpo. Todos os seus órgãos, absolutamente todos, lutam contra o corpo doente defendendo por sua vez o todo e as partes, já que a enfermidade leva em si a morte de todos os órgãos. A natureza pressente que deve empregar toda a sua força e todos os seus recursos contra a doença.

Por isso é muito importante criar uma medicina que contenha o firmamento universal, tanto o da esfera superior como o da inferior. E é também por isso que a natureza pode resistir à morte com tanta intensidade, chamando em seu auxílio o céu, a terra e todas as suas virtudes e potências.

Acontece o mesmo quando a alma, ao chamar por Deus com todas as forças do seu coração, consegue lutar, resistir e chegar a vencer o diabo.

Assim também a natureza reúne e emprega todos os meios criados por

Deus para expulsar a morte, ainda que ela nos faça estremecer de pavor pela amargura e crueldade do seu terrível olhar, mesmo sem vê-la ou tocá-la realmente com nossas mãos. Mas a natureza, que pode vê-la, tocá-la e reconhecê-la sempre, atrai todas as potências terrestres e celestes para poder resistir ao seu formidável impulso.

Saibam que a morte é verdadeiramente horrível, cruel e áspera. E lembrem-se de que ela chegou a aterrorizar até mesmo aquele que a criou, quando Cristo estremeceu de espanto no monte das Oliveiras, suando sangue e pedindo ao seu Pai celestial que a afastasse dele. O que tem de estranho que até a natureza trema diante dela?

Por isso, à medida que seja maior o conhecimento sobre a morte, maior deve ser também a prudência e o cuidado na pesquisa que o homem verdadeiramente sábio *(vir sapiens)* empreenda contra ela.

Notas

1. Termo pouco usado que não foi encontrado nem em Dioscorides e em nenhum outro grande farmaciólogo. Parece que se refere à beladona. Antes de Paracelso podemos encontrá-lo num velho livro de Saladino de Ascoli, que foi médico do príncipe de Tarento, publicado em 1488 em Bolonha (*Aromatorium compendium*, Ed. Ecthoris): nele se fala de *Solatrum minus*, do *Solatrum* e da *Acqua Solari*. Posteriormente Hieronymus Brunschwick se refere ao *Solatrum mortale* em sua obra publicada em 1513: *Das buch der waren kunst zu distillieren die Composita*. É provável que Paracelso conhecesse os dois livros.
2. Anacardo ou Acajuba: palma silvestre com diferentes espécies cujos frutos, cascas e pendículos eram usados na medicina antiga.
3. Paracelso fala frequentemente da múmia. Os autores da Idade Média lhe deram diversos significados, dos quais o mais importante é o que a identifica como o espírito vital que circula no sangue e que Moisés chamou de "*anima carnis*" (Levítico XVII, 11 e 12). Os judeus se basearam sobre isso para as minuciosas prescrições que regulamentam a preparação das carnes, cujas composições, resultantes da coagulação do fluido vital por medicamentos extraídos do sangue humano, chamaram de múmia.
Os egípcios empregaram este nome para designar o "Nephesh Habashar" de Moisés, conforme opiniões dos médicos árabes da Idade Média. Os escritos de Moisés eram familiares para eles e além disso puderam estudar as tumbas egípcias *in loco.*
Se considerarmos que a arte dos embalsamamentos fazia parte dos rituais iniciatórios (que Heródoto dizia conhecer mas não podia revelar) vemos que a opinião dos médicos árabes pode perfeitamente ser autêntica. Principalmente se considerarmos a imensa superioridade das múmias de Tebas que conservam toda a flexibilidade. Suas carnes frágeis, petrificadas, estavam impregnadas de betume da Judéia.
Este fato significa que a energia vital do sangue teria sido usada nas primeiras, enquanto o segredo dos embalsamamentos teria se perdido pouco a pouco.
Seja como for, os autores do século 16 confundiram estas duas ideias. Richard le Blanc disse em sua curiosa tradução do livro *De Subtilitate* (Cardan, 1556): "antigamente a múmia era um sangue solidificado que os egípcios preparavam aromatizando-o com mirra, aloés, cassia, amonum (?) e outras substâncias, tornando-se num excelente remédio para todas as partes onde o sangue saísse, assim como para as entranhas quebradas ou machucadas".
Alguns médicos tiveram a ideia de extrair o medicamento chamado múmia, não do sangue, mas das próprias múmias egípcias pulverizadas, formando uma substância que foi chamada de "pó de múmia" (século 13). E este remédio foi tão usado e procurado que os mercadores, ao sentirem, dificuldades de encontrar múmias verdadeiras, começaram a falsificá-las com cadáveres de escravos, suprindo assim, durante muito tempo, o mercado europeu. Uma prova do valor atribuído a esse produto está no alto imposto aduaneiro que era cobrado: segundo a tarifa geral de 1664, a taxa ia além de cem soldos. Apesar de tudo, a falta de clareza dos autores mostra muito bem que eles não tinham uma noção muito exata do que era realmente a múmia, que adquiria como o "benzoar", uma posição indeterminada e fabulosa.
São Clemente de Alexandria em sua *Oratio protreptica ad Gentes* fala confusamente sobre uma estátua marmorizada como um bálsamo extraído das múmias. Isto parece ter uma certa relação com a definição que Castelli dá em seu *Lexicon*: a múmia ou Pisapaltum consiste num certo líquido que se encontra nos sepulcros onde os cadáveres foram conservados durante muitos anos por meio de substâncias aromáticas. De Castelli tem também esta rara definição: "a múmia é o alento que o homem sadio expele em sua primeira respiração matinal, logo depois de lavar a boca e que se conserva num matrás de vidro e que se condensa em contato com a água fria".
Toxites, em seu *Onomasticon*, chama de múmia tudo aquilo que em estado morto tem a propriedade de curar, denominando-a também de carne sarracena ou carne embalsamada, queimada e seca na areia sob o sol da Líbia. E ainda ''Kretal" ou "Ayume".
Segundo Gerardo Dorn (*Dictionarium Paracelsi*) não só a carne conservada pelo bálsamo é chamada de múmia, mas também todas as outras coisas que morreram espontaneamente ou por meios violentos e que estão dotadas de virtudes curativas. Esta opinião está mais próxima à de Paracelso, que considerava a múmia como um coágulo da matéria pura e sutil que existe no seio de toda substância orgânica e que guarda todo o seu espírito vital. Assim, o vinho, o leite, o sangue etc., teriam suas múmias particulares.
4. É surpreendente a exatidão e atualidade deste princípio abstencionista e fisiológico no processo da reparação das feridas.

5. Este parágrafo prova, entre outros, a grande e autêntica cultura que Paracelso possuía, contradizendo as acusações dos seus perseguidores.
6. A tradução francesa diz: “Ministro defensor da natureza”. Achamos melhor suprir o ministro para uma exatidão melhor do sentido.
7. Traduzimos curandeiros para curadores para evitar um mal-entendido, da palavra para um sentido pejorativo, o que não seria correto.
8. Na natureza do doente.
9. Caquimia é um termo paracélsico que segundo Castelli (Lexicon Medicum), serve para designar os corpos metálicos imperfeitos ou imaturos. As caquimias podem ser divididas em sulfurosas (como as marcasitas e cobaltos), mercuriais (como as substâncias arsenicais e auripigmentadas), e salinas (como todos os talcos). Johnson (*De vita rerum natura*. Livro 4 e 5) numera até trinta espécies de caquimias e considera que a vida desses elementos encontra-se no espirito do mercúrio, dotado de poder colorante. A morte das caquimias seria produzida pela sublimação no sal e no vitriolo.
10. Toxites e Dorn distinguem quatro classes de talco: o branco, o negro, o vermelho e o amarelo.

CAPÍTULO III
(Dissertação sobre os medicamentos e sobre a morte)

A grande farmacopeia *(magnum compositum)*, isto é, a verdadeira medicina tem sua origem nas virtudes de todos os elementos do céu e da terra. O médico deve aprender dela a fazer suas receitas com simplicidade, não só quanto ao número e quantidade dos medicamentos, mas também em sua composição, cuja ordenada reunião formará todo o homem exterior. Assim ele reunirá as potências de todos os remédios, medicamentos e arcanos, podendo empregar suas forças na luta contra as doenças que o atormentam. Com respeito aos arcanos das doenças destinadas a acontecer no futuro, sua conduta se reduzirá a ações de uns e outros entre si, como um descanso, à espera da hora marcada para elas chegarem.

O mesmo que com a madeira que o artesão tem em suas mãos — a qual pode ser esculpida em centenas de formas — acontece com as doenças, cujo número pode ser igualmente elevado, embora atuem e se produzam num mesmo corpo.

Do mesmo jeito como as imagens de madeira queimam e se consomem no fogo, a medicina da grande composição ou farmacopeia se limpa no fogo, que assim separa nela as coisas puras das impuras. Por isso as grandes receitas devem ser muito bem conhecidas. E quanto às medicinas particulares ou locais, convém que sejam administradas segundo a ordem prescrita *(legitimo ordine)*, apesar do que nem sempre estão isentas de perigo.

Já vimos que no “grande composto” se acha o mundo inteiro, quer dizer, o céu, as virtudes da terra e o homem microcósmico, contidos em uma gota. O homem se encontra, pois, encerrado na farmacopeia com todos seus membros, articulações, natureza, propriedades e essências, boas e sadias, más e enfermas. Por isso, quando absorve algo dessa grande composição, absorve a si mesmo no

limbo de onde foi criado e então o corpo médio o une, restituindo-lhe o que falta.

Essa composição ultrapassa todas as demais medicinas, do mesmo modo que o Sol supera todos os outros astros.

Com efeito, em que se diferencia o Sol da Lua ou o dia da noite? Diremos que unicamente na luz. O mesmo que o céu da terra e, nela, as diversas flores, raízes, pedras preciosas e pérolas.

O médico deve conhecer os medicamentos com tal exatidão que possa chegar a separar neles as trevas da luz e o dia da noite, e uma coisa em cada dia, assim como Deus Pai.

O que temos em nossas mãos é tão parecido com o que o próprio Deus possui, que devemos colocar nisso toda a ciência a fim de que cheguemos a separar e a distinguir o preto do branco, o claro do obscuro e a medicina do barro em que habitualmente está escondida, como foi criada por Deus.

O que diremos agora sobre as operações? Afirmamos que Deus não quer que se realizem como se fosse cortar árvores a golpes de machado, exigindo que tais trabalhos sejam, de acordo com os princípios da medicina, com a aplicação de toda sua eficácia, virtude e trabalho, para curar (*sanavit*) estas doenças como Ele dispôs sobre a terra. E antes que a menor palavra saia de sua boca, serão curados (*convalerant*) todos os enfermos.

Muitas outras coisas ainda deveríamos considerar se não fosse a ignorância dos médicos e tão violenta a vaidade com a qual se empenham em aparecer como sábios, mostrando apenas algumas migalhas de ciência. Assim mesmo devemos levar em conta os defeitos dos doentes e finalmente outra série dessas coisas que somente Deus conhece e que não devemos investigar.

De acordo com o poder e a virtude da ação da medicina, condensação das virtudes de todas as potências celestes e terrestres, compreenderemos por que o inverno não pode absorver o verão e vice-versa, e que por isso mesmo não devemos tentar dispersar o elemento da água pelo do fogo, nem o frio úmido pelo calor seco. Os elementos não são doenças propriamente ditas, mas indicadores delas, do mesmo modo que os ramos indicam a árvore, sem serem eles mesmos a árvore.

Os temperamentos foram impressos em nós de tal modo que nenhum deles muda ou se deixa suplantar por outro, como também acontece entre o céu e a terra, e finalmente no homem.

O que vai além desse estado já não deve ser considerado como um temperamento, mas como um verdadeiro acidente. Em sucessivos capítulos especiais veremos como tudo isso está ordenado e disposto.

Tendo falado até aqui sobre a saúde e as doenças do homem baseados em sua teoria e sua física geral, convém que falemos alguma coisa sobre a morte,

seus aspectos e sua oportunidade.

Todas as coisas têm um tempo prefixado, quer dizer, uma duração que será consumida infalivelmente seja no bem ou no mal.

Os santos, por exemplo, têm um prazo determinado em suas vidas, no fim do qual devem abandonar a terra e encerrar suas existências. Os malvados *(improbis)* têm seu tempo. E todas as coisas terminam no momento exato que Deus fixou para elas.

Nem o santo mais piedoso poderia ultrapassar esse prazo, por mais útil ou saudável que fosse a sua existência.

Quando o momento da morte se aproxima nada pode subsistir *(nihil superest, nihil spectatur)* e quando ouvimos as palavras "levanta-te e anda" *(surge et abi), o* fim do tempo chegou.

Entretanto a morte se mantém *(adsidet)* a nosso lado, esperando pacientemente que nossas guerras internas lhe ofereçam uma oportunidade para colocar-se diante de nós e possuir-nos, pois ela ignora a hora em que deve entrar em nosso corpo e matá-lo. O medo de que este exato momento lhe escape a faz manter-se vigilante e cuidadosa do instante certo em que deve aparecer, mas apesar de tudo nunca poderá desobedecer os desígnios e as ordens que Nosso Senhor lhe dita do céu.

Só quando ignora a hora e o minuto do nosso fim — c precisamente porque os desconhece — deixa-se ser vencida pela medicina, apesar do que sempre procura aproximar-se o máximo possível, acreditando que cada momento pode ser o seu. Por isso e ainda que se engane constantemente, sempre volta com suas agressões e assaltos.

Todas essas coisas da vida, tão belas, boas, agradáveis e às vezes tão cheias de encanto especial, são como um tesouro de ouro e pedras preciosas escondido numa cesta que um ladrão estivesse disposto a roubar. Em verdade nada disso nos é permitido evitar, e nem a utilidade, o dano, a probidade ou a malícia poderão impedir ou deter a hora do "levanta-te e anda", pois nada no mundo pode opor-se aos desígnios divinos.

Nossa vida é um tesouro em cuja proteção nos falta a mais elementar segurança. E mesmo quando o protegemos com todo cuidado vemos como ele é roubado diante dos nossos próprios olhos a despeito de toda vigilância. Nenhum doente encontrará proteção mais eficaz do que o refúgio em Deus, implorando pela sua melhor ajuda. Quando somente roga e pede ao médico os auxílios de sua arte, a morte sempre acaba levando-os.

Um rei que durante uma batalha se protege com todos os seus exércitos, com fossas e trincheiras por todas as partes, rodeado por sua infantaria e

cavalaria, não está em segurança? E, mesmo assim, com uma defesa perfeita, como é possível que uma bala ainda o atinja?

Na verdade muitas são as maneiras pelas quais podemos perder a vida. Por isso, bem-aventurados aqueles que a morte surpreende com os corações bem dispostos como no caso de São João Batista, os profetas e os apóstolos.

É preciso que estejamos sempre atentos pois certamente ela nos levará ao juízo onde prestaremos conta do uso do nosso tempo, até o menor dos instantes, como um verdadeiro arauto do tribunal de Deus.

No momento dessa convocação é que a alma se separa definitivamente do corpo e o juízo de Deus se abre, no dia e na hora determinados. Digo que esse dia será de grande miséria, em que o céu e a terra se levantarão *(attolentur)* tremendo, e quando as trombetas acordarão *(suscitabunt)* todos os que devem ser chamados, vivos e defuntos.

Quando a morte nos ressuscitar devolverá tudo o que nos levou *(abstulit).* E assim, ao lado do nosso anjo[1] esperaremos a decisão deste tribunal cujas celas de prisão é a vida na terra.

Todos que estão na terra morreram de fato em pecado. Por isso ficamos detidos nesta prisão até que chegue a hora do juízo, esperando como verdadeiros cativos.

Logo que percebemos o chamado da morte o espírito se eleva até ao Senhor, enquanto que o corpo fica sozinho em sua prisão terrestre. Todos ficam em seu próprio meio (*in sua sede)* até a hora em que devam se reunir novamente. Neste instante as três substâncias — enxofre, mercúrio e sal — voltarão à sua essência e ao seu sangue.

O que acontecerá diante do Criador de almas e de corpos, escondido da vista dos homens até esse momento?

Nesta hora não existirá nenhuma doença, nenhum médico, nem doentes, e será na verdade o fim de todas as coisas.

Enquanto esperamos esse acontecimento devemos manter-nos vigilantes e estudiosos das ciências para sermos capazes de encontrar uma razão digna e um motivo de verdade para a nossa vocação.

Notas

1. A tradução latina de Paltenius emprega aqui a palavra “lictor" (portador dos símbolos da justiça).

CAPITULO IV
(Onde fala sobre o mercúrio)

Apesar de termos falado sobre a morte no capítulo anterior, o nosso trabalho ainda não começou. A pausa que fazemos agora tem como motivo a meditação, para que assim a nossa exposição fique mais clara.

Vamos rever de um modo melhor e geral tudo o que diz respeito às três substâncias, e começaremos pelo mercúrio.

Ele está no homem sob a forma de licor e em numerosos aspectos, expressão de suas múltiplas naturezas.

Os métodos para conseguir sua separação são três: a destilação, a sublimação e a precipitação. Em cada um desses modos existem diversas espécies que não vamos enumerar agora separadamente. Basta que falemos sobre as mais importantes. Diremos assim que a essas três maneiras de separação correspondem outras três semelhantes no corpo, que é a operação da natureza.

Antes de mais nada é conveniente averiguar o que é que obriga o mercúrio a esses três modos de separação, já que ele não se produz por si mesmo, mas por meio de alguma coisa exterior que o faz ascender, separando-o dos outros princípios.

Acontece a mesma coisa com Lúcifer, cujo orgulho não é um resultado de sua natureza, mas recebe-o de fora. Por isso pode se elevar sobre tudo.

O estímulo do mercúrio também vem de fora dele (o que devem compreender com muita precisão), devendo ao calor, ainda que acidental, a virtude digestiva que determina a sua ascensão. O calor eleva o mercúrio sobre si, fora de si e o excita *(agitat)* como a madeira abrasada e queimada pelo intenso calor do Sol.

Também pode ascender estimulado por calores estranhos e passageiros que conseguem expulsá-lo de três maneiras, conforme os princípios da ciência mestra que é a arte da mecânica. Ê preciso considerar ainda uma outra espécie de calor: aquele que vem *(emergit)* do movimento do corpo. E por mais fraco e irregular que seja também é capaz de abrasar o mercúrio obrigando-o a elevar-se.

Além desses ainda existe o calor provocado pela energia. Por exemplo: quando aparece uma estrela cadente sabemos que ela anuncia mortes repentinas e doenças mercuriais durante esse tempo e ano.

Três calores estranhos podem determinar a ascensão do mercúrio e consequentemente a precipitação do seu orgulho nas doenças e na morte. E o médico deve conhecê-las muito bem para saber quando o calor vem dos astros e quando vem dos exercícios ou experiências *(calor exercitii)*. Só assim poderá proteger os seus doentes, prescrevendo para cada um os regimes adequados.

Explicaremos as três maneiras como se realiza a combustão do mercúrio, tanto nos meios úmidos como nos meios secos ou de pouca pressão.

Sabe-se que o mercúrio se encontra em todos os órgãos do corpo e em tantos espaços como órgãos, cada um dos quais tem a sua própria função: razão, visão, audição e etc., do que resultam as diversas doenças.

Por isso, quando o doente perde a razão, quando se lhe abrem as veias, os ligamentos, ou quando fica com a língua seca, sempre sente inicialmente o calor.

O corpo abrasado em todas as suas partes começa a arder e a se encher de um fogo como se existisse nele o mercúrio.

O calor da saciedade chega a tornar-se tão sutil que consegue se igualar com o do espírito do vinho. Neste caso chega a entrar no cérebro, permitindo que o mercúrio se extravie dos seus caminhos naturais quando o calor se faz suficientemente forte. Tudo que ele atinja nesse momento ficará ferido ou doente.

O mesmo acontece com a combustão do mercúrio do coração.

Nas compleições sadias isto também pode acontecer como consequência de exercícios cotidianos, ou imoderados, e mesmo pela influência de uma estrela semelhante. Nestes casos todo o corpo se transforma e os membros se enchem de calor. O mercúrio ascende e se exterioriza *(sursum deorsum)* destilando-se como se o corpo fosse um pelicano[1] e alcançando sua verdadeira malignidade *(nequitia)* ao atingir o mais alto grau. Só então, maduro e sutilizado ao extremo, seja espontaneamente, por sublimação, destilação ou precipitação, consegue alcançar sua essência suprema. Aí então é expulso do seu lugar normal, sobrevindo rapidamente a doença do corpo e a morte.

Antes disso e durante um certo tempo, ele ascende, circula e se prepara no espaço que fica livre. Logo em seguida, ao atingir o máximo estágio, acaba sendo expulso e caindo até ao ponto mais baixo.

O mesmo acontece quando uma estrela aprisiona e queima sua parte correspondente. E não se detém até alcançar sua máxima sutileza, provocando com isso diversas doenças.

A inquietação do mercúrio ao exaltar-se (*agitur*) pelo calor exterior não é mais que a expressão do movimento de expulsão ou repulsa que causa a aparição das doenças.

As três maneiras como o mercúrio manifesta a sua capacidade para gerar doenças são estas: destilação, precipitação e sublimação.

A destilação leva à morte repentina em todos os seus aspectos; a precipitação provoca a gota nos pés *(podagra),* nas mãos (*chiragra*) e nas articulações (*arthetica*); a sublimação causa o delírio e a loucura *(mania).*

A cada um desses meios e espécies consagraremos outros tantos livros nos quais explicaremos tudo com mais detalhes.

As substâncias que alcançam sua última matéria, ultrapassando e superando os graus normais são muito numerosas. Essa diversidade se refere às substâncias mercuriais, às funções das partes, às naturezas, aos modos e às propriedades, sendo as doenças mais extraordinárias quanto maior for o número de coincidências entre estes elementos diferentes.

Com esta preparação o mercúrio torna-se tão sutil e tão poderoso em sua natureza interior que ninguém pode resisti-lo, nem mesmo as outras duas substâncias, repelidas pela força e intensidade do seu calor.

Comportando-se assim ele penetra nas carnes e nos ossos, escapando e suando não só pelos poros mas por todos os pontos fracos através dos quais abre diversos caminhos. Assim nascem as fístulas, pústulas, doença francesa *(morbus gallicus),* a lepra e outras semelhantes cujos modos e mecanismos de produção explicaremos em outros capítulos especiais.

Devemos saber que esta ascensão do mercúrio não só provoca calor, mas também pode causar frio, terror e estremecimentos *(rigorem horrorenque suscitavit*) todas as vezes que chegue em seu paroxismo.[2] Acontece que sempre quando esse veneno ataca a natureza ela é tomada de repulsa e espanto, vindo como consequência o tremor do corpo, amedrontado pelo frio e calor que o ameaçam simultaneamente *(concurrunt).*

Seu mecanismo é então um mecanismo de obturação e flutuação de vapores; o mesmo que faz a tampa de um recipiente fechado subir sozinha sob os impulsos dos vapores de um líquido fervendo em seu interior.

Por isso o estremecimento, matéria e natureza do frio, afasta-se e se deixa dominar na medida em que o calor aumenta.

Deste modo terminamos o nosso estudo sobre as maravilhosas naturezas do mercúrio. A preocupação de ser breve fez com que explicássemos apenas o fundamental. Mas em outros volumes do nosso tratado voltaremos ao assunto com a devida e necessária amplitude.

Notas

1. Pelicanos ou matrazes dos alquimistas são vasos circulares, fechados e com um bico longo e grosso de formato cônico virado para baixo (como o bico do pássaro que lhe dá o nome), e que eram usados nos laboratórios e nos estúdios dos astrólogos. Foi célebre o pelicano duplo de Rcimundo Lulio, chamado de "os dois irmãos". David de Planis-Campy tem um tratado sobre esses recipientes: "*Vasos e Fornos Filosóficos*". E Jean Dée estudou o segredo de suas dimensões e proporções.
2. Idéia da ·"crisis"; por exemplo, no auge das doenças infecciosas.

CAPITULO V
(Sobre o sal)

Terminada a dissertação sobre o mercúrio vamos dispensar neste capítulo a mesma atenção ao sal que é outra das três substâncias.

Saibam que o sal alcança em sua soberba quatro modos de transformação: a resolução, a calcinação, a reverberação e a alcalinização.

Essa diversidade de naturezas explica as distintas espécies de sal e de suas preparações. Muitos sais estão calcinados, outros reverberados, outros alcalinizados e outros em resolução, mas todos se comportam dentro do homem da mesma maneira que em seu exterior.

Primeiro devemos saber por que o sal se dissolve *(infringitur)* e por que chega até às combinações do estágio supremo, onde normalmente não deveria chegar. As causas disso são três.

A primeira é a imoderação no comer, que perturba a digestão tornando as partes muito lascivas, a carne demasiadamente lúbrica, que se torna delicada, branda, medulosa e o sangue excessivamente impetuoso *(luxurians).*

Quando todos esses estados acontecem o sal não pode manter-se na essência e integridade em que habitualmentc deve permanecer. Do mesmo modo como os frutos que crescem em campos abandonados amadurecem e apodrecem com maior facilidade quando cai sobre eles uma chuva abundante.

Isso quer dizer que o excesso e a abundância (*luxus*) excitam a exaltação do sal, tão mais rápida e intensa quanto a luxúria ou o coito provocados por irritações pruriginosas, por transformações intensas ou por alterações do sangue.

Como consequência de toda esta agitação, o corpo gera um espírito frio que se manifesta em forma de sopro *(flatus), o* que converte a natureza do sal dando-lhe outra muito mais poderosa. Igualmente quando o esperma retido é desviado para fora de seus condutos naturais, a natureza do sal se rompe, provocando uma grande necessidade de água, que é atraída abundantemente, levando assim o sal a uma outra natureza.

Acontece o mesmo quando o astro incide *(incidens)* nas partes do sal:

elas ficam secas como se expostas ao vento e derretidas como gelo ao sol, já que os sais estão no corpo como o granizo no campo depois da tempestade.

A natureza do granizo é de tal forma que o permite ficar no mesmo estado durante algum tempo, mesmo que não possa resistir muito, pois finalmente acaba rompendo-se, desfazendo-se e desintegrando-se.

Com o sal também acontece assim. Ele se altera facilmente pela abundância de carne, pelo excesso de gordura e pela pletora de sangue, assim como pelo endurecimento da natureza no coito e sob a influência dos astros. Nessas condições acontece que alguns sais se dissolvam de tal modo que chegam a derreter como se fossem neve. A natureza do calor interno atua tendendo a expulsar o sal dissolvido para fora do corpo, fazendo o mesmo com os sais calcinados e reverberados. Esta é a razão pela qual o suor sempre é salgado.

O suor não passa de sal dissolvido, conforme acabamos de dizer. De onde se deduz que existe um suor do sangue, outro da carne, outro dos ossos e da medula, etc., confirmando o fato das diversas naturezas do sal.

Assim se produzem as manchas da pele *(serpingines),* os impetigos *(impetigines),* os pruridos (*pruritus*), as rachaduras *(scabies)* **e** outras tantas lesões desse gênero que explicaremos detalhadamente nos nossos livros de cirurgia.

Quando os sais se calcinam perdem seu líquido e quando essa calcinação já foi produzida em sua essência, quer dizer que a mesma aconteceu por si *(per se ipsum)* anteriormente na natureza.

Quando o sal perde espontaneamente a água, ou é substituído seu temperamento úmido, ele se calcina da mesma forma que o alúmem, o vitríolo e outros preparados semelhantes.

Iniciada a calcinação a umidade escapa *(secedit)* transformada em suor, com o que a pele se irrita, gretando e enchendo-se de úlceras. Quando se mantém em sua umidade normal, o sal procura sair corroendo a pele precisamente no lugar sob o qual está escondido. Sobre isso encontraremos novas referências em nossa cirurgia.

O sal reverberado apresenta-se em forma de líquido úmido cuja anatomia se produz por destilação de cima para baixo.[1] Assim nenhum calor nem superabundância estranha pode permanecer em sua substância, tal como a água não se mistura com óleo.

Entretanto os espíritos vão e vêm de cima para baixo ao redor desse sal calcinado até que produzem uma mucilagem ou viscosidade muito ácida. Neste momento entra novamente em ação o calor interno, expulsando do corpo essa substância através de chagas e fístulas externas.

Observem assim que o sal caminha em sua natureza até o que ele mesmo é, nascendo desta operação diversas e numerosas doenças que nos livros de cirurgia chamo de “feridas de ferrugem”, já que cada ferrugem deve ser expelida pelos poros, de dentro para fora, consumindo-se ao ar livre.

Sabemos pois que nenhuma úlcera ou enfermidade exterior pode existir sem que se produza o sal, que juntamente com o ar atua na pele atraindo tudo para fora. Segundo o comportamento do sal, surgem úlceras secas, úmidas, com corrimento, saniosas, purulentas, etc., todas aparecendo diversamente, em parte por erosão do corpo médio, em parte devido a alimentos e outras coisas semelhantes.

Desre modo o sal fabrica suas feridas, sejam ambulantes, passageiras *(peregrina),* corrosivas, cancerizantes, profundas, pútridas, secas etc., ou outras não cancerosas como a calvície *(alopecia),* pústulas e cicatrizes, os tumores do ânus *(condylomata),* o mormo,[2] a lepra e outras desta espécie.

Conforme o gênero do sal será a classe da dor e do sofrimento, assim como a influência ou movimento determinados pela estrela que se exalte, segundo cada uma dessas circunstâncias.

É importante saber que todas as classes das lesões citadas correspondem à constituição das naturezas do sal e ele, que deu forma a todas elas conforme mostra a luz da natureza, condiciona igualmente as doenças segundo os indivíduos, fazendo que em uns sejam agudas, em outros crônicas, passageiras nestes e mortais naqueles.

Mais adiante explicaremos estas diferenças em outros capítulos particulares.

Notas

1. A reverberação é uma calcinação que se faz num forno especial chamado de reverberatório. Em sua parte superior ele tem uma espécie de cúpula ou abóbada destinada a repelir e refletir a chama. Assim o fogo alcança os objetos de cima para baixo conseguindo reduzi-los a uma cal muito sutil. Existe a reverberação aberta e a fechada, dependendo das vigias e ventiladores do forno estarem abertos ou fechados, sendo os efeitos diferentes em cada caso. A reverberação aberta é para os corpos muito duros e difíceis de serem reduzidos (Ruland, *Lexicon Alchemiae*).
2. O tradutor francês colocou "morve": muco ou mormo, mas a palavra latina de Paltenius é "*morphoea*".

CAPITULO VI
(Sobre o enxofre)

A mesma coisa acontece com o enxofre, que também é separado pelos quatro elementos.

Assim, quando o elemento líquido entra nele, o enxofre fica úmido, incha, se liquefaz ou sofre alguma transformação semelhante. Quando o elemento do ar o invade, então ele seca completamente, ou quase, pois tanto a umidade como a secura estão presentes nos elementos da água e do ar. Com isso o enxofre pode adotar qualquer destas duas naturezas de exaltação.

Com o fogo e com a terra acontece o mesmo. Quando domina a terra, o enxofre se esfria permanecendo neste estado. Ou se esquenta pelas circunstâncias contrárias, isto é, quando o fogo e o firmamento mostram seu maior poder.

Quer dizer que os quatro elementos são os artesãos e artífices que efetuam as transmutações do enxofre, tirando-o de sua função habitual, fazendo-o provocar uma série de doenças em seus mais diversos gêneros ou espécies. Segundo a natureza da matéria do enxofre eles se comportam de modos diferentes, atacando-o em seu corpo e em seus órgãos.

Quando o enxofre se esfria, a terra torna-o fixo ou volátil, conforme as quatro formas em que o frio aparece: congelação, resolução, coagulação ou dissolução. O enxofre sai assim (*emergit)* desses quatro elementos reunidos no elemento da terra. Pois saibam que tanto a água como o fogo, a terra e o ar, geram cada um uma parte do frio e que somente por razões filosóficas o frio foi considerado como próprio e exclusivo do elemento terra.

Na realidade só existe um frio ou uma frieza, apesar do que o seu peso pode variar, parecendo às vezes que existem muitos frios, ou melhor, que as coisas podem ter diversas quantidades de frios ainda que seja sempre o mesmo *(oequabile).* Quanto à substância, temos que dividi-la em duas: a dureza e a umidade.

A dureza é dupla e pode se manifestar sob a forma de congelação ou de coagulação. A dureza congelada vem do frio ígneo *(ex frigore igneo)*, assim como a água gelada, a neve, o granizo *etc.* O enxofre pode experimentar uma congelação que proceda do elemento do fogo, acompanhado de diversas doenças Semelhantes de certo modo à neve, à geada *(pruina)* ou ao granizo, cuja origem é justamente análoga. Uma parte dele é gerada nos astros e nós a chamamos de fogo do frio, já que o fogo verdadeiro está no firmamento.

A dureza coagulada é uma frieza que vem da água e ainda que sendo distinta pode alcançar o mesmo nível do fogo que acabamos de nos referir. A coagulação produzida pelo frio é diferente da congelação em que permanece fixa, pois a congelação é volátil, ou melhor, a primeira tem um caráter definitivo e estável, enquanto a segunda tende constantemente a voltar ao seu estado primitivo como ocorre com a água gelada.

Tudo que vem do frio do elemento da água se coagula em frio *(frigium coagulatum)* como os corais, alúmens, entálias[1], vitríolos e outros aos quais todas as doenças geradas pelo frio coagulado são semelhantes, ou melhor, pelo frio da água.

O frio do ar é diferente porque não é congelação nem coagulação, mas simplesmente um vento que como o boreal ou o zéfiro [2], que levam com eles e em si mesmos *(per se et ex se)*, um frio e o calor. Por isso sempre existe uma parte de frio no ar e no vento.

No corpo existem friezas do vento e da terra, sem substância visível ou tangível, acompanhando diversos gêneros e espécies de doenças.

A terra, considerada simplesmente como terra, produz também uma série de enfermidades particulares, assim como algumas ervas frias: a beladona (*solatrum*), a rosa, a alface, a papoula *etc.* As doenças são como essas ervas, distintas e separadas entre si em seus diversos gêneros e espécies.

Deste modo devemos conhecer a maneira de procurar o elemento da terra no homem e nos outros elementos, segundo a análise *(discrimen)* que nos referimos.

Com o calor acontece o mesmo, devendo ser procurado também nos demais elementos.

Por isso todas as doenças do enxofre terão a natureza de algum deles (elementos). Porque quando o enxofre atua em sua função própria *(in sui officio*) e acende o elemento do fogo que está no firmamento fulgurante, incendeia-se na estrela do verão[3]. O enxofre arde como uma árvore consumida pela queda de um raio celeste. Ação invisível do firmamento que também pode acontecer no nosso corpo, pois como o firmamento incendeia o enxofre da árvore, também pode

incendiar o do homem. Quando isso acontece, atingindo qualquer órgão do corpo, começa o desenvolvimento do seu poder.

Fora este, existe também na água um outro fogo que pode queimar o enxofre do mesmo jeito que o fogo do céu.

O sílex e a calcedônia o possuem e podem deixá-lo escapar *(edant)*, da mesma forma que esse elemento interno que não podemos ver e que é o verdadeiro artesão *(fabricator)* de todos os elementos.

É indiscutível que existe na terra um elemento do fogo capaz de queimar o enxofre, pois conhecemos o poder que desenvolvem as ervas do tipo da urtiga e da flâmula[4] quando colocadas em contato com o nosso corpo.

Esta e outras gerações semelhantes são produzidas no homem, resultando de cada uma delas diversas doenças externas e internas, bem diferentes das moléstias mercuriais, salinas e outras parecidas, que serão explicadas em outro livro.

Existem com efeito a doença da flâmula, da pimenta, e a doença aromal.[5]

Como dissemos com respeito ao frio, também existe no ar um elemento quente do fogo que gera doenças ígneas próprias dele segundo a natureza do euro e do austro.[6] Em todas elas percebemos que a coagulação no fogo do firmamento, na terra e na água só se realiza espontaneamente de acordo com três modos precisos: o da terra, cujo produto são as ervas; o da água, parecidos aos minerais incandescentes, e o do céu, que causa as impressões.[7]

O elemento da água também possui sua coagulação no frio, onde se desenvolve como nitratos e outros sais nítricos. Fora isto, existe também uma umidade que vem de cada um dos quatro elementos. Elas não se opõem todas juntas mais do que um só grau e uma só causa às suas doenças, ainda que continuem conservando os quatro gêneros e espécies correspondentes ao ar, à água, à terra e ao fogo.

Essa mesma quádrupla razão existe para a secura. Seus quatro gêneros também emanam dos elementos, existindo assim securas vindas do fogo, do ar, da água e da terra, causando outras tantas doenças que começam nestes graus e a eles pertencem.

A prática dessas doenças será exposta e explicada nesta ordem exata, ainda que teoricamente não se sucedam correlativamente assim.

Por isso nos limitamos a expor os fundamentos e generalidades de um modo conciso, deixando para o Livro dos Temperamentos e dos Graus o estudo mais profundo disso e de outras coisas semelhantes que na verdade se relacionam mais com a filosofia.

Existem doenças que às vezes se produzem independentemente dos elementos, quando, por exemplo, uma umidade qualquer acende o sal calcinado:

seu enxofre se incendeia da mesma forma como já descrevemos acima.

£ conveniente que saibamos conhecer e distinguir todas as coisas pelos seus sinais particulares, porque quem ignorar suas diferenças será incapaz de identificar os sinais provenientes dos transtornos internos *(bella intestina).*

Prestem bastante atenção nos nossos livros e não sigam com excessiva fidelidade as suas divisões. Quando virem que num título vamos nos referir a três causas ou motivos, devem saber que isso não é mais que um modo de dizer, ou uma forma de querer classificar os detalhes *(de accidentibus),* ou mesmo o fim *(de fine),* pois na realidade as coisas que devem ser apreendidas são diversas e em número muito maior.

Os acidentes têm em si não só a sua plenitude mas os elementos e uma grande quantidade de sintomas externos. Assim, se a doença deve receber um nome, nada melhor do que usar o da coisa que a gera. Essa é a razão pela qual conservamos e observamos a mesma ordem em cada capítulo do nosso tratado.

Nestes livros gerais permanecerão a teoria e a física das doenças, deixando sua prática para outros específicos que iremos expondo sucessivamente.

Notas

1. A entália, segundo Roch le Baillif, era o “alúmen scissum”, quer dizer, o alúmen de chumbo ou estuque, que hoje chamamos de alúmen de ferro amoníaco.
2. Bóreo: vento norte. Zéfiro: vento oeste.
3. O primeiro tradutor latino respeitou o texto original alemão: “*fulgurische Stern, Sommer Stern*”, traduzindo “*Stein*” em vez de “*Stern*” e escrevendo em latim “*fulgurens seu tonitruns lápis facit*”. O que significa: “o que produz a pedra fulgurante do trovão”. O sentido sem dúvida é semelhante.
4 Flâmula é um termo incerto. Os antigos chamavam “Flâmula Veneris’’ ao leontopódio ou Edelweiss. Hoje é usado para designar algumas plantas do gênero das clemátidas, e ainda para um subgênero de agracináceas dos fungos. Mas essas designações parecem demasiadamente modernas.
5. Aron ou Aros é um termo que se encontra frequentemente cm Plínio, Dioscórides, ou Oribásio, sendo empregado para chamar uma espécie de cebola da Etrúria que dá um brilho especial aos olhos e ao semblante. É também para a planta conhecida como “barba de Araão”, para a bistorta ou serpentária (*Polugonum Bistorta de Linneo*) e as da família das aróideas, cujo tipo é o “*Arum vulgare*” ou “*maculatum*”, conhecido vulgarmente por “pé de vaca", usado como purgante drástico e cuja raiz entrava na composição do “opiado mesentérico".
6. Euro: vento do leste. Auster: vento do sul.
7. Este parágrafo é um dos mais arbitrários em todas as versões paracélsicas. Empregamos a palavra *céu* em vez de *fogo* pela simples continuidade lógica do discurso (vide o começo do parágrafo) e para uma melhor harmonia da frase. De qualquer forma fica feita a advertência.

CAPÍTULO VII
(Sobre o gérmen do esperma, as causas específicas e a predisposição como causa de doença)

Temos que dizer, em continuação e além de todas essas coisas, que ainda existe um outro gênero de doenças das quais escolhemos duas para falar neste capítulo. Umas vêm da semente do esperma *(ex semine spermatis)* e outras da forma específica. Todas elas devem ser consideradas com a máxima atenção a fim de não confundi-las com as outras classes de doenças.

Já sabem que as três primeiras substâncias se encontram em todas as coisas. Mas nelas também existe um determinado acidente particular que nada tem a ver com as referidas substâncias, que inibe o suor, dá a sensação de queimação e outros males parecidos.

Essas coisas é que determinam as chamadas doenças específicas, que não vêm das causas explicadas antes, mas que estão de um certo modo inatas em nós, fazendo parte da própria natureza individual de tal modo que um tem propensão para suar, um outro não, aquele é de um jeito e este de outro.

A propósito do esperma diremos que ele provoca uma grande quantidade de doenças até agora atribuídas a outras causas por ignorância. Na realidade, a cânfora, o espermacete *(spermati)*[1] e outras substâncias desse tipo são as que produzem as doenças da bexiga e dos rins. Ainda que o tártaro seja a causa da pedra e esta seja a matéria dessas doenças, é preciso saber que o tártaro não se transforma e não se aglomera[2] espontaneamente em pedra, mas necessita da

intervenção desta outra natureza para que o congele com o seu frio ou o coagule com seu calor sudorífico *(diaphoretica).*

Este calor e este frio não devem ser considerados como os outros que estudamos até agora, pois em verdade a semente do esperma possui uma anatomia e uma física particulares. Por isso este capítulo já é praticamente um capítulo especial pois seu conteúdo deve ser separado de todas as outras doenças.

Nada que seja congênito pode ser arrancado de sua raiz inata, na qual se abrigam a forma específica e a semente do esperma, ou melhor, a sua natureza, explicando assim que o gérmen se sustente sempre em sua própria raiz.

Quando nasce algum cego, por exemplo, não se diz que o seu mal é congênito, pois ainda que não possua o dom da visão, a vista está nele, mas não no lugar adequado ou certo. Esta é a causa de sua cegueira; por isso quando se diz que é cego e que nasceu cego, não se diz que possui a vista dentro de si. Este é também o caso daquele que tem quatro dedos em uma mão e seis na outra: o número de dedos é exato mas eles estão somente em lugar errado.

Nenhum médico experiente *(peritus)* deve dizer: “este cego é incurável”. Porque a natureza é extremamente hábil, bastando apenas que a vista exista para ser restabelecida em seu devido lugar, o que não acontece no caso dos dedos, cujo exemplo acabamos de dar.

A diferença está em que os dedos são substância do corpo, enquanto que o sentido da visão é como um sopro *(ventus)* desprovido de base material. Por isso pode-se levá-lo de um lugar paia o outro, enquanto o mesmo não acontece com as partes do corpo que nasçam em lugar errado *(in transposito corpore).*

Esta afirmação não é válida para as coisas apresentadas neste capítulo que tenham natureza e propriedade congênita, como é a dureza para o ferro, a brancura para o gesso, que devem ser considerados tal como se apresentam.

Ninguém pode impedir que a neve caia. Mas pode evitar que essa neve cause danos ao homem.

Já que o esperma é o limbo e que está nos quatro elementos, é preciso saber que possui forças semelhantes que recebem o nome de impressões, como na verdade lhes corresponde.

Observem o erro cometido pelos astrônomos quando dizem que a impressão é de natureza celeste. Isto é completamente falso, pois o céu não imprime nada, porque a nossa figura existe em nós mesmos pela vontade e a mão de Deus.

Tudo o que somos ou desejamos ser, seremos sem a ajuda de nenhum intermediário, com todos os nossos membros, mas reproduzindo a obra e a

imagem que a mão de Deus gravou *(simulacrum).* Sejam quais forem as condições, propriedades ou costumes que cheguemos a ter, devemos saber que todas nos foram dadas e inspiradas *(inspiratus)* com a vida, cujo sopro as semeou e as injetou em nós.

As doenças que nos afligem vêm todas *(emergunt),* conforme explicamos, do conjunto das três primeiras substâncias, às quais são acrescidas em seu interior de uma coisa determinada e especial, verdadeiramente impressa, como se fosse o fogo na madeira ou na palha, ou o açafrão na água.

Essa impressão, da qual não podemos nos livrar, constitui as doenças exteriores originadas pelo limbo. Gravada no esperma e nas formas específicas, ela nos empurra *(pellimur)* verdadeiramente, sem que cm nenhum caso possamos expulsá-la por nossa própria vontade.

Ao contrário, não tem fundamento tudo o que se diz sobre a inclinação ou predisposição. Aqueles que afirmam que por esta razão o homem pode possuir uma inclinação para Marte, Saturno ou a Lua, ou que por tais motivos está predestinado a ser um ladrão, cometem um grave erro e uma velhacaria.

Podemos dizer com absoluta precisão que Marte é que combate de maneira mais parecida com o homem, pois o homem é mais poderoso do que Marte e todos os planetas juntos.

Quem estuda o céu e o homem com verdadeira seriedade e honestidade científica, sabe que nada disso é possível, e que, ao contrário, a imagem do homem é tão nobre e se encontra tão perto de Deus, que está mesmo pintada no céu com todas as suas ações e inclinações, boas ou más. Não se diz que isto seja a inclinação, pois ainda que os partidários desta ideia queiram atenuar o seu erro dizendo que a inclinação não é necessária *(nort necessitant)* o artifício não passa de uma tentativa de mascarar a sua ignorância.

O céu tem duas divisões para o homem: uma delas o criará e o desenhará por si mesma, de onde se deduz que é falso dizer: “aquele homem é saturnino ou lunático’’ *etc.* Isto nos faria supor que alguém que estivesse pintado ou modelado pudesse levar a cabo determinadas ações ou decisões pelo simples poder do quadro ou da estátua que o reproduz.

A outra divisão do homem no céu está ocupada pelas coisas ou fatos em estado prévio ou potencial *(proeludium).* Quer dizer que as obras a serem cumpridas por todos os homens no futuro de suas vidas, assim como suas atitudes e costumes, já estão nele de uma ou de outra maneira. Grande bobagem será confundir estes “prelúdios” ou estados prévios com a inclinação, pois na verdade nenhum deles pode obrigar o homem a fazer alguma coisa.

Os prelúdios ou estados prévios não têm outro valor que o de profetizar

(vaticinia) as coisas futuras, sem que nada tenham o ver com a inclinação, a impressão, a constelação, e outras coisas semelhantes que não passam de um barro viscoso *(limus)* que os astrônomos têm diante dos seus olhos. Isto não impede que eles fiquem murmurando *(ingunfur).* E quando apontamos seus erros, próprios das artes supersticiosas que devem ceder lugar à verdadeira ciência, se acovardam dizendo que não existe outra ciência mais verdadeira que a nigromancia.

Observem então que a natureza depende destas duas coisas: gérmen e especificidade, cuja compreensão teórica fica perfeitamente estabelecida. Acrescentaremos ainda que os corpos podem se produzir desta maneira, mesmo na ausência das substâncias, e que pela mesma razão não é possível alterar as raízes das doenças específicas, ainda que possam ser suprimidos com relativa facilidade os acidentes que elas provocam.

Isto acontece com frequência: ao mesmo tempo em que o purgante específico atua no estômago e nos intestinos, também se encontra no sangue a lepra específica. Isto nos leva a dizer, segundo a arte, que se este ou aquele doente tivesse em seu estômago a colonquíntida, o turbito ou a escamoneia, e alguém dissesse: “este possui o escamônico específico, o coloquíntico ou agárico”, conforme o que lhe foi dado, ou ainda que “possui a flâmula ou a água específica”, seguramente possuiria também a lepra ou o carbúnculo (*morphea*) inatos.

Um mecanismo semelhante explica também a gordura *(pinguedo)* específica, que às vezes é produzida sem nenhuma relação com a quantidade ou quantidade dos alimentos.[3] O mesmo como em certos casos de magreza específica *(specifica macredo)* que persistem apesar de uma nutrição abundante.

Alguns médicos, em vez de colocar estas coisas na ciência específica, ficaram divagando como astrônomos ignorantes, dizendo que: “isto é melancolia”, “aquilo é por causa de Saturno”, ou, “tal natureza corresponde a alguma coisa herdada dos pais” e etc... Pois o homem não toma nada dos seus ascendentes, mas do limbo, já que é a mão de Deus e não a de seu pai, nem tal planeta ou constelação foi que o formou. E somente a mão d’Ele pode ter disposto que alguém fosse gordo ou magro.

É conveniente que conheçam perfeitamente, e à primeira vista, essas doenças para poder diferenciá-las das demais, pois é lamentável mas estas coisas são frequentemente mal estudadas, como teremos oportunidades de mostrar mais à frente nos capítulos onde trataremos da patologia específica e do gérmen do esperma.

Notas

1. O “*spermati*”, Espermacete, esperma ou “branco de baleia”, é uma substância esbranquiçada que se extrai de um óleo encontrado no centro do crânio dos cetáceos, principalmente no cachalote, que os antigos chamavam de baleia-macho. O processo desta extração foi guardado em segredo durante muito tempo. O âmbar também foi chamado de “*sperma coeti*”.
2. A primeira tradução latina diz “*mutatur*”, a segunda “*concrescit*”.
3. Nesta observação e na seguinte, sobre a magreza, há um vislumbre de patologia endócrina.

CAPITULO VIII
(Sobre o sopro divino e o corpo espiritual)

Além, c fora as três substâncias, existe no homem um corpo invisível que não vem do limbo e por isso escapa à influência do médico. Estamos nos referindo ao sopro *(inflatus)* divino, que como toda inspiração (*inspiratus)* ou expiração *(halitus),* é invisível para os nossos olhos e impalpável para os nossos dedos.

Quero esforçar-me para empregar neste assunto uma linguagem compreensível para qualquer médico, dentro daquilo que a filosofia ensina sobre o homem.

As sagradas escrituras dizem que no dia do juízo final ressuscitaremos dentre os mortos para prestar conta dos nossos pecados. Sobre isto digo que o corpo que pecou não é nada e nem representa nada[1],e por isso é justamente ele que deve ressuscitar.

Não é possível darmos o motivo de nossas doenças, da nossa saúde nem de outras coisas semelhantes se não conhecemos antes as que vêm do coração e que interessam ao homem, cujo corpo não é somente do limbo, mas também um fruto do espírito de Deus.

Por isso devemos ver na carne o nosso Deus Salvador, e sendo ela também o limbo ao mesmo tempo, culpá-la por nossas doenças. Quem pode ignorar todas as coisas que Deus disse e que se cumprirão no dia da glorificação, quando todos os corpos voltarão a recuperar seus" estados anteriores?

Em verdade está escrito que ressuscitaremos na carne, na única carne que existe, tomada do limbo que é o único que pode ser objeto de doenças mesmo que sempre existam dois corpos em nós.

No que se refere ao corpo, existe uma natureza excitante além da fome e da sede, assim como além das coisas naturais que ultrapassam os limites do justo. Pois se a carne que vem do limbo é verdadeiramente a natural, é lógico que conserve assim a sua medida e a sua justiça, e tudo que fique fora dela proceda do mal e não da natureza. Já que tudo que o corpo recebe (*ministratur*) retira-se logo pelas saídas naturais ou fica nos lugares que lhes correspondem

para cumprir as suas operações e transformações próprias. Deste modo todo alimento que comemos movidos pela necessidade natural acaba descendo para a barriga e saindo em seguida pelo assento[2];conforme foi estabelecido. Com isto o gérmen da natureza[3] volta à terra para engendrar novos frutos em sua matriz.

Tudo o que fica fora disto vem do mal. De qualquer maneira não quero aparecer como anticristão, fazendo oposição a São Paulo quando disse que todas estas coisas devem ser deixadas ao arbítrio das mulheres [4]. Isto nos foi ensinado por ele sem a pretensão de ser uma verdade justa e pura. Mas para evitar que algumas mulheres caiam no vício do adultério, no qual podem incorrer quando seus corações são levados para o mal.

Tal conduta não tem outra finalidade que distraí-las de semelhante fatalidade, evitando assim males piores. O que, supostamente, também é válido para os homens.

O dano espiritual não pode ser buscado na natureza, pois vem de outro homem do limbo. Mas convém que os médicos examinem isto com o maior cuidado para que aprendam a conhecer os dois corpos, isto é, os dois homens que existem em cada corpo, opondo-se assim aos astrônomos que resolvem tudo submetendo os corpos a juízo dos astros.

Digo ainda que este corpo espiritual criado pela palavra de Deus e não pelos astros foi feito assim para que pudesse ser submetido a todas as provas e tentações e em seguida escolher o seu caminho, seja para o sim ou para o não, para o bem ou para o mal, como uma prova do amor e da confiança que possa depositar em Deus.

Apesar de tudo o homem ainda conserva dentro do seu corpo atual alguma coisa daquele corpo integral e perfeito para o bem e o mal que Adão e Eva tiveram no paraíso antes de comerem o fruto proibido.

Sem dúvida nós hoje comemos muito mais do que a nossa natureza pede, e bebemos além da nossa sede, pois Deus, cm sua infinita bondade, constantemente coloca diante dos nossos olhos e ao alcance das mãos tudo o que pode nos apetecer: vinhos excelentes, alimentos escolhidos, fortuna brilhante e formosas mulheres. Apesar disto devemos nos lembrar de que essas coisas não passam de outras tantas provas para revelar o quanto somos fortes e resistentes para respeitar os limites da natureza.

Na verdade — e aqui é bem apropriada a observação de São Paulo — existe entre estes dois corpos (o que vem do corpo divino e o que vem do limbo) uma associação de certo modo parecida com aquela que acontece nos casamentos, já que a sua violação conduz a uma espécie de depravação e adultério, e a uma perda de toda ponderação e medida.

Pois é próprio desse corpo que temos acima dos sentidos (*insensile*)

cumprir a promessa de não excitar, estimular *(agere)* ou agravar o corpo natural além dos seus limites, o que se constitui num grande dever e autêntico juramento diante de Deus, cuja violação significa um verdadeiro adultério.

Depois de tudo o que foi dito aqui permitam que eu termine este discurso, dando por encerrada a teoria universal, a origem da física e da cirurgia, e o estudo das causas de todas as doenças.

Os capítulos seguintes trarão maiores explicações, evidências, mais inteligência e maior clareza. E já que a inteligência requer uma filosofia especial para todas as coisas que explicamos e propusemos, acabarei exortando-os para que, pela vontade de Deus que tantas vezes nos ajudou, conheçamos a medicina e se cumpra assim tudo o que a Sua sabedoria ordenou.

Notas

1. Parece que Paracelso foi o primeiro autor a delinear esta sutileza teológica antes que o livro das sentenças, e mesmo ainda o próprio São Tomás de Aquino, que sem dúvida tem trechos precisos e detalhados como este: "*Utrum capilli et ungues in homine resurgent; utrum humores in corpore resurgent utrum omnes resurgent ajusdem staturae,* etc." (*Sumnta. Theol. Suppl. Liv. L, XXXII e XXX1I1*.)

2. Grillot de Givry traduz "*chaise*" do latim "*per secessum*" e do alemão "*durch den Stuel*". Ainda que não coincidam, traduzimos por assento considerando que na Idade Média os doentes de retenção intestinal eram tratados em assentos especiais, por baixo do qual aromatizam o paciente com diversos fumigatórios.

3. O esterco.

4. A citação não é exata porque essas não são as palavras de São Paulo: vide a Epístola aos Coríntios, Í, Cap, VII, ver. l.° ao 9.°.

OPUS PARAMIRUM

LIVRO III
Sobre as Doenças Produzidas pelo Tártaro
(De Morborum utriusque professionis origine et causa ex Tartaro)

NOTA PRÉVIA

Este tratado apareceu pela primeira vez em alemão (1565) no volume *Theophrasti Paracelsi Libri duo de Causa et Origine morborum*, impresso por Byrckmann em Colônia, e reimpresso pelo mesmo editor em 1566. Incluía as enfermidades do tártaro e as causas das doenças invisíveis (5.° livro do Paramirum).

Este tratado não consta das edições alemãs de 1562, 1565, 1566 e 1575, assim como na latina de 1570.

A edição de Colônia (1566) pode ser considerada como sendo a original, pois as edições posteriores de Huser confundem mais do que esclarecem. Algo semelhante acontece com as edições de Forberger (Basiléia, 1570). Sua linguagem contribuiu bastante para aumentar a fama de obscuro e pedante que ganhou Paracelso.

O termo "bombast" que os ingleses adotaram para qualificar um estilo pretensioso deve ser atribuído às versões de Forberger e não ao texto viril, cândido e saboroso ao mesmo tempo, tão ao estilo que mais tarde tomaria célebre Rabelais na França, que corresponde ao teutônico romance de Paracelso.

Adam de Bodenstein inclui o tratado do tártaro no volume *Doctoris Aureoli Paracelsi Labyrinihus, etc... Item von Ursprung und Ursachen des griees, sands, und steins, so sich im menschen befinden, kurtzer begriff,* aparecido em Basiléia em 1574, no qual ocupa as páginas 114 a 171, e onde se omite o prólogo.

O tratado do tártaro foi reimpresso em alemão nas edições de Huser: *Bücher und Schrifften,* em Basiléia (1589), Estrasburgo (1603), Frankfurt (1603), Estrasburgo (1616) e nas edições latinas de Paltenius (1603) e de Toumes (1568).

Finalmente, existe uma cópia manuscrita do século 16 na Hofbibliothek de Viena (n.° 11, 115, Med. 31), outra na edição latina de Bistikius (Genebra, 1658), na de Strunz (Jena, 1903) e na excelente e bem consultada tradução francesa de Grillot de Givry (1912). Fora isso não existe nenhuma outra versão do tratado do tártaro.

AO LEITOR

Antes de mais nada quero pedir desculpas ao leitor por não ter produzido até este ponto uma teoria geral da medicina, conforme a experiência me tem ensinado. Aqueles momentos livres durante os quais poderia ter feito este trabalho estão muito longe, e não parece que novas oportunidades vão surgir. Deve-se uma vez mais ao sábio e venerável senhor Joaquin de Wadt, doutor em medicina, físico, burgomestre e cônsul da vila de Saint-Gall, que eu tenha, apesar de tudo, redigido este livro.

Já faz tempo, em Basiléia, que eu comecei a escrever, colocando nele o maior cuidado, com a esperança de criar algo realmente útil, apesar dos ventos violentos e impetuosos que se voltaram contra mim, iguais àqueles que pretendem arrasar durante todo o tempo e oportunidade os que desejam ensinar a verdade. Contudo, devo dizer que minha esperança aumenta dia a dia, pois é cada vez maior o número daqueles que reconhecem ser impossível amar a alma sem amar o corpo ao mesmo tempo, e que não é possível coibi-lo e subjugá-lo sem que a alma fique igualmente prejudicada. Creio ter contribuído bastante para clarear este conceito.

Aqueles que apesar destes resultados continuam lançando contra mim os mais furiosos rancores, obrigam-me a lhe dizer, amigo leitor, que não deve fazer seu julgamento muito depressa, e seguir sua leitura além do primeiro, segundo e terceiro capítulos até o fim da obra. Somente então compare os resultados de sua própria experiência com o que exponho nesta pouca-páginas.

Além do mais, evite a sedução daqueles que começo a atacar desde agora. Examine e pese cada coisa justamente sem deixar se influenciar pela amizade e o favor. Tenha certeza de que com a ajuda de Deus aparecerão muitos outros livros para defenderem estes princípios, o que encherá seu espírito de prazer e complacência.

Apreende então tudo isso e não o esqueça.

Dado em Saint-Gall, em 15 de março do ano da Graça de 1531

CAPITULO I
(Origem das doenças geradas pelo tártaro)

Qual filósofo verdadeiramenté ilustrado nas coisas naturais não dará risadas ao ver que todas elas, apesar de sua importância, foram esquecidas pelos médicos, e que, fundamentadas e estabelecidas na filosofia, estão presentes na medicina sob numerosas dores e doenças?

Muitos desses médicos, deixando de lado coisas tão necessárias, somente se preocupam com o seu próprio espetáculo e propaganda, em ganhar dinheiro *(captandae pecuniae*), discutir com os aldeões e com os leigos, em vez de dialogar com os verdadeiros filósofos em proveito de sua ciência humana. Os que agem assim continuarão ignorando a verdadeira ciência. E será vão e errôneo tudo aquilo que não tenha sido edificado sobre as bases de uma livre discussão contraditória com os que sabem mais do que nós. Querer ser médico sem experiência nem conhecimento da filosofia é uma coisa muito grosseira (*probsum*) de onde nascem numerosos erros, conforme teremos ocasião de mostrar.

No livro anterior falamos sobre as causas e origens das doenças. A coisa que vamos tratar agora, capaz de gerar diversas espécies de doenças, é o que poderíamos chamar: a causa do excremento.

É muito importante a observação cuidadosa e filosófica das três primeiras substâncias. A isto temos de acrescentar que em todas elas encontra-se uma certa ejeção, evacuação ou excremento (*egestio, stercus aut excrementum*) já que nenhum ali mento deixa de tê-lo e que toda digestão deixa sempre algum resíduo. Isto deve ser compreendido com toda precisão.

Tudo o que é, tudo o que cresce contém em si mesmo *(per se)* o seu próprio excremento, o que pode ser estendido, a pr n-cípio, a propósito das três substâncias. Isto nos indicaria o pr-cesso da ejeção das doenças dos três primeiros princípios assim como da evacuação do excremento que geram em nós. Ao com preender e aceitar o que foi dito, devemos evitar a confusão que nos causa o silêncio mantido pelos antigos sobre estas coisas, as quais realmente nunca foram compreendidas como deviam. Assim a sua conduta não tem nada de extraordinário e nada deve nos surpreender na falta destes estudos.

Justamente por isso lembrei-me de recorrer à filosofia para nos explicar essas coisas, entre as quais, a primeira e mais importante se deduz do fato da necessidade de alimento que tem todos os seres que vivem e crescem.

Da necessidade de comer se deduz que existe um ventrículo (ou estômago) dotado da virtude particular de comer o puro e o impuro de uma vez,

tanto no homem como nos demais seres. Nem todos, sem dúvida, possuem os emunctórios aperfeiçoados do homem, mas se caracterizam pelo fato de reter e assimilar em seu interior uma parte do que comem, separando o bem do mal. O mal, que tem uma anatomia particular, fica de um certo modo separado dentro da anatomia geral da coisa ou do ser, retendo por sua vez o alimento e o excremento. Vamos nos ocupar depois deste excremento que fica assim misturado ao alimento, deixando diversos extremos sob o domínio da filosofia pura.

No que se refere ao nosso objeto, devem saber que tanto o alimento como o excremento *(nutrimen und stercus)* são comidos e bebidos de uma vez pelo homem, de onde se deduz que sua natureza deve se empregar em separá-los e não em conservá-los juntos em uma mesma coisa, já que, como duplo, precisa separar-se em dois: natureza e excremento; ainda que ò ventrículo do homem não possa separá-los. Só o puro e seu excremento permanecem; e não desta forma o excremento das coisas naturais que estão nos alimentos e para os quais o ventrículo principal não tem poder de separação. Para essas coisas um outro ventrículo mais sutil deve trabalhar. Ele está no mesentério *(in mesaraicis)*, no fígado, nos rins, bexiga, intestino etc., e está encarregado de separar o excremento.

Observem sobre isto que o nosso ventrículo principal, isto é, o situado no final do esôfago (gula, segundo Paltenius, ou *per canalem stomachi*, segundo Forberger) separa e divide somente o que apodrece do que não se apodrece, e o que se desagrega do que não se desagrega *(comminuitur)*. Isto significa que somente o que é carne, medula ou ossos pode verdadeiramente desagregar-se e corromper. Por isso acontece que tudo o que não é a própria substância do homem, é excremento; que o homem não o é e que as demais coisas têm seus próprios excrementos, diferentes dos excrementos do homem, que podem ficar nele sem desagregar-se (*fraguntur)* durante o estado de cozimento (*coctilia*).

Existindo no homem coisas que não deveriam existir, além do seu próprio excremento e sua substância carnal, mas restos de coisas naturais como a comida ou a bebida, é preciso que demonstremos o que esses alimentos (*nutrimenta*) provocam e realizam no corpo.

Diremos antes de mais nada que essas reações são muito mais lógicas e muito menos estranhas do que se pensava e que somente a incapacidade daqueles que se surpreendem com tais coisas pôde apresentá-las deste modo.

Estas doenças são realmente diferentes das que estudamos até agora como objetos dos nossos dois primeiros livros. Ainda que as três primeiras substâncias e todas as outras conservem e retenham seus excrementos,

permanecem separadas deles, da mesma forma que o homem está dos seus, conforme já demonstramos.

Dividiremos as doenças em duas classes: as que são geradas no homem e as que vêm dos excrementos. Estas últimas devem ser estudadas e compreendidas de uma maneira especial e particular.

Hoje já não é possível preocupar-se em demasia porque os autores antigos defenderam com tanto ardor o assunto sobre as causas da cólera, a fleuma e a melancolia. O lugar que pretenderam conservar para os seus humores não teria razão de ser se tivessem considerado devidamente os fundamentos da filosofia à qual já fizemos referência. Contudo ainda poderiam estar de acordo sobre a geração da fleuma, a melancolia, o sangue e o cólera, mesmo que suas naturezas não existam neles. Como seria possível fazer uma coisa de outra se todas as duas não existissem em potencial previamente unidas?

Entre as doenças deste gênero nós temos os cálculos, as areias da bexiga da urina, o sedimentação e as viscosidades [1], nenhuma das quais preexiste em nossa natureza, sendo por isso difícil de explicar a sua presença com a filosofia dos humores.

Se os cálculos, as areias, os sedimentos ou as viscosidades se produzem no homem, não há dúvida de que a causa disto é a existência da substância geradora delas em nós, pois' se não existisse não haveria razão para que essas doenças se produzissem.

Quando esses autores tentaram explicar estes fatos fora dos conhecidos quatro humores, fracassaram diversas vezes. Seus postulados foram tão fracos e vacilantes como costumam' ser em relação a todas as coisas, porque justamente nisso está o ponto fraco deles. Se tivessem sido filósofos em vez de poetas, anatômicos em vez de empíricos,[2] e mais amantes da verdade que da fantasia, teriam construído um edifício lógico e científico sobre os doenças, sobre a natureza e a condição humana, muito mais sólido que o falso e precário que nos deixaram.

O corpo que gera e produz as doenças dos cálculos, das areias, dos sedimentos e das viscosidades, é na verdade múltiplo e essas quatro coisas representam os excrementos das quatro coisas naturais presentes em todo o alimento e bebidas que compõem a nutrição do homem.

A última existência *(ultimum esse)* de todas as coisas é uma coagulação, cuja expressão é o cálculo. De onde se deduz que é preciso demonstrar primeiro que a última matéria dos excrementos está nos cálculos.

Vejamos como: já sabemos que a putrefação se encontra na última matéria dos excrementos dos homens *(ultimam materiam habent in putrefactione)* e que, por sua vez, a coagulação é a última matéria das coisas

naturais *(rerum naturalium stercora habent ultimom materiam in coagulations*), todas duas coisas parecendo fazer oposição entre si. Na verdade a digestão do homem termina em seus emunctórios naturais, nos quais a mesma força da putrefação limpa *(excernitur*), separa (*secedit*) e expulsa todos os detritos.

A força expulsiva reside justamente no excremento e não na natureza ou na constituição do homem, e nem nas coisas naturais, que somente têm a propriedade de coagular, de acordo com que somente se alimentam de coisas semelhantes.

Segundo este princípio nutritivo, tudo o que se transforma em alimento tem que estar pieviamente coagulado, razão pela qual tudo aquilo que não se digere pela mesma substância que o come, volta ao estado de coagulação original. Este resultado da coagulação é duplo: a que não se coagula nunca é o alimento; a outra coagulada é o excremento. Como acontece na natureza humana, tudo o que não é o homem é excremento.

Por isso são muitas as formas de transformação: cálculos, areias, sedimentos, e viscosidades, que devem ser consideradas como as últimas matérias do excremento que têm os alimentos das coisas naturais.

Esta última matéria se explica de dois modos: um é o que ela mesma possui dentro do macrocosmo, e outro o que condiciona as doenças do homem, sobre o que vamos falar neste livro.

A última matéria nas coisas que se formam por si mesmas *(quoe per se finut*) são as pedras dos rios, que vêm do alimento das águas, e as pedras das montanhas, que vêm dos alimentos da terra, pois tanto a terra como a água precisam de alimentos.

O primeiro estado é o de uma viscosidade argilosa que se coagula quando o corpo consegue expulsá-la fora dele *(extra).* Tal viscosidade é violentamente repelida (*exturbant*) pelos quatro elementos na medida em que aparece estimulada e favorecida por tudo o que cresce espontaneamente *(vegetabilia res crescentes).*

Também tudo que endurece *(arescit)* tem em si mesmo um excremento, e o que se desagrega ou separa (*secedit)* é um alimento privado acidentalmente do corpo. Quem trabalha com madeira sabe tirar dela a resina[3] os que preparam ervas conhecem a elaboração do alabastro *(alabastrum)*, e assim sucessivamente.

Na realidade essas coisas são as últimas matérias em que se transformam os excrementos das coisas naturais.

Já dissemos que tudo o que queima contém enxofre, tudo o que se reduz a cinzas tem sal, e o que possui a proprieídade de esfumaçar-se (*efumat*) contém mercúrio, de onde conclui-mos que quando seus excrementos contêm as três

coisas serão semelhantes, em forma de cálculos consistentes e coagulados, sem queimar, sem sal, e sem manifestar-se em estado fumegante.

Vejam como devem compreender isto: se a madeira se transforma em cinzas, as cinzas em sal, e este último em pedra, o artesão (*mechanicus)* formará o corpo com tudo isso, manifestando nele suas últimas matérias.

Qual leigo será capaz de enxergar azeite na madeira ou água na pedra? Sem dúvida nenhum. Exceto o médico, que procurará, ao inverso, a madeira no azeite e a pedra na água. Isto se constitui na aceitação da filosofia mais sutil *(Philosophia adepta sagex*).

Tendo compreendido os quatro gêneros de doenças do tártaro: cálculos, areias, sedimentos e viscosidades, é preciso procurá-lo no corpo, quer dizer, nos alimentos que constituem o corpo. Pois se entram nele, nele hão de nascer segundo o espírito do artesão (*mechanicus*) desse lugar que elabora *(faber)* semelhantes coisas.

Por isso é justo chamar este livro de tratado do tártaro, já que todas os últimas matérias das coisas nascentes, uma vez que separam-se do corpo, recebem este nome com as diversas variantes que são os cálculos, as areias, os sedimentos ou as viscosidades.

A maneira como deve se entender o tártaro e a divisão de suas espécies será objeto de outro livro.

Compreendemos até aqui que o tártaro é o excremento das bebidas e comidas, coagulado pelo espírito do homem. Se esses excrementos desagregam-se desperdiçando assim a sua potência expulsiva e ficam no organismo, gerara o tártaro, conforme vamos ver agora.

O tártaro é realmente bebido e comido por nós, ficando no corpo por este mecanismo, a não ser que se misture com os excrementos, quando então será expulso (*excernatur*) com eles. Motivo pelo qual podem provocar numerosas espécies de doenças, não referidas pelos médicos antigos, e nem até agora pelos modernos, mais por causa de sua ignorância ou incapacidade do que por má vontade ou negligência.

Vejamos agora como absorvemos (*assumamus*) o tártaro que se encontra nas verduras e legumes, pois está claro que a sua mucilagem e as outras substâncias que resultam delas o possuem em alto teor, como expressão de sua última matéria e de tudo o que é doce.

De onde deduzimos o motivo pelo qual todas as coisas fervidas ou cozidas em suas próprias mucilagens são eficazes e benéficas para os doentes de cálculos. O cozimento diminui e tira o tártaro, obrigando-o a passar para outros excrementos e impedindo-o de se aderir ou aglutinar, como aconteceria em caso

contrário.

Por isso o betume[4], a mucilagem viscosa, o glúten dos legumes não são mais que outras tantas substâncias de excrementos retidos no corpo à espera de transformar-se (*vertitur*) em sua última matéria, isto é, em pedra ou areia.

A mesma coisa acontece com os laticínios, que deixam uma matéria terrosa (*bolaria*) de tipo argiloso feita de tártaro, que fica retida, a menos que se misture e seja expulsa com os excrementos. Pode-se dizer a mesma coisa das carnes e dos pescados.

Saibam então que os excrementos produzidos pelos legumes são viscosos; e como terra argilosa os provenientes dos pescados, carnes ou laticínios. Estas duas categorias de alimentos proporcionam duas classes de excrementos perfeitamente definidas.

Só existem o tártaro da terra (*tartarum boli*) e o tártaro viscoso (*tartarum visci),* cada um com suas diversas espécies, separadas entre si da mesma forma como as carnes, os legumes, as ervas, e os cereais (*frumenta*). Os caules, as raízes e os cereais devem ser incluídos dentro do grupo genérico dos legumes.

Assim, quando o médico prescreve uma dieta (*dioeta)* qualquer, deve cuidar para que todas as classes de tártaro se misturem bem aos excrementos do ventrículo por meio de uma putrefação ordenada a fim de não desperdiçar sua potência expulsiva.[5]

Nenhum outro mecanismo pode explicar a preparação do regime e da dieta em geral, especialmente nas doenças provocadas pelo tártaro, quando a abstinência completa não terá uma verdadeira ação.

No vinho, na água, e em tudo o que compreendemos como bebida também existem os excrementos. É preciso saber que todas as bebidas preparadas com os sucos das frutas das árvores, como a sidra das peras ou das maçãs, são comparáveis ao vinho e à água. A cerveja, ao contrário, assim como as bebidas extraídas dos legumes, têm as duas classes de tártaros e trazem em si suas próprias correções. Por isso sua passagem pelo corpo se faz muito rapidamente, o que no fundo é um grande benefício tanto quanto a digestão que provoque seja maior ou menor. As digestões intensas e trabalhosas favorecem a formação de cálculos enquanto as digestões ligeiras os evitam. Assim também as digestões vigorosas e quentes não deixam resíduo algum.

Por isso, quando o tártaro aparece em um ponto ou outro do corpo do homem isso se deve à energia distinta, intensidade ou suavidade de suas digestões e ao modo como se realiza em seus órgãos a separação dos princípios nutritivos.

Saibam finalmente que existem nestas doenças duas classes de tártaros,

cujos nomes variam segundo a natureza e a condição de cada país. Por isso às vezes acontece que as medicinas sejam diferentes ou não atuem da mesma forma em uns e outros lugares. E isto se deve, tanto no caso dos tártaros como no dos países, à multiplicidade de vinhos e de águas que são produzidos nas diversas regiões.[6]

Observem que o tártaro gerado na água e no vinho produz uma pedra viscosa *(lapis viscosus*) que às vezes, separando-se, fica colada nos vasos. Certamente isto quer dizer que as bebidas contêm grande quantidade de excrementos e que são ao mesmo tempo muito fracas para elaborá-los devidamente. O que explica, por sua vez, que este fenômeno não aconteça nos alimentos sólidos (m *esilibus).*

Entre os tártaros que nos referimos existe um na água e outro no vinho, sendo diferentes suas últimas matérias em cada caso.

Se aqui é gerado um cálculo, e ali uma areia somente, isto deve-se à diversa natureza e condição de cada região. Assim, em uns casos o cálculo é repelido até ao excremento, e as areias não, enquanto que em outras vezes as areias são expelidas e os cálculos retidos. O certo é que o tártaro, apesar da diversidade de naturezas e gerações, está presente em todos os homens.

O tártaro está no vinho, na água, e na seiva das árvores, dos legumes e das plantas. De acordo com isto será impossível achar um só homem, que, a despeito da qualidade de suas digestões, não esteja carregado de tártaro em alguma parte do seu organismo. O que, naturalmente, deve ser examinado com a maior atenção. O mesmo deve ser estabelecido a propósito do mecanismo da coagulação, do endurecimento da forma, espécie etc., quer dizer que todas elas são geradas segundo a condição de cada lugar, alimento ou bebida.

Um suíço, por exemplo, pode ficar doente de cálculos em Nuremberg ou em Westerburgo devido aos legumes ou aos cereais desses países. Reciprocamente alguém que tenha nascido nestas cidades pode sofrer de cálculos ao se alimentar com laticínios da Suíça. O mesmo exemplo é válido para os bávaros, suabos, alsacianos ou franceses.

Também quando um estrangeiro viaja sucessivamente por Portugal, Inglaterra e Suécia, fixando sua residência finalmente na Alemanha[7], pode acontecer que com o tempo e a influência de todas essas mudanças se lhe desprenda um cálculo que tinha permanecido escondido durante muitos anos.[8]

Com isso terminarei este tratado no qual ficou definido os mecanismos pelos quais recebemos (*assumamus*) o tártaro do exterior, que em nenhum caso é um produto espontâneo do nosso corpo. Não é de estranhar que os médicos que pretenderam explicar a geração do tártaro de outro modo tenham permanecido na mais absoluta ignorância. Não basta dizer que a terra gera as árvores e as

ervas, mas é preciso explicar como e por que se produz semelhante coisa. O aldeão conhece perfeitamente o primeiro fato, mas o médico deve saber algo mais do que isto.

Não se pode falar da coagulação sem saber em que consiste, nem se referir ao calor da digestão sem conhecer o mecanismo pelo qual se deposita o tártaro e se produz o cálculo.

Agir de outra maneira não provará mais que a estupidez ou ignorância desses maus médicos, que repetidamente demonstram isso em diversas ocasiões.

Mas creio que é uma lamentável perda de tempo deter-me nestas bagatelas às quais muita gente dá tanta importância.

Notas

1. *Calculus, arena, bolus, et viscus*. Os termos alemães são estes: "*Stein, Sand, Leim und Letten*".
2. "Canonistes", segundo Grillot de Givry.
3. Traduzimos "resina" do alemão "*Duelech*". Segundo os tradutores e comentaristas latinos (Toxites, Dorn, e Roch de Baillif) o "*Duelech*" seria uma espécie de tártaro que se encontra na homem sob a forma de pedra esponjosa, porosa e arenosa, capaz de causar numerosas dores e perigos. Van Helmont empregou o termo "*Duelech*" em seu tratado sobre a litíase, ainda que num outro sentido. Seja como for e considerando a linguagem figurada de Paracelso nesse parágrafo sobre a madeira, achamos melhor usar *resina* com relação à excrecência vegetal.
4. Outros sinônimos: barro betuminoso, espuma do mar Morto, betume da Judéia, húmus argiloso, carvão fóssil, petróleo.
5. O conceito moderno sobre o equilíbrio das fermentações e putrefações intestinais como modificadores do processo da absorção e da consistência e qualidade do excremento, que se constituiu numa das inovações mais revolucionárias nos conceitos na nova dietética paidológica da escola alemã — especialmente desde Finkelstein — aparece aqui delineado de um modo geral por Paracelso, quase 350 anos antes.
6. Paracelso funda aqui as primeiras ideias de crenologia racional.
7. Provável alusão às viagens de Paracelso.
8. Esta notável observação estabelece pela primeira vez o principio de que o sintoma inicial pode ser uma manifestação ou expressão tardia de uma doença em estado latente há muito tempo. Os "funcionalistas" contemporâneos chegaram a definir esta velha e importante observação dizendo que o orgânico representa o fim e raramente o principio de um ciclo patológico; a lesão é o cadáver de uma função perturbada.

CAPÍTULO II
(Sobre o tártaro do estômago e dos intestinos)

Tendo demonstrado que o alimento das plantas e das coisas naturais vem das pedras dissolvidas que contém, sucessivamente coaguladas, é preciso dizer agora que todo o produto das pedras, como mostra a filosofia (ainda que não convenha analisar isto aqui sob este ponto de vista), degenera novamente ao estado de pedra quando o calor das digestões é muito rápido e sutil. Nestas circunstâncias as coisas não se formam; simplesmente separam-se. A digestão não pode fazer a pedra enquanto não é pedra ela mesma, mas pode separá-la de onde se encontra, seja nos alimentos ou nos excrementos, por meio do espírito do sal que está neles.

Assim uns se transformam em tártaro salino e em cinzas, outros em outras pedras, de formas e causas exteriores, como vamos explicar mais claramente em seguida.

O que coagula e forma os tártaros é justamente o espírito do sal, cuja coagulação e formação dirige segundo os lugares desde onde atua em cada caso, e que podem ser todos os do corpo. O mesmo pode ser admitido teoricamente com respeito aos espíritos do enxofre e do mercúrio, ainda que nenhum deles atue sobre os excrementos e as doenças do tártaro, às quais não dão nem tiram

nada.

Somente o espírito do sal pode fazer isto, justamente porque possui a matéria da pedra sobre a qual atua como o calor do Sol, secando todas as mucilagens e viscosidades. Nada que não possua o espírito do sal pode transformar em pedra as matérias lapidares. E nenhuma destas substâncias poderá tampouco encontrar-se em sua última matéria, isto é, em estado de pedra, sem a presença de tal espírito, como podemos comprovar gradativamente nos alimentos.

Unicamente o ventrículo do homem pode reduzir a digestão à suas últimas matérias melhor do que qualquer outro calor ou qualquer outro fogo.

Esta é a causa pela qual se cometem tantos erros na natureza vulcânica e que frequentemente suas últimas matérias não sejam reduzidas devidamente.

Quando as coisas entram em putrefação de modo irregular, e não através do processo de sua última matéria, é preciso pensar que isto se deve ao espírito do sal e não ao simples calor do corpo, que definitivamente só pode ser explicado pelo filósofo e não pelo médico.

Deixaremos então essas questões mais delicadas que pertencem ao campo do filosofia e estudaremos o modo como se realiza a separação das coisas, e nelas as diversas classes do tártaro e de como se reduzem por meio do espírito do sal.

Sabemos que a nossa boca recebe tudo o que comemos ou bebemos, ainda que o seu papel esteja reduzido ao de um simples funil (*infundibulum*) através do qual tudo passa até ao reservatório colocado mais abaixo. Mas este trânsito pela boca não é completamente inerte *(inanis).* Possuindo uma parte do calor da digestão — ainda que não tenha o de temperamento, nem dos humores e dos elementos — ela retém uma espécie de tártaro. A força do calor da digestão bucal é diferente, ainda que a finalidade do outro calor seja mais ampla e poderosa.

Por isso, mesmo sendo possível que a comida seja digerida na boca como se estivesse no ventrículo, sua qualidade é um pouco diferente. Podemos guardar na boca uma parte dos alimentos, subtraindo-os assim à absorção pelo ventrículo, exceto na parte que já tenha sofrido a digestão bucal. O que acontece é que comer pelo estômago dá um alimento nobre e só aqueles que comem pelo estômago têm evacuações verdadeiras pelo ânus. Os que comem pela boca só urinam (*mingunt*) sem chegar propriamente a evacuar excrementos sólidos *(non cacant*).

Esta é a razão e o mecanismo pelo qual muitos santos conseguiram o seu sustento, para o assombro dos homens, que nunca vendo-os defecar, chegaram a

acreditar que eles podiam viver sem comer.

Assim, a digestão bucal é suficiente para garantir a nutrição do corpo. Quando a boca digere chega a separar o excremento natural com seu próprio poder, fazendo-o passar ou deixando-o aderido e acumulado nos dentes.[1] As outras partes da boca, como a garganta, a língua, a campainha, e gengivas, são muito úmidas e escorregadias (*glabriores*) para que alguma coisa possa aderir-se a elas de uma maneira durável.

Deste modo o tártaro depositado e retido nos dentes pode desenvolver-se, mais por causa das comidas do que pelas bebidas, segundo sua diversa natureza e condição. Além disso, o tártaro poderia depositar-se em todas suas espécies se a boca, por alguma estranha circunstância possuísse algum oco ou cavidade permanente.

Esta primeira separação bucal do excremento natural que fica aderido aos dentes é que provoca as putrefações da gengiva, as cáries, as dores de dente e outras semelhantes, devido à natureza acre (*acrimonia*) do tártaro.

As irritações e os acessos que o tártaro provoca nos dentes são comparáveis com a irritação causada pelos cálculos formados e presos nos vasos, conforme vamos ver num capítulo especial.

O que a boca deixa passar é levado à entrada do estômago onde acontece uma segunda digestão parecida com a primeira e diferente da que vem logo em seguida no fundo do ventrículo. Essa digestão da boca do estômago *(in ore stomachi*) também causa a aderência do tártaro aí mesmo, como no caso dos dentes, gerando doenças especiais como o calor da garganta *(ardor guloe*), a secura do diafragma *(angustia diaphragmatis*) e outras compleições, dores e acessos semelhantes aos provocados pelos cálculos.

Existe um outro tártaro que sai dos alimentos contidos no ventrículo em forma de fumo ou vapor, por um mecanismo parecido com o da destilação do vinho. Este tártaro, especialmente sutil, se eleva e separa-se do resto, já que não é feito pelo verdadeiro processo de separação da última matéria do excremento. Se acontece uma outra operação neste momento, como o que separa a aguardente do espírito do vinho, o tártaro secará novamente transformando-se em excremento.

Por isso, quando no ventrículo produz-se uma ebulição, uma separação e uma elevação do tártaro, a acidez aumenta, pois sabe-se que tudo o que é digerido em estado de destilação adquire uma natureza mais aguda.

Vemos assim que a dor de garganta e do orifício do ventrículo são provocadas por diversas causas, seja do tártaro salino, calcinado ou alcalinizado. Quando a natureza fabrica estas coisas surgem as dores das queimações e

ebulições, como por exemplo a da cal quando entra em contato com a água, o que às vezes também acontece na entrada do estômago por ação dos alimentos e das bebidas, ou do sal, o que deve ser estudado detidamente.

A ingestão de alimentos ou de bebidas, o calor do exercício e o esfriamento podem provocar os acessos de todas as espécies de tártaro e dos cálculos, conforme sua natureza distinta, sua condição e o meio pelo qual tenham entrado no ventrículo.

Na entrada do estômago encontram-se frequentemente tártaros e cálculos de todas as classes e formas que produzem dores parecidas com as que provoca a bílis.

Os avicenistas e galenistas, incapazes de reduzi-los, limitavam-se a purgá-los ou tentavam extraí-los. Esta é uma conduta errada. O tártaro adere aos cálculos formando bolas e aglomerados parecidos com os dos dentes, não sendo um resultado somente dos sedimentos naturais. Os cálculos e tártaros assim elaborados acabam debilitando a potência do ventrículo, alterando-o e enfermando-o com o aparecimento de diversas dores que mais adiante vamos estudar.

Entre outras coisas, as pedras do tártaro chegam a obstruir o conduto gastrointestinal impedindo a expulsão das fezes. Com isso me proponho a explicar e tornar conhecido úma coisa que a ignorância manteve oculta durante muito tempo.

Um dos maiores erros dos antigos consistia em dar purgantes de vez em quando sem que houvesse necessidade disto, supostamente não conseguindo expulsar os humores e viscosidades aderidos ao ventrículo. Claro que isto não só era inútil mas também prejudicial em certos casos, já que os purgantes não eliminam o tártaro. Não pode ser objeto de críticas tudo o que escrevemos e apontamos sobre este assunto, pois tudo o que deve ser sabido sobre ele (com exceção ao processo da transmutação do tártaro) não podia ser analisado até agora sem que fosse pura perda de tempo.

Assim como o espírito do sal coagula todas as numerosas espécies de tártaro, aderindo-o às paredes do ventrículo, observem que o ardor, a plenitude, a fervura *(exoestuatio)* e outras doenças se comportam como se existisse ali uma massa feito uma pedra de moinho, ou um fogo, ou um pedaço de lenha: tudo isso vem do tártaro. Por isso digo que todas as regras e preceitos dos antigos morreram, sendo que eles nunca compreenderam nem conheceram o processo da redução do tártaro. É indigno e vergonhoso que constituem com essas ideias, matando os doentes com suas receitas (*recepta*) desde o começo do mundo. Sua sabedoria não consegue mais do que isso. Digo que não liguem mais para eles é os abandonem.

Como esclarecimento, quero dizer que somente existem duas vias ou mecanismos diferentes na produção do tártaro: a bebida e a comida.

O tártaro resultante das comidas vai para os intestinos, de onde são expulsos pelo ventre. O das bebidas passam pelo fígado e daí para a bexiga da urina, por onde são eliminados. Tanto um como o outro devem ser estudados com o maior cuidado.

Se lembram do que dissemos sobre a formação do tártaro nas gengivas, no orifício da entrada do estômago e na própria cavidade do ventrículo, saibam que as suas doenças têm certas afinidades bem diferentes das que caracterizam o grupo que vamos estudar agora.

Os tártaros destas localizações formam uma só mistura, apesar de que sempre se dissolvem melhor quando vêm dos alimentos sólidos do que quando foram depositados pelas bebidas, o que pode ser extensivo, por suposição, aos cálculos de uma e outra origem, cujas propriedades conjuntas diferem notoriamente das dos demais cálculos e tártaros. Estas diferenças devem ser observadas especialmente quando escolhemos os tratamentos correspondentes, e principalmente levando em conta que a coagulação provocada pelo espírito do sal nestes detritos é mais dura, compacta e consistente quanto mais longe se encontram da boca, dentro do trato gastrointestinal.

A força e a capacidade de penetração (*pervadit*) e precipitação dos tártaros aumentam na medida em que são submetidos a maiores e mais prolongadas destilações. O tártaro da boca é o que se dissolve mais rapidamente com maior facilidade. Depois vem aquele que está na entrada do estômago. O do fundo do ventrículo já é mais difícil, sendo pior ainda o dos intestinos. Mas o mais rebelde de todos são os que se depositam no fígado, nos rins e na bexiga da urina.

Disto se deduz a separação lógica que devemos estabelecer para estas duas vias — intestinal e urinária — em tudo o que diz respeito ao estudo de suas condições e naturezas.

É surpreendente como nada disso nunca foi mostrado e explicado por aqueles que nos precederam, e lamentável, porque isso teria dado uma ocupação e um proveito maior àquilo conseguido por Galeno, Rasis e Avicena, com suas ninharias, elogiadas com tanto orgulho e insolência por seus seguidores e comentaristas.

A força que separa o podre do que não é está no ventrículo. E todos os alimentos possuem um duplo excremento: um das coisas que se comem e outro das que se bebem. Com isso quero dizer que existem muitos alimentos que ao mesmo tempo são bebidas, e que por sua vez algumas bebidas são alimentos sólidos, motivo pelo qual gerarão um tártaro e não dois, ainda que dividido em

diversas espécies, segundo sua própria natureza.

O fato de dizer que o tártaro provém das bebidas em maior proporção que dos alimentos sólidos não passa de uma conjetura certamente provável, ainda que não tenha sido demonstrada. Podemos dizer a mesma coisa sobre o meio pelo qual nos chega o tártaro das bebidas, quer dizer, dos líquidos somente e dos líquidos que têm os alimentos sólidos.

Vejamos como se cumpre esta regra geral nos intestinos.

Ainda que todo excremento saia do ventrículo, permanece antes muito tempo nele, aglutinando-se já ali e provocando diversas e numerosas doenças, como a cólica, a disenteria, as retorções, e dores de barriga superiores e inferiores; as obstruções, os fluxos e outras semelhantes.

Por sua vez o tártaro entra em crise ao colocar-se em contato com a bexiga da urina: isto quer dizer que o cálculo provoca dores no lugar exato onde está.[2]

Todas estas dores, espasmos e tenesmos se reproduzem nos intestinos como dores de barriga, que se diferenciam das produzidas na bexiga da urina pelas contrações dos membros inferiores, no corpo por baixo da cintura e um pouco também em todos os membros, já que o tártaro se difunde não só de cima para baixo mas em todas as direções. Por isso deve-se examinar com a maior atenção a origem da cólica. Dedicaremos um capítulo especial ao assunto.

Os antigos cometeram um grande erro ao descrever esta doença. O certo é que às vezes o tártaro durante uma fase de obstipação começa a aderir-se às paredes do intestino da mesma forma como o tártaro do vinho às paredes dos grandes tonéis, ficando depositado aí, aumentando de espessura, sem que exista purgante, xarope ou clister que consiga expulsá-lo, nem socorro para o organismo que sofre disto. Com o tempo essa coagulação vai aumentando em comprimento e espessura a ponto de formar uma verdadeira pedra, tão volumosa que chega a obstruir o ceco, lugar onde se desenvolve de preferência.

Este crescimento e proliferação realiza-se de um modo semelhante na água, na qual também existem numerosas espécies de tártaro, como a cal, os cálculos esponjosos (*thopi*), rugosos (*asper*), lisos (*glaber*), salinos, mercuriais, aluminosos etc., todos eles provocando outras tantas espécies de cólicas.

Entretanto, cuidem para não confundir o tártaro com a cólera, com a dor das entranhas, ou com as ventosidades, pois isto se constitui num grave erro. Neste equívoco surpreendente caem e continuam caindo muitos médicos franceses e italianos, especialmente em Montpellier, Salerno e Paris[3], onde se dedicam a disputar entre si a posse da palma da verdade, ao mesmo tempo em que lançam sobre os outros o seu mais soberano desprezo. Digo que nenhum deles sabe nada e que só são capazes de traduzir sua arte em palavras vazias e

em prestígios artificiais, o que não passa de puro charlatanismo. Assim, não veem o menor inconveniente em aplicar purgantes e clisteres frequentemente até a morte — "*usque ad mortem*" dizem eles — considerando que o doente foi assim tratado de acordo. Vangloriam-se de possuir e empregar as maiores anatomias, e no entanto, nem perceberam que o tártaro adere aos dentes, para não citar coisas mais graves. Sem dúvida eles têm uma vista tão boa que não precisam de lentes sobre seus narizes.

Como podem deixar de aproveitar até o menor elemento no conhecimento da anatomia ou no exercício de sua perspicácia?

Os médicos não devem ser meras cópias dos pássaros dos bosques, limitando-se a dissecar cadáveres de ladrões e criminosos, nem tão pouco como uma nova espécie de loucos indo descansar logo depois de ter examinado e remexido tudo, asfixiados entre excrementos e corpos insepultos, sabendo cada vez menos.

Digo e repito que a verdade está na cabeceira dos enfermos, para onde devem se encaminhar de vez em quando, pois aí aprenderão muito mais que em qualquer outro lugar.

Notas

1. Eis aqui outra profecia de Paracelso: A da assepsia bucal, ou melhor, dos focos de infecção dos dentes, que os americanos julgam ter descoberto há apenas trinta anos!
2. Não é este o principio da projeção cutânea das dores viscerais, que Head desenvolveu tão brilhantemente séculos depois?
3. Refere-se às três primeiras escolas de medicina oficiais da Europa.

CAPÍTULO III
(Sobre os cálculos do fígado, dos rins, e do intestino)

Agora vamos tratar do outro processo como são formados os cálculos provenientes do excremento da urina.

Quando os alimentos e as bebidas chegam a purificar-se de excrementos passam do ventrículo para o fígado através das veias e vias do mesentério *(in venis mesaraicis*). Nestes locais, fora do ventrículo, a urina é formada, ficando assim separada do alimento puro que é atraído até ao fígado. Isto nos permite observar que o fígado somente atrai aquilo que lhe pertence, ou melhor, o verdadeiro alimento, passando tudo o que é supérfluo para as vias urinárias.

A maneira como realiza-se esse processo é semelhante ao que provoca a formação da chuva, segundo nos informa a ciência meteorológica. Só que aqui, em vez das grandes quantidades de águas simultâneas, a formação se produz gota a gota *(guttalis generatio),* o que também é valido no que se refere à formação da urina e dos princípios da matéria nutritiva do fígado. Em tais circunstâncias o alimento que até este instante estava misturado à urina, separa-se dela, ficando a urina sozinha. Logo depois, pela sua própria virtude expulsiva ela se dirige até a bexiga e daí para o exterior.

Agora vamos adiar o estudo dos alimentos para um tratado que lhe dedicaremos e vamos falar sobre o tártaro da urina.

O tártaro preparado fora do ventrículo atravessa suas passagens (*meatus*) particulares e vai pouco a pouco aderindo-se a elas, obstruindo-as, provocando assim oclusões e pequenas feridas (*punctiones*) que alguns falsamente têm atribuído ao sangue e a outros humores. A queimação da urina e a cólica intestinal são da mesma natureza que o ardor do esôfago (*magenmund)* provocado pela retenção do tártaro na entrada do estômago.

Quando os depósitos de tártaro (*collectio*) alcançam um grande volume podem chegar a impedir a passagem dos alimentos. Estes ficam assim no ventrículo causando vômitos, inapetência e sensação de nojo, debilidade, astenia de todos os membros *(phthisis membrorum*) e finalmente paroxismos ou crises sobre os cálculos.

O paroxismo do cálculo, assim como a erisipela, provocam febre e calafrios da mesma forma que a peste, a pleurisia e outras tantas doenças de naturezas semelhantes.

Quando a matéria nutritiva e a urina se encontram em uma passagem (*transitus*) entre as que vão até as suas próprias vias, acontece que o alimento é atraído até a essa passagem. Com isso a urina, comprimida nas veias, chega antes ao fígado, onde permanece, a menos que a sua difusão se faça rapidamente ou que o calor da digestão seja muito seco e toda ela muito rápida.

No conjunto este mecanismo de retenção lembra o da secação provocada pelo sol, com a única diferença que, em vez de tártaro encontramos nestes casos o espírito do sal. Este entra em ação e coagula uma espécie de tártaro na qual fica constituída a primeira matéria.

A obstrução dessas vias e passagens gera diversas doenças do fígado. Também na bexiga estas doenças trabalham (*operentur*) roendo, escavando (*excaven*) e produzindo numerosas dores e transtornos.

Apesar de tudo, as doenças do fígado continuam sendo as mais importantes porque ele é um órgão de grande nobreza que serve, ajuda e influencia quase todos os outros. Quando ele é atacado ou atingido, nunca provoca um pequeno dano mas muitos e múltiplos, cujas mostras mais conhecidas são a hidrartrose, a febre hepática, a doença da víscera (*hepatis*), assim como muitas outras e particularmente as erisipelas, conforme explicaremos nos capítulos especiais correspondentes.

Em proveito da autoridade e prestígio da classe médica teria sido melhor se alguns profissionais tivessem tirado as lentes dos narizes (*perspecillum nasum*)[1] e examinassem o tártaro em vez do fígado, como se ele fosse a verdadeira causa destas doenças. Nada pode confirmar que a hidropisia provenha de um fígado limpo (de tártaro) como esses médicos tagarelam incessantemente. Tremenda desgraça para tanto doutor, senhor, mestre e bacharel de tantas e tão famosas escolas, cegos por cataratas tão rebeldes! Surpreende-me a sua audácia, obstinação, e o modo como enfeitam suas roupas com barretes e tiaras vermelhas. Estando tão cegos e cobertos de ostentação toma-se difícil encontrar alguma coisa em suas cabeças que esteja no lugar certo.

Já vimos então que a urina se dirige (*pervadens*) do fígado para os rins e a bexiga através de vias próprias e particulares nas quais a urina permanece ainda crua e sem amadurecimento. Este processo vai se produzindo pouco a pouco e consegue sua realização na bexiga, onde a urina se cozinha, clarifica, e complementa-se, atingindo sua máxima sutileza e amadurecimento.

O mesmo acontece com os outros excrementos, cujo secamento

(*resiccata*) não se consuma como é devido até que cheguem aos intestinos e em todo o ceco onde a perda de água *(exsiccatio)* gera neles a virtude expulsiva, ao inverso do que acontece com a urina. Assim os intestinos não tomam nenhum alimento das bebidas, mas os atraem até as partes e lugares adequados.

Podíamos comparar isto com as peras. Ainda que elas nasçam na primavera, somente ficam maduras no outono e nunca antes.

Nestas vias que vão do fígado aos emunctórios produzem-se diversas classes de tártaro de violência muito maior, mais poder *c* acidez do que os gerados no ventrículo, no mesentério ou mesmo no fígado.

Por outro lado, o tártaro urinário é mais duro e áspero quanto mais limpa c pura parecer a urina em nosso exame. Por isso nestes casos são produzidos calafrios, as placas, as esfoliações, areias, cálculos c outros semelhantes que contaminam a urina.

Assim, muitas erisipelas, tumores, abcessos *(apostemata)* e ulcerações aparecem nas regiões lombares *(in lumbis*) apesar do que não cheguem a ser percebidas e conhecidas diretamente por causa de sua natureza especial.

Estes fatos nos obrigam a considerar o tártaro com toda atenção dentro da anatomia geral do homem.

Em verdade digo que não basta ter uma boa vista se for para olhar errado. Existem médicos que agem apenas como uma vaca diante de um bispo. E diante de um excremento se limitam a dizer timidamente: “isto possui uma certa viscosidade", ou então, “isto parece greda vermelha”.

De acordo com a filosofia e a anatomia diremos que os rins não se nutrem com a urina, mas de um outro modo que vamos explicar mais adiante. A urina se limita a lavar e limpar os rins de suas impurezas, tornando-se assim como o bálsamo que os preserva de toda corrupção. Por isso decidimos tratar aqui da urina e não da natureza ou condição dos rins.

Somente quando a urina alcança (*ascendit*) a sua máxima clarificação é que toma essa cor vermelha de outono, característica de sua maturidade. Fora isso ainda existem na cavidade dos rins determinados espaços onde o tártaro pode aderir com a mesma facilidade com que o faz no interior dos tonéis de vinho, especialmente nos casos em que o tártaro está acompanhado do espírito do sal, ou em que ele mesmo se separa do seu excremento, quer dizer, da urina.

Nestes casos e segundo a propriedade local de cada rim, produz-se o tártaro foliáceo *(foliaceus tartarus),* o arenoso *(arenosus*) ou o em forma de cálculos. Sobre isto temos diversos exemplos na filosofia.

Assim, quando alguém bebe de uma água que possua a propriedade de gerar pedras e acontece a separação de algum tártaro do seu excremento

correspondente, e frequente que sobrevenha *(superveniat)* o espírito do sal, gerando diretamente o cálculo e não as formas intermediárias, foliáceas ou arenosas.

Às vezes o cálculo se une ao sedimento e aos detritos, ou então separa-se deles, deixando o rim seco e acabando por produzir a morte quando adere e obstrui toda a sua cavidade.

Esta petrificação pode realizar-se também segundo a diferente natureza da água e a conseguinte sensibilidade do tártaro Quando a água produz pedras grandes e rugosas (*asper*), também o tártaro assim as produz. E quando o tártaro se impregna das cores da urina e dos sucos renais, provocando dores de diversas intensidades, pode acontecer que essas cores persistam no cálculo, formando os tártaros cinzas, vermelhos, marrons ou amarelos *(*flavus*)*. Ao contrário, nunca veremos um tártaro verde, negro ou azul (*cyaneus*) pois todas essas cores se destroem e separam-se no orifício do estômago, onde estão destinadas a morrer. Fora daí elas são muito raras e poucos frequentes

Segundo os hábitos de cada região, a classe dos alimentos e bebidas, podemos encontrar as formas, gêneros e paroxismos do tártaro em todas as vias onde pode depositar-se ou achar-se preconcebido.

Com isto a urina chega (*provehitur*) na bexiga de tal modu que pode gerar ali, enquanto não é expulsa, diversos sedimentos de grãos, poeiras e areias, que aderem em suas rugosidades, dobras, e entupimentos de suas paredes (da bexiga).

A forma arenosa vem exclusivamente da natureza da região, ou melhor, da natureza de seus alimentos e bebidas.

Por isso é fácil, examinando os gêneros de pedras ou areias de cada região, determinar a origem e a composição dos cálculos ou areias dos rins, cuja coagulação só será feita em função do espírito do sal que existe neles.

Existem casos em que várias pedras podem ser produzidas simultaneamente, pela mesma razão que nascem em certas ocasiões duas, ou mais criaturas de uma só vez, pois a mesma matéria e a mesma semelhança estão presentes em uma e em outra natureza. A mesma cortiça pode cobrir duas sementes diferentes, como às vezes vemos nos ovos de duas gemas ou nas nozes duplas que achamos sob a mesma casca. Tudo isso pode reproduzir-se na pedra exatamente como se todas as duas coisas correspondessem a uma mesma semente.

Assim, quando quebram, parecem estar separadas, mas sempre ficam unidas de alguma forma, tomando a viscosidade do tártaro que acaba depositando-se em diferentes proporções.

Sobre o tamanho, forma e semelhança, nada pode ser previsto ou pré-julgado, pois todas essas propriedades resultam de circunstâncias meramente acidentais (*accidens*). Assim, quando aparecem dois cálculos na bexiga, saibam que eles não foram gerados de maneira sucessiva mas simultaneamente, como diríamos também sobre as criaturas gêmeas. Acontece que de acordo com a regra comum da areia e das pedras., sua geração se faz sucessivamente, ainda que tenham sido formadas ao mesmo tempo.

Com isto acreditamos ter falado suficientemente sobre a geração e formação do tártaro nas vias urinárias. Ainda que tenhamos sido breves neste desempenho, consideramos ter esboçado todos os capítulos, cujos diferentes gêneros e espécies serão ampliados e explicados mais na frente.

Com referência às vias, tratamos sobre as que se dirigem desde a boca até ao estômago, e daí ao ânus; as do ventrículo ao fígado e as dos rins à bexiga. Estabelecemos também as diferenças entre a urina, o excremento dos intestinos, o da boca e o da entrada do estômago. Nada foi então omitido ou descuidado.

Fora isto ainda sobra um outro tártaro que devo fazê-los conhecer. Ele deposita-se nos órgãos principais, entorpecendo-os e esgotando-os. Provoca doenças especiais com causas e matérias próprias e é uma espécie de tártaro errante (*peregrinus*), diferente de todos os citados podendo produzir-se espontaneamente em qualquer um dos órgãos.

Sua causa também está nos alimentos apesar de não se comportar como um excremento, pois como já dissemos, possui vias especiais. Por isso permanece separado dos outros durante todo o tempo, em seus membros especiais, conforme o gênero que lhe corresponde.

Já dissemos também, a propósito do tratamento *(de curatione)* que os cálculos devem ser eliminados (*expellendi*) por redução, já que somente aqueles que se encontram nas vias genitais podemos quebrar, desmanchar e extrair. Por isso digo que a verdadeira arte está justamente na preparação das coisas que reduzem e não naquelas que transmudam ou precipitam. Falaremos em outro lugar sobre este método de tratamento. Agora diremos ainda que é frequente aparecer e crescer um novo cálculo no lugar onde algum tempo atrás havíamos extirpado (*elidatur*) outro. Do mesmo jeito como uma criança nasce depois de outra na mesma matriz. Este mecanismo e resultado podem ser repetidos uma vez e muitas outras mais.

Concluiremos dizendo que o tártaro é uma doença estranha e exterior, cuja essência está contida em todas as coisas que nascem e crescem dos sucos da terra. Destes sucos nascem o *bolus, lapis, viscus et arena*[2] todos eles existindo nos legumes, cereais (*frumenta*), ervas *(otus)* etc., assim como no vinho, na água

e na carne, de onde saem para o nosso corpo e os nossos órgãos.

Diremos ainda que para evitar a sua aglutinação e aderência não temos nada melhor que comer manteiga e tomar azeite de oliva em abundância, conforme nos ensina o testemunho de sua natureza.

Notas

1. Literalmente em latim: “pequeno espelho nasal". O sentido desta frase se refere ao propósito de Paracelso de zombar dos médicos solenes e vazios, cuja ciência e hierarquia residia na maneira afetada e altiva pela qual olhavam por cima dos vidros de suas lentes.
2. Em latim e nos originais alemães.

CAPÍTULO IV
(Sobre o tártaro que se encontra em outros órgãos e partes do corpo)

Agora vamos ver como o tártaro é produzido e retido nos demais órgãos, especialmente nos pulmões, bexiga do fel *(bílis)*, coração, baço, cérebro e rins. Antes porém devemos nos lembrar da necessidade de alimentação diária que têm todas e cada uma das partes do homem. Esse alimento deve ser ingerido em tais condições que torne possível sua posterior adaptação no ventrículo, como explicaremos num capítulo à parte. Segundo isso, quando os alimentos são atraídos até as partes que lhes forem destinadas *(ad sua loca)*, elas fazem diante deles o papel de verdadeiros ventrículos locais, separando de sua substância tudo aquilo que é mau, ou que simplesmente não é desejado. Mas nenhum órgão pode fazer o cozimento ou a separação que corresponde a outro. E somente o ventrículo trabalha para o bem comum de todas as partes *(reipublicae causa)*. Os órgãos no entanto limitam-se a separar ou tomar o que lhes convém e a expulsar aquilo que não serve para nada, e que terminará transformado em excremento, saindo pelos numerosos caminhos que conhecemos.

Assim o pulmão se limpa pela expectoração, o cérebro pelo muco das narinas, o baço pelas veias, a bílis pelo ventrículo, os rins pela bexiga e o coração pelo caos.

Assim como as partes principais estão separadas consideravelmente da essência dos alimentos, todas se mantêm, ao contrário, unidas de um certo modo aos seus excrementos, sobre cuja matéria sucedem-se as diferentes espécies e gerações do tártaro. Pois a verdadeira sutileza das coisas desaparece enquanto elas se revelam ou manifestam. Quando uma substância qualquer destila-se até ao seu máximo grau, volatiliza-se e chega a dar-nos a impressão de que ficou sem corpo. Na realidade nada pode ser feito sem o corpo; a questão nestes casos está em simplesmente submeter a volatilização ao seu verdadeiro trabalho, ou em encontrar o dono da substância, ou um médico ou artesão consciente, que em qualquer destes casos sempre acaba encontrando o corpo destilado.

O mesmo acontece quando não encontramos o tártaro nem no ventrículo, nos excrementos ou na urina; isto não significa que ele desapareceu do corpo, mas que de modo semelhante ao espírito do vinho, se volatilizou, elevando-se e

penetrando (*permeat*) nos outros órgãos. Já sabemos que mesmo o espírito do vinho, ainda em plena destilação nos alambiques contém um tártaro. Exatamente como estas coisas que nos ocupam.

Acontece que se tais substâncias se depositam nos lugares favoráveis dos órgãos, aquele que seja verdadeiramente dono destes conhecimentos poderá encontrá-las separando o volátil das partes do corpo, o que não pode ser feito pelos outros artesãos da natureza, ou melhor: o ventrículo, o fígado *etc.*

Com isto fica dito que a verdadeira propriedade e exaltação de cada matéria somente se manifesta em pleno desenvolvimento quando a coisa está no lugar certo a que pertence. Darei sobre isso um exemplo mais simples: o matrimônio.

Quando o homem e a mulher permanecem, continuam e perduram em perfeita união, não cometem nem podem cometer adultério porque a concordância e a anatomia são neste caso uma só coisa.

Ao contrário, quando essa harmonia se rompe ou quando as coisas não vão bem, pode-se dizer que não existe um sólido amor, mas um amor tão indeciso ou vacilante como uma fibra de palha na água. O homem que busca mulher fora do casamento o faz porque não possui sua legítima mulher segundo a verdadeira ordem de sua anatomia. O mesmo pode ser dito em relação à mulher que procura noutro homem o que não tem no seu marido.[1]

Pois Deus criou em cada homem uma sensibilidade amorosa[2] que o impede de cometer adultério. E isto é tão perceptível que podemos constatá-lo mesmo nos pares que não estão unidos pelo casamento, mas juntos em concordâncias e anatomias. Pois sabemos que existem duas espécies de matrimônios: os que Deus uniu com as normas que acabamos de referir, e os que os homens unem. Os primeiros guardam e conservam mutuamente sua fé em si, sem que lhes faça falta nenhum estatuto, enquanto tais normas e regulamentos são necessários para os pares formados somente pelos desígnios dos homens.

Assim, quando as coisas se conjugam em suas verdadeiras concordâncias anatômicas, descobrem (*promit*) facilmente tudo o que são e o que contêm, não sendo isto possível se tais requisitos não são cumpridos.

Por isso, quando alguém quiser fazer observações ou experiências nos arcanos da natureza deve começar assimilando a maior maestria possível, pois somente trabalhando e agindo deste modo conseguirá resultados sérios e estimáveis. Quem não for assim produzirá somente cegueira, confusão e ignorância.

No que se refere ao tártaro devo dizer ainda que uma parte dele se encontra também nos pulmões, mesmo que em proporções muito menores do que as encontradas em outras vias, seja na urina ou nos intestinos. A causa disto

está na reduzida quantidade de comida e de bebida que os órgãos recebem e precisam. Pois se avaliarmos o total do que o homem ingere, e o que proporcionalmente fica retido nos excrementos, na urina, e o que perde pela transpiração e o alento, deduzimos que pouca coisa fica no corpo.[3]

Quer dizer que se todos os órgãos se alimentam desse pequeno total, a quantidade correspondente a cada um deve ser ainda menor, tanto em alimentos como em resíduos de tártaro. Por isso é preciso que estudemos muito estas coisas.

Em certas circunstâncias as pequenas quantidades de tártaro podem provocar danos bem grandes, ainda que o espírito do sal não entre em jogo (*accingere*) nestas condições com a frequência com que o faz em outras partes, justamente devido à menor potência com que se manifesta nessas vias. A partir disto também podemos dizer que quando a quantidade do espírito do sal é escassa, seu poder se reduz em igual proporção.

Vejamos agora o que acontece com o tártaro dos pulmões. É comum o fato de que tanto nos homens como nos animais são encontrados cálculos semelhantes a grãos de milho, assim como veias especiais que entram nos pulmões, diferentes das que na anatomia são destinadas aos diversos órgãos e que chamamos de veias “sanguinales”.[4]

Diremos primeiramente que estas veias estão destinadas a ser o ventrículo dos pulmões, que por meio delas separa o puro do impuro, rejeitando o que não lhes convém. Essa separação que os pulmões fazem permanece ignorada para o ventrículo (estômago).

Como resultado disto encontramos nos condutos pulmonares (*cannoe*) um excremento especial que segundo Deus dispôs, se destila (*pellicanetur*) e circula (*articuletur*) incessantemente ali mesmo até que transborda e cai nos pulmões, e daí para o exterior, constituindo-se no excremento particular dos pulmões, gerado neles e diferente dos excrementos dos outros órgãos.

Estamos então convencidos de que todo órgão possui efetivamente o seu estômago particular, verdadeiramente admirável e eficaz, como a ciência mostra exteriormente em todas as preparações destinadas a separar o puro do impuro.

Assim, ao fazer esta separação o pulmão devolve uma certa quantidade de tártaro unido ao excremento que deve ser expulso. Caso contrário o tártaro adere aos condutos do pulmão sob a forma de folhas (*foliis*), pequenas lâminas, placas (*tabulis*), pequenas fitas (*ramentis)* ou grãos que ficam ali roendo-os, deteriorando-os e finalmente destruindo-os.

Este tártaro torna-se muito mais sutil do que o dos intestinos e o das vias urinárias; compreende-se este fato ao conp siderar que a sua materialização foi

obtida por volatilização, o que prova uma vez mais que os semelhantes atraem-se mutuamente.

Como consequência da função e do lugar dos pulmões acontece uma série de verdadeiras doenças tátricas que têm evacuações e manifestações diferentes.

Já que o trabalho dos pulmões consiste num movimento de cima para baixo atraindo o ar, as doenças se produzirão em todos aqueles casos em que as passagens de ar sejam obstruídas. Os médicos dão a estas doenças diversos nomes, como tosse, asma (*asthma*) etc., quando na realidade não passam de tártaro. Também a dificuldade respiratória e outras semelhantes que aparecem com a extenuadora (*tabescit*) tisis (*tuberculose*) ou com a febre héctica, também são causadas por tártaro retido nos pulmões, como explicaremos mais adiante.

O mesmo acontece com o ventrículo particular do cérebro, o qual sem dúvida está situado fora dele. O alimento do cérebro chega sem ter sido dividido e nem separado em suas últimas matérias como seria conveniente. Por isso dizemos que quando o cérebro toma (*assumsit*) alguma coisa e a conserva, realiza uma verdadeira operação estomacal.

Assim como o primeiro estômago é frequentemente um corruptor de todos os órgãos quando não cumpre regular e perfeitamente as suas funções, é preciso compreender que a fraqueza dos estômagos ou ventrículos dos órgãos gera numerosas doenças, não citadas ou conhecidas até agora por simples ignorância. Isto nos obrigará a conhecer o espírito encarregado do ventrículo, pois não há dúvida de que quando tal espírito está anulado ou inibido, os órgãos que se nutrem dele se anulam ou inibem igualmente.

Já sei que alguns médicos conheceram perfeitamente o primeiro grande estômago principal. Mas digo que eles o conheceram tão bem como um aldeão qualquer, ignorando completamente a existência e função dos outros pequenos estômagos e como consequência todas as doenças que causam, colocadas aqui e ali em diferentes capítulos, sem levar em conta a unidade que o tártaro lhes dá.

Se o alimento chega assim desde o estômago ao cérebro, será preciso que o estômago do cérebro seja um verdadeiro alquimista e realize nele uma verdadeira separação *(genuína separatio)* para sua melhor comodidade e proveito.

O excremento do cérebro, diferente dos demais, é o muco do nariz, que é o seu emunctório natural.

O alimento do cérebro se elabora no estômago do cérebro, cuja particularidade é a de estar fora dele, diante dele, para onde o alimento é atraído até às suas células fechadas (*in cellas obseratas).* Por este mecanismo o

excremento fica fora, nas veias que desempenham o papel de ventrículo. Essas veias possuem seu emunctório natural com seu orifício inferior, assim como o grande ventrículo com o seu piloro, com a diferença de que no cérebro o emunctório acaba derivando para as cavidades nasais.

Os gêneros de tártaro que encontramos nestes ventrículos do cérebro causam o delírio, a loucura e outras manias semelhantes que os médicos têm atribuído, com a torpeza habitual, ao sangue.

O que acontece com os rins? Aqui, apesar da urina ficar muito tempo em suas cavidades, nunca traz deles nenhuma utilidade para o corpo, pois o seu alimento é de outra natureza e a urina não pode ser aproveitada neste sentido. No entanto, a contínua umidade que a urina proporciona aos rins faz com que o tártaro escape com mais facilidade e não possa ser separado com muita frequência dos excrementos naturais destas partes, apesar da sua disposição geral ser parecida com a do todos os órgãos.

O certo é que os rins tomam o seu alimento de acordo com a capacidade de distribuição dessa anatomia especial que se constitui na substância que o homem come.

Assim cada um receberá o que melhor lhe convenha, incluídos os excrementos, que somente se separam ao chegar no órgão para onde esteja destinado o alimento correspondente.

Por esta razão os rins recolhem seus excrementos já separados, que logo lançarão no exterior misturados com a urina. Quando esses excrementos se sedimentam em vez de se misturarem, formando depósitos (*hypostasis*), originam uma enfermidade dos rins, pois em vez de permanecerem unidos à urina como deviam, se separam dela exatamente como a água faria no azeite. E também como nesta comparação, quando o azeite fica por cima e a água no fundo (*subdite*), o sedimento também se separa, seja em cima nos rins, ou no fundo da bexiga, quando sua expulsão se realiza contínua e regularmente.

Por causa disto é necessário que exista uma arte para recolher separadamente o sedimento e a urina em dois vasos especiais. Aquele que chegar a possuir este conhecimento poderá dizer que sabe na verdade Como são os excrementos dos rins, cuja separação e preparação leva a encontrar a última matéria da qual os cálculos são constituídos.

Os que dizem que os depósitos de sedimentos da urina são devidos às doenças do estômago, cometem o erro mais grosseiro *(pinguis)* e com isso enfeitam a sua ignorância. Esses médicos precisam na verdade assegurar alguma coisa adiantamente que ajude a defender suas teorias inconsistentes. Por isso examinam urinas de vez em quando, remédios, e recolhem injúrias em vez de elogios. Com essa conduta só conseguiram fazer com que o povo desacreditasse

deles, afastando-se da medicina por a considerarem uma farsa ou uma impostura. Tais enganos fizeram com que se tenha mais confiança hoje em dia num simples aldeão ou num judeu do que num médico, pois esses curandeiros são em verdade muitas vezes mais hábeis que certos doutores.

Digo que é um crime e uma vergonha manter-se numa cidade um médico municipal (*poliatrum*) que não atende os doentes e que em vez de socorrê-los *(juvare)* os abandona. Diante disso, como é possível impedir que um outro, ainda que iletrado, lhes dê assistência?

Mesmo que isto se constitua numa conduta honrosa, não impede que o fato seja uma vergonha e tire todo o valor de quem estudou medicina.

Na verdade eles são uns poetas que pretendem fazer uma medicina poética. Mas lhes digo que chegará o dia em que a força da nossa multiplicação os impedirá de se defenderem.

Do costume, dos usos adquiridos e das academias só saíram hipócritas e coapiadores (*scribae*). Pois copista é aquele que escreve receitas e nunca cura ninguém. Poderá ser doutor em escrituras mas nunca doutor em curas.

Esses médicos são como escribas hipócritas e fariseus que formam todos juntos uma seita especial. Não permitem que ninguém intervenha ou investigue seus assuntos, parecendo-se com os frades que não sabem também distinguir o branco do preto.

Não é uma vergonha que não tenham descoberto a natureza de nenhum cálculo pelo estudo dos sedimentos da urina, nem chegado à conclusão de que sua substância era simplesmente a pedra? E digo que eles podem ficar em má hora com sua ciência, pois começo a pensar que somente são doutores em tosquiar asnos.

Também o coração sofre e padece de maneira parecida, pois, como os outros órgãos, extrai seus alimentos e separa seus excrementos por um mecanismo semelhante. Falaremos do seu excremento, que é único, no qual está contido o tártaro.

O coração está coberto e rodeado por uma envoltura que o oculta dos demais órgãos e que é o pericárdio *(capsula cordis).* O excremento vem precisamente desta cápsula e devido a isto permanece sempre limpa.

O coração toma seu alimento, que é de grande pureza, em doses muito pequenas (*paucissimum*), expelindo logo seus excrementos em forma líquida como se fosse uma lágrima *(gutta ocularis*), na cavidade da envoltura pericárdica, onde fica durante longo tempo renovando-se constantemente.

Quando este líquido excrementício passa da quantidade normal, produz-se um suor de caráter aéreo e imponderável que é o espírito sutil (*levis*). Os que

dizem que o pulmão insufla (*afflare*) no coração essa frescura especial estão falando em vão. O refrescamento (*refrigerium*) vindo dos pulmões afeta o corpo inteiro e não somente o coração. Inversamente pode-se afirmar que uma coisa é o calor do fígado, outra o do coração, e outra de qualquer órgão, sendo completamente falsa a afirmação de que todo o calor vem do coração e somente dele, pois cada parte do corpo possui em si mesma seu próprio calor, sendo precisamente o esfriamento que obedece a um só mecanismo central.

Saibam também, a propósito dos excrementos, que quando o sal ataca (*corripiat*) o tártaro coagulado na cápsula do pericárdio, produz-se uma fabricação de tártaro em forma de primeira substância, ou seja de cálculos,[5] onde são originadas numerosas doenças pericárdicas, palpitações (*tremor cordis*), e outras que mais adiante citaremos em capítulos especiais. Todas essas doenças provocam as mesmas crises que os cálculos e adotam o mesmo tipo paroxístico[6] ainda que provoquem outros paroxismos (*concitantur*) por causa da sua localização especial.

Esta é a razão da cegueira de muitos médicos e o motivo pelo qual vivem procurando nomes em vez de doenças, falando de cóleras, melancolias, e outras coisas insensatas, como se assim pudessem fazer com que as coisas do coração fossem da forma como imaginam e não como realmente são. Enquanto não houver quem os descubra e os proíba, lhes será permitido fazer este infame jogo de mentiras, de enganos, e conseguir o direito de cidadania para as suas teorias sobre os humores.

Aqueles que exercem seu doutorado nestas condições não são mais que artífices de extravagâncias, piores que os verdadeiros loucos. E se tais coisas fossem vigiadas e ordenadas devidamente, esses médicos não mereceriam mais que uma boa surra de pau ou de açoites.

O mandamento divino do ‘‘não matarás” pode ser aplicado a esses ladrões (*latrones*), porque atinge na verdade todos os modos como o homem pode chegar a matar, inclusive a medicina quando mal aplicada.

Não são culpados apenas aqueles que usam as espadas. Eu digo que seus mestres e autores não estão dispensados desta lei. Assim, todos serão entregues ao verdugo, pois um ladrão nunca protege o outro. E é sabido que quando os cegos ficam sozinhos, isto é, sem seus guias, acabam caindo fatalmente.

Quando glorificam tão arrogantemente sua anatomia, ignoram verdadeiramente o que são pois conhecem apenas o que têm nas mãos. Vocês são como esses doutores de Nuremberg que vão pedir estas ou aquelas coisas aos farmacêuticos sem saber que as têm nos bolsos.

Como tais homens podem examinar todos os alemães da nossa condição!

Essas explorações de embusteiros ignorantes e impostores têm ao menos a vantagem de reuni-los todos, pois ao contrário não seria possível compreender como podem manter e sustentar seus malabarismos e enganos. Observem que eles não fazem isso apenas com uma só doença como a lepra, mas com todas, apoiados na amizade que sempre cultivaram com os grandes Hansen[7], com resultados bem diferentes daqueles que certamente colheriam em outras condições.

O excremento da bílis também produz e tem tártaro, que neste caso não se difunde *(nec exhudat)* nas partes externas, gerando em troca a matéria do cálculo, que é particularmente característica desta localização.

Do tártaro da bílis (*fel*) também provêm outras doenças do tipo paroxístico comum em todas as calculoses, como as desidratações e raquitismos (*comprehensiones*) contusões, vômitos, cólicas intestinais (*tormina*), e derramamento de bílis, cujo estancamento no momento da crise espasmódica provoca retorções e dores de tripas.

Os médicos costumam dizer sobre isto diversas besteiras. Pessoalmente digo que tudo o que não consiga chegar até ao cálculo e extraí-lo *(tractes)* será um mau trabalho. É preciso deixar bem claro que a causa das doenças do fel nasce e vem dos cálculos contidos nele e que não pode existir um tratamento mais lógico do que a extirpação do cálculo. Sem isso ninguém pode dizer que tenha socorrido os doentes.[8]

Em vez disso vocês se sentem orgulhosos quando os doentes, levados pela fé, aceitam suas vaporosas fantasias, o que não deixa de ser lógico e agradável, pois finalmente toda a assembleia acaba comungando as mesmas ideias daquele que a dirige [9].

Examinem se as doenças do fel vêm dos cálculos ou podem existir sem eles, sem se esquecerem que entre a bílis e o excremento existe sempre um grande antagonismo e que a bílis somente causa doença na presença do tártaro, venha separado ou sem separar-se.[10]

De qualquer modo, quase sempre quando acontece o paroxismo do fel o cálculo costuma ser expulso por diferentes vias, cujos detalhes exporemos mais adiante, provocando no entanto diversas espécies de icterícias *(arquatus morbus)* que poderão ser eliminadas com verdadeiras medicinas, a menos que coexistam com o tártaro. Uma vez expulso o cálculo a icterícia pode desaparecer, ainda sem ser expulsa ela mesma, mas como tivesse se dissolvido.[11] Definitivamente o cálculo é o único que se expulsa (*exturbetur*); fora isto, nem o excremento de ganso, chamado também de “Asalia”, nem qualquer outra coisa traz benefício.

Conheçam bem os paroxismos dos cálculos cuja força é capaz de

paralisar, encurvar, penetrar e apodrecer todo o corpo causando a icterícia, as retorções, a dificuldade de respirar, dores nas costas, os vômitos, a dor de estômago e as queimações.

Diante disto os médicos bufões não têm a menor vergonha de dizer que tal doença é uma cólera quando na realidade só o é para eles e para o seu público de bobos, mas não para os verdadeiros estudiosos.

Já sei que sua erudição grosseira não lhes enche as mãos e que se dão por satisfeitos em saber onde está e de onde sai o fel. Poderiam dizer quantas vezes encontraram no fel o princípio e o fim da matéria da pedra?

Vejamos agora o que acontece com o baço, cujos excrementos também contêm a matéria do cálculo. Dizem que o baço derrama e se descarrega pelos olhos, mas isto não está de acordo com o que demonstra a experiência, porque o excremento do baço está igualmente na pedra calculosa e no tártaro, eliminando-se através dos poros sob a forma de uma água sutil, muito clara, destilada em sua saída da bexiga da urina, como explicaremos mais adiante.

O certo é que em todos aqueles lugares onde encontramos a saída de um emunctório podemos obter a saúde. Assim, quando o ventrículo recebe algo defeituoso ou inconveniente expulsa-o pelo seu emunctório natural, que é o ceco (*monoculum*), ou então o retém causando doença. Acontece o mesmo com a urina. Se os emunctórios do baço fossem mesmo os olhos deveria existir medicinas que provocassem o choro para que com as lágrimas saíssem também as doenças, tais como a febre quarta, o calafrio *etc.* Mas o baço expulsa suas doenças pelas lágrimas do mesmo jeito que o fígado o faz pelo riso, o que significa que não existem emunctórios adequados tanto para o riso como para o choro.

Por isso é um grande erro que os médicos tenham esquecido as medicinas correspondentes a cada emunctório. Recordemos que o remédio para os intestinos é a coloquíntida e a esula;[12] para a boca do estômago (*stomachi*) o nipal[13] precipitado, para o fígado o *Pt Mz*[14] e para a bexiga da urina o rabanete silvestre e o linho; para o nariz o eléboro e as folhas do pessegueiro, e assim sucessivamente. Por isso dissemos que as lágrimas nunca foram o emunctório do baço e que a febre quartã jamais foi expulsa por elas, como esses doutores insistem em afirmar, sem fazer suas investigações como deviam, no ânus, no suor e em outras vias semelhantes. Deste modo continuamente estão cometendo erros tanto em anatomia e fisiologia como na verdadeira luz da natureza.

O baço digere e separa seus alimentos dos excrementos nos próprios poros de sua substância esponjosa. Quando nestas circunstâncias aparece o tártaro acrescido pelo espírito do sal, produz-se uma doença parecida com a

erisipela, mas não a febre quartã.

Recordem tudo o que foi dito até aqui e façam o possível para conhecer o tártaro com a maior exatidão.

Abandonem essas falsidades de que o baço se purifica pelos olhos e o fígado pelas orelhas. E façam isto decididamente mesmo que não acreditem em vocês, já que deste modo aumentarão sua eficiência. Ninguém poderá comprovar experimentalmente as afirmações deles, que se fazem acreditar somente pelas palavras: uma mentira que só a violência de sua hierarquia e a indigência mental daqueles que os escutam pode impor.

Quem ousaria contradizer a tão reputada assembleia de acadêmicos? Digo que nenhum deles merece mais que uma surra, assim como todos esses Bacharéis, Contadores de Vantagem *(ludimagistri)*, Procuradores, Poetas, Historiadores, Gregos, Árabes, Judeus, Caldeus, Frades e Monjas que protegem todos esses verdugos e carniceiros, prostitutas e amestradores de cães.[15]

Procurem por isso serem doutores honestos e que a ciência dos seus livros nunca possa ser ultrapassada pela desses aventureiros. Tomem cuidado com eles, porque esses médicos imorais, não tendo nada a perder, nunca terão nenhuma consideração e sempre encontrarão uma oportunidade para esmagá-los com suas discussões e palavreados. Eis aí o ponto fraco de vocês.

Notas

1. O conceito biológico e social expressado nestas palavras e nas que se seguem é de uma profundidade e exatidão que merece ser sublinhado. O núcleo sexual desenvolvido pela psicanálise moderna tem aqui um de seus primeiros e mais claros enunciados.
2. O que hoje chamaríamos de “libido".
3. Esta comprovação de Paracelso é verdadeiramente extraordinária.
4. *Cenoe Sanguinalis* (latim), ou *Blutardern* (alemão). Palavra com a qual Paracelso designa as veias propriamente ditas. As “veias que estão nos pulmões" são seguramente as ramas da artéria pulmonar, e as veias pulmonares que vão para o aurículo esquerdo do coração. Esta angiologia rudimentar é também a de todos os contemporâneos de Paracelso, especialmente Fernel, que considerava o fígado como centro do sistema venoso. Apesar de tudo, essas observações preparam o terreno para o descobrimento da circulação menor pelo espanhol Miguel Servet.
5. Isto seria hoje a endocardia e pericardia verruposas, a arteriosclerose, a calcinose de Aschoff, a lipoidose de Schnnbaucr, *etc.*
6. Aqui ele aponta a teoria do estreitamento das coronárias.
7. Paltenius traduz "*et Magnates*". Mas esta palavra não existe em Paracelso, que usa *Hansen*. A Hansa foi uma grande organização comercial da Idade Média, que alcançou grande projeção nas cidades marítimas do Norte da Alemanha (Kiel, Bremen, Hamburgo, Stettin etc.) sob o nome de Marca ou Liga Hanseática. Seus membros, poderosos e ricos levavam uma vida de luxo, equiparada à dos grandes príncipes eleitores. Por isso Paltenius deve ter escolhido aquela palavra em vez de respeitar o original.
8. Observem a concepção de terapêutica causal cirúrgica que existe neste parágrafo.
9. Dentro de uma ordem de ideias mais políticas-sociais, note-se a exatidão desta apreciação, irônica e depreciativa, segundo se deduz da linha de pensamento prévio.
10. Chauffard e Naunyn principalmente demonstraram recentemente estas noções de Paracelso. Trate-se de leocócitos, de bactérias mortas, de células de esfoliações epiteliais ou de desiquilibrio coloidal, o fato do “núcleo de cristalização” dos cálculos biliares é hoje perfeitamente demonstrado e admitido.
11. Sozinha, esta frase não é muito compreensível. A original diz: “*jetzt kompt sie, jetzt geht sie uider himweg*”. Paltenius a traduziu por: “*jam insilit, jam recedit*”, e Forberger assim: “*quid modo adsunt modo recedunt*”. Na nossa tradução fugimos um pouco do rigor do texto para conseguir uma continuidade melhor da ideia.
12. Eufórbio.
13. Este termo não existe em nenhum dos lexicógrafos de Paracelso. Forberger disse: “*Rupalen*". Deve tratar-se de algum vegetal, pó, ou infusão alcalinizante.
14. Esta abreviação nunca desenvolvida consta desse mesmo modo em todas as edições alemãs e latinas assim como na edição francesa. Struns, na edição de lena, passa por ela sem o mais breve comentário. O sentido mais provável é “*Planet Marz*”, ou nitrato de ferro, que corresponde, na medicina astrológica, não exatamente ao fígado, mas à vesicula biliar.
15. Nesta violenta critica Paracelso quer sublinhar a personalidade moral do “meu cliente", do esnobe, das pessoas inclinadas a tudo o que é sibilino e milagroso (padres, judeus etc.), assim como a todos os cirurgiões, parteiras, e médicos que este tipo de público procura e estima. É notável que toda esta enumeração tão heterogénea está redigida com letras maiúsculas no original, excetuando-se a categoria citada em último lugar, a dos "domadores de cães". Deixando isso de lado, os motivos aqui citados poderiam perfeitamente se referir à época atual.

CAPITULO V
(Sobre o tártaro do sangue, da carne, da medula e aquele que provoca a gota)

Existe uma outra espécie de tártaro fora dos órgãos principais e que encontramos no sangue, na medula e em outras partes habitualmente consideradas em conjunto de nossa* totalidade. Vamos deixar de lado as secreções dos olhos, chamadas de lágrimas, sobre cuja matéria, origem ou substância não sabemos outra coisa além do fato de serem produzidas pelo choro ou pelo riso, fenômenos de mecanismo desconhecidos até agora.

O sangue, a medula e a carne contêm tártaro em seus ventrículos correspondentes onde são realizadas suas próprias digestões na presença do espírito do sal. Concluímos que o tártaro existe nestes membros e é feito neles como em qualquer outro e também possuem seus excrementos correspondentes: o suor, que atravessando a pele representa o excremento do sangue; o próprio sangue (*cruor*), ao se destilar (*stillatur*) nas ramificações das veias (*ramuli*) toma-se o excremento da carne e o líquido da concavidade (*sinus*) das articulações, dos ligamentos e outras cavidades, representando o excesso do excremento da medula. E quando ele existe em pequena quantidade não transpira mais pelos poros, ficando absorvido e consumido pela secura dos ossos.

Falaremos desses três tártaros importantes e universais, deixando os outros para depois.

O sangue produz uma série de doenças cuja explicação obedece a razões completamente diferentes daquelas que até agora têm sido dadas. Por isso não é de se estranhar que os médicos tenham se enganado constantemente em seus tratamentos e em suas receitas. Observem antes de mais nada a espécie de tártaro para evitar esses erros que já causaram a morte de muitos doentes.

Existem duas classes de tártaros: a do ventrículo e a da saída do ventrículo. A saída (*exitus*) do sangue está fora das veias e se realiza através dos poros da pele, enquanto a saída da carne está em seu próprio estômago e no seu trajeto que vai da carne até a bexiga.[1] O mesmo acontece na medula e em sua saída, isto é, nos órgãos, cavidades, e veias. Todas essas coisas devem ser anotadas com o maior cuidado, assim como o paroxismo do tártaro, que é um fenômeno de importância excepcional. Nenhum médico merece este título se não tiver um conhecimento profundo sobre isto.

As localizações do tártaro ensinam ao médico o que é verdadeiramente incurável já que esta declaração é um risco para a sua autoridade e a sua arte. Por isso é conveniente que estudem muito bem a anatomia do paroxismo, assim como as doenças de natureza violenta (*proefacta*), para evitar tudo o que lhes possa causar vergonha *(in opprobium dat).*

Para a compreensão de tudo isso é preciso saber inicialmente que tanto o

sangue como a medula e a carne atraem e cozinham (*coquere*) seu próprio alimento, separando dele todos os corpos estranhos, sendo estas três coisas da maior importância e consideração, dependendo delas a maior parte do nosso corpo. A sua digestão é de tal acidez e a preparação dos seus alimentos tão sutil e completa que não existe nenhum caos que possa se lhe comparar em clareza e limpidez (*lucidum*).

A separação que realizam é de tal natureza que, enquanto os excrementos permanecem visíveis, ainda dentro de uma grande utilidade, os alimentos (*nutrimentum*) são totalmente invisíveis, não como o espírito que sai pela boca desprendendo um vapor (*halitus*) visível mas não tangível.

O sangue, a carne, a medula recebem os alimentos mais sutis, dos quais os mais grosseiros (*crassum*) são ainda classificados no estômago até se tornarem invisíveis e impalpáveis. Somente o suor permanece visível e tangível, sendo tão sutil no interior que podemos dizer que assemelha-se a um caos, cujo espírito — e não os alimentos — separa seus excrementos em forma visível.

Os alimentos da carne e da medula não são mais que espíritos desprovidos de toda visibilidade e tato, enquanto seus excrementos são visíveis e os mais sutis entre todos que existem no corpo.

O excremento do sangue, por exemplo, é tão ligeiro que seu tártaro se mistura (*rermisceat*) de tal modo ao ascender que parece com o álcool em destilação. Já sabemos que até o vinho mais puro e melhor destilado tem o tártaro.

Aqui acontece o mesmo, ao ponto de que por mais fina que seja a digestão, sempre o trabalho de separação será maior, resultando assim uma ausência total de detritos, sendo todos expelidos.

Esta é a razão da sutileza e multiformklade do tártaro, que tanto pode ser coagulado como dissolvido pelo espírito do sal *(ab ipso et per ipsum).*

O tártaro do sangue, da carne e da medula possui dois mecanismos ou vias: a coagulação e a dissolução. Mesmo sendo certo que outras digestões produzem frequentemente o tártaro em estado de resolução, este nunca é igual ao que determina uma causa uniforme.

A natureza de alguns tártaros — dos quais não vamos falar agora — realiza uma separação e uma digestão especialmente ácida, rápida e sutil, graças à combinação do seu atanor[2] ardente (*per Vulcanium suum Athanar)* com a preparação do arcano (*archeica preparatio)*, cujo resultado é a transformação em água do tártaro destinado à coagulação. Por um mecanismo igual o tártaro destinado à dissolução pode alcançar a coagulação. O do ferro pode também transformar-se em água e o da água tornar-se ferro; o do pó transtormar-se em

mucilagem e vice-versa etc... É preciso que saibam o seguinte: o tártaro nasce do elemento água, tanto a que vem dos alimentos sólidos, como a das bebidas. Em qualquer dessas formas pode acabar se coagulando ou transformando-se até a sua última matéria, conforme já explicamos, pois na verdade a água é a mãe e a matriz de todas estas gerações.

Nas veias os excrementos do tártaro aparecem no sangue sob o aspecto de grãos de areia ou de arroz, assim como fora delas, nos poros e orifícios da pele. Aqui predominam os estados de resolução e de dissolução, apesar do que e na medida em que ficam mais tempo com o espírito do sal, acabam em outras tantas coagulações, justamente no limite do seu fim e do seu tempo.

O sangue, por sua vez, tem um excremento próprio que é o muco. Quando esse excremento é espesso não consegue transpirar, ficando misturado com o tártaro. Aparece assim um excremento com as duas naturezas, do qual nascem todas as doenças especiais do sangue.

Saibam que enquanto este excremento está presente, permanece submetido à natureza que continuamente se esforça para apodrecer e expulsar o mal a fim de ficar livre dele o quanto antes.

Essa expulsão significa a doença e a mortificação da natureza. E através do seu conhecimento podemos distinguir o tártaro e o excremento. Estudem a operação dos excrementos. Mais adiante falaremos novamente nele.

Devem saber o seguinte sobre o tártaro da carne: a carne contém enxofre, sal e mercúrio coagulados em uma sustância leve, toda ela unida por um licor que é como o seu próprio estômago. Esse licor é inato na carne. E tanto um como a outra não conseguem nenhuma cura enquanto estejam separados. Sabemos assim que muitas doenças vêm justamente disto, particularmente aquelas que emagrecem ou secam (*tabefaciunt*). Tudo o que seca um órgão tem a sua origem no estômago desse órgão. Por isso, quando a carne seca, seu estômago também seca, não podendo mais digerir nem nutrir.

A carne gera o tártaro que seu alimento separa em seu próprio licor, ou melhor, em seu próprio estômago, a tal ponto que quando a carne e o alimento separam-se em seus respectivos excrementos, o tártaro se produz ali, exatamente como dissemos sobre os outros gêneros e localizações. Por isso é da maior importância que estejam informados sobre o maneira e os lugares onde o tártaro se deposita (*excubat*).

O suco ou estômago da carne se purga pelo seu suor interior que atravessa e penetra nas pequenas veias, poros e orifícios, indo parar na bexiga transformado em urina. O tártaro deve então ser conhecido de duas maneiras: a do alimento e a do suco da carne.[3] O que vem do alimento indica com ele sua via de origem gastrointestinal, enquanto que o produzido na carne encontra-se

definitivamente nas mais afastadas regiões do corpo.

Por isso as doenças que possuem sua união interior (*communio)* na carne são fatalmente encontradas na urina. Ao contrário, aquelas que não possuem o tártaro tornam-se invisíveis na urina do licor da carne. É preciso saber reconhecer tudo isso na anatomia da urina.

Todo o microcosmo está representado na urina e o seu bom conhecimento nunca ser£ devidamente estimado pelo médico, pois na verdade, aquele que não reconhece essa anatomia, que é como um verdadeiro espírito, pode afirmar que joga e zomba de todo mundo, favorecido pela sua charlatanice e seus sintomas enganadores.

As pedras são geradas nos rins e na bexiga da urina de muitas maneiras, se bem que todas elas originam-se do suor ou dos excrementos. Aprendam a conhecer todas estas coisas do tártaro, propriedades e tratamentos, onde se encontra mais da metade da medicina. Com referência às pedras, saibam que muitas vezes elas já se encontram em diversas regiões do corpo muito antes de chegarem aos rins ou na bexiga da urina. Assim são geradas muitas obstruções (*oppilationes*) assim como diversas doenças crônicas do dorso *(in lumbis),* cadeiras, ossos terminais (*coxendix*), articulações, costelas *etc.* Os cálculos que se formam nestes lugares coagulam-se com maior força e dureza, são de maior violência e crescem com tendência poliédrica e angulosa em vez de arredondada, assim como também se produzem em maior quantidade, causando mais paroxismos do que os formados na urina.

A medula óssea possui igualmente em seu licor o seu verdadeiro estômago. Este licor, que é para a carne uma água sutil e para o sangue um espírito, adquire na medula as características de uma verdadeira gordura. O estômago da medula tem, como todos os estômagos, uma digestão sutil na qual o tártaro não se coagula. A gordura não gera coagulações mas delgadezas; por isso a gordura combate[4] e sempre vence o tártaro, tornando-se na maior defesa contra esta substância.

O tártaro da medula, não obstante a sua falta de coagulação, chega a separar-se igualmente pela resolução, quando dá origem a outro licor especial que provoca crises, cólicas, e outros acidentes calculosos e obstrutivos, exatamente iguais aos do tártaro coagulado.

Quando esse licor tartárico gordo derrama-se, provoca a ciática e a artrite (artética). Sobre isto podemos afirmar que todas as artrites e ciáticas que não são tipicamente gotosas (*podagroe*), acontecem quando há derramamento do licor tartárico que se deposita (*decumbit*) nas articulações, na cadeira (*scia*), nos nervos e nas juntas, como um suco gorduroso que provoca paroxismos tão

grandes — segundo sua natureza e condição — como os da mesma pedra.

Por isso quem sabe cuidar do cálculo e extraí-lo, curará a doença com toda a segurança. E quem não possui tais artes ou conhecimentos não conseguirá nada.

Lembrem-se da quantidade de receitas ineficazes e de medicamentos desordenados propostos pelos escribas que pretenderam combater a artrite, a ciática, o lumbago, e outras afecções deste gênero. Esses escribas, cujos entendimentos sempre foram tão desordenados como seus estudos, nada fizeram e nada conheceram realmente.

Às vezes o licor aparece misturado *(permiscetur)* com muitas outras doenças, aderindo-se ao corpo além da natureza do tártaro, com tanta sutileza que frequentemente é quase impossível reconhecê-lo. Apesar de tudo digo que aquele que conheceu o paroxismo tartárico não poderá ignorar o licor, seja qual for o lugar onde a doença se esconda ou se insinue. Isto se torna mais fácil se recordarmos que as doenças têm um paroxismo duplo: um, segundo a natureza da doença e outro segundo a natureza do licor. Isto é o que acontece, por exemplo, na lepra, e a razão pela qual os antigos (que desconheciam tudo o que se refere ao tártaro) a julgavam incurável.

O tártaro da medula provoca um paroxismo imaterial e invisível, e outro visível, o que acontece igualmente em, todas as doenças gotosas e artríticas das mãos *(in chiragricos morbus)* e nos derrames de suas fluxões *(cum eluvionibus)*, onde o sal acrescenta sua ação corrosiva *(ex sequendo)* depositando seu pó nas junções e lavrando entalhes e buracos nos ossos. Por isso encontram-se nesses casos tantas úlceras de bordas e fundos carnosos e murchos, onde o estado gorduroso se deve justamente ao tártaro da medula. Nestes casos a sua natureza calcinante e corrosiva consome os ossos por dentro, causando dores terríveis que só podem ser aliviadas se conseguirmos tratar desse tártaro ignorado até hoje. Por isso, quando a medula está sadia os excrementos se consomem nos próprios ossos e não se espalham por outras regiões, para a carne, veias, junções e na água das articulações *(in aquam articulorum*). Quando, ao contrário, o tártaro transborda, aparecem diversas doenças cujos cursos, origens e tratamentos foram descritos e interpretados falsamente pelos antigos.

Na água das articulações *(aqua articulorum)* existe uma digestão parecida à qual são atribuídas outras tantas doenças especiais. A água das articulações é a parte melhor e mais sensível *(sensus acutissimi)* do corpo e a que menos sofre e padece. O excremento do seu tártaro é duplo: um deles se manifesta como um licor e o outro como uma gelatina. O licor é a forma primeira e a que se percebe durante mais tempo; logo que o espírito do sal se

impõe, pouco a pouco, acontece a forma coagulada que devemos observar mais detidamente, já que ao misturar-se com o licor do tártaro causa a aparição das diversas espécies de gota, tanto as das mãos como a dos joelhos *(gonagroe)* cujo tratamento ainda não foi encontrado.

Quem não conhece o tártaro tem afirmado que a gota é incurável, o que é perfeitamente lógico, pois não conhecendo a causa verdadeira nunca podem chegar a uma terapêutica eficaz.

O mal é que ainda existem médicos que continuam deixando de ensinar o que é justo e verdadeiro, ignorando estas coisas e mantendo na ignorância aqueles que os rodeiam apesar dos esforços de suas propagandas. Na realidade todos os seres afins sempre tiveram tendência para se reunir, a tal ponto que, se muitos anos antes de Adão tivesse existido um impostor, os de hoje não sossegariam enquanto não o encontrassem e o individualizassem. Por isso também os doentes em vez de ficarem calados e fazerem o que o médico manda, adoram falar e discutir sobre doenças que veem e observam em outros doentes o que na realidade é uma má doutrina pois não se concebe que discípulo ensine ao mestre.

Os doentes falam e choramingam sobre suas doenças, mas não sabem nada sobre elas. Quando um fala ao outro sobre isto, não pode fazer mais do que inventar e mentir, confundindo tudo e não fazendo a menor menção ao céu, às concordâncias, aos astros, nem à verdadeira matéria médica que existe em tudo isso. Igualmente ignoram qual é a primeira e a última substância e como é verdadeiramente o corpo do homem, apesar do que nunca duvidam de dispor e governar todas essas coisas desconhecidas.

Em verdade lhes digo que sua fé é tão grande como são pequenas as suas obras.

É preciso lhes dizer ainda que na gota se observam muitos paroxismos cuja natureza vem do cálculo e não da gota em si. Por isso os médicos que tratam desses paroxismos segundo a gota e não segundo o cálculo acabam por piorá-la e torná-la mais violenta. A medicina que dominar o tártaro também dominará a gota. E digo que se não sabem curar e tirar o tártaro, nunca aliviarão uma gota. Por esse motivo a gota tem permanecido tanto tempo em seus livros com o rótulo de incurável *(impersanata).*

Se em vez de terem se envergonhado, depois de uma partida sobre uma base falsa, continuaram em frente de qualquer maneira, cometeram uma impostura e se perderam entre princípios e causas fantásticas. E isto não impede de fato que passeiem entre suas mentiras como se passeassem num jardim de rosas.

Peço-lhes que voltem ao bom caminho e compreendam devidamente este

capítulo sobre a gota: apreendam bem as diferenças entre aquelas que vêm do tártaro e as que vêm do licor, e principalmente aquela que é provocada pela coagulação que se transforma na natureza da pedra *(in naturam lapidosa abeat).* Neste caso devem usar medicinas calcinadas.

Se querem alcançar uma verdadeira habilidade médica conheçam bem a transformação do licor. Caso contrário é melhor que abandonem a sua charla. Desgraçadamente acontece que o dinheiro ganho com mentiras torna-se mais saboroso do que o ganho com a verdade. Isto é o que se deduz dos ensinamentos das academias.

Notas

1. Este parágrafo, obscuro no original, corresponde ao seguinte texto alemão: "*Des blüts aussgang ist auss den Anderen durch die aut, das ist durcke die poros: des fleisch ist ein mag im fleisch, das ist in seinem Magen, dergleichen in seinem aussgang, das ist vom fleisch biss in die Platter*". Forberger interpretou o texto do seguinte modo, em latim: "*Exitus quidem sanguinis est ex venis per cutem, et poros; ventriculus vero eius est in ipso sanguinf: carnis, exitus est a carne ad vesicam usque*".
2. Atanor ou Athanar: palavra incompreensível, uma das muitas que a filosofia de Paracelso contém. Pode ser interpretada por espirito, alcool, sopro, *etc.*
3. Conceito de intoxicação exógena e endógena.
4. Grillot de Givry, não sabemos por que razão, empregou o termo repelir (*repousser*) quando na realidade a palavra original é "*weret*": combate, Esta palavra vem do alemão *Wërran* ou *Wërren*, que, por sua vez, vem do gótico *Vairsan*, de onde se formou a palavra "*guerre*" do francês e a palavra "*guerra*" do espanhol ou italiano e a palavra "*war*" da língua inglesa. Hoje contudo os alemães conservaram a palavra "*krieg*" para significar guerra, ao lado da palavra "*wer*" para significar combate. Esta palavra já se encontra no Capitulário 23 de Carlos, o Calvo, "*quas vulgus werras nominat*". Forberger imprimiu todo este parágrafo com maiúsculas.

CAPÍTULO VI
(Sobre os cálculos que não vêm do tártaro e são originados por causas exteriores)

Fora de tudo o que falamos até aqui, encontram-se também no homem muitas pedras cuja geração se produz fora do tártaro, de maneira semelhante àquelas do exterior do corpo. Essas gerações do mundo exterior com todas as suas particularidades acontecem no homem precisamente por causa da sua qualidade de microcosmo, segundo nos confirma a filosofia.

Quando uma geração deste tipo é produzida no homem, isto é, sem receber o cálculo do tártaro, sua digestão e separação se fazem muito melhor *(proba).* Assim o tártaro fica misturado aos excrementos, podendo afastar-se sem que o espírito do sal intervenha. Com isso lhes dizemos que existindo duas gerações também existirão duas essências: uma com o paroxismo, forma e espécie do tártaro, e outra de geração natural vinda do exterior. Quando esta última forma causa paroxismos é porque a sua excitação estimulou as redondezas onde se encontra o tártaro. Neste caso não devem ser atribuídos ao cálculo mas a estas reações de sua vizinhança.

Observa-se com frequência nas crianças este tipo de geração, tanto como consequência do nascimento como por outras causas especiais, que trataremos detalhadamente em outros capítulos. Isto é uma advertência para que saibam que as crianças aparecem cheias de cálculos *(calculosis),* que muitas vezes assumem nelas um caráter mais grave do que nos velhos, ainda que obedeçam em uns e

outros as mesmas causas.

Prestem muita atenção na dupla geração do curso natural fora do tártaro. Assim, todo o cálculo precisa de uma primeira matéria calculosa para ser gerado. É ela pode estar em nós da mesma forma que no macrocosmo, ou entra em nós vinda do exterior, em forma de bebida por exemplo, não como um alimento verdadeiro mas como a própria matéria do cálculo. Destas duas matérias vêm todos os cálculos que podem afligir o homem, os quais se produzem pela influência do astro destes elementos, que é o próprio espírito ígneo do sal, sob ação do qual solidificam-se. Esta solidificação também é chamada de congelação e coagulação.

Nada é mais importante e necessário do que conhecer e reconhecer em nós os quatro elementos com a matéria calculosa que lhes foi conferida e que não é outra coisa senão água mesmo. O fogo se encontra em seu próprio elemento no espírito do sal, e acha deste modo a sua congelação especial. Sobre isto acrescentaremos que existindo quatro fogos e quatro astros, haverá logicamente quatro espíritos do sal.

Assim, quando uma geração desta espécie está preparada *(adornatur)* e se manifesta *(emergit)* coagulada diante da presença do seu astro, podemos comprovar que isto foi produzido exatamente igual como no céu, de onde sem pedra nem raio que o justifique, precipita-se às vezes uma espécie de pedra, que tem uma geração diferente das pedras dos rios, das montanhas, ou das torrentes, se parecendo mais com os granizos que caem com o trovão durante uma tempestade.

Vamos tratar agora desta geração que se comporta em nosso microcosmo da mesma maneira que no céu.

Para uma melhor compreensão destas gerações do mundo exterior, devem saber que estas pedras provêm dos elementos que existem nas águas que têm pedras em suspensão *(lapidosas)*, e que não aparecem como pedras mas como uma espécie dc sereno que sobe e passa de um a outro elemento. O segundo destes elementos é justamente a última matéria do primeiro. Um mecanismo igual, como já vimos, ao que dá forma às primeiras matérias das pedras do granizo celeste.

Isto quer dizer que todas estas coisas estranhas do exterior são geradas na quietude *(quietus)* do mundo e permanecem invisíveis, de acordo com a filosofia, até alcançar a sua última matéria, momento e estado no qual voltam a se tornarem visíveis.

Do mesmo modo quando o vapor celeste[1] gerado pelo sal domina o céu, suas gerações encontram *(ocurrunt)* o estado dessa matéria da pedra. Somente o

tempo e a presença do espírito do sal podem conseguir esta coagulação em cuja circunstância e ocasião se produzem outras coisas, conforme podemos ver no livro dos meteoros.

A coincidência destes três elementos: tempo, vapor, e espírito do sal causa a formação das pedras do céu ou cálculos de granizo, que frequentemente caem na terra com grande violência.

No corpo humano encontramos estes mesmos astros e elementos e isto nada tem de estranho já que o homem, todos os homens, são um céu. Ou melhor, todos vêm de um só limbo, diferente em cada caso, o que explica que aconteçam coisas diferentes a cada um, pois ainda que o homem apareça dividido em diversas partes, seu conjunto forma só um céu.

Por esse motivo às vezes aparece no homem em uma hora, ou mesmo num minuto, repentinamente *(repente)* uma pedra desta natureza, conforme explicamos nos parágrafos anteriores.

Se não continuamos investigando essas questões interessantes é porque não convém ser filósofo ou astrônomo antes de ter completado bem os estudos médicos.

Graças às minhas diversas maneiras de apresentar essas coisas, vocês precisarão apenas de uma rápida instrução.

Saibam que os raios não são mais que sal em sua primeira matéria e que nascem constantemente dele. O fato se produz ainda pela virtude que tem o espírito do sal de se congelar e coagular espontaneamente, mas não de unir-se ao enxofre, o que provoca a expulsão *(elidatur)* e projeção violenta do espírito do sal sob forma de pedra, enquanto que o enxofre se transforma em fogo *(conflagrat)* no ar entre o céu e a terra.

No homem todas as primeiras matérias se encontram em estado de espírito ou de astro em movimento, motivo pelo qual se o seu curso torna-se igual ao do tempo, o homem que o possua não escapará da pedra que está nele e que crescerá nele.

As pedras produzidas assim são muito parecidas com as originadas pelo raio *(lapis fulminalis),* de cor escura e natureza semelhante, ainda que às vezes muito mais duras.

Por isso, quando quiserem conhecer exatamente a sua teoria, precisarão estudar com todo o cuidado a geração do raio. Só assim conhecerão a matéria de suas pedras.

Não é preciso nos estendermos mais neste assunto, já que a filosofia procurará o médico para o melhor conhecimento de suas causas. Adiante abordaremos tudo o que se refere ao tratamento.

Convém averiguar o lugar e a região onde estas gerações se produzem e onde se esconde a pedra. No homem a pedra pode ser produzida em qualquer parte do corpo, já que ele é um Olimpo e a pedra um produto natural do mesmo, onde tudo se reúne e se encontra *(jugenda).* Como consequência disto os corpos mais leves produzem matérias mais duras *(compactio)* que se reúnem para a sua geração posterior no caos côncavo do corpo, desde a cabeça (*vertex*) até a planta dos pés. Deste modo a geração se transfere para o subsolo *(imus fundus)* do céu, da natureza das estrelas e no homem para a cavidade do diafragma. Na realidade, o verdadeiro subsolo é a terra, como no homem o são os rins, a bexiga, e sua região circunvizinha. Por isso, quando o raio cai sobre a terra, cai ao mesmo tempo sobre a bexiga e os rins, porque a anatomia da água e da terra está precisamente ali, isto é, na superfície plana *(planities)* e inferior do globo e da esfera.

Disto pode-se deduzir que esta região, ou superfície plana inferior é o lugar correspondente para sustentar esta geração, conforme vá caindo e se formando, porque nunca cairá em estado sólido, mas em estado líquido.

Quando a congelação acontece esta se produz sempre com grande rapidez antes de encontrar a superfície plana, assim como o raio, cujo estado primitivo é o licor da pedra.

A congelação se produz sempre em lugares estranhos, em estrumeiras e nunca em regiões limpas. Lembrem-se disto para não estranharem o fato de as gerações deste gênero sempre se produzirem em lugares diferentes daqueles onde geralmente as encontramos, manifestando-se absolutamente distintas em uns e outros.

Como explicaremos melhor em nossa meteorologia, o processo é o mesmo que observamos no ferro: líquido no fogo e sólido ao derramar-se dele. É que o espírito ígneo do sal, que ao liquefazer as coisas, acaba endurecendo-as como em uma fundição.

Quando o sol gera as pedras o faz justamente porque possui água ou então outro licor de natureza lapidar *(naturae lapidosae)* que é a verdadeira pedra. Neste estado a pedra está como dissolvida ou transformada em sua congelação pela água, parecendo-nos evaporada, de maneira semelhante a essas pedras que não podem resistir à água.

Quando a ação do sol seca a água dessas pedras dissolvidas, vemos a pedra aparecer novamente em sua própria matéria.[2] Por isso vemos as areias e outras pedras semelhantes crescerem e aumentarem a cada dia, de acordo com o que nos ensina a ciência meteórica.

Por isso, se admitimos que uma coisa seca desta natureza existe

anteriormente no homem, seja *bolus*, *lapis*, *viscus* ou *arena*, dissolvida na água e bebida logo sem precaução ou discernimento, não devemos estranhar que aconteça nela o mesmo que sobre a terra. E que se a natureza a prende em vez de expulsá-la, a coisa acabará secando sob a ação do espírito interior da dissecação, da mesma forma que o sol e o ar fazem com a água, que terá como resultado, novamente a formação da pedra.

Isto está perfeitamente reconhecido para muitas pedras, cujo estado é semelhante ao daquelas que se encontram na terra.

Além disso é preciso que também saibam o seguinte: frequentemente os homens de constituição fria ou invernal *(brumalis)* chegam a possuir tal violência que congelam os licores como se fossem de gelo, liquefazendo-os em seguida. Pois se existem igualmente no homem o verão e o inverno, é lógico que encontremos também na esfera celeste superior como na inferior, assim como tudo o que forma seus respectivos corpos.

Daí vêm a congelação e as umidades que surgem de algumas partes do corpo, chamadas vapores, existentes no sangue, que é o verdadeiro centro da umidade do corpo.

Esses vapores são água verdadeira que permanece congelada sobre a terra e que podem ser qualificadas de humores, mas não no sentido que os antigos lhes davam.

A descongelação destes estados produz uma série de doenças, abcessos, pústulas *(papulae)* e outras semelhantes que os autores de outros tempos nunca chegaram a conhecer exatamente.

Quem não admitir no homem esta tríplice natureza: astral, temporal, e essencial é um falso médico.

Por outro lado, a natureza e o lugar destas pedras não é uma coisa privada ou particular, pois se acham em todos os lugares onde podemos encontrá-las, sejam nos emunctórios do ventrículo, da bexiga, dos rins *etc.* .. ou nas passagens por onde circulam.

Os diversos medicamentos que dissolvem, liquefazem ou rompem as pedras desta espécie, transformando-as em terra ou em farinha, devolvem-nas simplesmente ao estado que tinham anteriormente. Por isso, quando uma congelação deriva de outra congelação anterior nunca será tão forte que possa resistir a uma medicina dotada verdadeiramente do poder de dissolução. Também pelo mesmo motivo as outras pedras não possuem a aptidão conveniente para serem empregadas como medicina, fazendo com que um grande número de médicos se engane quando insistem e se esforçam para extirpá-las com suas receitas de olhos de caranguejo[3], de pedra judaica[4] e de

Milio Solis[5], E por sorte pusemos em evidência a loucura deles.

Notas

1. Forberger emprega a palavra "*halitus*", quer dizer, respiração, o que também pode significar alento úmido ou vapor, que sem dúvida alguma é o sentido mais profundo. De fato vai ao encontro mais direto da linha de pensamento de Paracelso. Por isso parece-nos mais certa a tradução de Forberger quando assim continua: “então acontece a formação do raio” quer dizer, das chuvas de verão por causa da saturação de calor e de umidade, com as consequentes descargas de eletricidade atmosférica.
2. Observa-se, neste trecho que Paracelso já havia notado e se interessado pelos fenômenos da cristalização.
3. Ainda que Paracelso faça aqui a contraindicação do medicamento, em outras doenças ele se utiliza dessa estranha medicina. No manuscrito da Biblioteca de Viena (ms 111-44) existe uma receita autografada que a inclui. Empregou-a também nas doenças do tártaro e em sua grande cirurgia.
4. Segundo Castelli, era uma pedra de cor branca que se encontrava na Palestina, em forma de bolota, ou almofariz, que servia para dissolver os cálculos. Paracelso utilizou este remédio nas doenças do tártaro, assim como o azeite que dela se tira. Plínio chamou-as de “tecolitos" e durante muito tempo acreditou-se serem bolotas petrificadas. Depois foi constatado que eram provenientes dos equinodermos fósseis, principalmente "encrinias” e ouriços do mar.
5. Os lexicógrafos de Paracelso não citam este termo. Trata-se, sem dúvida, das pedras do Sol ou fragmentos de aerolitos, como a pedra santa de Meca, à qual os árabes atribuíam grandes virtudes medicinais.

OPUS PARAMIRUM

LIVRO IV
(Liber Matricis sive Matricé)

TRATADO OAS DOENÇAS DA MATRIZ
(Causas e origens de todas as doenças das mulheres, inclusive as que são comuns com os homens e as que lhes são particulares)

1ª NOTA PRÉVIA

A primeira edição do “Tratado da Matriz” foi feita por Byrckmann em Colônia, em 1566, impressa em 4ª com o título *Das Buch Meteorum des Edlen und Hchgelerten Aureolus Theophrasti...Item liber quartus Paramiri de Matrice*, não tendo figurado nas seis primeiras edições do Paramirum.

Parece certo que Paracelso teve a intenção de fazer um tratado sobre a natureza do homem como sequência do “Tratado da Matriz”. Uma boa prova disto parece ser suas primeiras palavras: *"nun uber das alies so ich gesagt hab von dem auligen der Menschen...*”

O “Livro da Matriz” foi o primeiro de todos os paramíricos traduzido para o latim. Essa versão principal foi feita por Gerardo Dorn em 1569 nas imprensas de Pern, em Basiléia, sob o formato de 8º e em um só volume

intitulado: *Aur. Phil; Theo. Paracelsi Philosophorum atque medicorum Principis, de meteoris liber unus. De matrice liber alius etc. Omnia ex versione Gerardi Dorni.*

Depois o "Livro da Matriz" desaparece nas edições de 1570, 1574, e 1575, aparecendo novamente na edição latina de 1575 feita por Pern em Basiléia, já unido pela primeira vez aos outros quatro tratados do Paramirum, sendo curioso que, assim como os quatro tratados figuram como traduzidos por Forberger, o da Matriz conserva a anotação: "*Gerardo Dornio interprete*", o que confirma a suposição de que o texto prova inequivocamente de que se trata de uma reimpressão da edição de 1569.

Em seguida há uma nova edição alemã, de Huser (1589). Logo depois vem a grande tradução latina da *Opera Omnia* de Paracelso, feita em 1603 por Paltenius e Dorn, na qual a colaboração deste último aparece contestada e discutida por Bistikius, e modernamente, com grande quantidade de dados, por Karl Sudhoff e por Grillot de Givry.

O "Livro da Matriz" aparece novamente em alemão nas edições de Huser (Strasburgo, 1616), na latina de Bistikius (Genebra, 1658), na alemã, bem revisada e atualizada gramaticalmente, dc Strunz (Viena, 1903) e na francesa de Grillot de Givry (Paris, 1912).

Diremos ainda que no manuscrito da Biblioteca de Viena (N.° 11.115, Med. 31) o "Livro da Matriz" aparece entre as páginas 248 e 284.

2ª NOTA PRÉVIA

No começo deste interessante livro, tão pessoalmente observado por Paracelso, achamos conveniente citar as singulares opiniões dos antigos à propósito da matriz.

Segundo Areteo de Capadócia *(De Causis et signis acutorurn morborum, Lib. II,* Cap. XI) a matriz era uma víscera feminina dotada da natureza de um animal; era um "animal dentro de outro animal".

Tal natureza era instável e errante. Deleitava-se com os cheiros suaves e fugia dos nauseabundos. Quando esse animal tendia a descer faziam-no subir novamente dando à mulher perfumes agradáveis que atraíam a matriz, ou fumegavam as partes inferiores com maus cheiros que o obrigavam a voltar para cima.

Essas e outras fantasias semelhantes tiveram livre curso durante a Idade Média. Justamente por isso as observações de Paracelso tornam-se ainda mais notáveis, baseadas na teoria do macrocosmo e do microcosmo, que os rabinos

kabalistas propagavam na época de Teuchlin.[1]

CAPÍTULO I
(Razão da matriz como um mundo mínimo e invisível)

Apesar de tudo quanto dissemos até aqui sobre as doenças que afligem os homens, a verdade é que ainda falta muito para ser estudado. Se observarmos atentamente os fundamentos da medicina veremos que ainda existe no homem duas novas filosofias e astronomias teóricas. Estas são referentes à matriz e exclusivamente às mulheres.

E já que o motivo deste livro será a descrição perfeita da matriz e de suas doenças, da mesma forma como temos feito até agora com as doenças do homem, começarei declarando que a princípio falarei sobre coisas invisíveis. Quem já viu o que vou expor agora sobre a anatomia da matriz?

Digo que apesar de nada disto ser visível deve ser julgado visivelmente, pois a matriz é como o ar que não vemos mas que sentimos perfeitamente.

Os olhos não só devem ver mas também sentir, e as coisas devem ser intuídas segundo a natureza da anatomia, quer dizer, deduzidos do verdadeiro e natural fundamento, vindas umas das outras segundo suas próprias bases e não guiadas somente por nossa opinião ou juízo. Assim conseguiremos ver e perceber tanto o visível como o invisível. .

Este fundamento e ensinamento envolve tanto o que vemos como o que sentimos. Esta é a diferença que caracteriza a matriz. E ela forma por si só um pequeno mundo *(mundus minimus)*, sendo sobre a sua existência o assunto deste capítulo.

Notas

1. O “Tratado da Matriz" é o único que aparece sem divisões ao longo de quase cem páginas do texto original. Isso contrasta com a brevidade de outros capítulos da obra, de modo especial no livro dos prólogos. Por isso com a finalidade de dar maior flexibilidade e facilitar o manuseio, dividimos esse tratado em vinte capítulos, sem contudo abreviá-lo ou modificá-lo, para comodidade e facilidade das referências, intitulando-os segundo o tema de cada um como vimos fazendo em todos os outros tratados da obra.

CAPÍTULO II
(Essência e origem da matriz no cosmos)

Observem antes de mais nada que o céu encerra *{complecti)* e engloba as duas esferas (superior e inferior) de tal maneira que nenhum mortal ou coisa perecível consegue se dissolver nele, nem penetrar nesse reino exterior que existe além do céu que nós percebemos. Pois nenhuma coisa mortal ou imortal pode ter relação nem permanecer num mesmo lugar.

Assim c macrocosmo aparece fechado exteriormente de tal maneira que nada pode sair dele porque tudo fica unido e encerrado nele.

O microcosmo, quer dizer, o homem, aparece também encerrado e rodeado pela pele: ali dentro o sangue, a carne, e todos seus elementos permanecem fora do contato com o mundo exterior, evitando assim que este o machuque, transforme ou misture. A pele que recobre o homem cumpre a missão de separar os dois mundos: o grande e o pequeno, isto é, o universo e o homem.

Assim o mundo tem a sua integridade assegurada em seu próprio domicílio onde nada pode perturbá-lo ou maltratá-lo. O homem permanece dentro do seu domicílio, quer dizer, dentro de sua pele, de maneira semelhante, mantendo ali a sua personalidade sem que nada possa entrar ou sair.

Além do macro e do microcosmo ainda existe um terceiro mundo muito menor, que é justamente a matriz. Com seus vasos e sua pele própria pode subsistir por si mesma, ainda que separada de um certo modo do pequeno mundo do homem.

O mundo da mulher é na verdade diferente, menor *(mundus minimus)* e mais imperfeito que o do homem. Possui sua anatomia, teoria, causas, razões e tratamentos particulares. Ainda que seja exatamente igual ao mundo masculino em muitas doenças, tem sem dúvida diferenças fundamentais que o médico deve saber considerar e discernir com todo o cuidado, pois, repetimos, trata-se de um mundo verdadeiramente diferente.

A matriz é um verdadeiro mundo fechado *(conclusus)* sem relação com os demais. O Grande Mundo (macrocosmo) é e sempre foi a primeira criatura. O homem constitui o segundo mundo. E a mulher o terceiro, o menor e mais íntimo

de todos.

De acordo com isto, cada um destes três mundos possui sua ciência, sua filosofia e sua arte própria. E cada um pode também apresentar suas parasitas[1] particulares. Apesar do que foi dito, estas três criaturas se unem na anatomia, na filosofia e na teoria.

As gerações (aparecimento) dessas parasitas são semelhantes, enquanto que as do mundo, as do homem e as da mulher são diferentes. De onde se deduz que se a forma é o que dá ser ao mundo, o corpo deve fazer o mesmo para dar o ser a outro mundo novo. Esta tríplice monarquia da medicina: a do mundo, a do homem e a da mulher, explica que existe e devem existir naturalmente três classes de médicos; uma para semear o mundo e protegê-lo dos perigos da neve, do orvalho e da geada; outra para preservar o homem de suas doenças e uma outra para atender e cuidar da mulher. A arte faz com que estas três monarquias se reúnam e encerrem finalmente uma só.

Começará logicamente no mundo o ensinamento desta arte, já que ele contém os quatro elementos, da mesma forma que em sua matriz. O verdadeiro centro desta arte é o homem que guarda em si as concordâncias de todos eles *(elementos).* A mulher forma a terceira e última ciência. Com tudo isto o médico conhece perfeitamente todas as suas razões teóricas. Senão, o que seria o médico fora disto?

Notas

1. A palavra alemã é “*würme*” e a latina “*vermes*” (vermes). À vista disso o tradutor francês propõe a tradução, ainda que com ressalvas, pela palavra “úlceras". Não é contudo lógico. A fim de dar-lhe um sentido mais geral, dentro do que nos parece ser a linha de pensamento de Paracelso, preferimos o termo “parasitas”.

CAPÍTULO III
(Sobre as anatomias da matriz)

A mulher é, ela mesma, um mundo particular cuja realidade não se deve perder de vista em nenhum momento.

Enquanto o homem, ainda que a terra seja a sua própria carne, a sua razão, sua causa e sua física são bem distintas, o que se observa também na mulher.

O sangue, por exemplo, segundo sabemos, é o elemento da água. Nós podemos encontrá-lo em outras formas e corpos, mas sempre e somente nesta única relação.

Além disso, o mercúrio, o enxofre e o sal compõem a essência do homem e de todos os mundos, colocados *(positus)* constantemente sobre estes três elementos que estão igualmente contidos na carne, no sangue, na terra e no mar.

Os três elementos — enxofre, mercúrio, e sal — são outras tantas matrizes diferentes e separadas entre si, e é importante que saibam distingui-los. A mulher é outra coisa; certamente contém os três elementos, e a natureza do seu mundo, distinto do mundo do universo e do mundo do homem, faz com que a função de sua física e da sua teoria sejam bem diferentes de todas as outras mesmo que ela seja vítima de muitas doenças iguais às dos homens.

Por isso, ainda que a mulher possa sofrer de hidropisia, icterícia, paralisia e a cólica do mesmo jeito que o homem, suas manifestações terão sempre uma particularidade correspondente à sua monarquia diferente.

A mulher difere do homem na mesma medida em que provém dele *(ex eo est)*, quer dizer, enquanto vai afastando-se do seu peso *(de pondere ejus decedit)*, sendo diferente dele, de sua anatomia, de sua filosofia, de sua teoria e de sua física, justamente pelo fato de vir do homem *(ex viro ipsa est)*, constituindo o último e mínimo mundo.

Assim como a matriz lhes ensinará a reconhecer e a encontrar a mulher diferente do homem, também deve fazê-los distinguir as doenças de um e de outro, sabendo que as coisas têm diferentes possibilidades no homem e na mulher.

A realidade do corpo da mulher põe diante de nós o fato de que a filosofia e a medicina que adotemos para elas devem ser completamente distintas das do homem ou das do Grande Mundo. As doenças da mulher não concordam com as do homem e não devem ser designadas pela simples semelhança dos seus sintomas.

O médico deverá considerar o homem e a mulher com modos diferentes, ainda que a doença e a morte sejam iguais para os dois.

A morte e a miséria não são mais que uma, da mesma forma que a fome e a sede. Sem dúvida, quando o homem tem fome ou sede, é o mundo médio que as tem, e quando a mulher as sente a exigência vem do último mundo *(postremus).* O pequeno mundo, o mundo médio e o mundo último ou mínimo estão tão separados entre si como a mãe de seu filho.

É preciso então desprezar para sempre os erros dos antigos autores que se equivocaram totalmente ao identificar a patologia dos homens com a das mulheres.

Dizer por isso que só existe uma apoplexia, uma epilepsia ou uma paralisia é absolutamente falso.

A medicina consiste no conhecimento das causas e na ciência do tratamento. Quando a menstruação e outras coisas do gênero aparecem entre as doenças, esses males adotam uma fisionomia completamente diferente que no homem, o que é coisa sabida até pelo último aldeão que se reconhece diferente de qualquer mulher.

O médico consciente é da mesma opinião. Ao contrário, só insiste em permanecer no erro aquele que é um sedutor da medicina e dos doentes.

CAPÍTULO IV
(Razão pela qual as medicinas do homem e da mulher são diferentes)

Existem duas medicinas na Terra: a dos homens e a das mulheres, com seus remédios e peculiaridades próprias.

O bom médico deve dizer assim: “A apoplexia do homem tem esta ou aquela causa, foi criada e dada desta maneira mas somente ao homem. A apoplexia da mulher vem de sua própria raiz, isto é, da matriz, colocada por isso desta ou daquela maneira”.

Este é o bom fundamento da medicina e aquele que não faça estas diferenciações nunca terá a arte para combater a mais simples hidropisia.

As medicinas para os homens e para as mulheres só têm uma coisa em comum: tanto uns como outras tomam os remédios pela boca, sendo que até os

efeitos variam constantemente em cada caso.

Por que todo mundo pensa que tal erva é masculina ou feminina? Sem dúvida porque umas e outras doenças são perfeitamente distintas, e se todas elas fossem uma coisa só, como seria permitido dividir a natureza em função da medicina?

O certo é que a natureza e as doenças foram divididas porque existem dois mundos diferentes: o do homem e o da mulher, divididos em suas doenças e por conseguinte em seus medicamentos. Tudo isso nos demonstra o engano, a falsidade, e a má fé na qual a medicina foi mantida até hoje. Somente os ignorantes e os impostores podem negar que as receitas devem ser elaboradas separadamente para os homens e para as mulheres segundo suas anatomias respectivas.

Contudo ainda ampliaremos estes conceitos, e quem sabe alguns deles consigam comover os ouvidos dos nossos inimigos.

Digo que a mulher está muito mais perto do mundo que o homem. Isto se deve à própria natureza da anatomia masculina e se explica assim: sabemos pela filosofia que o mundo subsiste nos quatro elementos, dos quais o homem toma diariamente o seu sustento. O ar, o céu, a terra e a água são em verdade os alimentos do homem, satisfazendo com eles as suas necessidades. Concluímos que tudo isto deve existir na matriz, porque a semente do homem está no homem mesmo, e ela exigirá alimentos idênticos.

Os alimentos da semente humana não estão no mundo exterior (macrocosmo) nem no mundo médio (microcosmo) do homem desenvolvido, mas precisamente no último mundo *(postremo)*, ou seja, na matriz feminina que o homem não tem.

O homem não se diminui, não se divide, desagrega-se e nem cresce no Grande Mundo, mas no mundo mínimo (na matriz), que deve prover de alimentos o gérmen humano até que, completamente desenvolvido, saia para o Grande Mundo. Compreende-se assim que a mulher tenha que ser diferente do homem na totalidade do seu corpo, já que tem que ter nele um céu, uma terra, uma água e um ar que sirvam de alimento ao homem desde sua concepção até completar a fase inicial de sua evolução e até mesmo um pouco depois, porque a criancinha recebe o seu alimento da mulher e não do homem.

Depois de formar o homem e a mulher, deixando para esta a missão de guardar a semente humana, conforme a sua anatomia, filosofia e a sua física nos mostram, Deus quis com isto mostrar ao homem a grandeza de sua origem. Com estas explicações, ficam mostradas as diferenças que existem entre o homem e a mulher.

CAPÍTULO V
(Diferenças das raízes do homem e da mulher)

A raiz do homem está nele mesmo. A raiz da mulher tem a incumbência de alimentar o gérmen humano.

A separação entre o homem e a mulher é semelhante à que existe entre uma pereira e a terra.

O homem é a semente, tanto de outros homens como de outras mulheres, e a semente está nele, no espírito do sêmen. Sem dúvida sua separação e nascimento correspondem à mulher.

Na comparação que fizemos antes vimos que à árvore basta estar plantada na terra para desenvolver-se; se isto não acontece a árvore seca *(arescit).*

Em princípio todas as sementes têm a propriedade de crescer por si mesmas, apesar de necessitarem da terra para se transformarem em árvores.

E com igual força, potência e semelhança a mulher gera em sua matriz um novo ser, seja menino ou menina; se a mulhei é comparável a um campo, deve se comportar como qualquer campo do mundo, isto é, possuir os quatro elementos.

Assim como o campo e a semente da árvore, a matriz tem uma terra em seu receptáculo especial *(receptaculum peculiare).* E assim como a terra não pode produzir nada sem os outros três elementos, a mulher os possui em seu sangue (que é a água), no ar do caos[1] e no fogo dos astros. Assim como os frutos da terra precisam do Sol, da Lua, das estrelas e do ar para crescer, nada pode desenvolver-se na matriz sem a colaboração de tais elementos.

Se tais elementos podem e devem existir, é preciso saber apenas que eles são diferentes dos que o homem possui e que essa diferença, o seu motivo e o seu fim, estão a serviço da nutrição.

Esta é a razão da dualidade do homem e da mulher: eles possuem outro mundo e outra monarquia e sobre isso devem se instruir o melhor possível. Pois assim como a terra e a árvore, ainda que misturados conservam cada um a sua natureza e espécie segundo as substâncias de seus corpos, o homem também fica separado da mulher, cada um dentro de seus limites respectivos.

Depois de tudo isso percebemos facilmente como é grande o erro no julgamento das doenças das mulheres e dos homens, já que as causas e os tratamentos não devem ser definidos e determinados pelas semelhanças dos sinais, mas justamente por suas diferenças, que devem ser analisadas em cada caso com o máximo cuidado.

Isto poderia ter sido definido corretamente pelos autores antigos se tivessem considerado que a mulher é passível das mesmas doenças que o homem, pois ela mesma vem do homem. Mas além disso está submetida à outras especiais que o homem nunca poderá sofrer.

O fato de ter colocado os homens e as mulheres dentro de um mesmo capítulo e uma mesma terapêutica com todas as suas doenças foi o que indubitavelmente lhes enganou. Prescindiram assim da consideração filosófica. Mesmo que a mulher provenha do homem o fato é que ela não permaneceu nele, motivo pelo qual suas doenças não são viris, mas femininas.

Finalmcnte convém observar que a Providência divina dividiu a anatomia de todas as coisas que nascem em macho e fêmea. E isso não foi em vão *(nonfrustra),* mas a fim de que o médico veja a natureza como em um espelho e saiba atuar em cada caso.

Os maus médicos desprezaram e abandonaram a luz da natureza, e, deixando-se levar por suas fantasias, viciaram a medicina de tal modo que finalmente ficaram na situação daqueles que quiseram ver através de um muro o que estava acontecendo atrás dele; ò que naturalmente é impossível.

Assim, este livro foi escrito da mesma maneira que todas as verdadeiras artes. Quer dizer; evitando as especulações da fantasia e sendo guiado pela experiência dos nossos próprios olhos e pela luz da natureza.

Somente quem vê uma coisa diretamente pode afirmar que dela teve experiência.

Por isso somente testemunharemos sobre aquilo que as coisas nos ensinaram e que vimos com os nossos olhos. E isto é muito importante para a medicina porque vemos nela duas anatomias distintas, igual a todas as coisas e seres que nascem no universo.

Nesta base, não tendo um só caminho para os dois, estabeleceremos uma monarquia para a mulher e outra para o homem, acrescentando que necessitaremos conhecer além disso todos os acidentes *(casus)* particulares que as mulheres possam experimentar, assim como a afinidade feminina que caracteriza as doenças que, ainda que próprias do homem, são também sofridas pelas mulheres.

Esta correlação dá origem a uma outra física que a multidão dos médicos enganadores não souberam nem de longe farejar *(olfecit).* Não preciso dizer o quanto é bárbara e indigna essa atitude.

Notas

1. Esta expressão foi empregada frequentemenle pelos alquimistas e espagiritas. A matriz; feminina deveria ter, assim como a matriz cósmica, o seu próprio caos. Este “caos” expresso pelas palavras misteriosas “*Tohout vah Bohou*” é a matéria-primeira do universo, com a qual Paracelso quer significar "ar”. Os alquimistas deram o nome de “*caos espagírico*” à imagem do ventre onde estavam encerrados os quatro elementos para a formação da “Grande Obra”.
O tema do caos foi tratado, além disso, repetidas vezes por Hesíodo (*Teogonia, v. 115*), Píndaro e Ovídio (*Metamorfosis, fab. I*), Hyginus (*Fab. I*), Egídio de Vadis (*Dialugus inter naturam et fillum Philosophiae, cap. IV*), Pantheus (*Ars et Theoria trasmutationis metallicoe et Voarchadumia*).
O próprio Grillot de Givry, tradutor de Paracelso, ocupou-se deste tema no capítulo primeiro (pág. 47 e seguintes) de sua obra: *Les Villes Iniciatiques*.

CAPÍTULO VI
(Sobre a origem das doenças da mulher)

Tirem pois os médicos de seus olhos todas as vendas, abandonem essa seita miserável, e não repitam a infâmia de considerar igualmente homens e mulheres para nenhuma doença determinada. Convém por isso estudar com esmero as enfermidades femininas de acordo com a sua física própria e sua distinta anatomia.

Não pensem assim que o cérebro, o coração e o fígado delas são como os do homem, pois o cérebro da mulher é um cérebro feminino, assim como o seu coração e todos os outros órgãos.

Se exteriormente, como é notório, existem as diferenças que todos podem ver entre os homens e as mulheres, quais não serão as diferenças entre aquelas coisas mais íntimas, mais unidas ainda pela física e por isso mesmo mais separadas?

A diferença da mulher se refere (*incumbit*) sempre à sua própria raiz, que é a matriz onde foi criada, na qual fica estabelecida, fixa, e que toma seu nome.

Sua natureza e condição virão por isso da matriz.

O homem cresce conforme sua maneira masculina *(viri instar)* enquanto a mulher o faz segundo a sua natureza *(ex natura muliebri),* ou melhor, pela matriz.

Isto nos leva mais longe ainda. Como resultado disto os membros da mulher crescem, desenvolvem-se e são governados pela matriz, desde a matriz, assim como todas as suas doenças.

Com isso compreendemos a distância considerável que existe por exemplo entre a paralisia do homem e a da mulher, por mais semelhantes que sejaip seus sinais externos.

Não significa que a mulher não toma parte da criatura humana, mas que sua física é diferente e sua monarquia de outra natureza e espécie. Não é suficiente mostrar a diferença pelo fato da mulher possuir e ser uma matriz, ao contrário do homem.

Mesmo sendo iguais os nomes das doenças, tanto dos homens como das mulheres, não prova nada ao contrário mas unicamente mostra que ambos estão compreendidos no gênero humano *(homines).* Deduzir daí que suas respectivas naturezas e suas condições são iguais é um tremendo erro. A mulher está feita sobre a matriz, sobre a qual cresce e crescerá, pois a matriz é a sua raiz e a primeira coisa que o médico deve considerar quando se tratar de doenças femininas, porque elas nascem devido a potência da matriz *(matricalis)* e não à potência viril.

Conforme estas potências ele deverá examinar com todo o cuidado a física, as causas e os indícios, sem o que todo o empenho será em vão. É preciso conservar com muita clareza a independência das raízes masculina e feminina.

Não se vê em seus escritos que eles tenham observado o conhecimento destas raízes, nem que tenham preferido morder os dedos antes de publicar toda esta quantidade de mentiras, pois em verdade nada podem sustentar com sua física, causas e sintomas, a menos que reconheçam a divisão e a independência das duas raízes e trabalhem separadamente para os homens e para as mulheres. Caso contrário não poderão ser considerados médicos, mas somente impostores.

E isto é fácil de ser porque a capacidade para mentir e adular é muito simples e aprende-se nas academias com a maior naturalidade.

Nunca encontrarão tais aberrações na monarquia nem na física. Pois assim como a pereira nasce de sua própria raiz e a macieira da sua, tudo o que cresce reproduz o sabor de sua raiz; do mesmo modo acontece com a doença. Não é porque a pereira esteja longe *(absit)* da sua raiz que vai deixar de formar um corpo com ela: o que pode ser dito também para a cólica e para a matriz.

Para deixar bem firmes estes fundamentos ainda lhes darei uma outra proposição: “Sendo as doenças em geral, tanto as masculinas quanto as femininas, parecidas em uma série de aspectos, afinal das contas elas vêm dos homens ou das mulheres?” Sobre isto lhes direi que nenhuma doença foi reconhecida *(imprehenditur)* no homem antes de ter sido criada na mulher.

O homem nunca esteve doente ou afligido por doenças que os seus descendentes fizeram chegar até os nossos dias, nem morreu espontaneamente até que foi criada a mulher. Isto nos permite compreender que todas as nossas doenças, misérias e aflições vêm da mulher. Este conceito torna-se o melhor e o primeiro objeto do nosso estudo e conhecimento, pois é claro que não saímos da

matriz somente com a carne e o sangue, mas com todas as misérias e doenças.

Já que as coisas são assim é preciso distinguir as doenças dos homens e as das mulheres, e como estas últimas podem derivar até as primeiras. Da mesma forma será preciso distinguir e separar as ervas das medicinas, como a semente do homem que permanece masculina e a transmutação pela qual se separa da mulher. Separação que não é feita somente pela forma externa, mas também pela sua natureza.

Convém então que se instruam no processo de sua formação e de sua separação,[1] mesmo que nenhuma doença que não venha da mulher deva ser atribuída à primeira raiz. E já que não existe no homem uma outra raiz sem ser aquela que vem da mulher, é preciso convir que a sua nova disposição *(traducta*) deve-se a uma física distinta que os autores antigos esqueceram — não sem certas vantagens para seu sectarismo —- fazendo com que suas ideias permanecessem até hoje.

Notas

1. A palavra do texto original alemão é “Freyheiten", que, de modo surpreendente Paltenius traduz por “dignidade” e Grillot de Givry, mais acertadamente, por “liberdade". No entanto, para o sentido do texto creio mais claro traduzir por "separação”, uma vez que ao se separar, o núcleo germinal materno adquire o germe humano de liberdade e independência, e algumas vezes, a sua dignidade.

CAPÍTULO VII
(Gênese divina das sementes e os germens do homem e da mulher

Tudo o que cresce é com efeito distinto e diferente daquilo sobre o que se realiza o crescimento. E o homem, segundo isto, não o é em relação à mulher, como o peixe para a água em que vive e sem a qual não pode existir. Neste caso o peixe pertence à natureza da água ainda que seja diferente dela. Assim o homem e a mulher são unidos e sem dúvida diferentes. A mulher poderia ser comparada com o mar onde vivem muitos peixes[1] semelhantes aos homens. Mar e peixes, homens e mulheres, estarão unicamente separados em seus nascimentos, o que é especialmente útil ao homem para que ele sempre tenha em mente que não passa de um animal do mundo *(animal mundi).* A alma (*mens*) que o homem tem é que o impede de acabar tornando-se um peixe.

Por isso é justo que o médico preste a máxima atenção para essas semelhanças e saiba que o homem é a semente e a mulher o campo. E inclusive que mesmo a semente da mulher só perdura nela através do homem.

A mulher antes de sair do corpo de Adão também era homem. Somente quando as mãos do oleiro (Deus) tiraram-na dali deixou de ser uma simples costela do homem.

Estes fatos devem ser perfeitamente conhecidos e compreendidos porque nos levarão a colocar a mulher no devido lugar. Isto é, em uma monarquia particular, com uma teoria e uma física próprias que observaremos com os olhos bem abertos.

Quando certas pessoas escrevem equivocadamente que tal capítulo trata da icterícia (*icteritia*) comum aos homens e às mulheres, somente acumulam provas falsas, como fizeram durante tanto tempo Galeno, Avicena, Rasis e outros.

Nem eles, nem vocês, ou mesmo eu, podemos oferecer outras provas melhores do que aquelas que estão na filosofia e na luz da natureza. Somente ela poderá demonstrar e provar todas as coisas e não os charlatães e curandeiros que colocam a base e o fundamento dos fatos nas extravagâncias que lhes saem da cabeça e não fazem outra coisa senão enganar aqueles que confiam nas suas

palavras.

Como podemos falar da natureza da matriz se ninguém nunca viu a sua primeira matéria? E quem poderia ver o que existiu antes de cada um? O certo é que todos viemos da matriz e ninguém a viu porque ela existiu antes que o homem.

O mundo, o homem, e a criação vieram da matriz. Apesar disto, o homem sai (*prodeat*) e nasce dela sem conseguir vê-la (*conspexit*)**.**

Será importante que digamos o que é a matriz na qual o homem existe e se desenvolve.

Declararemos previamente que tudo contido nos quatro elementos deve ser invisível aqui e que da mesma maneira que o mundo é a matriz de todas as coisas, assim também deve ser considerada a matriz em relação ao corpo.

Antes que o céu e a terra fossem formados o espírito de Deus pairava sobre as águas, sustentado de certo modo por elas.[2] Pois bem, essas águas eram a matriz. O espírito divino que existe no homem está na matriz e vem dela, não existindo nas outras criaturas.

Para que este espírito não ficasse sozinho, o homem foi criado, o qual o assimila e o conserva assim. Isso nos explica que o espírito divino do homem venha de Deus e volte para Ele depois da morte.

O espírito do Senhor fez assim o mundo sobre a água. que deve ser considerada como a matriz do mundo e de todas as suas criaturas.

A matriz do homem é a morada de seu espírito na carne, situado por Deus no mundo inteiro, sendo a sua semente o limbo, e este fica sendo a semente do universo. Assim se realiza o primeiro acontecimento do homem. Depois o homem se separa dessa grande matriz e forma dentro de si sua própria matriz, quer dizer, a mulher, na qual está novamente o mundo inteiro e na qual o espírito de Deus se insinua *(insinuat)* e se afirma *(imprimit)* residindo[3] em seu fruto, da mesma forma quando estava nas águas antes da criação. Esse espírito que todos os homens levam sobre a terra e a água nunca foi visto nem o será jamais. Por isso a mulher que o leva em sua matriz nunca deve fornicar. Porque Deus, que nela colocou seu próprio espírito divino, deve poder recolhê-lo em igual estado de pureza.

O limbo está na semente e o espírito na matriz. E assim como a semente criada e formada por Deus dá origem ao homem, da mesma forma o homem encontra no lugar que Deus lhe destinou, seu próprio limbo, e nele, sua semelhança com o Criador.

No entanto, não tendo sido conveniente que o homem se criasse a si mesmo do barro da terra, Deus teve que criar uma matriz e um limbo diferentes, a fim de lhe dar alma [4], ficando deste modo o homem na natureza do mundo.

A diferença importante está em que, enquanto Deus fechou o céu para nele ficar, dali criando o homem, este necessita da oportunidade de encontrar uma matriz para se gerar. Deus, com efeito, não teve que se levantar de seu trono para isso *(ex solio suo)*, pois bastou que Ele estendesse a mão; o mesmo que o homem faz ou pode fazer com tudo aquilo que lhe foi destinado.

Vemos pois que existem três matrizes: a primeira é a água, sobre a qual foi levado o espírito do Senhor *(super quibus)*. Nela o céu e a terra foram criados. A segunda, a matriz de Adão, é a terra amassada pela mão de Deus para a formação do primeiro homem. A terceira matriz, de onde saíram e sairão todos os homens, é a mulher.

Do mesmo modo como Deus fechou seu reino e o mundo que o cercava *(circundabat)*, fechou também a mulher dentro de sua própria pele, já que todo o seu corpo é matriz. Por isso, apesar da sua semelhança, e de ter sido feita dele, a mulher não pode nem deve ser comparada com o homem, pois dele difere em substância, condição, natureza e propriedades. Cada um sofre (*patitur*) suas próprias misérias, unidas somente na misericórdia de Deus. Por isso Deus pode sempre ser conhecido na dupla medicina de suas criaturas: na viril dos homens e na feminina das mulheres. Quando se tratar pois de mulheres o médico deverá cuidar de agir dentro dessa terapêutica que Deus previu, que é a verdadeira e não a errada. E afirmo que quem possui esta graça protege-se a si mesmo.[5]

Notas

1. Esta comparação, além da sua notável beleza contém uma surpreendente exatidão biológica, no que se refere ao número de células germinativas potenciais de cada ovário.
2. Referência à passagem do Antigo Testamento.
3. "*Und setzet*" em alemão. Paltenius e Dorn suprimem esta expressão.
4. "*Zu Seelen*" em alemão, o que quer dizer: "para provê-lo de alma".
5. Esta frase parece desconcertante, mas nós não a achamos. Pode-se observar os parágrafos anteriores e ver-se-á que, se o homem vem da matriz, ao tratar das doenças desse órgão, trata e protege a si mesmo. A ideia aqui contida tem além de tudo o mérito de insinuar o valor da medicina profilática.

CAPÍTULO VIII
(Sobre a origem do homem e o funcionamento da matriz)

Do mesmo modo compreende-se que o médico deve conhecer o limbo, essência e primeira matéria do homem. O limbo é na verdade o céu e a terra, a esfera superior e a inferior, os quatro elementos e tudo o que contém. Por isso é lógico chamá-lo microcosmo, uma vez que ele está no mundo inteiro. Ê portanto necessário que o médico conheça as duas esferas, os quatro elementos, as substâncias, naturezas e propriedades, pois somente desse modo poderá conhecer as fraquezas e indisposições que perturbam o homem. Aquele que foi criado por Deus (o médico) deve saber e conhecer muito mais coisas do que aquele que somente se reconhece filho do homem (o doente). Somente assim uniremos a ciência e a razão divinas.

Tudo isso deve ser aplicado igualmente à semente. E antes de continuar é necessário que todos saibam que Deus criou o primeiro homem da matriz, sem ajudante ou intermediário, tirando-o dele mesmo, uma vez que Deus decidiu dar ao homem um limbo para que ele mesmo fosse um limbo; quer dizer, para que ele seja o seu próprio filho se por acaso quiser tê-lo. Ao mesmo tempo Deus lhe deu também a matriz, ou seja, a mulher. São pois necessários dois elementos — e não um somente — para gerar os homens, os quais, no entanto, ainda que procedam do homem, realizam-se na matriz.

Por isso seus germens e suas carnes estão destinadas a se unir e a formar daí para a frente um só gérmen e uma só came. Com isso o homem, que já o é no limbo, plasma-se, toma forma, cresce na matriz do mesmo modo como já falamos do primeiro homem formado no seio do Grande Mundo. No futuro será necessário conhecer as doenças do modo como acabamos de explicar a geração.

Existirá, com efeito, uma série de doenças provenientes do limbo e outras da matriz, de modo que as causas serão diferentes, e quero sublinhar essa diferença a fim de que não voltem a cair em erro. Isso torna-se mais fácil pelo

fato de a matriz ser visível, sendo somente invisíveis suas propriedades e operações.

Quem olha a mulher vê a matriz do homem, ou seja, o mundo do qual nasce. Em compensação, ninguém vê o que faz (*fabricat*) o homem. Pois do mesmo modo como Deus fez o homem à sua imagem e semelhança no começo da criação, assim o continua fazendo desde então, como o espírito do Senhor que flutua sobre as águas. A água é com efeito o receptáculo da semente du qual o homem nasce, contida previamente no limbo.

A natureza e operações da matriz são invisíveis e o que é invisível não adoece *(nihil patitur)* razão pela qual não discorreremos sobre elas.

O que é visível é a mulher, situada como todos os corpos no enxofre, no mercúrio e no sal. Tudo o que lancemos mão deve existir em forma visível e tangível já que nele contém as três substâncias. Somente é invisível a primeira matéria destas três coisas, mas não a última, que é visível e constitui o corpo inteiro da mulher.

Dissertaremos pois sobre esta última matéria e sobre ela filosofaremos segundo a sua monarquia porque todas as suas doenças vêm das três substâncias. E conhecendo-as poderemos influenciar e tratar da primeira matéria.

Estas doenças procedem, consciente ou inconscientemente das três substâncias da mulher, no passado, no presente e no futuro. Tudo isso os ensina que as mulheres estão submetidas, do mesmo modo que os homens, aos astros eternos bem como a uma física diferente.

Acontece como o pão, que é alimento para todos os seres. Quando o homem come pão, o pão forma e se transforma em sua carne; do mesmo modo o peixe forma a sua carne do pão que come. Contudo as carnes do homem e do peixe são diferentes. Assim, considerando com cuidado as diferenças, a gente deve saber separar a teoria das impressões, infecções e situações congêneres.

Já que todos os médicos assim como todas as ervas possuem esta diferença, será bom que os primeiros saibam distinguir o que está do lado da verdade ou da mentira.

Os médicos antigos que descreveram a matriz na parte inferior do corpo como se somente ali pudesse estar a matriz inteira, separada do corpo da mulher, cometeram um grave erro. Além disso a mulher era igualada em tudo ao homem, o que era um erro maior ainda. Esses médicos esqueciam-se de que existe um buraco (*foramen*) no mundo pelo qual Deus enfia a sua mão, manobra e constrói tudo o que quer; do mesmo modo construiu Deus a mulher como um mundo no qual o homem encontra-se no lugar de Deus, podendo agir e operar como ele. Do mesmo modo como Deus estende suas mãos desde o seu reino sobre o céu e a terra e deles forma o limbo, assim também o homem pode fazer com a mulher.

Os que dizem que isso é errado, ou seja, que Deus pode tomar um só limbo ou um só lugar e não todos juntamente, equivocam-se novamente porque não souberam e nem compreenderam que o homem é o mundo, e o limbo é o mundo inteiro. Com igual razão tudo isso pode ser aplicado à matriz, uma vez que toda a mulher é matriz e de todos os seus membros o campo (*ager*) do homem foi gerado. Assim como a terra precisa ser sustentada em todos os seus elementos, quer dizer, em todas as forças do mundo inteiro, também o homem necessita do corpo inteiro da mulher.

O corpo da mulher adquire assim a categoria de centro destas operações e acesso de toda periferia externa (*aditus*). Nela a matriz constitui o eixo central do corpo, quer dizer, do coração, fígado, baço, carne e sangue. Digo-lhes pois que a matriz está tão distante e separada do corpo do homem como os seus respectivos sangues. Que importa então que ambos sejam igualmente vermelhos?

É desculpável que um simples aldeão confunda estas coisas mas não um médico, a não ser que seja tão leigo como um aldeão, porque se considera médico e entende a ciência como um aldeão, temos de convir que não poderá tirar dela nenhum proveito. Esquecem as diferenças existentes entre os metais, as pedras, as madeiras, assim como as que existem entre o homem e a mulher, que mesmo sendo uma criatura humana somente, possuem duas formas, duas figuras, e duas naturezas e que a mulher pode por causa disso governar uma monarquia diferente em todas as enfermidades.

CAPÍTULO IX
(Sobre a menstruação)

Acontece da mesma forma como as marés com as quais o mar manifesta as suas forças. E perguntamos: a que se deve este fluxo e refluxo do mar?

É devido ao fato de que o mar consome e mata tudo o que entra nele, devorando e aniquilando todas as águas, do mesmo modo como são todos os homens sobre a terra.

Todas as coisas que realizam esta operação de consumir e de matar possuem a propriedade de romper ou quebrar (*infringit*) tudo o que recebem. E isto com uma regularidade perfeita, uma vez por dia.

Acontece assim com o homem quando ele toma seu alimento: imediatamente começa o seu cozinhamento (*concoquit)* que causará a destruição do que foi ingerido; e durante esta operação o ventre incha e se distende.

Assim como as águas que morrem no mar não voltam nunca mais, também todas as coisas que nasceram na terra morrerão e ficarão nela.

O fluxo e o refluxo do mar acontece também na mulher, que torna-se assim mãe dos seus filhos, como o mar em mãe das águas.

Precisamente porque a mulher é mãe, o mesmo fluxo é gerado nela. Essa agitação (*oestuatio*) acontece em cada quatro semanas com a expulsão de todos os restos e coisas mortas. Nisto ela se diferencia do mar que não devolve nada. Esta expulsão tem a finalidade de não deixar nada morto ali onde o homem deve ser concebido para nascer.

A menstruação é então uma confluência de coisas excrementícias que vão parar na matriz para morrer nela e daí serem expulsas em seguida.

A afirmativa de alguns médicos, que levados pela sua imaginação disseram que esse excremento menstrual é a flor da mulher, comparável às de uma árvore qualquer, é completamente falsa. A flor da mulher manifesta-se no ato de conceber. Depois o fruto sucederá à flor e o filho será produzido.[1]

Ignoram por acaso, oh! médicos, que as árvores florescem justamente por causa do fruto que sairá delas? E não sabem que a árvore sem frutos também não floresce?

Como é possível que a mulher floresça sem dar nenhum fruto? Quando dizem, por exemplo, que as virgens florescem em suas menstruações, eu gostaria que me dissessem qual é, e onde está seu fruto. Certamente não existe. Por isso digo que a menstruação é um excremento e não um fruto.

Os galenistas, avicenistas e outros médicos destas seitas erram indecorosamente (*conspurcet*) quando dizem que uma virgem pode florescer longe do homem, do qual precisamente vem a sua flor. Pois se para que exista fruto é preciso uma prévia floração, o mesmo deve ser pensado sobre os homens e as mulheres, a menos que se admita que as crianças nasçam sem pai.

Oh, doutores mentecaptos! *(bliteos docíores*) Como podem permanecer no erro da sua ciência não baseada na experiência *(inexplorata)* destruindo-se a si mesmos?

Não vêm que a matriz é verdadeiramente um microcosmo feminino e que, se está pronto para gerar, deve se purificar e manter-se limpo de toda sujeira?

Não compreendem que se a depuração não for feita escrupulosa e perfeitamente essa matriz não poderá conceber?

Digo-lhes que este estado de pureza deve continuar até à cessação do leite, que não é gerado de modo algum da menstruação mas das tetas, especialmente feitas para isso. Enquanto dura a amamentação não se produz nenhum excremento, quando tudo está tranquilo e inibido. Nesse momento nada de impuro ou expulsável é produzido porque isto faz parte da natureza da

mulher. Desde o momento em que concebe ela se transfigura. Todas as coisas se comportam como se fosse um verão: sem neves, nem geadas e tudo se torna alegre e agradável. [2]

A matriz traduz assim toda alegria desse tempo de verão, deixando tranquilos os seus excrementos até que o inverno volte com suas neves e geadas. Por isso devemos conhecer muito bem o tempo da geração *(tempus pariendi*), assim como suas proporções e condições. Pois se o médico o ignora, tudo o que disser será inútil. Dizer que o leite do qual o menino se alimenta vem da menstruação é uma indução cega *(coeca inductio)* e uma insensatez. Seria melhor que esses médicos olhassem um pouco a natureza antes de redigir seus livros e as suas receitas!

Vamos expor todas essas coisas com mais clareza e detalhes na filosofia, na parte referente à geração do homem.

Notas

1. O original alemão diz: “*Das Kind*” (o menino). Paltenius traduz: "*foetus*" (feto) e Grillotl de Givry: “*l’enfant*” (o menino). Em português parece-nos mais apropriado dizer: "o filho".
2. É surpreendente a exatidão biológica e a beleza da imagem nessa frase.

CAPÍTULO X
(Sobre a amamentação e o parto)

A anatomia da matriz lhes ensinará tudo isso e lhes dirá como é o corpo inteiro da mulher. E como o menino, na matriz e fora dela, extrai sua comida das mamas, onde o leite aparece como o melhor e mais nobre dos alimentos; e não o excremento da matéria menstrual. Como se explicaria que a menstruação, um dos venenos mais violentos que existe, pudesse servir de alimento para uma criança?

Quem quiser transformar este pernicioso excremento da mulher[1] em uma coisa pura e excelente é um grosseiro ignorante. Digo que nenhum veneno pode ser transformado em alimento e que sempre continuará sendo veneno. Qual pai daria a seus filhos pedras e serpentes em vez de pão? Nenhum! Não se esqueçam que Deus muito menos faria isso.

Entretanto é certo que a natureza detém e retém (*supprimi*) o seu veneno. E assim como o Sol parou no tempo de Josué, também a natureza suspende todos os seus movimentos desde a concepção até ao término do desenvolvimento do feto, ou melhor, uté o momento em que devn finulmente nutrir-se, alimentar-se e sucumbir como os homens.

Também é verdade que tudo o que se expele com a criança durante o nascimento é igualmentc inútil. Daí poderia sair um verme[2] mas não o leite como vocês supõem.

Tudo isso c um sinal de como a fidelidade divina protege o fato impedindo que estas imundícies possam ofendê-lo.

Por isso quando supõem e afirmam sem a menor vergonha que o feto se nutre de semelhantes coisas, estão dizendo o maior dos disparates. Porque nada pode alimentar-se de coisas que não sejam puras: árvores, ervas, raízes e licores sutis como o orvalho e a chuva.

A criança sem dúvida está por cima disso tudo, conforme seus alimentos especiais e por causa da sua maior fragilidade. E digo que isto tem uma importância maior que a erva dos campos.

Esta é a razão pela qual se confia o menino ao seio (*pectus*) da mãe, que

é a fonte do alimento mais sutil, até que tenha força suficiente para digerir todas as espécies deles.

Em verdade lhes digo que todas as coisas são purificadas por meio da espuma (*spuma*). Por isso a espuma purifica a natureza que assim pode dar à criança o seu alimento mais puro e raro.

Não é exato então que a espuma seja alimento, que o leite venha da menstruação, e nem que esta fique retida na matriz até o nascimento do menino transformando-se em seguida no leite. Digo que essa ideia só serve para mostrar a mentira da filosofia com a qual foram educados. O que transborda — lembrem-se bem — é a espuma das coisas que cozinham (eje *cocta*), e que é justamente aquilo que deve alimentar a criança dentro do útero e o que deve chupar das tetas de sua mãe.

Na verdade não são os excrementos que provocam essa espuma *(exspumentur).* Não compreendem que se a bebida for privada de sua espuma (*exspumari*) não restará nada mais que uma coisa inútil?

Notas

1. Os ocullistas já conheciam a mobilidade da menstruação. Luis de Vais, em seus *Trois Livres de Charmes, Sorcelages*, etc... (Paris, 1583), dizia: "Todos os meses as mulheres enchem-se de coisas supérfluas até o ponto em que, transbordando de sangue melancólico, fazem-nas sair pela boca em forma de vapores e pelas narinas e outros condutos do corpo, expelindo os líquidos encantados e maléficos. Estes sucos saem impelidos por gases, vapores, provocando arrotos e outras coisas que as velhas sabem fazer muito bem".
2. "Wasserkalb": Paltenius traduz por "mola" (carne disforme gerada no ventre da mulher) e Gerardo Dorn, equivocadamente por "*vitulus marinus*", quer dizer: "touro marinho", que em alemão seria "*Drahtnwurm*", e "*gordius aquaticus*" em latim. Este animal não seria a atual foca, mas um verme da família dos nematoides. Acreditamos tratar-se da placenta.

CAPÍTULO XI
(Sobre a patologia especial da mulher)

Convém tratarmos tanto da saúde como da doença da mulher em uma monarquia separada da do homem. E isto não só pela considerável distância que há entre um e outro, pela existência dos seios, da matriz, das menstruações, mas porque todo o corpo da mulher é diferente, justamente porque foi feito em função dos seios, da matriz e das menstruações. Isto quer dizer que o corpo da mulher foi feito de acordo com a natureza feminina e não segundo a masculina.

O que explica a utilidade de uma mesma medicina para os homens e as mulheres, como acontece com aquelas administradas para a peste, as febres etc., deve-se à natureza narcótica, estupefaciente ou sudorífica destes remédios que não são empregados nestes casos segundo a verdadeira origem das medicações regulares e saudáveis. O resultado desta falta de legitimidade é que às vezes esses medicamentos são eficazes hoje mas não amanhã, podendo aliviar a peste mas não outras doenças, conforme explicaremos cm um capítulo especial.

Existindo, como existe, um método legítimo para o tratamento das doenças, é justo que seja conservada a separação entre homens e mulheres tanto para a saúde como para as enfermidades.

Daremos um exemplo: a mulher pode ser comparada com uma árvore, porque as duas levam um fruto em si. O homem se assemelha ao fruto, porque os dois nascem da árvore. Assim, vejam que a árvore precisa de muitas coisas para o seu sustento e para conseguir a produção (*proferat*) do fruto que é a razão de sua existência. E também são muitas as coisas que podem atacar a árvore e muito poucas as que podem ofender o fruto. O mesmo acontece com a mulher em relação ao homem, pois este é em relação àquela o que é o fruto para a árvore. E embora o fruto caia, a árvore permanece fixa voltando sua atenção para os novos frutos que virão sucessivamente ao longo de sua vida. Por isso a árvore

e a mulher estão destinados a suportar e sofrer muitas outras coisas responsáveis pelo desenvolvimento dos seus respectivos frutos.

Considerem cuidadosamente este exemplo e vejam como devem interpretá-lo se pretendem ser bons médicos. Se examinarem detalhadamente esta monarquia poderão deduzir que nem tudo aquilo que é necessário para a árvore o é para o fruto, e vice-versa, o que, em todo caso, se constitui num sinal externo como podem observar igualmente no homem e na mulher.

Com isto devem estabelecer que a diferença (*discrimen*) que existe entre um menino e uma menina é semelhante a que se vê entre uma pera (*pyrus)* e os grãos ou sementes que existem no centro do seu núcleo. A distância que existe entre as duas naturezas pode ser comparada com a que separa os meninos das meninas, cuja argumentação deixamos para a filosofia.

Nunca pensaram sobre o fato de que o homem esteja no alto, ou melhor, que venha do limbo, e a mulher não? Isto porque a mulher é a segunda criatura, devendo por isso estar atrás e abaixo do homem, pois não vem do limbo e se constitui num corpo distinto. Em verdade lhes digo que se tivesse sido feita do mesmo corpo que Adão foi feito, teria tomado parte do limbo.

O fato de ter sido feita depois do homem, de sua costela e de sua carne viva e palpitante, com o que o limbo pôde criar uma carne diferente da que saiu dele, explica que estava destinada a formar outra monarquia.

A mulher, saída do homem, acaba sendo assim tão separada dele como o próprio homem o é em relação ao barro do qual foi criado.

Tudo isto dá lugar à constituição de uma nova teoria e uma nova física sobre a mulher, para a confusão e vergonha desses mentirosos que garantem que o homem e a mulher são semelhantes. Toda a cortesia dos seus discursos não basta para explicar tudo o que se refere à matriz onde o menino é gerado c quais são as suas funções.

Se considerarem essas necessidades do feto, já que ele precisa possuir a totalidade do corpo e que todo o seu sangue é imprescindível para a matriz, até a última gota, compreenderão o erro que se comete quando pretendem separar estes dois sangues.

Ainda existem médicos e aspirantes a médicos que hoje em dia não compreendem isto. Quando eles afirmam que “Galeno disse isto”, ou “Avicena explica aquilo”, acreditam de boa fé que alcançaram a verdade, ê possível que julguem estar certos apenas enunciando alguma coisa? Digo que primeiro é necessário estabelecer a veracidade do autor, sua exatidão e infalibilidade para que possamos dar valor às suas afirmações.[1] Saibam que sempre é mais difícil conhecer o homem do que sua obra.

Dar crédito excessivo e irrazoável a autores verdadeiramente podres

(*putridi*), considerando suas palavras como afirmações evangélicas, não lhes trará nem um grão de sabedoria a mais. Por isso certos médicos podem se dar bem com esses falsários. Em verdade lhes digo que todos os que se assemelham acabam se reunindo. E este fato se constitui numa das mais características ocupações do diabo.

Repito sobre a constância da natureza da mulher, sua monarquia independente e a necessidade que a mesma — e a que corresponde ao homem — se mantenha perfeitamente diferente. E assim o conhecimento do céu e das esferas os conduza para a conformidade microcósmica *(microscomica consensio*), esquecida pela cegueira dos médicos citados acima.

Notas

1. Notável observação de moral científica.

CAPÍTULO XII
(Sobre a necessidade de uma terapêutica especial para a mulher)

Dada a divisão que estabelecemos para o corpo humano, diferente para o homem e para a mulher, é necessário também fixar semelhantes diferenças para as suas respectivas doenças. Para efeito de uma compreensão melhor e mais rápida, daremos o seguinte exemplo: a icterícia (*icteritia*) do homem é completamente diferente da icterícia da mulher. Certo, é que ambas apresentam os rhesmos sintomas e que o seu prognóstico é semelhante. As mesmas circunstâncias e indicações nos dizem que se trata da mesma doença, contudo o tratamento tem de ser diferente e explicarei por quê.

Não nego que existem medicamentos hermafroditas, úteis para ambos os sexos e a respeito disso escreverei um livro especial, cuja tarefa adio no momento. Agora explicarei como devem chegar a possuir o verdadeiro nexo dessas coisas. A mulher sofre de icterícia do mesmo modo que o homem, mas em grau ainda maior, porque além de impregnar-se de amarelo, todo o seu corpo se transforma em um perpétuo e imanente transbor-damento *(profluvium).* A expressão desse estado corporal não está somente no excremento mensal mas em todo o corpo do qual emana a menstruação. Por isso, quando o corpo retém essa emanação o licor microcósmico transforma-se em doença.

Esse licor se submete à icterícia de um modo especial, pois, ainda que a causa seja a mesma, os corpos são diferentes.

Acontece como quando tingem um pano de amarelo[1] ou um pedaço de madeira; a cor é a mesma mas as naturezas são diferentes. Do mesmo modo com a icterícia: é a mesma doença mas são dois corpos diferentes.

Por isso a medicina deve se ajustar aos corpos e não às cores, pois não é a cor, mas a plaina, que dominará a madeira; assim como o martelo, e não a cor que dominará o ferro. Tudo o que foi dito sobre estas coisas e sobre o corpo o médico deve igualmente observar atentamente, pois só assim poderá dominar e expulsar a doença, uma vez que de nada adianta eliminar a cor com diversos medicamentos sem eliminar o corpo.

Vemos assim que quando o líquido do microscomo persiste em escorrer por si mesmo *(profluvium*), sua cor se torna clara e esbranquiçada, constituindo a icterícia branca, diferente da icterícia amarela, da qual não difere por dedução,

mas por uma nova disposição mais espessa (*congregatio*)[2]

Todas essas efusões: a vermelha, a branca, a amarela e a negra devem ser compreendidas e incluídas portanto num único capítulo. Se o corpo deve ser considerado em si mesmo mas não as cores isoladamente, apesar de aparecerem unidos corpo e cor, compreende-se que exista uma medicina diferente para cada um desses casos.

Quando esses médicos se servem de remédios hermafroditas não agem segundo a verdadeira arte mas segundo a incompreensão e a estupidez. Misturar medicinas masculinas com medicinas femininas só pode dar certo por pura sorte, pois a verdadeira arte não entende dessas misturas e consiste sempre e exclusivamente em manter a anatomia de cada monarquia, dando a homens e mulheres os remédios apropriados e específicos. As misturas nunca podem dar frutos perfeitos, e, no que se refere às medicinas hermafroditas, direi que podem ser dadas mas não elaboradas. O "llanten" cura igualmente a disenteria do homem e da mulher precisamente porque possui as duas anatomias e pode assim ser útil a ambas monarquias. O mesmo acontece também com outras plantas. De qualquer maneira, sempre que uma delas se aplica ao homem, o arcano da mulher morre simultaneamente e vice-versa.

Essas medicinas hermafroditas permitiram realizar um grande número de experiências, em maior número das que podemos observar com os medicamentos simples, próprios para um só sexo, através da prática canônica [3]

Com isso não queremos dizer que as experiências (*experimentum*) hermafroditas sejam suficientes para demonstrar tudo, mas simplesmente que são úteis. Essa utilidade consiste em fazer-nos conhecer que as doenças acontecem não segundo normas fixas[4] (*canonice*), mas contra toda regra (*canon*). Tudo o que sobrevém segundo regras pré-fixadas deve ser tratado de acordo com as normas clássicas (*cura canonica)* e no caso nenhuma experiência tem verdadeira utilidade. E vice-versa.

Em momento apropriado, mais adiante, encontraremos coisas que serão de muita valia para a compreensão de tudo isso.

Agora insistiremos em dizer que quando os autores propõem com frequência um tratamento prévio e sistemático canonicamente[5] na base de que todas as doenças têm origem canônica, cometem engano. Da aplicação e série de tratamentos canônicos nasce efetivamente o erro.

Além disso, a solução é simples, porque em todos esses casos nos quais fracassa o tratamento canônico, basta ater-se ao que diz o "Tesouro dos Pobres"[6] e outros livros semelhantes.

Nesses casos é só dizer: "deve-se usar tal coisa", ou "isso tem resultados

benéficos frequentemente”, ou "isso é muito eficaz”. Assim o erro permanece de modo manifesto uma vez que os médicos que assim procedem desconhecem as diferenças entre a cura canônica de Avicena e a verdadeira experiência: boa prova da notória cegueira deles.

Além de tudo isso devem levar em conta, seguindo o exemplo que eu dei a propósito da icterícia e doenças semelhantes, que não existe somente uma cor amarela exclusiva (*flavedo*) mas várias, e do mesmo modo diversas icterícias. A *bílis,* com efeito, manifesta todas as tonalidades da cor amarela e não uma somente, como teremos ocasião de ensinar mais tarde num capítulo à parte. Do mesmo modo não poderão ser desconhecidas as diferenças entre as bílis dos homens e as das mulheres e suas cores respectivas, do que mais uma vez se deduz a diferença das medicinas de um e de outro.

A asa[7] é uma erva que produz cores (*colorum promotrix)* assim como a rosélia[8] é uma planta que as desfaz e a centáurea uma erva especialmente apta para realizar as experiências mais diversas *(experimentum).* Em todo caso lhes direi que os arcanos mais importantes (*principalia arcana*) estão nestas coisas que não possuem um valor hermafrodita e nem servem para matizar as cores. Pelo contrário, devemos deduzir as coisas segundo o seu verdadeiro fundamento, a fim de que o corpo obedeça à sua ação devidamente.

Nas doenças canônicas os corpos mudam (*mutantur*) mas a cor permanece invariável, sem nunca desaparecer, ficando unida ao corpo numa só entidade.

Esta conformação das coisas nos ensina que a medicina não pode existir dessa maneira, mas partindo da monarquia e considerando o corpo sempre em si mesmo. Com isso, ao restabelecer-se o corpo (*reductio*), a saúde volta e automática e simultaneamente a doença se retira. Nunca deve ser desconhecido que todas as doenças possuem duas naturezas, uma com o corpo e outra sem ele.

A falta de observação desta diferença deu lugar ao erro cm torno do qual divagaram tantos tratamentos.

A bílis diferente da mulher não pode ser dominada nas enfermidades canônicas e não ser através de monarquia feminina, com uma medicina distinta da que requer a anatomia e a física da medicina dos homens.

Por isso o efeito que produz no homem a centáurea-macho[9] é semelhante ao que produz na mulher a centáurea-fêmea [10].

A importância que Deus concedeu a essas coisas explica também por que atribuiu às mulheres uma monarquia particular. E assim como constituiu as mulheres com um corpo e uma natureza diferentes da natureza masculina, lhes destinou um mundo, um alimento e necessidades específicas, ordenando ao

médico que pesquise e tome conhecimento de todas essas coisas, não como Galeno e Avicena fizeram. Porque eu afirmo que a Providência foi muito mais adiante do que esses gênios mentirosos criando o verdadeiro médico, quer dizer, aquele que eu criei. Os outros são falsos'[11].

Com isso, basta que se iluminem com a luz da natureza para saber onde está o autêntico e o farsante.

Notas

1. O original alemão diz: “*Tuch*” exatamente “trapo”. Sem dúvida a versão de Paltenius está errada quando diz “pavum” em lugar de "pannum". Isto é, pavão em vez de pano. Bistikius conservou esse erro.
2. Apesar deste raciocínio trabalhado vemos claramente exposta a teoria da drenagem das vias biliares, da mudança da bílis negra para verde, amarela para branca, que Chauffard, Boas, Naunyn e Meltzer Lyon fixaram numa doutrina atual... mas que veio de Paracelso.
3. Prática canônica quer dizer aqui: empírica, dogmática, apriorística ou sistematicamente teórica.
4. Traduzimos “não obedecendo as normas fixas” porque este é o sentido da palavra canônico neste trecho, e não colocamos “canonicamente” como na versão francesa porque em português significa uma ideia eclesiástica que de forma nenhuma se relaciona com o que Paracelso quer dizer.
5. Refere-se ao célebre *Livro dos Cânones* de Avicena, traduzido do árabe em Pádua (1476) e reimpresso em Veneza em 1483.
6. *Tesouro dos Pobres*, célebre livro de medicina caseira muito popular nos séculos 15 e 16, do qual a Biblioteca Nacional de Paris possui um magnífico exemplar impresso em 1476 (Galeria Mazarino, estante Te. Nº 17/22). Trata-se de um compêndio sem nenhuma doutrina, apresentado como um catálogo de farmacologia clínica, e que tinha um grande prestígio naquela época. Em Florença foi reimpresso em 1494 (*Tesouro de Poveri*, da Pietro Spano), em Veneza em 1500 e em Alcalá de Henares em 1575. Seu autor, Petrus Hispanus, seria o papa João XXI (1276), na opinião de Hirsch, ou então o papa João XXII, segundo Duportes-Borcheron.
7. Asa ou Assa. São conhecidas duas espécies desta erva; uma corresponde à família das guaiancanaceas (*Assa dulcis. Assa odorata. Succus cyrenaicus ou Benjoim*) e outra a das umbelíferas (*Assa joetida, Stercus diaboli ou Valeriana*). Não é possível saber ao certo à qual delas Paracelso se refere.
8. Reselba: este termo é desconhecido.
9. Planta que os antigos chamaram de “bílis da terra". Trata-se da pequena centáurea ou *Centaurea Minus*, que Linneo chamou de “*Erythroea centaurium”*
10. É a grande centáurea, ou *Centaurea Centarium*. Paracelso parece ter sido o único a adotar as denominações de centáurea macho e fêmea.
11. Compreende-se por que Paracelso não era muito simpático aos seus contemporâneos.

CAPÍTULO XIII
(Diferenças entre alimentos, elementos e medicamentos masculinos e femininos)

Do mesmo modo que todas as coisas da Criação estão divididas em duas monarquias distintas, como acabamos de explicar, também o firmamento, a terra, a água e o ar conservam cada um deles sua natureza e propriedades. Isso explica que o alimento do homem e o alimento da medicina não sejam uma coisa só, quer dizer, não sejam de uma só condição ou natureza.

A razão está em que as substâncias que se comem são necessariamente simples: sua distinção em duas monarquias afeta somente as suas virtudes médicas *(vires médicas)* mas não o alimento simples.

Por essa razão, freqüentemente o alimento que damos às mulheres segundo a monarquia delas é mais saudável que o alimento masculino. A causa disso é que o corpo leva em si a própria monarquia e não por alguma razão inerente ao alimento.

A respeito disso, lembrem-se de que existem no ventrículo um artesão e um preparador *(faber et opifex)* destinados a formar a carne humana. Todavia,

provocando um só cozinhamento, possuem duas naturezas dotadas de tal modo que podem gerar a carne feminina nas mulheres e as masculinas nos homens.

O alimento é sempre da maior simplicidade, sendo papel do arcano prepará-lo para cada monarquia. Por isso o médico não deve preocupar-se com a alimentação mas se limitar a dar corretamente as medicinas segundo cada monarquia.

A constituição do alimento fica a cargo do arcano, que o domina e o elabora devidamente no ventrículo, da mesma forma como um ferreiro competente faria com o ferro.

A medicina é diferente e deve ser administrada segundo a monarquia correspondente a fim de que seja conservada pela natureza, já que o arcano não pode.

Quando o homem come qualquer coisa ele está comendo a si mesmo, isto é, o seu sangue e a sua carne, já que somos exatamente isto. Ao contrário, não somos medicina e cada uma delas deverá ser aplicada para isto ou para aquilo, segundo o mal que nos aflija. Isso deve ser sempre levado em conta porque o ventrículo não produz por si mesmo o que precisamos, mas na medida em que nós mesmos lhe fornecemos. Caso contrário o ventrículo, conservado em sua própria potência, volta-se contra si mesmo: por isso as doenças do corpo são duplas.[1]

De acordo com esta regra o regime deve ser feito de tal maneira que fique dividido conforme a sua monarquia. Na realidade não podemos dar um regime para que a carne e o sangue sejam produzidos, mas para consertar o que o uso indevido e o abuso da carne e do sangue corromperam e contaminaram. O regime produz carne e sangue mais em função da medicina do que pela sua qualidade de alimento, porque atua de duas maneiras e durante as doenças o corpo não só deixa de crescer como também diminui. Por isso o regime deve ser medicina além de alimento e manter os dois modos a sua monarquia no enfermo, durante o tempo que a doença exigir.

No corpo sadio isto não é preciso. Apesar disto, todas estas coisas que são medicina e alimento ao mesmo tempo, como a alface, o bredo, as nabiças etc., devem ser reservadas durante um certo tempo por sua qualidade de medicina, por ser conveniente separar a monarquia da mulher e do homem, que corresponde por exemplo aos bredos.

A negligência destes princípios atrai (*incidant*) o firmamento e os movimentos astrais, provocando uma ruptura e a dissolução do corpo oposto ao da monarquia diretamente afetada.

Assim, enquanto nos homens manifesta-se a sua própria carne, nas mulheres o tempo prepara perfeitamente o seu ciclo.[2] O que deste modo é

produzido para o bem do homem, torna-se inconveniente e prejudicial para a mulher.

Impor um regime a um homem sadio é quase pior do que fazer um doente recuperar a saúde à força.[3] Isto se explica porque, enquanto existe uma sensibilidade e conhecimento difusamente repartido em todos os membros do homem sadio, no do doente tudo fica reduzido, o regime se restringe (*minimum*) e os arcanos aumentam seu poder e importância.

Aquela que prescreve uma dieta na presença de um estado saudável divide a monarquia e avança com o conhecimento do céu e dos sujeitos das pessoas até ao movimento dos alimentos, os quais também possuem o seu astro, de certo modo em oposição aos astros do céu.

Isto é importante. E digo que aquele que não o compreende está em permanente perigo de cair em erro, pois nada daquilo que deva adiantar-se adiantará e se manterá presente.

A arte consiste pois em trazer para um primeiro plano (*antevertatur)* aquilo que existe positivamente, ainda que mais ou menos escondido.

O médico deve possuir um grande conhecimento desses fatos; caso contrário sua arte acaba transformando-se em algo mortífero e assassino.

A matéria da carne e do sangue do homem, quer dizer, o alimento e a bebida são uma coisa só. Dessa única matéria-prima são deduzidas duas matérias diferentes que são a carne macho c a carne fêmea, tão diferentes entre si como a carne e o pescado. Contudo nada disso deve ser considerado separadamente, uma vez que Deus, que uniu o homem à mulher formando uma única carne, destinou a ela uma única espécie de comida e não duas, como corresponde a exclusiva primeira matéria.

À luz de tudo isso vemos a diversidade do arcano que tempera e matiza (*ingreditur*) justamente a monarquia de cada alimento em cada carne, mesmo que ambas se alimentem dos mesmos alimentos *(ex una olla).*

Se fôssemos elaborar uma teoria a respeito de tudo o dito, seria necessário compreender de que modo o arcano possui tudo o que existe em si e fora de si, e que distância existe entre a carne do macho à carne menstrual.

A propósito disso direi que uma vez que as doenças têm origem através dos alimentos, é necessário conhecê-las em suas causas, as quais residem na última matéria e nunca na primeira. Segundo o que ficou dito, a última matéria possui forças hermafroditas com caráter de medicina e monarquia separadas, aptas para o homem e para a mulher.

Assim, deixaremos de lado tudo o que se refere à matéria primeira para nos ocuparmos da última. A última matéria se desfaz e se corrompe com grande

facilidade e com muita frequência. Por isso devemos pesquisar nela as doenças que aparecem desse modo.

Esta teoria nos levará diretamente para esta física especial, que nos fornecerá as indicações necessárias.

Isso nos fará estudar e conhecer o intervalo que separa não somente as monarquias como também as últimas matérias dos homens e das mulheres, porque se não procedermos assim acabaremos por pegar uma enfermidade mortal ou crônica.

Notas

1. Neste raciocínio, um pouco confuso, está a ideia de uma série de lesões causadas pela carência, que a ciência atual sistematizou sobre as vitaminas e fatores tróficos alimentícios, apontados pela fisiologia experimental entre 1905 e 1920 com Pavlov e Carlson nas observações sobre pequenos estômagos em animais, ao vivo, e reflexos condicionados.
2. Refere-se à menstruação.
3. Por não reconhecerem este principio muitos adoecem hoje, principalmente os obcecados por regimes.

CAPÍTULO XIV
(A natureza microcósmica, mineral e cirúrgica das doenças da matriz)

Vamos fazer algumas referências a respeito da matriz. Uma delas será da conveniência de seu conhecimento microcósmico, quer dizer, de como a natureza microcósmica toma posse de tão pequena criatura, a terceira e a última do universo do homem.

Este vaso dentro do qual o ser é concebido (*condit*) e onde o menino se protege e esconde, chama-se efetivamente, matriz, ainda que toda mulher também o seja por extensão, assim como a semente de onde a mulher tem a sua origem. A mulher foi constituída justamente em razão desse recipiente e não porque suas partes ou membros o necessite. A mulher é em si mesma a terra e todos os elementos. E a matriz é a árvore que surge da terra, cujos frutos são os filhos.

A mulher por sua vez, assim como a árvore, possui em seus campos a terra, o fogo, o ar e a água, quer dizer, os quatro frutos, os quatro elementos, a esfera superior e a esfera inferior.

Assim como a terra, os frutos e os elementos existem precisamente para a sustentação da árvore. Do mesmo modo a matriz cuida da sustentação de todos os membros da mulher com suas respectivas naturezas e propriedades, é lógico que o conhecimento de semelhante criatura deve ser empreendida com o maior cuidado tanto no que se refere ao sujeito como no que se refere à respectiva medicina.

Voltando ao exemplo da árvore diremos que a sua nutrição, o seu crescimento e, numa palavra, a sua vida integral, assim como todas as alterações e mudanças pelas quais passará para chegar a ser uma árvore e se manter nesse estado, vai depender da influência que os quatro elementos, os quatro frutos, a esfera superior e a inferior exerçam sobre os alimentos.

Do que for dito se deduz que a matriz tem necessidade de alimentar-se e de se purificar mensalmente dos excrementos. Se estão de acordo com tudo isso,

com a semelhança da árvore e do mar com a matriz, compreenderão facilmente como podem manifestar-se os seus defeitos e os sintomas das suas doenças.

Assim é o microcosmo do mundo último ou menor e por isso contêm em seu corpo todos os minerais do universo. Saibam que o corpo toma do mundo suas próprias medicinas porque ele mesmo também é mundo.

O resultado disto é a propriedade saudável que todos os minerais apresentam para o homem, assim como tudo o que se une aos minerais no corpo do microcosmo. Quem ignore isto não pode dizer que é médico ou filósofo. Porque se o médico diz que a marcassita, por exemplo, é boa para isto ou para aquilo, é preciso que primeiro saiba o que é e como é a marcassita do macrocosmo e a do microcosmo. Esta é a verdadeira filosofia. E se ele quiser falar como médico deverá acrescentar: esta marcassita é um doença do homem, mas esta outra é benéfica neste caso.

Sem ser um mineral, o que mais pode fazer com que uma ferida se transforme em úlcera e acabe corroendo a pele e o corpo do homem? Digo que isto acontece como se existisse uma espécie ou gênero de sal na ferida.

Ao contrário, vejam como o colcotar[1] cura essa erosão (*foramen*). Por quê? Simplesmente porque o colcotar é um sal que se forma na ferida[2]; assim como o mercúrio e o arsênico para outras úlceras especiais.

Se conhecerem bem o exterior e o verdadeiro poderão distinguir as diferenças das coisas por experiência própria, e saber assim que existem algumas úlceras que se curam com isto e não com aquilo, que estas feridas são de uma natureza e aquelas de outra, que tal espécie de sal cura algumas lesões mas não todas e que ainda existem determinados sais que não curam nenhuma ferida. Saibam que os sais que curam as feridas são os que as feridas mesmas criam e não os que vêm de fora, dos quais os mais eficazes são a soda, a “múmia” e os bálsamos.

Por isso os sais, os vitríolos, e os arsénicos que provocam por si úlceras e chagas (*foramina*), não podem ao mesmo tempo curá-las, o que deve ser feito com os bálsamos, a “múmia” e a soda.

Nos casos em que as feridas ou chagas são produzidas na pele, devem saber que elas possuem em seu interior todos esses mesmos minerais. E o conhecimento disto é ainda mais importante do que o dos humores, pois todos os corpos possuem todos os minerais, além das três substâncias.

É preciso então que conheçam e recordem a primeira e última matéria. Todas as coisas subsistem nessa concordância. Aqueles que ignoram isto não podem ser chamados professores nem condutores *(doctor ac ductor*) em medicina.

A matriz gera e concebe suas doenças da terra. E assim como a árvore

corrompida na terra perde a sua verdura, natureza, frutos e poder, a mulher também sofrerá a mesma coisa se perder a saúde e a concordância com a matriz, que se tornará também fraca, insalubre e estéril, corrompendo-se e causando toda uma série de doenças.

Por isso conheçam este microcosmo, isto é, a matéria, tão [140] [141] perfeitamente como a terra e seus frutos. E saber que aquilo que a terra corrompe na árvore, corrompe igualmente a matriz.

Da matriz feminina origina-se a causa que provoca nas crianças diversos transtornos em seu crescimento, na sua cor, chegando a matá-los ou então cobrindo seu corpo de pequenas manchas *(lengintines panni)*[3] Sobre isto lhes digo que tudo o que o homem tinge e planta na árvore com suas próprias mãos, o faz igualmente a mulher através de sua imaginação, como veremos mais adiante.

O estado de saúde ou de doença da matriz depende do estado do corpo que a contém, ou melhor, da saúde ou doença da mulher.

Se quisermos julgar essas enfermidades, devemos examinar todos os minerais do corpo, os quatro elementos, os frutos, o firmamento e as duas esferas. Só com um cuidadoso juízo de todas essas coisas conheceremos a causa aflitiva em questão, levando em conta que a primeira manifestação das doenças da mulher sempre é traduzido pela dor, que por sua vez é a sua intérprete mais sensível.

Quem desconhece as diferentes espécies de minerais não pode perceber o que ofende a matriz. Pois se a caquimia pode gerar o bócio (*strumoe*) nas árvores, assim como o talco por meio dos vermes que corroem a sua cortiça, também pode fazer a mesma coisa na matriz, provocando o bócio, excrecências, tumores, gânglios **(***ganglia***)** e inchações **(***nodi***).** Com este exemplo compreenderão o que acontece em muitas doenças.

Ê uma falsidade que falem de fleumas, melancolias, quando tudo isso deve ser atribuído ao mineral que é o responsável pela incrementação desses tumores, vasculares ou carnosos, pois todas as doenças podem ser enquadradas nestas causas.

Quanto à erupção das espécies nos minerais, eis aqui o que devemos examinar e adotar.

As espécies sempre vêm em estado de dominação. E sob esta forma governam todas as árvores que apareçam na terra.

Ainda é preciso saber que quando uma natureza qualquer se infiltra (*influit*) na espécie referida, não pode sair dela até que a espécie seja consumida ou dominada por outra nova mistura.

Assim nascem os loucos (*fatui*), os insensatos (*amentes*), os corcundas e

demais monstros da natureza, do caráter, da propriedade, da pessoa, dos membros ou da proporção.

Deste modo algumas enfermidades às vezes vêm de uma parte, e outras de outra. Como então não pode existir uma teoria distinta para a matriz se uma semelhante natureza a domina?

Notas

1. O “colcotar" é o vitríolo calcinado vermelho (Dorn, Toxites, Koch le Baillif e Ruland). Para Paracelso (*De naiurae rerum*, lib. VII) é o vitríolo sólido depois que a fleuma se retira do vitríolo calcinado. Foi chamado também de serpente ou lagartixa que come sua própria cauda (*lacerta viridis*). Caslelii o chama de “*Capur mortorum*” de vitríolo. Também recebeu o nome de “*Henriciis Rubens*”, como crítica a certos cirurgiões que se empenhavam em curar todas as feridas só com este medicamento. A química moderna conservou o nome de colcotar para o pó vermelho-marrom do sesquióxido e peróxido de ferro que é o resíduo da calcinação do sulfato ferroso ou vitríolo verde.
2. Nestas palavras está o fundamento da imunidade local e a teoria dos anticorpos que Koch, Pasteur, Roux, Metchnikoff, Behring e Besredka somente perceberam entre 1850 e 1917.
3. Alusão ao raquitismo e às formas cutâneas da sífilis florida do recém-nascido, tão frequentes hoje em dia. O mais interessante desta observação é a sagaz referência patogênica de causa e efeito. O das manchas, no paragrafo seguinte, pode se referir aos "desejos" de algumas mulheres grávidas.

CAPÍTULO XV
(Sobre a concepção, as doenças e os estados que o homem causa à mulher)

Se de acordo com o que acabamos de dizer um pai pode gerar filhos semelhantes a si mesmo porque a sua espécie existe incorporada na semente, e não obstante as espécies minerais deste gênero, devemos declarar com respeito à matriz que esta possui um acidente duplo. Um vem dela mesma e se refere à árvore: uma boa árvore produz bons frutos, quer dizer, frutos sadios e fecundos tanto na árvore como na terra. Nestas condições dizemos que a árvore e o fruto que produz são bons.

O outro acidente consiste e se refere à geração das criaturas ou ao fato de que uma boa semente produz um bom fruto.

Semente e árvore são então duas coisas perfeitamente separadas. A árvore da terra pode dar seus frutos sem que seja necessária a presença da semente. Ao contrário, na árvore da mulher a frutificação requer precisamente que o homem tenha colocado sua semente nela.

Daí se deduz com toda a evidência a importância da semente, sobre a qual diremos que deve ser de excelente qualidade por si mesma, pois uma vez colocada na árvore não poderá melhorar espontaneamente, nem sob a influência da boa saúde que a árvore possa ter.

Tudo o que acontece com a árvore pode acontecer também com a semente. Por isso convém que ambos sejam bons. Se assim for, o fruto também será bom ao ponto de podermos julgar através dele a qualidade da semente e da árvore que o gerou.

Na implantação da semente no corpo da matriz podem intervir diversos acidentes e doenças. Sem dúvida tudo isso deve ser julgado segundo a natureza do homem e não segundo a da mulher. Neste ponto devemos considerar a matriz

dividida em duas partes: uma para as doenças próprias, femininas, e outra para as enfermidades estranhas que o homem lhe transmite.

Esta teoria é indiscutivelmente bem feita já que sai da luz da natureza e não de uma imaginação febril. Além disso nem é preciso dizer que para estas doenças transmitidas pelo homem à mulher devem ser usadas medicinas viris. Os remédios para os cálculos[1] do homem, por exemplo, também curam os da mulher. E isto não é porque os cálculos do homem e da mulher tenham a mesma origem, como dizem os falsos médicos, mas justamente porque a mulher recebe seus cálculos do homem. Por este motivo e não por outro é que o mesmo remédio serve para os dois, não só neste caso mas às vezes em muitas outras doenças.

A semente copulada por um homem que sofre icterícia provoca a icterícia também na mulher através da matriz, pois em qualquer caso a matriz atrai a semente e a sua anatomia é invadida pela anatomia da qual a semente está impregnada.

O corpo se acha tão ansioso para emitir seu esperma que ensina e incentiva todos os seus órgãos para esta ação. E quando tais órgãos se retiram (*secedant*) cada anatomia conserva a parte de onde vem as doenças, acabando assim por envenenar e adoecer a si mesmos.

Quando os médicos ignorantes dizem: “esta medicina curou tal doença em tal lugar igualmente os homens e as mulheres”, cometem um erro grosseiro pois evidentemente falam sem saber o que estão dizendo. O mesmo no que se refere às moças ainda não tocadas por nenhum homem (*de puellis virum mondum expartis*), porque em sua ignorância não sabem que elas levam na semente com a qual foram geradas pelo pai, a herança direta da sua saúde, das suas doenças, e de uma série de coisas deste tipo. Por isso é lógico que possam ser curadas com as mesmas medicinas usadas para curar seus pais.

A ignorância desses fatos e a incapacidade desses médicos os impede de examinar corretamente as causas dessas doenças. Entretanto se contentam em imitar Juan de Garlande[2] resolvendo tudo com os quatro humores, da mesma forma que aquele autor fazia, repetindo sem maiores méritos nem valor as indicações de Alexandre[3].

É preciso conhecer bem o modo como as coisas que vêm do homem se adaptam ao corpo da mulher. Observem sobre isto que existem dois corpos cuja mistura (*permixtio*) causa invariavelmente a morte de um deles. São estes: o corpo da doença e o corpo da mulher, que sofrerá ou dominará o primeiro. Somente quando o corpo da mulher se conserva íntegro, sem feridas nem fraturas, pode conseguir beneficiar-se com a medicina, que em caso contrário

nada poderá fazer. Porque é como se fosse uma madeira que tivesse sido quebrada, queimada e reduzida a pedaços de carvão, não sendo possível voltar a possuir um todo sadio e inteiro.

O corpo das doenças da mulher que vem do homem é um corpo da última matéria e não da primeira. Os dois corpos, o do homem e o da mulher, estão perfeitamente separados; o primeiro é de natureza espiritual e o segundo de natureza material.

Tanto o espiritual como o material podem existir em um corpo, assim como o ar, a água, a madeira, a pedra *etc*. Nestes casos vemos que quando o ar, por exemplo, não está doente, ' a madeira e a pedra adoecem (*morbosum)*\ não porque o estejam por si mesmos mas por causa do ar que as envolve. Assim então o ar, e não a madeira ou a pedra é que deve ser o objeto da nossa atenção.

Onde a semente do homem adoece o ar se impregna de doença. Deste modo a enfermidade se transforma na anatomia do corpo da mulher com o único acréscimo das cores, que neste caso concorrem e que não existem somente no ar.

Às vezes, quando se trata de doenças passageiras, o corpo pode manifestar-se sob uma cor somente: a mesma que tinha no momento em que foi tomado pela doença.

Isto é tão importante quanto são os quatro corpos que existem em uma só substância e que guardam as doenças como verdadeiros licores do corpo, o qual é mais distinto que os simples humores.

Em verdade lhes digo, médicos humoristas, que antes de colocarem sobre a cabeça o barrete vermelho[4], devem aprender a conhecer os quatro corpos, pois sem isso sua arte ficará reduzida a bem pouca coisa. Só assim poderão saber onde está a peste e se se encontra em maior grau no sangue ou na carne. Digo então que o sangue é um corpo quádruplo como a pedra e muitas outras coisas semelhantes.

Notas

1. “*Ad Calculum*” segundo Dorn. Paltenius traduziu “*hephritis*” de “*Grien*” ou “*Gries*”.

2. A referência de Paracelso a um autor tão obscuro é notável e desmente uma vez mais as acusações de seus contemporâneos que o chamavam de ignorante. Juan de Garlande foi incluído no século 11, ainda que hoje pareça certo que viveu no sec. 13. (*História Literária da França*, de Rivet, tomo VIII). Provavelmente nasceu na França e viveu na Inglaterra. Foi conhecido como teólogo, gramático, poeta e matemático. Ainda conserva-se dele um grande poema em latim: “*De Mysteriis Ecclesiae*”, o “*Opus Synonymum*”, o “*Floretus*” *etc.* Tem ainda um *Compendium Alchimiae* impresso em Basiléia (1560), comentado por Arnaldo de Villanueva e reimpresso em 1571. E um dicionário, *Magistri Iohannis de Garlandia* Dictionarius que se conserva em manuscrito na Biblioteca Nacional de Paris (Suplemento 1, nº 294-10) e que Géraud imprimiu mais tarde, segundo as datas originais (1922), em *Documenta Inédita de L'Histoire de France,* Paris, 1837. Eis aqui a notável passagem que dedica à matriz:

> “*prope perythonium im muliere, est valva ventris, quae dicitur vulva, quam seguitur matrix in qua concipitur infans cum voluptate viri et mulieria, cujus virtua est in umbiculo et in renibus ejua, cujua nates displicent viro religioso, terga et spondilia cum ventre*”.

Quer dizer: “na próprio peritôneo da mulher abre-se uma válvula de ventre chamada vulva, depois da qual vem a matriz onde as crianças são concebidas em meio à voluptuosidade do homem e da mulher, e cuja virtude, situada no umbigo e nos rins é desprezada pelo homem religioso, de ventre magro e fundo”.

3. Provavelmente Alexandre Trallianus, célebre médico do século 6.

4. Distintivo dos médicos dessa seita.

CAPÍTULO XVI
(Doenças e influênc ias celestes que as mulheres padecem)

O médico verdadeiro é aquele que descobre o corpo dos abcessos, pois com isso consegue demonstrar ao mesmo tempo que o sangue dá origem somente a corpos admiráveis, todos eles de igual estrutura.

Excelente e honesto é também o médico que conhece a razão pela qual a mulher concebe em sua matriz o fruto do homem. Digo que isso acontece pelo seguinte motivo.

O céu criou outro homem *(vir)*, outra humanidade (*homo*) e outra mulher, tudo dentro do poder do firmamento e do curso dos astros. Por sua vez o homem vem a ser, por razão semelhante, o astro, o firmamento, e o céu de toda mulher. Porque do mesmo modo que o céu faz outro homem, este pode fazer outra mulher, quer dizer, outra natureza, caráter, condição e propriedades, todas sob a dependência microcósmica. Sob a influência que o homem exerce, as constelações que cercam a mulher *(sidera)* são deslocadas pelas constelações do

homem.

Certamente essas coisas parecem inverossímeis para aqueles que desconhecem os astros; somente quem os conhece está próximo da medicina. Não existe maior inimigo da natureza do que aquele que se julga mais inteligente que ela, sem perceber que ela é a nossa melhor escola.

Todo o trabalho que os autores antigos realizaram sobre as enfermidades femininas tornou-se inútil exatamente porque eles se esqueceram dessa mudança que o corpo interior, ou seja, a matriz da mulher experimenta sob a influência dos astros do homem e a mútua relação resultante dessas duas naturezas microcósmicas.

A natureza inferior recebe o influxo da superior de tal modo que o que está debaixo se inclina sob o que está em cima.[1] O poder de sua teoria e de sua física nos leva a descrevê-las de duas maneiras diferentes, porque se o corpo do homem fica enfermo no seu astro, o da mulher, que está inclinado sob ele, fica igualmente afetado (*inficit*).

Acontece o mesmo quando as estrelas lá do céu compelem o doente no decorrer [2] de sua enfermidade. É necessário a existência de outro corpo diferente na mulher para receber as enfermidades que se regem por outra física.

Esta é a razão porque há médicos cegos que não enxergam essas coisas e só cuidam de buscar o lucro e não a arte de modo desinteressado.

Se observarem atentamente esse céu que existe na mulher, produzido pelo homem, poderão ver que nele está a causa de muitas doenças que erradamente atribuímos a outras origens.

A asfixia da matriz, por exemplo, de onde vem, a não ser do céu que o homem constelou sobre o corpo da mulher, verdadeira origem do mal?

Quando sobrevém tal enfermidade o homem e o astro estão enfermos e caducos, ou pelo menos inclinados para a decadência num estado semelhante ao das estrelas, as quais, ainda que não sofram nenhuma enfermidade no céu, podem de lá influenciar para que os homens as padeçam. Quando a citada constelação provoca uma conjunção ou dá lugar a uma impressão, a asfixia da matriz se manifesta de modo semelhante como acontece com o mal caduco[3].

É curiosa a ignorância dos médicos de quase todas as escolas sobre isto, porque ainda que tenham escrito sobre a decadência e a asfixia, esqueceram-se grosseiramente de assinalar qual dos quatro corpos recebe primeiro a doença ou em qual dos astros ela se esconde. O silêncio deles significa simplesmente a ignorância e por isso mesmo os comentários que fizeram não passam de alusões pessoais ou de observações de aldeões *(ut rusticorum*).

Todo médico que queira descrever o corpo deve previamente conhecer bem a substância: nela está o fundamento de tudo quanto devemos guardar e

registrar sobre a arte da medicina.

A mesma coisa podemos dizer sobre o homem que aparece de tal modo constelado no seu céu que pode consumar em si próprio a conjunção, a qual deve romper (*erumpere*) para encontrar os dois corpos, a saber, o corpo da mulher e o seu próprio corpo.

Por isso, quando a inclinação já existe no corpo do homem, o seu astro e a sua vontade se retiram. Mas se a inclinação se dirige para o corpo da mulher, o mal caduco aparecerá na matriz sem se parecer em nada ao do homem.

A inclinação do céu externo parece-se pois com a do homem; e a do céu do homem à asfixia da matriz.

Os três “males caducos” portanto são: o do homem, ou viril; o da mulher, ou feminino; dependentes um do outro sob um mesmo céu de natureza viril; e um terceiro, próprio do corpo interior, que recebe o seu céu do próprio homem.[4]

Notas

1. Nesta frase, um tanto obscura e metafórica, parece fazer alusão ao ato sexual.

2. O *curso* da doença.

3. A expressão *caducus*, que se encontra tanto no texto alemão como nas versões latinas, deve ser interpretado no sentido de “queda", “caduquice", e não no de "fraqueza". Além disso, a expressão “mal caduco” estava reservada à epilepsia. Sendo a matriz um submicrocosmo, segundo Paracelso, entende-se que devia possuir seu correspondente “mal caduco”.

4. No fim desses complicados raciocínios não conseguimos precisar concretamente a ideia que Paracelso quis desenvolver. A título de suposição, e pela linha do pensamento apontamos a ideia de “sufocação”, a “caduquice” e o sentido de “mal caduco” como sendo epilepsia (ou alguns equivalentes menores). Não significará “transtornos do climatério”, “idade crítica”, ou "menopausa”. As “labaredas de calor”, a “virilização”, as “crises hipertensivas”, a “mudança de caráter” e a “supressão das regras” (verdadeira caducidade, como Paracelso expressou em outra parte) seriam os principais elementos de observação que desfilam pelas tortuosas mas exatas observações de Paracelso.

CAPÍTULO XVII
(Da superioridade do céu do homem sobre o céu da mulher e da superioridade de Deus no céu do homem. Razões sobre a hierarquia dos médicos)

Sabemos que todas estas coisas se transmitem por hereditariedade através do fruto, tanto por via paterna como por via materna. Sabemos igualmente que o homem não se corrompe (*inficiat*) por si próprio nos verdadeiros males caducos do céu interior, mas somente pela síncope, da mesma maneira que na mulher acontece pela asfixia da matriz.

A asfixia da adolescente (*puella*) se dá de duas maneiras: uma enquanto é virgem e a outra depois de tornar-se mulher *(muliebriter*). A asfixia virginal é semelhante à síncope, ao mal caduco, e inclusive é mais do que a síncope[1]. Sobre isso falaremos mais adiante em capítulos à parte, nos quais explicaremos o mecanismo *(ad intelligendum mechanicum)* da sua produção.

A asfixia da mulher é entendida quando se verifica sua precipitação no céu do homem. Sobre isso direi que todas as doenças da matriz, muito mais numerosas do que podemos supor, vem do céu do homem. Essas doenças, com efeito, têm como causa igualmente a terra, o firmamento, o ar, a água, mas a causa principal está sem dúvida na constelação do céu masculino.

A peste, por exemplo, nasce do céu por cima da natureza do homem, nele começa e nela tem a sua matéria.

A precipitação tem origem do mesmo astro que gera a apoplexia. O derramamento da matriz (*profluvium*) encontra a sua causa no mesmo astro do qual emanam a lienteria, a diarreia e a disenteria, todas elas se dirigindo para a

matriz de acordo com o corpo do microcosmo.

Tudo isso demonstra que o médico deve considerar essas coisas em primeiro lugar segundo a origem, e depois passar para outras causas que serão interpretadas de acordo com a monarquia correspondente.

Será necessário então especificar as doenças segundo os quatro corpos e fixar o primeiro princípio de cada um. Permanecer nas respectivas anatomias e considerar a criatura separadamente em suas duas formas de homem e de mulher e as artes específicas de suas medicinas. Se isso não for observado pelos médicos a arte deles será como um cinamomo[2] seco e sem seiva, que se derreterá em suas bocas como um gorro forrado de cabelo[3] *(pileus villosus).*

As artes e as ciências amam aqueles que as ama, quero dizer, aqueles aos quais Deus conferiu essa graça. Por isso, quanto mais ciência tiverem dessas coisas, mais devem divulgá-la para o benefício de todos, pois para todos foi criada a medicina.

Somente o médico pode louvar a Deus com toda a categoria e hierarquia devida e por isso ninguém deve ser mais instruído do que ele. Ninguém como ele pode conhecer o homem com maior profundidade e exatidão, uma vez que Deus lhe conferiu tanta grandeza.

Unicamente ao médico está reservado o ato de dar ao conhecimento público as obras de Deus, a nobreza do mundo e a nobreza ainda maior do homem, assim como demonstrar de que modo procede um do outro. E digo que ninguém pode se glorificar com a medicina se ignora essas coisas.

É um verdadeiro milagre ver como a verdadeira ciência forma, ordena, deduz e especula tudo no homem, pois — devíamos pensar sobre isto com mais frequência -— verdadeiramente nada existe no céu e na terra que não esteja presente no homem.

Este é o motivo do silêncio das virtudes celestes. E isto se explica porque Deus que está no céu também está no homem. Onde está o céu senão no homem?[4] O certo é que a melhor maneira que temos para nos servirmos do céu é termos o céu em nós mesmos. Graças a este céu que tão intimamente nos conhece Deus pode saber diretamente os nossos desejos e assim chegar mais perto dos nossos corações, dos nossos pensamentos e das nossas palavras.

Assim Ele impregnará o nosso céu com o seu céu fazendo-o segundo à sua semelhança, mais espaçoso, agradável, nobre e excelente, pois não há dúvida de que Deus está no céu e por isso no homem.

Ele disse que moraria em nós, entre nós, e que seríamos seu próprio templo. Roguemos então por Ele ali onde se encontra, quer dizer, no céu... e no homem.[5]

Pese e examine o médico com a maior atenção o que tem em suas mãos. E saiba que a mais alta e nobre das causas está em seu poder.

Notas

1. Refere-se ao histerismo e à palidez das virgens, que mais tarde seria chamado de desmaio romântico ou melindre.
2. "*Zimmerurinden*" em alemão. Paltenius e Dorn traduzem por "*cinamomum*".
3. A menos que este "gorro forrado de pelos" signifique um bon-bom ou um confeite especial desconhecido — assim como um bolo inconsistente, conforme o sentido da frase — não sabemos o seu significado e a comparação é completamente absurda.
4. A frase alemã apresenta a mesma incorreção: "Wo ist der Himmel, als der Mensch".
5. As edições de 1566 e a de Gerardo Dorn omitiram esta frase.

CAPÍTULO XVIII
(Discurso sobre as naturezas e o casamento)

Como o médico pode conhecer o homem, no qual todo o céu e a terra estão presentes, se não conhece o firmamento, os elementos e nem o mundo?

Digo que todas as coisas e todos os médicos com suas respectivas monarquias foram formados pelo mesmo artesão que criou o homem de tal maneira para que se instrua e aprenda por meio das outras criaturas e não baseie suas opiniões nas especulações de sua imaginação. Pois em verdade nenhum fundamento ou ciência emanam direta e exclusivamente do homem.

Somente a vontade de Deus é capaz de criar os médicos como parte integrante do seu próprio domínio; e assim eles nascem por essa vontade e não quando os homens querem.

Quando vemos a terra formar os seus frutos e árvores sob a influência do céu *(ex coelo)* e percebemos em quão poucos anos a terra conserva seu domínio e natureza, por melhor que seja, descobrimos o poder e a força que existem latentes em todas as coisas destinadas a nascer. Acontece justamente assim no corpo da mulher, que possui em todos os casos a mesma inclinação peculiar.

Nunca é demais repetir que, a menos que intervenham circunstâncias do céu exterior, a boa terra dará sempre bons frutos com uma regularidade perfeita.

Isto deve ser compreendido no sentido de que não devemos nos adiantar ao que a terra pode dar por si mesma, deixando-a que prospere livremente seguindo a natureza do seu céu, a menos que a casualidade encontre alguém que conheça a filosofia médica das coisas naturais.

A mesma coisa, ou mais ainda, acontece com a mulher: ela pode se conservar de tal modo que não se infeste pelo céu inferior, ou melhor, o homem.

Se conseguir evitar a infecção e sendo uma boa terra, poderá gerar bons frutos por meio dele.

É da maior importância saber que a árvore de boa natureza gera bons

frutos. A árvore feminina é tão forte e de natureza tão excelente, e está tão enraizada na bondade que nenhuma natureza má poderá dominá-la.

Isto está de acordo com a alegoria que Cristo enunciou ao dizer: “a boa árvore dá bons frutos”. E em verdade lhes digo que Cristo elegeu seus discípulos precisamente dentro desta raça (*progenies*) para assegurar a boa natureza. Da outra natureza de onde vem o mal, escolheu somente o duodécimo discípulo, que se chamou Judas.

Já sabem que nenhum apóstolo de natureza boa traiu o Cristo e que somente aquele gerado pela natureza má o fez.

Ao apresentar-nos de maneira tão ostensiva as bondades e maldades da natureza Cristo quis assim que conservássemos profundamente gravados os seus ensinamentos, e atribuir à natureza a origem de todas as coisas.

Nossas medicinas serão eficazes se trabalharmos com uma boa natureza. Caso contrário poderemos esperar o mesmo pagamento que Cristo recebeu de Judas.

Digo também que será prudente não menosprezar o sentido desta alegoria porque dela — e não de nenhum outro fundamento — provêm as doenças curáveis e incuráveis.

Se Cristo deu tanta importância ao que é da natureza, devemos compreender da mesma forma o que se refere à salvação eterna. Aceito este pensamento, devo dizer que uma mulher saudável e de boa natureza pode ser protegida ou pervertida por seu céu inferior, que é o homem. Isso é desculpável nessas pessoas de boa fé que podem ser levadas facilmente para o bem ou para o mal por meio de conversas, pois neste caso a palavra do sedutor possui um céu e uma inclinação indiscutível.

Se isto existe pelo céu convém não esquecer que o homem é o céu da mulher, atuando sobre ela não precisamente por palavras, mas pelo fato de que os dois foram gerados da mesma carne.

Seguindo o exemplo que demos, vemos que da mesma forma como os oradores de má fé conseguem seduzir o povo para a maldade com suas frases perniciosas, os tribunos das causas boas sabem se manter na boa natureza.

Por isso dizemos que a natureza da mulher deve ser conservada e perpetuada num homem de boa natureza, porque nunca a união dos bons pode gerar maldade.

Quando Cristo falou sobre o matrimônio seguiu este curso natural das coisas. Por que, em vez de dizer que “os casamentos podem ser dissolvidos e cada um fazer o que bem entende’’, disse: “os matrimônios que Deus uniu devem permanecer para sempre”? Simplesmente porque este é o seu verdadeiro vínculo. Por isso os homens e mulheres da má natureza se conduzem mal no

casamento. E por isso as crianças que têm o amor de Deus nascem de casamentos unidos n'Ele e por Ele. Saibam que essas coisas nunca podem separar-se e que quando Deus uniu o pai à mãe de Pedro, de João, de Judas, de Bartolomeu, de Simão e de Felipe etc., mantendo-os unidos juntos aos seus pais e outros antepassados, é porque eles eram de boa natureza e nunca serão separados.

Se Cristo criou espécies tão excelentes da natureza tirando dela seus próprios discípulos é lógico que o médico também conheça a boa natureza e procure conservá-la, ou melhor, trate de dar a cada microcosmo o microcosmo conveniente tanto nas virtudes como nas propriedades corporais das quais estamos falando. O conhecimento destes fatos é da maior importância.

Desta maneira Cristo escolheu seus apóstolos, seus reis, suas terras e seus magistrados.

Judas, ao contrário, cuja má natureza se escondia diante dos pobres sob uma bondade disfarçada, não procurava mais que o seu próprio e único proveito. Vemos assim como as más naturezas usam palavras e razões mais sedutoras que as boas naturezas, apesar do que devemos sempre confiar nestas últimas.

A boa natureza está nas obras e não nas palavras. Acostumem então a julgar com o coração e não com a boca que nunca produziu nada.

Compreendam assim todas essas coisas e saibam que o médico deve conhecer a boa espécie que existe na boa natureza, pois achando-se a primeira no coração é lógico que a natureza a mostre.

As palavras de Cristo que já citamos: "não separe o homem aquilo que Deus uniu" quer dizer que a boa natureza existente nos casamentos deve perdurar e que não devemos tentar seduzi-la ou separá-la.

Uma conjunção pode constituir ou não um casamento; e isto é fácil de reconhecer. Digo também que estas uniões devem ser buscadas na mesma natureza e que, não sendo boas, não devem esperar que deem algo bom.

Essa natureza dupla dos homens que age na retaguarda do casamento é uma natureza tenebrosa e nociva, verdadeiro fruto do diabo; fora isto também devemos admitir que ela está separada em todas as coisas, como o Sol e a Lua, a noite e o dia, os anjos e os demônios.

Quando a natureza é assim não pode produzir nenhuma utilidade ou bem. Por isso digo e repito que a árvore deve conservar-se boa, quer dizer, que a mulher deve conservar-se boa se no seu princípio foi de boa natureza. Neste caso o céu inferior do homem não pode estragá-la e digo que de toda natureza boa nascerão sempre frutos bons e sadios.

A mesma regra serve para o coração, que é de pouco interesse para o médico. Esta distinção deve ser sempre conservada, apesar de que uma terra que

dá bons frutos porque recebeu boas sementes no passado pode se degenerar no futuro. Ou melhor, cada coisa deve pertencer à sua natureza e que somente assim a terra e a semente podem concordar da mesma forma que a mulher e o homem unidos por Deus no matrimônio.

Ao contrário, quando a semente mesmo não sendo má por si mesma cai sobre uma rocha, fica perdida e acaba secando. A boa natureza deve conservar-se cuidadosamente; assim evitará cair em desgraça diante de Deus, guardando-se num coração desta espécie, como convém a uma boa natureza.

O mesmo acontece com a medicina. Quando alguém fica doente só a força da medicina pode fazer o paciente sair da doença. Mas se a má natureza chegar a vencê-lo, ele permanecerá de cama. Este é o fundamento pelo qual dividimos os doentes em curáveis e incuráveis.

A comparação destes doentes entre si nos mostra como uns se parecem com São Pedro e outros com Judas: estes últimos acabarão enforcando-se e tornando-se incapazes para toda ressurreição.

CAPÍTULO XIX
(Sobre o espírito e a virtude da doença)

Já dissemos até agora muitas coisas sobre as doenças incuráveis, mas ainda não nos referimos ao seu fundamento. Sobre isto digo que a boa natureza também pode morrer, a menos que ressuscite com a ajuda da medicina. Somente a ignorância dos médicos explica que às vezes se diga: “isto é incurável”, quando na verdade pode perfeitamente ser curável.

Isto obriga-nos a estudar detida e sucessivamente o céu, a natureza, o corpo e finalmente a matriz, onde encontraremos tudo o que constitui a teoria.

Uma natureza semelhante deve ser pesquisada na medicina pois do seu fundamento deduz-se á arte da composição, que por sua vez deriva da anatomia e não dos graus, temperamentos ou experiências.

Sem anatomia não .existem verdadeiras fórmulas, cuja arte deve saber conduzi-las por entre todas as coisas sem esconder nada, já que é perfeitamente sabido que o homem e a mulher devem se unir segundo suas anatomias e que a doença e os doentes devem fazê-lo de acordo com as suas naturezas.

O médico que sabe qual medicina cura determinada doença deve também saber que existe mais de uma doença e mais de uma medicina, as quais estarão por sua vez unidas e separadas precisamente em razão de suas anatomias.

O fato de existir uma medicina mais elevada que outras, reunindo as anatomias de todas as doenças e de todos os medicamentos não impede que o

céu caia (*recidet*) somente no tempo devido. Assim, definitivamente só existe uma doença e uma medicina.

Compreendo que unicamente os médicos e os astrônomos me entenderam, pois certamente a audácia e a ignorância dos sofistas, apesar de chegar até aqui, não puderam encontrar o grande arcano. Isto confirma o fato de que a torpeza dos farmacêuticos acaba sempre corrompendo as preparações da medicina.

Voltando ao princípio, e para alcançar a conclusão do que lhes disse, quero explicar como se reúnem o centro e a totalidade da matriz, e de que maneira podem se corromper mutuamente.

O espírito das doenças vem do centro da matriz, e não pelos poros ou pelos meatos, com a mesma sutileza com que o Sol atravessa o cristal, esquentando o conteúdo do vaso, ou como o fogo da estufa pela casa, sem estragar as coisas que existem nela.

É preciso considerar com toda a reserva a opinião de que as grandes doenças agudas passam através dos poros, pois sendo todas elas de natureza espiritual vêm como o calor do Sol, que queima tudo o que seu espírito queima. Observem uma diferença: é certo que o Sol esquenta através do cristal e o fogo através do fogão, mas ao contrário não o fazem assim através da pele do homem.

O calor que surge do homem é precisamente o calor do corpo que se fortifica desde fora e que faz ferver seus licores e humores. Nestas condições ele expulsa o seu vapor até o exterior, como é próprio da condição fervente, expulsando-o pelos poros.

O espírito da doença deve ser considerado fora do centro da matriz, enquanto a substância da matriz é distinta do Sol, não obstante o Sol seja a sua substância e se encontrem separados em suas três naturezas e centros.

De acordo com isto, quando a matriz guarda qualquer doença, tal doença se transforma num corpo que deve permanecer deitado (*quod ipsum decumbit*). Igualmente o espírito que vem da doença escapa sob a forma de um cheiro como de rosas ou de almíscar, penetrante e tenaz, que ninguém pode ver ou captar.

Todas as doenças que invadem o corpo partindo da matriz têm estas características. As que invadem a matriz vindo do corpo existem no organismo com o seu próprio corpo, segundo explicaremos mais tarde.

Os espíritos que invadem o corpo a partir da matriz estão impregnados de uma cor artificial (*Farben gemachet)* que, assim como o espírito colorido do vitríolo, tingem as doenças como se realmente tivessem um corpo.

Acontece além disso, ainda que sejam numerosas as doenças da matriz, que frequentemente umas são curadas com as outras. A mesma coisa acontece quando o centro da matriz fica doente e o restante da matriz o cura, ou vice-

versa, quando a cura parte do centro da matriz para as outras partes da mesma.

Não existe, com efeito, nenhuma razão para que uma coisa possa levar à outra o mal e a doença e não possa levar igualmente à saúde e à cura. Afirmo pois que no mesmo lugar onde as doenças nascem, encontra-se também a raiz da saúde e vice-versa.

Além de tudo isso há também a possibilidade da doença e da saúde procederem diretamente delas mesmas, do mesmo modo quando ficamos doentes por causa de um acidente e um acidente nos devolve a saúde[1], pois a mesma causa pode se manifestar em nós de modo antagônico.

Se o astro nos fez adoecer também poderá curar-nos, assim como o sangue, pois em sua própria natureza está o verdadeiro socorro (*auxilium*) e não nas coisas estranhas.

Quando isto se encontra no corpo do microcosmo, a saúde exterior triunfa sobre a doença inferior, ou melhor, a saúde do corpo vence a enfermidade central e esta a doença corporal da matriz.

Se o céu pode nos consumir com a doença, afetando nosso corpo fixo na terra, atuando a partir do exterior, ele também pode nos conservar a saúde e proteger-nos da fraqueza doentia e malsã.

O mesmo acontece aqui. E por isso o sentido das palavras de Hipocrates expressa justamente que uma força precisa sempre de outra força que a expulse: “a virtude é o que cura a doença”.

Neste sentido a virtude (*virtus*) é uma força que vem do céu e não da medicina, ou melhor, que é uma medicina invisível. Por isso quando um doente sara por si mesmo sem nenhuma medicina, diz-se que foi curado pela virtude ou pela astronomia celeste. Os que não podem se curar assim deverão usar os medicamentos e recuperar a saúde por meio dos arcanos.

O arcano é um poder (*potentia*) e uma força, mais que uma verdadeira virtude (*virtus*). A opinião dos médicos que consideram as forças do homem (*vires potentiales)* como verdadeiras virtudes (*virtutes*) está completamente errada e só demonstra que eles não compreenderam e nem entenderam os comentários de Hipocrates.

Notas

1. Nesta afirmação está toda a teoria da comoção psíquica, tão atual no tratamento das inibições neuróticas e histéricas. Inclusive uma série de processos de forte conteúdo funcional (choque por insulina, cardiazol etc.), acontecidos em circunstâncias catastróficas, como nos tempos de guerra, cataclismos, terremotos, revoluções etc... Na literatura é clássico o relato de Xavier de Montepin no O Médico das Loucas. Em muitos filmes modernos o enredo está baseado neste mecanismo.

CAPÍTULO XX
(Conclusão)[1]

Terminarei agora, de um modo geral, a monarquia referente às mulheres. Advirto no entanto que isto não é definitivo, pois espero que Deus me permita descrever com mais amplidão e detalhes tudo o que se refere a cada doença da mulher, seja ela própria e sem nenhuma relação com as dos homens ou mesmo as que são comuns aos dois. Com isto a compreensão, explicação e esclarecimento de todas as coisas e causas da monarquia do microcosmo serão conseguidas através de um ensinamento anatômico e alquimista[2] *(alchimicis demonstrationibus)* do homem, unido a uma certa instrução mundana que nenhum médico pode deixar de ter[3].

A diferença principal que me separa dos velhos médicos está no fato de eles se conformarem em tratar as doenças sem compreendê-las ou fundamentá-las, escrevendo habitualmente sem a luz da natureza.

E isto não deve ser assim, pois somente sob esta luz deve-se escrever. Além disso, para tirar a medicina da terra é preciso que o médico também seja terra antes de ser homem. Somente assim cada um poderá dar o que melhor lhe convenha.

Se não trabalharem assim suas dissertações e esforços não criarão mais do que meras seduções das quais nem os médicos nem os doentes tirarão proveito. Diante disso não adianta que esses médicos consigam colocar suas quatro colunas[4] no átrio das academias, nem que por causa de tais aparências solenes ninguém se atreva a combatê-los.

Todas estas coisas criadas por eles não demonstram nenhuma de suas especulações já que só se consideram obrigados a um reduzido número de razões e experiências.

Assim, quando se trata de conhecer um fundamento qualquer eles dispensam toda a responsabilidade.

Por isso lhes digo que a coluna que se levante deste modo terá uma base muito deficiente; o que não impede que tenham construído numerosas coisas

sobre ela, e que afirmem que pelo fato de terem sido reconhecidas pelas academias não podem conter nenhuma falsidade.

Existe aqui um erro grosseiro no qual eles estão incluídos. É o de colocar Cristo na base da coluna dada como exemplo, dizendo que os enfermos precisam de um médico que os atenda[5], pois com isto estão usurpando um título de médico que estão muito longe de possuir.

Seria melhor considerarmos que Deus criou os médicos e a medicina diretamente da terra à qual verdadeiramente pertencem. Compreendo que neste caso os alunos das novas escolas teriam o direito de se perguntarem se vocês foram criados por Deus ou pelo diabo. Deste modo também seria possível ver imediatamente se estão com a verdade ou com a mentira, e de qual delas nasceram.

Não é possível que Deus tenha criado e capacitado como médicos todos os professores condenados das academias, procuradores, boticários, padres, freiras e outros semelhantes.

Por outro lado é tão certo que as universidades de Leipzig, Tubinga, Viena, Ingolstadt etc., são as que os formaram, como devem procurar assemelharem-se com o seu Criador.

Verdadeiramente o que sentiram na astronomia, na filosofia e na lógica não os esfriou nem os esquentou grande coisa. E digo que se o astrônomo rejeitasse os sortilégios, o filósofo as coisas aparentemente irrazoáveis e o lógico as suas mentiras, seria preciso reconhecer neles um certo fundamento em medicina.

É completamente inútil que se defendam com a autoridade de Macaon [6], Apolônio[7], Aristóteles, Galeno, Averróis, Avicena etc pois a primeira coisa que deviam fazer era provar se eles mentiram ou não. Só depois, tendo isto claramente estabelecido, podiam admiti-los ou não. E digo que se esses escritos fossem tubos de órgão, faltaria um organista muito bom que pudesse tirar deles a mais simples canção.

Acontece o mesmo com esses geômetras, que depois de desenvolverem teoricamente uma série de círculos e instrumentos maravilhosos que se movem e andam sozinhos, acabam desaparecendo no ar com as suas especulações. São verdadeiramente como cavalos de madeira; a ilusão acaba quando tentam montá-los.

Se não tivessem Deus como desculpa e não vendessem em seu nome essa sabedoria absurda, poderiam reconhecer-se como muito mais grosseiros que qualquer alquimista ou profeta nigromante.

Quando dizem: “Deus não quer isto", ou “Deus fez aquilo”, quem ousaria resistir a esse juízo e poder? Mas lhes digo que o fato de terem constantemente

nos lábios o Verbo do Senhor não escondem a suas más naturezas. Claro que não fazem o menor caso disto, e quando se pergunta por que os doentes devem ter seus médicos, não sabem responder. Seria melhor que nunca abrissem a boca, porque apenas sabem falar de dinheiro e da fé como justificativa para suas palavras, pois verdadeiramente o coração do médico está muito longe de sua língua.

Meditem bem em tudo isso e procurem não cair neste tremendo pecado da irresponsabilidade.

Notas

1. Na edição de Gerardo Dorn, ao chegar nesta linha também aparece o subtítulo: “Conclusão".
2. "Alchimicis demonstrationibus”, segundo Dorn. A alquimia também foi chamada de archimia.
3. Parece referir-se ao conhecimento e prática de certas normas de psicologia e mesmo de delicadeza, tão necessárias naquele tempo como hoje aos ginecologistas.
4. Maneira sutil e engraçada de chamá-los de quadrúpedes.
5. Esta frase parece ter sido dita diversas vezes por Cristo, pois a encontramos no Evangelho de São Mateus (IX. 12), no de São Marcos (VI 17) e no de São Lucas (v. 31).
6. Macaon, célebre médico filho de Esculápio que acompanhou os gregos no cerco de Troia.
7. Provavelmente Apolônio de Cos, ou então um dos Apolinários ou um dos cinco Apolônios.

OPUS PARAMIRUM

LIVRO V
TRATADO DAS DOENÇAS INVISÍVEIS[1]
(De causis morborum invisibilium)

PREFÁCIO

Com tudo o que dissemos, termino os quatro[2] livros que tratam da luz da natureza, nos quais expliquei as infecções e doenças da parte visível do corpo do microcosmo, com todo o cuidado e experiência possíveis e com uma demonstração suficiente das respectivas doutrinas filosóficas e experimentais.

No entanto, ainda que tudo o que acontece ao corpo visível no microcosmo tenha sido tratado prolixamente em alguns desses livros e cada assunto enunciado e provado nos capítulos correspondentes à luz da natureza, sem omitir detalhe nenhum, o certo é que ainda não falamos de todas as doenças da parte visível do microcosmo que podem molestar o corpo nem das múltiplas formas pelas quais podem aparecer.

O que até agora foi descrito aparece visivelmente aos olhos e pode ser apalpado com as mãos com base na filosofia, sem nenhum vício de origem, com todo o poder que temos, como qualquer um pode comprovar pela própria experiência e sem erro. Nesse ponto reconhecemos que os humanistas elaboraram sua teoria dentro de erros grosseiros, por mais que a suprema beatitude perdoe e esqueça a imperfeição de suas argumentações.

Nestes livros tratamos apenas das doenças que perturbam a metade visível do corpo humano. Por isso vamos agora comentar tudo o que se refere à outra parte, quer dizer, à metade invisível, para que o médico possa encontrar uma opinião completa e possa se referir à totalidade do homem. A metade da qual estamos falando é invisível mas não deixa de ser palpável, o que pode ser compreendido à luz da natureza, de modo semelhante como acontece com os cegos, que apalpam sem ver o que apalpam. Nós vemos e apalpamos mas não sentimos o que tocamos *(non sentimus).* E contrariamente aos cegos, cujo tato adquire tamanha sensibilidade, nós ficamos surpreendidos que nossos olhos não vejam nem possam perceber o que apalpamos com as mãos.

Consideram esse exemplo com atenção pois afirmo que os cegos serão de grande utilidade para nós, uma vez que a simples presença deles demonstrará, a cada momento, que, por mais que vejamos fisicamente, na verdade estamos cegos para a luz da natureza. Tudo isso merece assim o mais detido exame.

Como poderíamos conhecer todas as coisas que existem sobre a face da terra se não estamos iluminados pela luz da natureza? Sob essa luz vou agora expor o que existe de invisível nas coisas; o que é tão admirável como tudo o visível. Na verdade a luz da natureza torna visível muitas coisas que não o são na realidade. Nada do que está diretamente diante de nossa visão pede ulterior demonstração.

A percepção do macrocosmo nos levará à filosofia do Grande Mundo, no qual tudo é visível, podendo-se afirmar que, tudo o que tenha essa base será visível.

O que vamos expor em seguida nos livros que foram inspirados nos argumentos anteriores é invisível; a propósito disso direi que nem sempre é conveniente tornar visíveis as coisas que naturalmente já o são.

A grosseria e mesquinhez dos discípulos dos mestres antigos são responsáveis pela torpeza com que se comportaram até hoje diante das coisas visíveis.

Para que compreendam melhor o que exporei a seguir, direi que o mundo que vemos e apalpamos é somente a metade do mundo verdadeiro. A outra metade, que não percebemos, é tão considerável e tão rica em sua natureza e propriedades como a parte visível. Isso significa que o homem possui uma parte, até agora não considerada, correspondente ao campo de ação e de influência do mundo invisível.

Segundo esse princípio cada corpo está formado por dois homens e por dois mundos e dois meios mundos que se complementam. Por isso as criaturas da natureza são tão admiráveis, e do mesmo modo aquelas que Deus criou invisíveis somente podem ser estudadas sob a Sua luz suprema. O mesmo pode ser dito das coisas visíveis.

A propósito de tudo isso devo dizer que Deus constrói sempre suas obras maravilhosas à luz da natureza. Ao considerar nossos olhos com tanta certeza tudo o que aparece sob a nossa visão, e ao vermos que tudo é profundamente admirável, ficamos inquietos e curiosos por descobrir tudo o que escapa à percepção.

No entanto por aí estão diante de nós, com toda a evidência, como uma coluna diante de um cego. Essa percepção pelos olhos à luz da natureza aumenta a nossa compreensão e indica com clareza as coisas invisíveis que a nossa arte vai tornar visíveis.

Agora vamos explicar com um exemplo o modo como devemos abrir os olhos.

A luz da natureza brilha muito mais que a luz do Sol, e segundo a comparação que fizemos entre a luz do Sol e a da Lua, do mesmo modo a luz da

natureza brilha muito mais além da capacidade dos nossos olhos e da possibilidade do nosso olhar. Sob essa luz as coisas invisíveis tornam-se visíveis. Lembrem-se pois da suprema qualidade de seu resplendor.

£ necessário acreditar na realidade das obras e todos devem também crer pois as coisas sempre dão testemunho da sua procedência e quem tenha pouca fé nunca poderá ver istò. Quando algumas obras são visíveis mas a sua origem nos parece invisível devemos pensar que isso acontece porque estamos fora do campo de sua luz.

Assim, quando ouvimos no escuro o badalar de um sino, nessa circunstância invisível conhecemos entretanto a obra do sino, que é o som. Somente se quisermos ver também o sino, origem do som, devemos nos munir de luz suficiente para projetá-la na direção do som e somente assim teremos condição de ver o sino.

A Lua é uma dessas luzes, mas no entanto é uma luz escura. O Sol ilumina de modo mais fundamental. Por isso é conveniente que não nos conformemos com a luz que irradia das mesmas obras fazendo-as visíveis, mas que tenhamos uma luz maior e mais poderosa que esteja por cima da própria luz das obras.

Todas as coisas possuem uma luz e cada luz ilumina a coisa de onde vem, a qual permanece invisível na presença de uma luz estranha. Aquele que é retido por suas obras além do que ele possa permanecer nelas e portanto não queira deixar-se conduzir pelo seu signo, nunca poderá acreditar em tais obras.

Se acreditamos na obra também acreditaremos em seu autor. Se não nos dirigirmos ao Criador depois de conhecidas as suas obras é porque temos a fé morta e uma natureza infantil.

Está certo que gostemos dos edifícios, mas é lógico que gostemos mais ainda do arquiteto porque os primeiros não podem nos ensinar nada, mas o mestre é que tem toda a ciência.

Vejam ainda outro exemplo.

Cristo era uma luz. E, enquanto foi homem, andando pelo mundo, sua luz era invisível e só se manifestava em suas obras. Por isso os que o reconheceram em suas obras encontraram verdadeiramente a sua luz e seguiram por um caminho tão iluminado que nem todas as estrelas do firmamento poderiam fazer igual.

Ainda que vejamos as coisas sob a mesma luz do sol, esta luz será insuficiente para nos dar o conhecimento do Mestre. Por isso aqueles que quiseram conhecê-Lo e vê-Lo diretamente tal como era tiveram que se submeter à luz que brilhava sobre Ele, e sob a qual se dirigiu aos apóstolos dizendo: “levantaremos três tendas aqui[3].

Cada coisa tem então a sua luz correspondente e as que aparentemente não têm é porque devem ser contempladas na luz suprema, pois em verdade lhes digo que quem não quiser ver com ela os corpos invisíveis ficará diante deles como se estivesse em frente a uma grande montanha numa noite de tormentas.

A luz da natureza nos guiará e com ela veremos muito mais do que com a Lua ou mesmo o Sol.

Assim deixamos estabelecido que normalmente só vemos o homem e as criaturas pela metade. E dizemos que assim como São Simeão, o Estilista, não pôde conhecer com a sua própria luz as obras que se produzem pelos mistérios da crucificação, ainda que conhecesse perfeitamente o firmamento astronômico, também não quis afogar-se nesta ignorância, e daí a sua ânsia para ver com toda amplitude o Criador da obra do mundo e encontrar uma luz diferente.

Da mesma maneira devemos procurar nos afogarmos diante das obras, pois somente aquele que procura e chama encontra e é ouvido,

O que acabamos de expor sobre as obras deve ser entendido da seguinte maneira: quando nos encontramos diante de doenças cuja origem não nos seja possível conhecer por meio do corpo visível devemos acender a luz que nos permita falar. Caso contrário as obras que essas doenças representam nos mandarão calar, por mais que isto nos pareça um tanto incompreensível. Se nos guiarmos por esta luz poderemos reconhecer que a outra metade invisível do homem existe realmente e que seu corpo não é somente carne e sangue, mas uma coisa muito brilhante para os nossos olhos grosseiros. Nessa parte estão as doenças invisíveis de todas as doenças.

Estas causas, assim como o corpo sobre o qual operam e as doenças que produzem, serão o objeto imediato do nosso estudo. E digo que com o seu conhecimento conseguirão tornar-se médicos perfeitos.

Já que tratamos das enfermidades visíveis corporais, agora é a vez das invisíveis, ainda que elas também sejam de um certo modo visíveis. Esta obra leva-nos para esse fim, porque tem as marcas do seu Mestre e o modo como Ele as fez.

A maneira como poderemos reconhecer tudo isto será explicada separadamente em cada livro e capítulo, pois definitivamente nada do que é tem uma outra finalidade do que obrigar-nos a buscar e a apreender suas causas, porque todas as obras nos levam a Deus. Mais ainda neste caso, em que as obras referem-se especialmente a nós, impondo-nos o dever de investigá-las. Com isso Deus nos faz compreender através de sua divina Providência que em seus tesouros escondidos encontram-se muitas coisas maravilhosas. E o conhecimento delas nos mostrará gradualmente a sua profunda e infinita sabedoria, saciando assim nossos pobres olhos e pondo a descoberto a grandeza

(*magnalia*) de suas ações sobre todas as coisas.

É conveniente e razoável que abramos bem os olhos e coloquemos toda a nossa disposição no estudo dessas coisas, pois em verdade afirmo que não fomos criados para dormir mas para velar e ficar atentos e disponíveis durante todo o tempo para cumprir suas obras.

Para o sentido corporal do homem que ilumina o seu caminho somente com a luz visível da natureza torna-se injurioso e indigno que ele o exponha aos ataques e seduções do diabo, as quais o estimulam de tal forma que o sentido corporal acaba tornando-se incapaz para qualquer governo ou domínio, fazendo com que o homem se transforme num verdadeiro diabo.

Não é uma obra extraordinária de Deus o fato do homem possuir dentro de si um diabo, quando justamente foi criado à Sua imagem e semelhança? Digo que o diabo está tão longe da natureza humana assim como a pedra ou a madeira.

Mais incrível ainda é que o homem, depois de ter sido salvo do diabo pelo Filho de Deus, tenha sido lançado sem proteção alguma numa prisão tão horrível. Precisaríamos de mais de um capítulo para explicarmos isto devidamente, pois se ele não é mais que uma obra do Criador, devemos acreditar que existe nele uma causa muito maior e mais importante do que aquela que possamos imaginar.

O certo é que Deus quer que conheçamos esta causa e que não abandonemos a sua obra sem ter estudado e investigado a fundo a sua razão de ser.

Já que sabemos como a lã dos carneiros é útil, assim como os pelos que existem nos lombos de outros animais, atribuindo com exatidão aquilo que corresponde a cada coisa, como damos sabor aos alimentos crus por meio do cozinhamento, e construímos lareiras para lutar contra o frio do inverno, tetos para nos proteger contra a chuva, e tudo mais que tem finalidade de dar maior prazer ao corpo, por que então não procurar com mais afinco aquilo que possa ser mais útil e vantajoso para a nossa vida eterna?

O certo é que todo aquele que fere o corpo fere a casa de Deus e se o diabo habita nessa casa, a destruirá. Por isso convém sempre buscar a causa pela qual cada obra foi realizada, e se a sua razão visível não nos convence, devemos buscar a sua razão invisível. O invisível pode assim tomar-se visível como se tivesse essa propriedade, e ficar presente com a sua própria luz de modo que possamos achá-lo sob o seu resplendor.

Essas doenças estão escondidas nas grandes iniciais[4] e podem subsistir em nós como doenças espirituais. Acontece como o homem que se difunde e propaga em suas obras e através delas tanto na teoria como na prática. No caso das doenças o espírito é visível à sua luz já que constitui a metade do homem.

Pretendo com isso advertir o leitor para que adote a inteligência do visível e assim possa compreender as enfermidades que vamos expor em seguida. E dizer que se todas as obras são visíveis é preciso que suas causas também o sejam. Não se perturbe ao ver que algumas dessas coisas não estão expostas à luz e lembre-se de que Deus às vezes age em segredo muito além do Sol.

Se ficar surpreso ao perceber que essas coisas existem considere que no fundo é um erro chamá-las de invisíveis, pois na verdade não o são e cada uma delas nos mostra que todas vêm umas das outras.

Uma casa, por exemplo, é uma obra visível, assim como o arquiteto. Neste paradigma a casa é a obra do arquiteto e o arquiteto a obra de Deus. As obras que temos diante dos nossos olhos podem ser vistas e examinadas. E digo que, do mesmo modo, se procurássemos sempre o artesão que as fez, ele seria visível.

Assim a fé torna visíveis (*conspícua*) todas as coisas eternas. E a percepção das coisas corporais invisíveis consegue-se por meio de luz da natureza.

Não se espante pelo fato de que uma coisa qualquer possa fazer-se visível e pense simplesmente que ainda não estava ordenado que se manifestasse assim.

Acostume-se primeiro a examinar as obras visíveis antes mesmo que elas tomem esse estado.

Uma criança, desde o momento de sua concepção já é um homem apesar de estar ainda invisível nele. Que prejuízo existe em considerá-lo assim? Certamente nenhum, e ao contrário é uma vantagem.

Com isto, leitor, termino este prefácio pedindo que não me julgue até ter conhecido este tema profundamente.

São muitas as obras ilustres que convidam e obrigam a nos aprofundarmos em seus estudos; não só a nossa mas as de muitos outros autores que descobriram e ensinaram diversas coisas a este respeito. Se eles não chegaram à verdadeira luz, não estranharei que estas contemplações sejam julgadas por muitos como obra de sortilégio, prestidigitação, malefício diabólico e superstição agourenta, que na verdade são coisas falsas. E que Deus esteja conosco.

Notas

1. O “Tratado das Doenças Invisíveis" apareceu nas mesmas edições que o Tratado do Tártaro. (Vide nota prévia naquele capítulo). No manuscrito de Viena (11.115, med. 31) encontra-se sob o título: “*Die Bücher der unsichtbarn krannckaiten*”.
2. No original está "três", mas porque é considerado como um só os dois primeiros tratados do Paramirum, sobre as “Origens de todas as doenças provocadas pelas três primeiras substâncias".
3. Alusão à passagem da transfiguração no monte Tabor (São Mateus, XVII. São Marcos IX).
4. “*Versahlen*” no original alemão. Este termo era usado para designar as grandes letras coloridas, cheias de desenhos, filigranas e enfeites que davam início às primeiras frases de cada capítulo nos antigos manuscritos.

SUMÁRIO

Para que entendam o que vamos dizer é preciso que saibam que a filosofia é dupla. Na primeira tratamos das doenças corporais. Na segunda, que agora começa, trataremos das incorpóreas explicando as razões de sua invisibilidade e dividindo-as em quatro livros.

No primeiro examinaremos as doenças que padecemos pela fé, assim como tudo que com ela se relacione. No segundo veremos as impressões do céu oculto e as maneiras como atuam em nós. O terceiro será dedicado às doenças da imaginação e ao modo como acontecem sem a interferência de nenhuma matéria. O quarto será sobre os segredos das forças naturais que operam pelas propriedades dos seus corpos, fora de toda a razão visível.

Todas essas coisas, obras da natureza, foram estudadas com toda a atenção. Este tratado da cura *{de sanaíione)* seria imperfeito mesmo assim. Por isso ajuntamos um quinto livro aos quatro que o compõem, com o qual espero que todos recebam a maior satisfação.

CAPÍTULO I
(O que o homem adquire pela fé)

Estas coisas devem estar baseadas nos ensinamentos de Cristo. A razão humana não pode explicá-las e isto é devido ao fato de que todas nos vêm de Adão. A razão deve compreender a doutrina de Cristo por uma fé muito firme, porque o homem não pode dominar por si mesmo as forças da fé, as quais se constituem numa luz muito viva cujo resplendor aparece com muita nitidez na base dos fatos. Essas bases, ou elementos que Deus nos deu para conhecermos corretamente a medicina corporal, existem também nas ervas, nas pedras, no curso do céu etc., o que é verdadeiramente maravilhoso. Devemos neste sentido fazer nossas experiências na Eufrásia[1] e nas outras plantas análogas. Assim as

obras poderão ser consideradas como causas e motivos, com o que estabeleceremos uma compreensão verdadeira.

As coisas não estão nos objetos para experimentar somente o que concerne ao corpo visível, porque este é apenas uma parte do corpo total do homem. Ao contrário, cada coisa pode e deve ser buscada nas palavras das sagradas escrituras, com que fica confirmado o empenho e o motivo que nos levou a escrever sobre a fé.

O Evangelho dá uma curta exposição (*synopsis*) da força *(virtus)* e da potência (*potentia*) da fé, com esta frase: "se a vossa fé fosse somente como um grão de trigo e dissésseis com a força dessa fé: montanha, lança-te ao mar! A montanha desapareceria nas água"[2]. Isto quer dizer que a força que possuímos pela carne e o sangue é uma força mínima, sendo muito maior e mais importante aquela que a fé nos proporciona. Da mesma forma como podemos lançar ao mar um grão de trigo sem ao menos perceber o seu peso, também podemos fazer o mesmo com uma montanha inteira apenas com a força da fé.

Isto nos leva a compreender que as ações maravilhosas que a fé nos proporciona nunca podem ser conseguidas pelo espírito do corpo visível. Recordem, por exemplo, que a robustez de Sansão não tinha nada em particular e que sua força apenas era o resultado de sua fé. Assim também Josué e outros personagens bíblicos nos ensinam que a força do nosso corpo terrestre é sempre exígua ao lado da que a fé pode nos dar. Compreendem claramente que qualquer espírito é capaz de lançar o Olimpo no mar Vermelho, despejar o oceano sobre o Etna e outras coisas do gênero se isto está realmente na vontade de Deus. Esses espíritos não precisam do corpo, da carne nem do sangue para ter tal força que apenas é o resultado exclusivo da fé.

Nesta breve citação do Evangelho parece que Cristo quis dizer assim: "o que sois, e que força é a vossa, oh! homens?" Em verdade digo que a nossa força está na fé e que bastaria o volume da fé de um grão de trigo para sermos tão fortes como os espíritos. E ainda que fôssemos simples mortais nossa potência e força seriam tão grandes como as de Sansão.

Pela fé adquirimos qualidades espirituais. E, assim, tudo o que realizamos além da natureza terrestre deve-se à fé, que atua no espírito através de nós. Na verdade nada valemos fora do espírito. Eis aqui o verdadeiro sentido das palavras de Cristo.

Pensem nestes exemplos e imaginem o que poderiam fazer se tivessem fé, não do tamanho de um grão de trigo, mas grande como um melão, ou mais ainda!

Tudo isto prova o enorme poder que o homem pode possuir e conservar sobre a terra graças à fé. Ela o permite ir além dos espíritos e ainda subjugá-los,

pois todos os espíritos nessas condições imobilizam-se diante do homem. Mais ainda, digo que os espíritos sempre perdem todos os combates contra a fé, que obriga-os a ficarem tranquilos deixando o nosso corpo em paz. E para isso basta apenas uma pequena quantidade de fé.

Se compararem isto a um grande pão caseiro, asseguro que bastará uma fé do tamanho da mais insignificante das migalhas. Seria o bastante para vencerem os espíritos que quisessem assaltá-los. Imaginem o que poderia fazer se a fé fosse do tamanho de um pão inteiro.

Essa fé chegou até os nossos dias desde a mais remota antiguidade, graças a Moisés, Abraão e outros semelhantes que souberam conservá-la e sustentá-la com todas as suas forças, mostrando-se assim como homens extraordinários (*mirábilis*) que estavam acima da natureza humana.

Aqueles que não tiveram essa fé, e confiaram apenas na sabedoria, no poder, e na força errada, foram implacavelmente vencidos pelos espíritos, diminuindo o homem (*eoque ignominiae redacti*) até o ponto de fazê-lo encurvar-se como diante de um monarca poderoso, o qual adoraram como se fosse Deus.

Esta não é uma força adquirida sem necessidade de armas ou alimentos? Que outra força sem ser esta dos espíritos poderia obrigar a carne e o sangue a ajoelharem-se diante dela? Certamente nenhuma. Saibam também que esta força existe nos diabos e igualmente pela fé. Disto deduzimos um fato da maior importância: o bom e o mau uso que podemos fazer da fé. O bom uso é a fé por si mesma. O mau uso é muito diferente e falaremos sobre ele em seguida.

Os diabos fizeram um mau uso da fé e por isso foram expulsos do céu. Apesar disto ela não lhes foi retirada, mas subordinada ao consentimento e à vontade de Deus (*Deus providentia ipsis imperat).* Por isso, e sempre que a fé não lhes tenha sido suspensa, também tem o poder de atirar as montanhas ao mar, causar doenças e fazer outros prodígios semelhantes.

O diabo atua sobre o homem assim como o Sol que ilumina igualmente o bom e o mau. De qualquer maneira, as forças do seu poder dependem da quantidade de sua fé. Compreendendo assim estas possibilidades da fé nos espíritos, não devemos estranhar que a mesma permita ao homem ferir uma outra pessoa invisivelmente usando-a para o bem ou para o mal, conforme a permissão de Deus.

As contusões que são feitas deste modo são de tal força que lembram aquelas produzidas por Sansão em seus inimigos com uma simples queixada de burro. Um combate assim só é possível com a autorização de Deus. E se isto não acontece ainda com muita frequência é porque Deus não quer repetir em demasia os seus prodígios sobre a terra.

Apesar da fé nos permitir exorcizar a expulsar positivamente os demônios, ou lançar montanhas ao mar, não devemos na realidade fazer tais coisas. Basta que creiamos. Se Sansão pôde fazer o que fez por meio da fé, sem dúvida foi porque era conveniente e necessário. Se hoje se repetisse uma situação e uma necessidade semelhantes, não apareceria apenas um, mas muitos Sansões no mundo.

Devemos acreditar no Evangelho, nas sagradas escrituras e saber que não é conveniente atuar como aquele que para curar um olho doente, arranca-o para que não moleste mais. Não nos é permitido realizar nada em que acreditamos, porque aquele que para ter a prova de sua fé precisa do milagre, afasta-se da fé e atrai a condenação sobre si.

Deus não disse que devemos atuar, mas crer, saber e conhecer a força que a fé nos dá. Os exemplos de todas essas coisas nos vêm tão frequentemente do Antigo Testamento e do Novo, segundo a distância que o tempo nos separa de uns e outros autores.

Nossa fé no Criador é de tal modo que, apesar de andarmos sobre a terra em nossa carne mortal, apenas podemos exprimi-la. Além disso, os que acreditam verdadeiramente não sentem nenhuma necessidade de testar a força de sua fé, e repelem qualquer prova desse tipo.

A fé age de duas maneiras: nos homens bons para as coisas boas, e nos homens maus para as coisas más. Sobre o primeiro nada temos a dizer. Sobre o outro, escutem isso: quando a fé se extravia para as coisas más acontece o que as sagradas escrituras chamam de “tentação”. Tentar a Deus é empregar nossa fé para coisas diferentes daquelas que nos foram permitidas. Sem dúvida, ao agir assim estamos querendo experimentar e nos convencer se isso é certo ou não. E isto é o que não devemos tentar[3]. Devemos crer e não tentar. Assim não ficaremos expostos aos efeitos das palavras e nos conservaremos puros na fé.

Em verdade é uma oração estranha esta na qual pedimos a Deus que não nos induza à tentação[4], pois se o desejo de tentação correspondesse à vontade de Deus, não poderia deixar as almas expostas a ela, abandonadas de sua proteção. Por isso não tem precedentes nem acontece nunca em nossa vontade o poder-nos livrar do mal. Deus não deixa que os espíritos realizem o que querem, pois em tal caso não existiria nenhuma obra que durasse muito tempo no mesmo estado. E ainda que pudéssemos separar as montanhas e colinas do nosso caminho e andar em terreno plano, isto não se realizaria, pois Deus quer justamente que cada coisa fique em seu lugar. Fora isto, nos permite o mais livre arbítrio.

Acontece como o carpinteiro, que sabendo construir uma casa, pode fazê-la sobre um campo com a permissão do dono do campo, mas não em caso contrário. Tudo isto fica dito a título de exemplo sobre o mau emprego das

forças da fé.

Notas

1. Eufragia: erva anual viscosa, do subgênero Bartsia, gênero Euphrasia e da famflia das escrufulariáceas.
2. São Mateus, XVII. 19. São Lucas, XVII, 6.
3. O clero espanhol chegou a usar esta frase como oposição ao radicalismo liberal: “Deus nos livre da funesta mania de pensar!”
4. Dizer no fim do Padre-Nosso: “e não nos deixeis cair em tentação", é completamente errado, porque as palavras da Vulgata são: "et ne nos inducas in tentationem", quer dizer, “e não nos induzas à tentação" (São Mateus, VI, 13. São Lucas, XI, 4) que conserva o mesmo significado no grego com a palavra eigeneties, que significa aportar, introduzir.

CAPITULO II
(Como a fé pode ser causa de doença)

Até agora falei sobre todas as coisas sem alcançar e nem chegar a tocar o motivo de minha prática, ou melhor, como a fé pode ser causa de doença, e o que se refere ao mau uso das coisas que a fé pode causar em nós.

Conforme for um médico, do bem ou do mal, poderá cooperar ou não com o seu poder e com as suas medicinas para curar ou matar seus pacientes. E do mesmo modo poderá administrar a erva cidreira, que lhes devolve a saúde, ou o arsênico, que lhes trará a morte. Como podemos explicar isto?

Simplesmente porque por meio da fé deixamos agir o nosso poder para o bem ou para o mal, um contra o outro, assim como o dono do terreno, consentindo ou não que o carpinteiro construa uma casa.

A fé atua em nós como um artesão que depois de ter feito uma faca pode ferir com ela o seu próximo ou não, conforme foi a intenção que teve ao fazê-la.

Convém meditar e compreender bem isto, especialmente quando se trata de fazer um mau emprego da fé, usando-a contra os princípios para os quais foi dada, dirigindo sua força por um caminho falso, acreditando que a verdade é mentira e vice-versa.

O emprego inconveniente das forças da nossa fé faz com que aceitemos essas situações indevidas e que usemos nossas armas no que acreditamos que existe, sem ser assim de modo nenhum.

Saibam que esta mesma coisa que forjamos (*fabricatum*) a que chamamos de arma na nossa linguagem corporal, também podemos chamá-la perfeitamente de espírito, já que os espíritos podem fazer o que o homem faz sem usar os pés ou as mãos, o que explica de certo modo sua mútua semelhança.

Como a fé precisa que todas as coisas possuam uma certa ordem, será bom que recebam uma instrução sumária, ao menos sobre a fabricação destas armas.

Quando em um determinado país aparece uma doença em forma de epidemia, significando a sua presença uma expiação, vingança ou flagelo, pensam que seguramente é assim mesmo. Nestes casos, apesar de tudo parecer natural e lógico, a fé nos faz julgá-lo não natural. O resultado disto é que as pessoas não querem concordar e relacionar estes sinais entre si, com o que tendem a desaproveitar todas as ajudas naturais contra o seu mal. Ainda que a fé nos permita fazer o bem, também consente que nos conduzamos mal. E assim como a montanha que precipita-se no mar, o gérmen da fé também pode desaparecer.

A fé pode produzir todas as espécies de ervas: a urtiga invisível, a celidônia invisível *etc.* E tudo quanto cresce sobre a terra pode guardar a força da fé. Assim, ela pode se tomar responsável por uma série de doenças.

O impedimento para que os humanos empreguem livremente a força e o poder da fé está precisamente na vontade de Deus.

É certo que podemos matar e provocar-nos mutuamente uma infinidade de males, mas não devemos fazê-lo. E se as coisas corporais não dão toda hora o testemunho do seu poder e dos males que podem nos trazer, o mesmo podemos esperar e pensar da fé, porque nisto somos como os espíritos. E como eles, podemos fazer invisivelmente tudo o que o corpo faz de maneira visível.

Não é possível, com efeito, repelir a fé de nós mesmos nem prescindir do instrumento que nos dá como uma verdadeira arma. Digo que a mesma força que lança a montanha ao mar pode fazer com que a terra nos ofenda ou nos envenene.

O mau uso da força da fé nos levará a desejar o mal aos nossos semelhantes e a condenar os homens à morte, ou a serem coxos e aleijados. As doenças naturais tomam-se assim sobrenaturais. Quando essas superstições invadem e tomam conta de um país, acontece que seus próprios médicos — como Cristo em sua terra — não podem compreender nem explicar um grande número dos seus sinais[1], pois chegam a perder a fé, acreditando-se condenados à desgraça que tal estado consome.

Deus quer que nos mantenhamos na verdadeira fé, com a qual podemos curar e curar-nos. Levando esta fé dentro de nós acreditaremos que tudo pode ser possível através dela, ainda que nada se traduza exteriormente diante dos nossos olhos.

Por isso Deus quer que isto seja guardado em segredo na fé, sem nenhuma espécie de demonstração exterior.

Os verdadeiros médicos são aqueles que trazem para nós as obras da caridade divina, não perturbando com suas obras a fé que guardamos no fundo do nosso ser e com a qual podemos caminhar sobre as águas.[2]

A razão porque Deus permite que a força da nossa fé seja usada às vezes para fazer doentes, e que sobreviva a superstição, está fora do alcance do nosso entendimento; sobre isto Ele é o único juiz.

Notas

1. “*Nemo propheta acceptus est in patria sua*”, São Lucas, IV. 24. Quer dizer: “ninguém é profeta em sua terra".
2. Conhecida passagem da Bíblia.

CAPITULO III
(Sobre o discernimento da fé)

A fé deve ser entendida no sentido de não considerar a de Cristo como salvadora, mas aquela que é inata em Deus Pai. Não trataremos aqui da fé à qual devemos a nossa Salvação, porque ela somente vai e volta na pessoa do Cristo. Tanto é assim que Cristo não disse que se acreditássemos nele as montanhas se precipitariam no mar, mas que nos salvaria se acreditássemos nele.

Em sua qualidade de Filho de Deus, Cristo não salvou ninguém da doença ou da morte. O que Ele faz é em função de ser a segunda pessoa da divindade. Essa é a sua verdadeira força.

Quando esteve entre nós limitou-se em nos livrar do demônio das pompas e vaidades da terra e do inferno. Por isso o povo ignorante que não queria crer nos testemunhos das escrituras precisou que Ele revelasse os sinais e as obras que somente o Filho de Deus podia fazer. Assim, ao ver e crer em suas obras, reconheceram Jesus.

Neste ponto convém observar a questão da saúde e da cura (*sanatio*). Quando Cristo devolve a saúde a alguém, seja por Ele mesmo ou através de outro em seu nome, a cura acontece não como um resultado da fé, mas pela virtude de Deus: suas preces e orações obtiveram a misericórdia do Pai, à qual é preciso atribuir — e não a outra coisa — o alívio das doenças e enfermidades.

Digo isto para que saibam que, apesar das rezas e pedidos à misericórdia divina, não se alcança a saúde e ao contrário se consegue logo através da fé de uma maneira maravilhosa *(miro modi)*, e isto se deve às suas próprias crenças. Sobre este tipo de cura é que eu me propus falar, porque nunca devemos curar pela fé mas pela misericórdia divina. A fé não nos permitirá dar a vista a um cego de nascença nem devolver a vida a um morto. Isto só se consegue pela oração e pela misericórdia divina.

Quando usamos nossa fé somente para que uma montanha se precipite ao mar ou para que um determinado espírito entre em nós, agimos segundo o orgulho enquanto recusamos obter a misericórdia pela oração, considerando-nos como deuses e usando o poder da nossa fé para mutilar-nos ou fazer com que

sejamos desgraçados.

Se Deus permite essas coisas é para que comprovemos o poder, a força e a virtude da nossa fé. Que podemos causar doenças com ela assim como curar. Isto, conforme o direito alemão, entende-se como uma vida desesperada no qual vivemos, obstinados em nosso erro, esquecendo-nos de Deus e de sua misericórdia.

Desde o começo do mundo todas as doenças apareceram sempre umas depois das outras, o que fez que o povo as considerasse estranhas e singulares, dando-lhes o significado de flagelo ou castigo divino. Invocando os homens mais respeitáveis e poderosos nestas horas de angústia, acreditando assim estarem sob sua proteção contra os diversos males e feridas, caíram na superstição sem perceber que esses males devem ser evitados e prevenidos por meios completamente diferentes. Com isso a fé foi mal empregada em diversas ocasiões, especialmente pelos egípcios, contribuindo para criar entre eles e em outros povos pagãos a pior das idolatrias. Este mau emprego da fé continuou até Esculápio e Macaon, que se aderiram tão firmemente aos princípios da medicina e ao curso natural das coisas, reconhecendo e considerando as doenças como fenômenos naturais, descrevendo-as e revelando-as nos livros de acordo com a natureza e não pela sua qualidade de pragas e castigos. Por este meio sem dúvida conseguiram atenuar a perversidade da má fé e o uso nocivo de suas inspirações, como convém ao conhecimento que o médico deve ter destas coisas.

Estas ideias, desapreciáveis apesar de tudo, cresceram e se difundiram igualmente entre os cristãos de tal maneira que, assim como os pagãos tiveram seus sacerdotes de Apoio *(Sacerdotes apollineos*), eles tiveram os seus, fazendo-se antonistas, wolfgangistas[1] etc., atuando assim a fé, esquecendo todas as misericórdias e orações dirigidas a Deus, e ocupando-se somente das boas aparências e em arrojar montanhas ao mar.

Com respeito ao que acontece em nossos dias digo que a maioria passa a vida tirando uns aos outros a montanha dos pés, do ventre, ou outras partes, a ponto de não deixar um só membro nem uma só doença ao abrigo desta montanha. Estas doenças são pois sobrenaturais precisamente porque obrigam aquele que lançou a montanha ao mar com a força de sua fé, coloque-a com a mesma fé no seu lugar anterior. Assim é a verdadeira arte da medicina nestas doenças.

Quando a fé é mal usada aparece a superstição que nos obriga a atuar *(negotium sumere*) e a nos ocupar com a mesma montanha que tentamos expulsar. Assim confundimos a montanha com os santos transferindo para ela o poder correspondente àqueles, e tomando uma coisa pela outra.

E ainda que não possamos lançar os santos como a montanha, podemos

no entanto arrojar a fé esculpida (*sculpit*), ou melhor, suas imagens. Essa fé pode dar o valor dos santos às suas réplicas plásticas, às suas esculturas e imagens, assim como nós mesmos que podemos desta maneira lançar os santos ao mar.

Daí nasceram as imagens dos santos entalhadas na madeira. Devo dizer que assim como o corpo movimenta e gesticula *(ludi et gesticulatur)* conforme sua fantasia, também a fé pode animar com um sopro idolátrico[2] esse mesmo poder do espírito dos sonhos. Essa forma de fé nos é lançada do mesmo jeito como se tomássemos o cajado de São Dionísio, a roda de Santa Catarina ou o gancho de São Wolfgang e o atirássemos na cara de um aldeão. Pois se estes santos são capazes de produzir doenças sobrenaturais, o seus símbolos terão o mesmo poder, porque na linguagem da fé tanto vale o espírito como o corpo do espírito, que na realidade estão intimamente unidos, sendo tanto um como o outro bons e eficazes.

Quem pode duvidar que possamos colocar a força que Deus deu ao nosso corpo terrestre nesses ídolos de madeira, mediante a fé? Ninguém, porque tudo o que o corpo faz ao corpo, a fé pode fazer também.

As doenças e as curas adquiridas e conseguidas desta maneira somos nós que fazemos e não o diabo, o qual sem dúvida se delicia profundamente com isto.

Saibam que a fé pode produzir tudo o que o corpo produz, inclusive a morte, tão bem como um tiro de arcabuz. Que este exemplo lhes sirva de ensinamento e aprendam através dele que somos visíveis e corporais, mas além disto e ao mesmo tempo não o somos, e que tudo o que faz o nosso corpo visível, o invisível também faz.

Saibam também que as imagens tomaram sua força da sua forma específica *(in specie).* Por isso, quando modelarem uma estátua de cera com o nome do seu inimigo e a ferirem, estarão ferindo também a pessoa. Ao permitir que façamos essas coisas Deus quer mostrar tudo o que somos e o que podemos, mas não para que as realizemos a não ser se desejamos provar e tentar a Deus. Por isso digo: pobre daquele que se permite semelhante coisas!

Os feiticeiros e encantadores (*incantadores*) trabalham precisamente assim: fazendo moldes, gravando imagens nas paredes, golpeando-as e ferindo-as com varas e ganchos e ao mesmo tempo com seus espíritos, graças à fé removedora de montanhas que eles têm, mas da qual Deus se encontra totalmente ausente.

Daí também vieram esses amantes (*amatores*) que encantavam as mulheres com sortilégios variados, como o de modelar os retratos das amadas com cera enterrando-os em seguida sob a lama, satisfazendo e excitando assim

seu espírito com a luz invisível.

Os egípcios, caldeus, e outros também talharam diversas figuras segundo o curso do firmamento, sem perceberem com os seus olhos ingênuos que todos esses movimentos e palavras das estátuas estavam além do poder das forças da natureza.

Todas estas maravilhas somente são possíveis com o consentimento de Deus. Contar a quantidade de encantamentos que esses magos conseguiram — ainda sem saber se os fizeram com o consentimento de Deus — se constituiria no mais surpreendente dos relatos e a crônica mais maravilhosa.

Na realidade Deus permitiu essas coisas para que as conhecêssemos e soubéssemos que nós também podíamos fazer as montanhas desaparecerem no mar e tornar invisíveis os nossos corpos e espíritos.

Falo assim para evidenciar a necessidade que temos de aprofundar pela fé a razão de ser dos santos, a virtude e o poder do qual estão investidos para dar aos homens a saúde e a doença, de acordo com os fundamentos que a doutrina observa a propósito das imagens. Tudo isso pode voltar-se contra o corpo se for feito um mau uso da fé.

Em resumo: a fé confere ao homem o poder de se tomar invisível como um espírito criando nele tudo o que o corpo imagina e que somente por suas forças é incapaz de realizar. A menos que a Providência divina disponha outra coisa, não é possível reunir as virtudes do espírito e a força do corpo. Se Deus quiser fazer alguém doente sem alterar sua força ou seu bem-estar, o prejudicaria em suas mãos ou em seus pés. Deste mesmo modo pode prejudicar a fé dos ímpios (*improbi*).

Diremos finalmente que esses sinais dos santos sempre foram usados, mesmo antes da vinda de Cristo, e por isso não podem ser honrados ou louvados cristãmente[3], pois são tão velhos como verdadeiros avós, e a fé cristã não os tem.

Os homens cuja fé mereceu a confiança de Deus podem conseguir um grande poder, que se for mal empregado, enfiando os pés pela cabeça[4] , terão que se julgarem por si mesmos e pôr os pés na fé, com o que não é de se estranhar que Deus se afaste definitivamente.

Não devemos nos surpreender se estão descontentes com essa adoração, esquecendo que Deus não recomendou São Pedro a ninguém. Também seguindo os costumes dos antigos egípcios e pagãos, fizeram derivar de Apoio o apóstolo Santiago, já que, tanto Apoio como seus semelhantes puderam chegai a isto pela fé. Por isso um menino não deve ser chamado de Apoio nem Santiago, pelo fato de receber o espírito. Na verdade somente os especuladores da fé, cujos nomes ninguém conhece real mente, puderam tentar trazer a montanha até nós e com isto nos tentar, da mesma forma como aqueles que tentaram a Cristo.

Quem quiser tentar e produzir os sinais da fé continuamente, esquece que somente devemos crer, sem pedir nem esperar que se produzam essas manifestações. Ao contrário, podemos e devemos pedir os sinais que a misericórdia divina nos oferece e que vem verdadeiramente de Cristo. Só devemos considerar cristão o que se deduz da misericórdia, do amor e da fidelidade, e que todo o resto, inclusive Santiago e Apoio, estão muito longe disto, tendo se equivocado assim tanto os cristãos como os pagãos.

Também eles se esqueceram grosseiramente que ninguém que não tenha feito mal uso da fé pode por isso ser censurado. Quer dizer, caíram em superstição, com a qual pretendem devolver a saúde *(sanitas supersíitionis*), quando sabemos que, na realidade, toda cura emana exclusivamente da divina Providência. A medicina constitui assim o melhor exemplo de que a cura é sempre uma obra de misericórdia.

Deus, que criou e deu aos nossos olhos e à nossa língua a volúpia e a aptidão para nos conduzirmos segundo o nosso arbítrio, conhece perfeitamente as feridas e doenças que por causa disso podemos adquirir, criando com a ciência infusa da divindade toda a medicina e todos os homens nela competentes, quer dizer, os médicos que são bons conhecedores das doenças e das medicinas necessárias para cada caso.

Ao homem, sendo o último ser da criação e existindo a misericórdia somente com ele e a partir dele, não será difícil compreender que é devido à misericórdia e não à fé todas essas coisas maravilhosas.

Observem aqui que do mesmo modo que a saúde vem da medicina, também vem da misericórdia, e de igual maneira tudo o que Deus criou colabora para a certeza da primazia da misericórdia sobre a fé. É certo que o Evangelho de Cristo afirma que “os sinais serão manifestados”, mas isso deve ser entendido no sentido de que o poder e a força provêm da fé e não da misericórdia, à qual corresponde levar para a fé segundo o caminho devido.

A propósito disso devemos fazer uma ressalva uma vez que toda espécie de sinais pode ser produzida, sempre que Deus o permita, sendo justamente seu ardor contra nós o que melhor estimula a misericórdia de Deus a nós prometida.

O desígnio do diabo não é outro que o de causar a nossa ruína e nossa danação e o de excitar a nossa maldade, levando-nos ao mau uso da fé para que façamos tudo aquilo que nos passe pela cabeça, sem nenhum freio.

Se apesar de tudo o diabo ainda acredita que não somos tão desgraçados assim, acrescentará coisas suplementares, contudo de nenhuma utilidade para ele nem que com isso ganhe mais algum poder para o seu reino. Seu desígnio é fazer-nos desesperar da misericórdia de Cristo, seu inimigo, e destruir toda a nossa esperança, nosso amor, nossa fé em Cristo, porque só assim poderemos ser

condenados. Fora disso todo o seu esforço será inútil, estéril e infantil.

Os espíritos diabólicos podem determinar impressões acessórias *(ludicrum accesorium)* através das santas invenções *(apud commentitios divos)* dos pagãos e cristãos. Algo assim como se um aldeão muito rude vendo o artesão trabalhar o ouro fino quisesse que o mesmo fosse realizado com excrementos. Por isso o diabo se conforma em deixar os seus sinais nos porcos e nas vacas,[5] prova de que o seu poder está limitado e não pode usar da fé com liberdade, porque, se pudesse, há muito teria destruído com muito mais violência do que podemos imaginar.[6]

Notas

1. São Wolfgang foi bispo dc Rogensburgo no século 10, faltando outros detalhes sobre sua seita.
2. "*ein Geistgotzen*" no original alemão, diferente das traduções latinas que empregam os termos "*espiritale dolum*" e "*spiritalis statuae*", e mesma da tradução francesa que adota a palavra "*larve*":larva (?).
3. "*a christianis dimanasse judicari non possunt*" (Paltenius).
4. Grillot de Givry disse: "*la huppe dans la foi*": "o penacho na fé" (o sentido de um pássaro com um penacho na cabeça não acreditamos correto). Em português pode-sc dizer tranquilamente "enfiar os pés pela cabeça", ou trocar os pés pela cabeça, que significa colocar as coisas no lugar errado.
5. Forberger.
6. Paltenius tornou este parágrafo muito mais dramático dizendo: "*omnia eruisset stravissetque atroeciorem sese et truculentio remexhiberet etc*"

CAPÍTULO IV
(Da doença chamada doença de São Valentim)
(Epilepsia)[1]

Podemos agora saber que o curso natural dos astros e outros elementos atingem os homens e neles produzem uma doença que aniquila o desgraçado que a sofre, destroçando-o, agitando todos os seus membros, mãos e pés com convulsões terríveis e distorcendo a sua boca e olhos com os mais espantosos e variados sinais.

A origem da doença foi atribuída a diversos santos, aos quais irritamos de muitas maneiras. E eles, impossibilitados de vingar-se neste mundo, dada a pobreza e aridez da terra, o fizeram lá do céu desse modo terrível.

Isso chegou a ser artigo de fé, de uma fé semelhante àquela de transportar montanhas. Consequentemente, criou-se com esta crença uma espécie de duende[2] que penetra em nosso corpo e que, agindo de um modo imprevisível, nos agita como se nos pegasse pelos cabelos e nos sacudisse, jogando-nos para um e outro lado.

Se a medicina alivia as nossas doenças que vêm das coisas naturais, por que a fé não pode operar se nada deu resultado e os médicos se encontram prostrados no mais completo desespero?

É curioso contudo observar (como alguma gente simples já o fez) de que modo influenciam, aumentam e irritam essas doenças as mudanças da Lua e dos planetas em geral, assim como as variações celestes, a ponto de criar determinadas seitas, algumas acreditando nas estrelas, outras nos santos.

Aos médicos compete nessas circunstâncias opinar sobre as contradições das seitas, ordená-las, explicar e revelar o verdadeiro fundamento das coisas.

Notas

1. Paltenius a subintitula “mau caduco". Além disso seria um trabalho impossível numerar todas as doenças que receberam nomes de santos durante a Idade Média. Todos eles eram considerados como causa e remédio de uma grande quantidade de doenças. Ainda hoje restam alguns exemplos deste costume antigo. Citamos, entre os principais, São Willibrord, patrono de Echternach, na Prússia, onde uma romaria anual, nas segundas-feiras de Pentecostes, atrai numerosos peregrinos que dançam diante das relíquias do santo.
Santa Liberata de Beauvais, conhecida também nos cantões franceses da Suíça, invocada para arranjar maridos, combater a esterilidade, doenças do estômago e a anemia *etc.* Nossa Senhora dos Altos de Moncontour e os santos Lubino, Mamerto, Humberto, Livertino, Hourmiaule *etc.* na Bretanha e Normandia, padroeiros das dores de cabeça e de barriga, da loucura e o medo. Nestas regiões do norte da França os santos milagrosos de eficácia popular contra as doenças são muito numerosos. Dr. Liegard (Paris, 1902-1903) lhes dedicou uma tese notável: “*Le Saints Guérisseurs de la Basse Bretagne*”.
Na Espanha venera-se a Virgem do Remédio e do Amparo; Nossa Senhora das Febres em Valença, contra o impaludismo endêmico na zona dos arrozais; São Ramón em Andaluzia, para proteger a fecundidade e conseguir parto feliz; o Santo Cristo de Medinaceli, em Madri, para resolver problemas íntimos. Santo Antônio para os solteiros, e muitos outros.
Os santos citados por Paracelso são de difícil identificação. Não sabemos exatamente quem é esse São Valentimus ou Veltin. Os bolandistas (jesuíta que faz parte de uma sociedade destinada a publicar e criticar os lextos originais das vidas dos santos) recolheram 28 personagens com este nome. O São Valenlim aqui citado parece ser o bispo de Passeau (por volta de quatrocentos), patrono da epilepsia. São Bernardino de Sena (Sermo 1, in quadrages, art. 3) atribui ao contrário esse patrocínio a São Bartolomeu, e Vanini (*de admirandis naturae arcanis*; Lutetioe 1516. Dial. LVIII) o refere a São João.
Seja sob uma ou outra proteção, parece que Paracelso se refere aqui à epilepsia.
2. *Ein Maulin* (alemão), *virinculus* (latim), *homounculus* (francês).

CAPÍTULO V
(Sobre a doença que produz chagas, úlceras e apostemas chamada “penitência de São Quirino” e “vingança de São João**”)**[1]
(Tumores, varizes, furúnculos)

No homem a natureza corrosiva e muito poderosa de alguns sais dá lugar à rachadura e ruptura da carne e da pele. Como os sais são tão numerosos, compreende-se que possam atingir-nos dc muitos modos[2] de acordo com as suas respectivas naturezas, produzindo diversos tipos de dor e de doenças.

O povo, antes que descobrissem o verdadeiro sentido da medicina, pensava que a doença de São Quirino era análoga às demais doenças, tendo essa superstição durado até o tempo dos cristãos, que acreditaram que São Quirino era mais santo do que os outros e tinha maior poder curativo, e assim designaram muitas doenças com o nome dele.

As úlceras e os reumatismos das pernas[3] também foram chamadas “penitências de São Quirino”. Com isso fizeram numerosas imagens do santo para advogar, com a sua fé, a sua proteção.

Do mesmo modo levantaram monumentos e imagens dedicadas a São João, também muito popular, ao qual atribuíram por estupidez a autoria de numerosas doenças.

De tudo o que acabo de narrar e por causa da adoração a que tudo isso levou, não vou dizer das minhas suspeitas de que o diabo tenha entrado em tudo isso e que seja o autor de tantos desses sinais. Na realidade, a fornicação, a avareza, e outros tantos vícios desagradáveis podem efetivamente levar o povo à perdição, empurrando-os a um fé maldosa e a numerosas fornicações e vilezas, estimuladas pelo demônio, que fica satisfeito com esses vícios degradantes, e assim opera a fé sem deixar o povo perceber a maldade de suas obras[4] estimulando com isso todos esses procedimentos e sacerdócios.

Além disso o diabo não poderia suscitar sozinho esses sinais, nem os grandes nem os pequenos. O que sem dúvida pode fazer é introduzir-se ao lado de tudo isso e confundir os sintomas, quando eles são produzidos, para com isso tirar todo o nefando proveito possível.

Notas

1. Os bolandistas registram onze santos diferentes com o nome de “Quirinus”, um dos quais foi bispo e mártir e Panonia no século 4. Grillot de Givry acha que Paracelso quer se referir a São Cyrinus, ou Quirino, mártir de Roma no ano de 269, cujos restos mortais foram transportados na Idade Média para a Abadia de Tegemsee, na Baviera, e que realizou em vida diversos milagres e curas. Parece que nenhum desses santos é o São Cyr, patrono da cavalaria do exército francês.
A doença em questão, na qual este santo era “especialista”, seria a das úlceras escrofulosas e os abcessos da garganta, que ainda são conhecidas em alguns povoados da Suiça com o nome de doença de São Quirino.
2. A palavra original alemã é “*Enibohret*”, que Paltenius traduz por “excitar a agitação do corpo”, e Grillot de Givry por “*percer*” (picar, perfurar, atravessar).
3. “*Die Flussigen Schenkel*” em alemão, ou “*ulcerosa crura*”, em latim.
4. Refere-se às orgias e bacanais que as peregrinações motivaram aos aldeões desses lugares, e mesmo os peregrinos, que se comportavam como pagãos entre as multidões medievais, precedendo em vários séculos ao que hoje chamamos de “indústria dos santuários”. As longas caminhadas, as procissões, as frequentes subidas penosas aos montes ou montanhas mais ou menos “santas", os rigores da intempérie *etc.* em gente não acostumada ou verdadeiramente doente, traziam como consequência a aparição de numerosas dores reumáticas e úlceras específicas.

CAPÍTULO VI
(Do fogo natural, chamado também de "Santo Antônio")[1]
(Erisipela, gangrena, cólera)

A natureza produz também um fogo alimentado pelo enxofre do homem, do mesmo modo como o relâmpago e as estrelas cadentes fazem no céu, e os fogos fátuos das minas e cemitérios. Esta doença contudo não foi descrita pelos médicos segundo a sua verdadeira origem, ainda que a natureza a tenha indicado através dos resultados e das obras da medicina, já que se conhece perfeitamente a sua essência natural

Os pregadores desses males expiatórios contudo, de tanto forçar essas coisas em versos e refrões, e de tanto se referir a elas com seus estilos de oráculos, conseguiram, apesar da incredulidade do povo, que ele acreditasse, vencido por essa contumaz persuasão.

O Santo Antônio dessas histórias não é nenhum senhor do fogo, nem soprou em tempo algum nenhum forno ou chaminé; não é pois nenhum senhor dos elementos e, se hoje vivesse, reconheceria tudo o que venho falando e bateria a mão no peito em sinal de penitência.

Esse Santo Antônio não deve ser confundido com Vulcano e posso afirmar que nunca apagou o Etna[2]. Apesar de tudo isso todo o mundo acredita que ele é obrigado a apagar o fogo de todas as pernas podres e inchadas. Não há dúvida que enquanto viveu realizou algumas dessas curas, mas não em maior grau e número do que aquelas que podem ser consideradas justas. Nada disso pode, por outro lado, ser-nos hoje de utilidade, pois tudo isso já foi consumado, como pode ser lido no livro dós santos, o que o exclui da categoria de mero

bruxo ou encantador.

No entanto a fé foi realizando a sua obra, forjando um Santo Antônio com estranho e intenso parentesco com Vulcano, que do mesmo modo que este, sopra, estimula o fogo como um ferreiro quando põe o ferro em brasas sobre o forno.

Se em vez disso observássemos atentamente e compreendêssemos o curso espontâneo dessas coisas, veríamos como todas essas doenças perdem a sua força natural.[3]

Notas

1. O fogo de Santo Antônio, ou fogo sagrado, não é outro que o "Mal dos ardentes, cuja natureza não conhecemos exatamente. Sua primeira aparição foi no ano de 954, quando Frodoardo o descreveu. Depois arrasou a França e grande parte da Europa Ocidental com sucessivas e terríveis epidemias (993, 1089 e 1130). A do ano de 954 foi caracterizada pelas dores e contorções das entranhas, o que nos faz pensar em cólera ou algo parecido. Na epidemia de 1089, além disso, os membros enegreciam e se desprendiam do corpo, como uma variedade de peste, gangrena, ou lepra. Seu nome veio do fato de que todos os doentes que foram à Abadia de Santo Antônio, em Vienne (França central), se curaram.
Segundo Paltenius, o fogo de Santo Antônio seria a erisipela. Posteriormente ela foi atribuída também à gangrena e a furunculose grave ou antraz.
2. Célebre vulcão da Sicília.
3. Todo este capítulo, principalmente o seu final, é de uma observação aguda e de uma precisão crítica notável. A natureza cíclica da inflamação também foi muito bem observada.

CAPÍTULO VII
Sobre a doença chamada “Baile de São Vito”[1])
(Atetoses, corea, Parkinson, histeria, neuroses de situação, sono e sonhos)

Com ligeiras variações, segundo seus comentaristas, esta doença apareceu da seguinte maneira:

Existiu numa certa época uma mulher chamada Trofea *(Die Frau Troffea*)[2] de caráter tão especial, tal orgulho e obstinação contra o seu marido que quando este lhe ordenava qualquer coisa ou a importunava, fingia que estava doente por meio de uma série de simulações estudadas previamente. Nessas circunstâncias parecia estar tomada por uma força sobrenatural que a obrigava a dançar, sabendo que esta atitude era muito desagradável para o seu marido. Adotava uma série de gestos e atitudes como se tratasse realmente de uma doença, com saltos, gritos, contorções e cantorias, movendo suavemente as articulações (*parum movebat ex artubus convellabatur*) e dormindo em seguida. Assim conseguiu tudo o que quis do seu marido, fazendo-o pensar que estava mesmo doente.

Depois muitas outras mulheres aprenderam esta artimanha, instruindo-se mutuamente sobre os sintomas da suposta doença.

O povo entretanto a considerou como uma penitência e começou a pensar na causa que poderia destruí-la. No começo a fé foi dirigida para Magor,[3] o espírito pagão, mas logo a atenção popular foi dirigida para São Vito, do qual fizeram um falso deus, dando o seu nome à doença. Pouco a pouco esta crença se difundiu e com ela a enfermidade na qual caíram todos aqueles que gostavam de dançar; assim se perpetuaram o baile e a doença.

Vejam como alguém pode facilmente se aventurar numa noção preconcebida e com isso criar uma verdade, cuja reiterada afirmação vai

aumentando o poder de sua crença e de sua eficácia, acabando por afirmá-la definitivamente.[4]Deste modo são geradas muitas doenças e não somente esta dança. Quando alguém se persuade desta estranha possessão, cria a verdade em sua ideia preconcebida, da mesma forma como aqueles que se orgulham de estar afetados pela doença de São Valentim [5] na qual caem logo em seguida.[6]

O mal francês, cuja soberania foi atribuída a São Dionísio, tem esta mesma forma de origem, como a peste; pelo desespero e medo o povo pode chegar a ficar doente de uma maneira mais grave do que realmente aconteceria. Em tais circunstâncias a medicina não é capaz de socorrer razoavelmente, e mesmo a fé não pode fazer com que as forças humanas devorem esta grande montanha.

A fé ao contrário pode lhes dar tal poder que consigam envenenar o céu, transmitir a peste e fazer muitas outras coisas desse tipo, de uma maneira que somente a fé pode conseguir.

Acontece assim que uma grande parte das aflições e das desastrosas doenças que nos afligem surgem por nossa culpa, porque nos comportamos diante dela como um homem que estando armado com todas as armas se assustasse diante de um outro pequeno e aleijado trazendo nas mãos uma espingarda acesa[7].

Nosso poder contra os astros é parecido com este exemplo. Só a dúvida (*trepidatio*) pode nos enfraquecer, permitindo que a mesma força da fé nos fira como um disparo pela culatra. Assim, mil laços e cadeias nos oprimem por este mecanismo, consumindo-nos em todos os tipos de lamentações.

Quando pretendemos resistir e negar a fé, esquecemos que Deus disse que ela pode nos fazer cair em tentação e que está escrito: apesar de tudo temos que ter a fé antes de alcançarmos a misericórdia. Não pode existir nada mais doloroso para nós do que este vale de lágrimas!

Semelhantes a estas operações da fé, existem muitas outras como o Baile de São Vito, que só pode tomar conta de cabeças obstinadas. A base de tudo isto está na inveja que se aninha nos corações de alguns médicos, fazendo com que aceitem apenas aquilo que lhes agrada e comentem os textos das sagradas escrituras conforme suas obstinações e caprichos.

Quando tais indivíduos chegam a incrustar estas ideias em seus cérebros ajuntando além disso a força da fé, acontece que esta mesma força os possui, fortalecendo-os tão poderosamente que não duvidam em entregar as próprias vidas para defenderem suas opiniões. Os anabatistas são um bom exemplo deste modo frenético e abusivo de acreditar, pelo qual chegam a se matar antes que abandonem seus preconceitos.

A mesma base sustenta todas as seitas deste tipo de verdadeiro

encantamento. Não a causa da feitiçaria de outros homens, mas pela vontade de reforçar a sua fé até abrasar-se nela, sem se preocupar com a lógica, a razão ou a verdade.

Digo que para meter-se no fogo obedecendo à vontade divina falta um motivo mais importante do que ter recebido uma, duas ou três vezes a água do batismo. Garanto que Deus nunca ordenou nada parecido a ninguém para sustentar esta causa.

É natural que os que querem morrer pela palavra de Deus com toda a beatitude se inundem do Espírito Santo. Aqueles que não aceitam a fé sem as obras que ela pode se provar, são obrigados a forçar nela para não perdê-la. Como se dissessem assim: “se Deus não quer cumprir em nós o que prometeu, nós mesmos temos que cumpri-lo em seu nome”. Por isso não encontraram nada melhor do que morrer em homenagem a uma causa, cuja profissão de fé e espírito somente sugere saltar e dançar.

Os homens possuídos por esta dança perdem o entendimento de tal maneira que, como os anabatistas, deixam-se queimar antes de renegar sua fé. Para chegar a este martírio é preciso estar movido por algo muito diferente do que uma simples razão.

Darei um tremendo exemplo sobre isto: imaginem alguém que levando sobre os ombros uma enorme montanha fosse atraído com ela para o fundo do mar, atacado por uma súbita fraqueza que o fizesse cair e morrer. E que outro fundamento existe nas escrituras sobre a opinião preconcebida de que a fé nos provê?

Acrescentarei que todos esses sinais são os prodígios anunciados pelo Filho de Deus. Por isso, dá na mesma que ganhem o pão com o suor do rosto e que deem ou tomem do próximo, que cumpram as seis partes da misericórdia etc., pois a superstição os afastará num outro sentido. Entretanto, se querem morrer por tais coisas, quem deixaria de reconhecê-los como mártires?

O certo é que se quisessem imolar suas vidas pelas obras da misericórdia nenhuma chama os queimaria; ao contrário, escapariam muitas vezes da morte e não se queimariam com tanta alegria.

Os motivos pelos quais oferecem suas vidas mostram que tais obras e tal fé não são do agrado de Deus. Antes que seus escritos os levem para a fogueira, ou para o caldeirão de azeite fervente, devem pensar que os santos muitas vezes foram salvos da morte e dos suplícios, mesmo sem terem se defendido, sendo milagrosamente protegidos, escapando das prisões, justamente porque foram gratos diante dos olhos de Deus que preferiu empregá-los durante mais tempo.[8]

A vida dos apaixonados doentios não têm utilidade se for prolongada, e, por isso, quando a morte se aproxima, lançam-se em seus braços dançando. Os

verdadeiros santos se aproximaram da morte tremendo e chegaram nela com o coração oprimido, apesar da carne nunca ter conseguido dominá-los. Só assim pode-se cumprir verdadeiramente os ensinamentos das obras de misericórdia, cuja base está no amor ao próximo.

O que podem pensar sobre uma obra apodrecida e roída de mentiras? De uns homens que não vestem os pobres, não consolam os doentes, nem abaixam os olhos, e que mesmo assim não enxergam o que têm pela frente? Essa fé sedutora pode ser considerada como uma doença e digo que se compararem suas vidas com as dos santos, verão que nunca puderam lançar uma montanha ao mar e nem tirá-la dali. Não é a mesma coisa morrer pela fé (coisa sempre venturosa) e pelas leis que os homens redigiram, que sempre contêm uma grande quantidade de superstições e cuja morte é de pureza muito menor.

Qual obra beneficente ou útil pode resultar desse fato de serem queimados na fogueira[9] E que frutos de santidade podem nascer do batismo recebido duas vezes?

Também não é um fruto dc santidade fazer pouco caso do próximo, nem rezar pelos que os perseguem e marginalizam. Digo que se São Paulo tivesse conhecido essa conduta também os teria renegado. Por isso é preciso que rezem muito para ele se querem que interceda pela sua salvação.

Aqueles que os renegam não são precisamente os mesmos para os quais rezam. Quem tem que se meter com tais indivíduos deve considerar que a fé e as obras que os desgastam seriam melhores se fossem dirigidas para Deus, procurando conhecerem-se melhor antes de conhecer os outros. Esses sujeitos estão tão persuadidos da exclusividade de sua fé que são incapazes de desagarrarem-se dela, ficando aferrados às suas doenças, da mesma forma que os dançarinos de São Vito.

Se todos fossem como eles, nenhum faminto seria saciado, nenhum nu seria vestido, nem nenhum doente curado pois todas essas coisas precisam de um bem superior.

Em vez disso evitam o trabalho que lhes corresponde transferindo-o para o vizinho, vivem na preguiça como parasitas e ensinando isto aos outros. Quem só pensa em sua cozinha pode falar de fé? E quem ilude as leis bíblicas e evangélicas? Ou aquele que ignora a ordem superior das coisas? Quem nestas condições pode dizer que morrerá como cristão?

É como se dissessem a frase de São Lourenço:[10] virem-me para assar-me dos dois lados! Em verdade, quanto mais cedo desaparecerem do mundo tanto melhor, o que mostra daramente por que Deus não intervém: nestas mortes não há nenhum proveito.

A fé pode inclusive provocar estranhas alucinações. E quem as sofre

consegue ver os santos diretamente, assim como muitas outras maravilhas e prodígios.

A esta fé são devidas algumas surpreendentes interpretações de determinados sonhos. Porque, o que são os sonhos senão formas esvoaçantes da Fé? O que esses indivíduos creem, chega a se apresentar de tal maneira a eles, que acabam acreditando que eles mesmos são santos. Assim a fé pode fazer santos da mesma forma que os escultores podem fazer estátuas de madeira. A fé põe em suas mãos a varinha mágica da adivinhação, faz apagar as velas, girar as chaves, atrai as tesouras c faz rodar o cernidor. [11]

Saibam que nessas demonstrações da arte o que hoje nos parece bom, é mau amanhã, e que para um "sim" há dez "não" (em *ja*, *zehen neirt)* e cada vez que aparece a verdade aparecem também dez mentiras: assim são os sonhos e as visões sem distinção: verdadeiros e cheios de engano.

A fé nos sonhos faz com que esses sonhadores se pareçam com os alquimistas, que pesquisam e pesquisam insistentemente logrando algumas vezes descobertas insólitas[12]. Apesar disso, para cada um que realmente descobre alguma coisa, vinte fracassam e por cada vez que logram a verdade, todas as outras vezes enunciam falsidades.

Com a fé acontece do mesmo modo. Quando acreditam que nada sabem, na realidade nada sabem; e a fé o compreende perfeitamente, pois nada é tão parecido a nós mesmos como a nossa fé.

Apesar de tudo, por mais semelhança que tenhamos com os espíritos, não é necessário que todas as coisas se manifestem no corpo de forma sensível.

Afirmo que se cremos com leviandade, somente levianamente podemos estimar o que cremos. Devemos portanto crer efetivamente que podemos realizar todas essas coisas, mas não devemos desejar em demasia vê-las; do mesmo modo não devemos deixar-nos morrer ou matar pelo fato de termos sido batizado, pois a medicina que pode nos propiciar a saúde, pode também matar-nos.

Assim devemos comprender a fé e incluí-la deste modo em todas as nossas obras.

Notas

1. O Baile de São Vito — *Die Veitz Tantz* —, dança de São Guido, foi traduzido por Paltenius como "*chorea lasciva, sive chorea viti, sive metaphora*" e que verdadeiramente corresponde a este grupo de afecções coreiformes que a clínica atual situa nos centros diencefálicos e nas vias nervosas extrapiramidais.
O Baile de São Vito apareceu pela primeira vez em algumas cidades ribeirinha do Mosa e do Rin em Julho de 1374, quando muitas pessoas começaram a dançar como neuróticos possessos. É possível que a peregrinação à Ermida de São Willibrod em Echternach, tenha sido causa das primeiras curas deste histerismo coletivo.
Hoje não podemos precisar por que esta dança patológica tomou o nome de São Vito. Os bolandislas colecionaram seis ou sete santos com este nome. O citado por Paracelso deve ter sido um dos mártires da perseguição do imperador Diocleciano, e que tinha diversas capelas e ermidas na Suábia e em Rottestein. Estes San Veit ou Wit, na Alemanha, e Guy na França, têm um nome estranhamente semelhante como o termo "gui", que designa a parasita sagrada dos carvalhos e azinheiros, e com o "wy" alemão que significa a união ou fecundação. Segundo Vanini, São Vito era celebrado também em Bari (Apulia-ltália meridional), não para a epilepsia, mas para as mordeduras de cães raivosos.
2. Este caso de Trofea pertence exclusivamente a Paracelso, não existindo nada a respeito disto na literatura medieval.
3. Espírito maligno da desgraça e da destruição.
4. Eis aqui o princípio da propaganda em seu mais vasto sentido, tal como hoje é desenvoívido, desde os anúncios comerciais até aos sistemas políticos.
5. Epilepsia.
6. Nesta observação está o fundamento da atual medicina psicossomática, assim como de toda essa complexa patologia na qual o orgânico aparece concretamente sobre uma disfunção repetida.
7. Refere-se a um fuzil com estopim, arcabuz de mecha *etc*.
8. Neste raciocínio existe um pensamento de grande dignidade humana e filosófica. A exaltação do valor consciente, da obra de fôlego, da vontade tenaz, da própria vida bem conduzida, em vez do arranque repentino, o gesto pirotécnico, a casualidade espetacular, os diplomas de papel e a estima oportunista.
9. Nesta ideia, na qual aparece claramente uma condenação da pena capital, brilha o fundo humanismo liberal de Paracelso.
10. Somente Forberger assinala esta comparação pessoal. Mantivemos a frase apesar de não constar do original, por explicar perfeitamente a ideia do parágrafo.
11. Fazer girar a peneira ou o "cernidor" dos camponeses era uma forma de adivinhação que se praticava na Idade Média, o que seria uma antecessora da roleta, da roda lotérica, e da mesa giratória dos espiritas.
12. Em todas estas observações finais de Para celso existe uma surpreendente série de vislumbres, precursores do que no primeiro quarto do século 20 revolucionaria o mundo através da genialidade de Sigmund Freud, sob o nome de psicanálise e com o conteúdo genérico da "interpretação doa sonhos".